

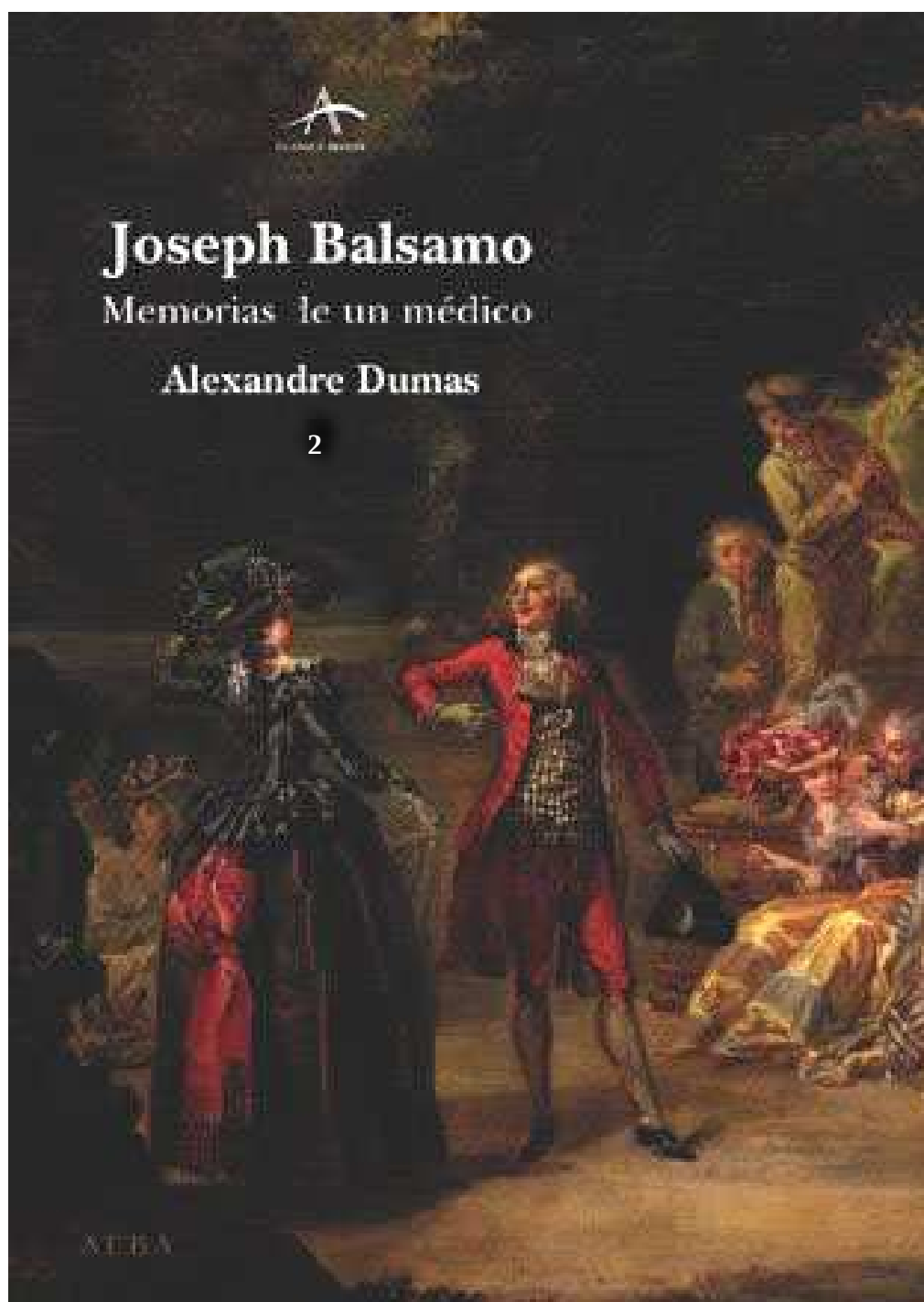


Joseph Balsamo

Memorias de un médico

Alexandre Dumas

2



ALFA



**Memórias de um Médico:
José Balsamo
Volume II**

Alexandre Dumas

A SENHORA LUÍSA DE FRANÇA

A filha mais velha de el-rei esperava seu pai na grande galeria de Lebrun, a mesma onde, em 1683, Luís XIV havia recebido o doge imperial e os quatro senadores genoveses que vinham implorar perdão para a República.

Na extremidade dessa galeria, oposta àquela por onde el-rei devia entrar, achavam-se duas ou três damas de honor que pareciam consternadas.

Luís XV chegou no momento em que no vestíbulo começavam a formar-se grupos, porque a resolução que parecia ter sido tomada naquela manhã pela princesa, já começava a divulgar-se no palácio.

A senhora Luísa de França, princesa de estatura majestosa e de beleza perfeitamente real, mas cujo rosto se obscurecia por vezes com uma tristeza desconhecida; a senhora Luísa de França, dizemos, impunha à corte, pela prática das mais austeras virtudes, esse respeito pelos grandes poderes do Estado que, desde cinquenta anos, já ninguém em França sabia venerar senão por interesse ou receio.

Ainda mais: nesse momento de geral desafeição dos povos pelos senhores, ela era amada. É porque era franca a sua virtude: nunca se havia falado dela em público, mas sabia-se que tinha bom coração, e todos os dias o provava por acções piedosas que fazia, enquanto as outras só praticavam escândalos.

Luís XV temia sua filha, pelo único motivo que a estimava. Algumas vezes mesmo ensoberbecia-se por ter uma semelhante filha; também era ela a única das suas filhas a quem poupava nas zombarias agudas que lhes dirigia, e, enquanto às três outras - Adelaide, Vitória e Sofia - chamava Loque, Chiffé e Graille, a sua Luísa de França era sempre tratada por “senhora”.

Desde que o marechal de Saxe levara consigo para o túmulo a alma dos Turenne e Condé, Maria Leckzinska o espírito de conduta da rainha Teresa, minguava tudo em redor do trono, já sem esplendor; então a senhora Luísa, com um carácter verdadeiramente real, e que por comparação parecia heróico, fazia o orgulho da coroa de França, que apenas possuía essa jóia fina no centro do ouropel e pedraria falsa.

Não queremos dizer nisto que Luís XV amasse a sua filha. Luís XV, como todos sabem, só se amava a si. Só o que afirmamos é que queria mais a esta que às outras.

Ao entrar, viu a princesa só, no meio da galeria, encostada a uma mesa de mosaico.

Estava vestida de preto; os seus formosos cabelos sem pós ocultavam-se debaixo de duas ordens de rendas; a sua fronte, menos austera que de costume, era quase triste. Não olhava em torno de si, só de vez em quando dirigia melancolicamente os olhos para os retratos dos reis da Europa, à frente dos quais figuravam os reis de França, seus antepassados.

O traje preto era o que geralmente usavam em jornada as princesas; escondia grandes algibeiras que ainda naquela época se usavam, como no tempo das rainhas que cuidavam no governo das suas casas; e a senhora Luísa, seguindo o seu exemplo, trazia à cintura, presas numa argola de ouro, a grande quantidade de chaves dos seus armários e caixas.

O rei tornou-se muito pensativo quando viu o silêncio e a atenção com que olhavam para o resultado desta cena.

Mas a galeria é tão comprida, que os espectadores, colocados nas duas extremidades dela, eram discretos à força. Viam, tinham esse direito; não ouviam, era o seu dever.

A princesa deu alguns passos para ir ao encontro de el-rei, pegou-lhe na mão e beijou-a com respeito.

- Dizem-me que vai partir, minha senhora? – perguntou Luís XV; - vai para a Picardia?

- Não, senhor - disse a princesa.

- Então já adivinho - disse el-rei levantando a voz - vai de romaria a Noirmoutiers.

- Não, senhor - respondeu a senhora Luísa - retiro-me para o convento das carmelitas de Saint-Denis, onde, como sabe, posso ser abadessa.

El-rei estremeceu; todavia o sobressalto do coração não lhe alterou o rosto.

- Oh! Não - disse ele - não, minha filha, não se apartará de mim, não é verdade? É impossível que me deixe.

- Meu pai, há muito tempo que tomei esta resolução, que Vossa Majestade já se dignou autorizar; portanto, meu pai, peço-lhe que não queira agora resistir.

- É verdade... Já dei essa autorização, mas depois de a haver combatido largamente, bem o sabe. Dei-a porque sempre esperei que lhe faltasse o ânimo no momento da partida. Não pode ir fechar-se num claustro, a senhora; não se entra num convento senão por desgosto ou reveses da fortuna. A filha do rei de França não é pobre, creio eu, e se tem desgostos ninguém os deve conhecer.

A palavra e o pensamento de el-rei elevavam-se à medida que ele entrava mais nesse papel de pai e de rei, que o actor nunca desempenha mal quando a soberba aconselha um e a saudade o outro.

- Senhor - respondeu Luísa, que percebia a comoção de seu pai, tão rara no egoísta Luís XV e que, por esse motivo, usava de dissimulação para com sua filha - senhor, não enfraqueça a minha alma mostrando-me ternura. O meu desgosto não é um desgosto vulgar, motivo por que a minha resolução é fora dos costumes do nosso século.

- Tens desgostos? - exclamou el-rei com um raio de sensibilidade. - Desgostos! Tu, pobre criança!

- Cruéis, imensos, senhor - respondeu Luísa.

- Ah! Minha filha, e por que mo não dizias?

- Porque são desgostos cuja cura não depende de mão humana.

- Nem da mão de um rei?

- Nem da mão de um rei, senhor.

- Nem de um pai?

- Também não, senhor, também não.

- Entretanto és religiosa, Luísa, e da religião tira-se força bastante...

- Não me basta, senhor, e retiro-me para o claustro a fim de achar mais. No silêncio fala Deus ao coração do homem; na solidão fala o homem ao coração de Deus.

- Mas fazes ao Senhor um sacrifício enorme que nada compensará. O trono da França espalha uma sombra augusta sobre os filhos criados em torno dele; não te basta essa sombra?

- A da cela é ainda mais profunda, meu pai; refresca o coração, é doce para os fortes e para os fracos, para os humildes e para os soberbos, para os grandes e para os pequenos.

- Receias algum perigo? Se é isso, lembra-te que el-rei está ao teu lado para te defender.

- Senhor, comece Deus por defender a el-rei!

- Eu te repito, Luísa, deixas-te levar por um zelo mal entendido. É bom orar, mas não orar sempre. Tu que és tão boa, tão caridosa, para que precisas orar tanto?

- Nunca orarei bastante, meu pai! Nunca orarei bastante, meu rei, para afastar as desgraças que estão iminentes, e que vão cair sobre nós! Esta bondade que Deus me deu, esta pureza que há vinte anos tento purificar ainda mais, não são bastante, muito o receio, para a vítima expiatória.

O rei recuou um passo, e olhando admirado para Luísa, disse:

- Nunca me falaste assim. O ascetismo perde-te, querida filha.

- Oh! Senhor, não dê esse nome mundano à devoção mais verdadeira e principalmente mais necessária que nunca filha ou súbdita ofereceram ao seu pai ou rei. Senhor, o seu trono, cuja sombra protectora ainda há pouco me oferecia com tanto orgulho, já treme com os golpes que ainda não sente, mas que eu adivinho. Está-se fazendo em silêncio uma grande escavação, abismo que de repente pode engolir a monarquia. Já lhe falaram alguma vez a verdade, senhor?

A senhora Luísa olhou em torno de si para verificar se ninguém estava a distância de poder ouvi-la, e vendo todos longe, prosseguiu:

- Pois bem, senhor, essa verdade sei-a eu; eu, que sob o hábito da misericórdia, visitei vinte vezes as ruas sombrias, as mansardas cheias de fome, os becos cheios de gemidos. Pois

bem! Nessas ruas, nesses becos, nessas mansardas, senhor, morre-se de fome e de frio no Inverno; no Verão, de sede e de calor. Os campos, que não vê, senhor, porque ides unicamente de Versalhes a Marly e de Marly a Versalhes, os campos já não têm grão, não direi já para sustentar o povo, senhor, mas nem mesmo para deitar no sulco da charrua, que, amaldiçoada não sei por que poder inimigo, devora e não produz. Toda essa gente, a quem falta o pão, queixa-se em voz baixa, porque há rumores vagos e desconhecidos que atravessam os ares, no crepúsculo, na noite, e falam-lhes em ferros, grilhões, tiranias, e acordam ouvindo essas palavras, cessam de queixar-se em voz alta e começam a murmurar.

“De outro lado os parlamentos pedem o direito de representação, isto é, de lhe dizer em voz alta o que dizem em voz baixa: ‘Rei, estás-nos perdendo! Salva-nos, senão tratamos nós da nossa salvação...’ A gente de guerra escava com a espada inútil uma terra, em que está o germe da liberdade semeado a mãos-cheias pelos enciclopedistas. Os escrevinhadores - e como se explica isto a não ser que os olhos dos homens começam a ver coisas que dantes não viam? - os escrevinhadores sabem o que fazemos, e dizem-no ao povo que, cada vez que vê passar os seus amos, franze as sobrancelhas. Vossa Majestade casa o seu filho! Antigamente, quando a rainha Ana de Áustria casou o seu, a cidade de Paris fez presentes à princesa Maria Teresa. Hoje, pelo contrário, nem só a cidade se cala, nem só a cidade nada oferece, mas ainda Vossa Majestade viu-se obrigado a aumentar os impostos para pagar as carruagens em que se conduz uma filha dos Césares para a casa de um filho de S. Luís. Há já muito tempo que o clero está acostumado a não orar a Deus, mas vê que as terras estão dadas, os privilégios exaustos, os cofres vazios, e começa agora de novo a orar a Deus, para o que chama a felicidade do povo! Enfim, senhor, será preciso dizer-lhe o que muito bem sabe, o que tem visto com tanto desgosto que a ninguém tem querido falar nisso? Os reis, nossos irmãos, que dantes nos invejavam, afastam-se agora de nós. As suas quatro filhas, as filhas do rei de França, não casaram, e há na Alemanha vinte príncipes, três em Inglaterra, dezesseis nos Estados do Norte, sem contar os nossos parentes, os Borbons da Espanha e de Nápoles, que, ou se esquecem ou se afastam de nós como os mais. Talvez o sultão nos quisesse, se não fôssemos filhas de Sua Majestade Cristianíssima. Oh! Eu não falo por mim, meu pai, não me queixo; é um estado feliz o meu, porque estou livre, porque a ninguém da minha família sou precisa, porque no retiro, na meditação e na pobreza para onde vou, poderei orar a Deus para que afaste da sua cabeça e da do meu sobrinho essa tremenda tempestade que brame ao longe no céu do futuro.”

- Minha filha - disse el-rei - os teus receios pintam-te esse futuro muito pior que ele na realidade é.

- Senhor, senhor - disse Luísa - lembre-se dessa princesa da Antiguidade, essa real profetisa, que prognosticava como eu a seu pai e seus irmãos a guerra, a destruição, o incêndio; e seu pai e seus irmãos riam das suas profecias, a que chamavam insensatas. Não me trate como ela foi tratada. Pense no que eu lhe digo, meu pai!

Luís XV cruzou os braços e inclinou a cabeça sobre o peito.

- Minha filha - disse ele - falas-me severamente; essas desgraças de que me falas são porventura obra minha?

- Deus não permita que eu o pense, mas são obra do tempo em que vivemos. É levado pela corrente como nós todos. Escute, senhor, como nos teatros aplaudem a menor alusão contra a realeza; veja, de tarde, os grupos alegres que descem tumultuosamente as escadas das sobrelojas, quando está deserta a grande escada de mármore. Senhor, o povo e os cortesãos criaram prazeres à parte dos nossos, divertem-se sem nós, ou melhor direi, quando aparecemos nos lugares em que se divertem ficam tristes. Ah! - prosseguiu a princesa com uma adorável melancolia - ah! pobres mancebos! pobres raparigas! amem! cantem! olvidem! sejam felizes! Aqui incomodava-os eu, mas lá, no meu retiro, poderei servi-los. Aqui, abafam os seus alegres risos, com receio de me desagradar; mas lá, hei-de eu orar com todo o meu coração, pelo rei, por minhas irmãs, por meus sobrinhos, pelo povo de França, por vós todos enfim, que eu amo com a energia de um coração que ainda não está gasto por nenhuma paixão.

- Minha filha -disse el-rei depois de um triste silêncio - suplico-te que não me deixes, pelo menos neste momento; acabas de me despedaçar o coração.

Luísa de França pegou na mão de seu pai, e fitando com ternura os olhos no nobre rosto de Luís XV, disse:

- Não, não, meu pai; nem mais uma hora neste palácio. Não, é tempo de ir orar. Sinto-me com forças para com as minhas lágrimas resgatar todos os prazeres a que aspira, o senhor, ainda moço como é, e um bom pai que sabe perdoar.

- Fica comigo, Luísa, fica - disse el-rei apertando sua filha entre os braços.

A princesa abanou a cabeça.

- O meu reino não é neste mundo - disse ela tristemente, livrando-se do abraço real. - Adeus, meu pai. Eu disse hoje coisas que há mais de dez anos me pesam sobre o coração. O peso oprimia-me. Adeus, vou contente. Veja: rio, sou feliz hoje pela primeira vez. De nada levo saudades.

- Nem de mim, querida filha?

- Oh! de si teria saudades, se não devesse tornar a vê-lo; mas há-de ir algumas vezes a Saint-Denis, não se esquecerá inteiramente de mim.

- Oh! nunca me hás-de esquecer! Nunca!

- Não se enteneça, senhor; a nossa separação não é eterna. Minhas irmãs nada sabem ainda, segundo creio, pelo menos só as minhas aias estão na confidência. Há oito dias que ando fazendo os meus preparativos, e desejo ardentemente que o rumor da minha partida não seja ouvido senão depois do que fizerem as pesadas portas do convento de Saint-Denis. Este não me deixará ouvir o outro.

El-rei leu nos olhos de sua filha que era irrevogável a sua resolução. Preferiu deixá-la ir sem oposição.

E demais, Luís XV queria também ir a Marly, e se comesse a demorar-se em Versalhes, não poderia partir naquele dia.

Enfim, lembrou-se que ao voltar de alguma orgia, indigna de um rei e de um pai, não tornaria a encontrar aquele rosto sério e triste que lhe parecia uma admoestação a essa vida devassa que ele passava.

- Faça-se a tua vontade, minha filha - disse ele; mas antes, recebe a bênção de teu pai, que tanta felicidade te deve.

- Dê-me a sua mão para eu beijar, senhor, e mentalmente conceda-me essa preciosa bênção.

Para os que sabiam da sua resolução, era este um espetáculo grande e solene.

Chegados à porta, el-rei cortejou a filha, e voltou para trás sem dizer palavra.

A corte seguiu-o como era da etiqueta.

II

LOQUE, CHIFFE E GRAILLE

El-Rei dirigiu-se para o gabinete das equipagens, onde costumava sempre ir antes de sair para a caça ou para passeio, a fim de dar as suas ordens para os diversos trens de que precisava para o serviço daquele dia.

No fim da galeria cortejou as pessoas que o acompanhavam e fez-lhes um sinal com a mão indicando que queria ficar só.

Luís XV, só, continuou no seu caminho por um corredor sobre o qual dava o quarto das suas filhas. Chegado diante da porta que estava fechada por um reposteiro, parou um instante e abanou a cabeça.

- Só uma era boa - resmungou ele entre dentes — e essa partiu!

Umás poucas de vozes responderam a esse axioma, pouco amável para as que ficavam. O reposteiro levantou-se e Luís XV foi saudado por estas palavras que em coro lhe dirigiu um trio furioso:

- Obrigado, meu pai!

El-rei estava entre as suas três outras filhas.

- Ah! És tu, Loque - disse ele dirigindo-se à mais velha das três, isto é, à senhora Adelaide.

- Ah! Minha rica, quer te agrade, quer não, eu disse a verdade.

- Ora! - disse a senhora Vitória - o que acaba de nos dizer não é novo para nós, senhor, bem sabemos que sempre preferiu Luísa.

- Acabas de dizer uma grande verdade, Chiffe.

- E por que prefere Luísa a nós? - perguntou a senhora Sofia com azedume.

- Porque Luísa não me atormenta - respondeu ele com essa bonomia de que, nos seus momentos de egoísmo, Luís XV oferecia um tipo tão perfeito.

- Oh! Descanse, meu pai, ela o atormentará - disse a senhora Sofia num tom que atraiu a atenção de el-rei.

- Como sabes tu isso, Graille? - perguntou ele. - Quando Luísa partiu veio fazer-te as suas confidências, a ti? Isso admira-me, porque ela não gosta muito de ti.

- Também pago-lhe na mesma moeda - redargüiu Sofia.

- Muito bem! - disse Luís XV - odeiem-se, despedacem-se, nada tenho com isso, contanto que me não venham incomodar para restabelecer a ordem no reino das amazonas. Mas o que desejava saber é em que me há-de atormentar a pobre Luísa.

- A pobre Luísa! - repetiram com ironia as duas irmãs, Vitória e Adelaide.

- Em que o há-de atormentar? Pois eu lho digo, meu pai.

Luís XV sentou-se numa grande poltrona colocada junto da porta, de modo que ficara a jeito para se retirar logo que lhe conviesse.

- Porque a senhora Luísa - respondeu Sofia - está um pouco possessa pelo Demónio que a abadesa de Chelles tinha, no corpo, e recolhe ao convento para fazer as suas experiências.

- Vamos, vamos - disse el-rei - nada de equívocos a respeito da virtude de sua irmã; por fora, onde se diz tanta coisa, nunca se falou dela. Não comeces tu.

- Eu?

- Sim, tu.

- Oh! não falo da sua virtude - disse a senhora Sofia, muito sentida pela acentuação particular que seu pai dava à palavra *tu*; - digo que vai fazer experiências, nada mais.

- Ora, quando mesmo ela fosse trabalhar em química, aprender a jogar as armas, tocar, quebrar cravos, que mal haveria nisso?

- Eu digo que ela vai trabalhar em política.

Luís XV estremeceu.

- Estudar a filosofia, a teologia e continuar os comentários sobre a bula *Unigenitus*; de modo que presas entre as suas teorias governamentais, os seus sistemas metafísicos e a sua teologia, havemos de parecer as inúteis da família...

- Se isso abrir a tua irmã o caminho do paraíso, que mal te pode fazer? - atalhou Luís XV, não deixando todavia de notar a relação que havia entre a acusação de Graille e a diatribe política com que a senhora Luísa rematara a sua partida. - Invejam a sua bem-aventurança? Seria uma acção de más cristãs.

- Não, não - disse a senhora Vitória; - deixo-a ir para onde vai; mas não a quero seguir.

- Nem eu, disse a senhora Sofia.

- E demais ela odiava-nos - disse a senhora Vitória.

- A todas? - perguntou Luís XV.

- Sim, sim - responderam as outras duas irmãs.

- Verão - disse Luís XV - ela foi escolher o paraíso para não ter receio de se encontrar com a sua família.

Este dito fez rir um pouco as três irmãs. A senhora Adelaide, a mais velha das três, reunia toda a sua lógica a fim de descarregar sobre o pai um golpe mais profundo que os que acabavam de resvalar sobre a sua couraça.

- Minhas senhoras - disse ela num tom reservado que lhe era peculiar - não souberam ou não quiseram dizer a Sua Majestade o verdadeiro motivo da partida da senhora Luísa.

- Bom! Temos mais algum dito - atalhou el-rei. - Basta, Loque, basta!

- Oh! senhor - redargüiu ela - bem sei que vou dizer alguma coisa que há-de desagradar um pouco a Vossa Majestade.

- Diz antes que tens essa esperança, e falarás assim mais verdade.

A senhora Adelaide mordeu os lábios.

- Mas - acrescentou ela - hei-de dizer a verdade.

- Bom! o caso promete. A verdade! emenda-te de semelhante coisa; a verdade nunca se diz; faz como eu, e olha que me não dou mal com isso, graças a Deus!

E Luís XV encolheu os ombros.

- Vamos, fale, minha irmã, fale - disseram as outras duas princesas, impacientes por saberem esse motivo que tanto devia desagradar a el-rei.

- Ora - prosseguiu a senhora Adelaide - o que a nossa irmã Luísa receava mais que tudo, ela que com tanto rigor observava a etiqueta, era...

- Era?...-repetiu Luís XV; - vamos, já que principiaste, acaba.

- Pois bem, senhor, era a intrusão de novas caras.

- A intrusão, disseste tu? - observou el-rei descontente com esse começo, porque via, de antemão, o fim a que tendia; - a intrusão! Há em minha casa intrusos? Obriga-me alguém a receber quem eu não quero que seja recebido?

Era um meio hábil de mudar absolutamente o sentido da conversa.

Mas a senhora Adelaide era muito fina, para assim se deixar despistar.

- Expliquei-me mal, senhor - atalhou ela - expliquei-me mal, e não usei do termo próprio. Em lugar de intrusão, deveria ter dito introdução.

- Ah! Ah! - disse o rei - isso já é outra coisa; a outra palavra desagradava-me, confesso-o; acho melhor introdução.

- E contudo, senhor - continuou a senhora Vitória parece-me que nem essa é ainda a verdadeira palavra.

- Qual é então, vejamos?

- É apresentação.

- Ah! sim - disseram as outras irmãs unindo-se à mais velha - parece-me que desta vez acertou-se.

El-rei mordeu os lábios.

- Ah! julga que é isso? - disse ele.

- Sim - continuou a senhora Adelaide. - Dizia eu que a minha irmã gosta pouco de novas apresentações.

- Bem! - disse el-rei que desejava acabar a conversa; - e depois?

- Depois, meu pai, naturalmente teve medo de ver chegar ao Paço a Sr^a. Condessa du Barry.

- Ora adeus! - exclamou el-rei com um impulso irresistível de despeito - ora adeus! digam logo claro o que têm para dizer, sem procurar tantos rodeios.

- Senhor - respondeu a senhora Adelaide - se tanto me demorei antes de dizer a Vossa Majestade o que acabo de dizer-lhe, é porque o respeito me prendeu a fala, e só a sua ordem me podia obrigar a falar sobre semelhante assunto.

- Ah! sim, sim, não falas, não mordes, nem mesmo tens abrimentos de boca!...

- Apesar de tudo isso, senhor - continuou a senhora Adelaide - parece-me ter descoberto o verdadeiro motivo da partida de minha irmã.

- Pois estás enganada.

- Oh! senhor - repetiram juntas, abanando a cabeça, as senhoras Vitória e Sofia; - oh! senhor, temos a certeza do que acaba de ouvir.

- Sim! - interrompeu Luís XV; - ah! ah! Partilham todas da mesma opinião; há conspiração na minha família, pelo que vejo. É por isso que a tal apresentação não pode ter lugar; é por isso que estas senhoras nunca estão em casa quando as querem visitar; é por isso que não respondem aos requerimentos e petições em que se solicitam audiências.

- Que requerimentos e que petições são essas? – perguntou a senhora Adelaide.

- Ora! bem o sabem, os requerimentos da menina Joana Vaubernier - disse a senhora Sofia.

- Nada, não é isso, são as petições da Sr^a. Lange, que quer uma audiência - disse a senhora Vitória.

El-rei levantou-se furioso, e o seu olhar geralmente tão sossegado e doce despedia raios pouco favoráveis para as três irmãs.

Entretanto, como no trio real não havia heroína capaz, de sustentar a ira paternal, abaixaram todas três a fronte diante do ímpeto da tempestade.

- Isso - disse ele - é para me provar que me enganava quando há pouco dizia que das quatro a melhor tinha partido.

- Senhor - disse a senhora Adelaide - Vossa Majestade trata-nos mal, pior que aos cães.

- Pudera não; quando chego, os meus cães vêm fazer-me festas; os meus cães são meus verdadeiros amigos. Adeus, minhas senhoras. Vou ver Carlota, Bela Filha e Gredinet. Pobres animais! Sim, gosto deles, e gosto deles principalmente porque não *ladram* a verdade.

El-rei saiu furioso, e não teria andado quatro passos quando ouviu as suas três filhas que em coro cantavam a primeira copla de uma canção contra a Sr^a. du Barry.

El-rei esteve a ponto de voltar para trás, e talvez que tivesse sido muito pouco agradável para Suas Altezas, mas conteve-se, e continuou o seu caminho, bradando:

- Senhor capitão das galgas!

O oficial chamado com um título tão singular acudiu prontamente.

- Faça abrir a casa dos cães! - disse el-rei.

- Oh! senhor - bradou o oficial indo ao encontro de Luís XV - não dê Vossa Majestade nem mais um passo.

- Então o que aconteceu? - perguntou el-rei, parando no limiar da porta, por baixo da qual se ouvia a respiração dos cães que farejavam a presença do seu dono.

- Senhor - disse o oficial - perdoai o meu zelo, mas não posso permitir que el-rei entre na casa dos cães.

- Ah! Sim, é porque não está ainda arranjada... limpa... Pois bem, chame para aqui Gredinet.

- Senhor - murmurou o oficial cujo rosto exprimia a consternação - há dois dias que Gredinet não bebe nem come, e receia-se muito que esteja danado.

- Oh! Decididamente - exclamou Luís XV - sou o mais infeliz de todos os homens... Gredinet danado! É o que agora me faltava.

O oficial das galgas julgou dever verter uma lágrima para animar a cena.

El-rei voltou e dirigiu-se para o gabinete, onde o esperava o seu criado de quarto.

Este, vendo o rosto consternado de el-rei, retirou-se para um vão de janela.

- Ah! Bem o vejo - murmurou Luís XV sem se importar com a presença do criado, que era um fiel servidor, e caminhando a largos passos no seu gabinete - ah! bem o vejo, o senhor de Choiseul zomba de mim; o delfim já se considera como meio senhor, e julga que o será de todo quando tiver feito assentar a sua austriacazinha sobre o trono. Luísa ama-me, porém com aspereza, porque me prega um sermão de moral e retira-se. As minhas três outras filhas cantam-me canções em que me chamam nomes pouco agradáveis, o Sr. Conde de Provença traduz *Lucrecia*, o Sr. Conde de Artois procura aventuras pelas ruas sujas, os meus cães danam-se e querem morder-me. Decididamente, só a minha condessa me ama. Os diabos levem portanto aqueles que lhe querem mal!

Então, com uma resolução desesperada, sentando-se junto da mesa sobre a qual Luís XIV dava a sua assinatura, a mesma que havia recebido o peso dos últimos tratados e das cartas soberbas do grande rei, disse:

- Agora percebo o motivo por que todos querem apressar a chegada da delfina. Julgam que bastará apresentar-se aqui para eu ser seu escravo, ou para ser dominado pela sua família. Ora! hei-de ter muito tempo para ver a minha querida nora, porque a sua chegada aqui deve meter-me decerto em novas sensaborias. Vivamos portanto sossegados; sossegados o mais tempo possível, e para isso vamos demorá-la no caminho. Ela devia passar em Reims e Noyon sem parar, e seguir logo para Compienha: nada, é melhor manter o primeiro programa. Três dias de recepção em Reims, e um... não! é melhor dois, ora adeus! três dias de festa em Noyon. Isso fará sempre seis dias, seis bons dias.

El-rei pegou na pena e com o seu próprio punho escreveu ao senhor de Stainville dando-lhe ordem de se demorar três dias em Reims, e três dias em Noyon.

Depois, expedindo o correio, disse-lhe:

- Vai a toda a brida, e não pares senão para entregar esta ordem à pessoa a quem é dirigida.

Depois, com a mesma pena escreveu:

“Querida condessa, hoje instalámos Zamora no seu governo. Vou partir para Marly. Esta noite irei a Luciennes dizer-lhe tudo quanto penso neste momento.

França.”

- Lebel - bradou el-rei - leve esta carta à condessa e recomendo-lhe o maior respeito, ouviu? é um conselho que lhe dou.

O criado inclinou-se e saiu.

III

A SENHORA DE BÉARN

A Sr^a. Condessa de Béarn, como Chon o havia dito a seu irmão, caminhava rapidamente para Paris.

Esta jornada era o resultado de uma dessas maravilhosas imaginações que, em momentos críticos, vinham em auxílio do visconde João.

Não podendo achar, entre as senhoras da corte, essa madrinha tão desejada e necessária, porque sem ela não podia ter lugar a apresentação da senhora du Barry, lançara os olhos para a Província, examinara as posições, esquadrinhara as aldeias e acabara por encontrar o que precisava, numa sofrível casa gótica das margens do Meuse.

O que ele procurava, era uma velha demandista e um velho processo.

A velha demandista era a condessa de Béarn.

O processo era um negócio do qual esperava toda a sua fortuna e que dependia do senhor de Maupeou, que se achava recentemente ligado com a senhora du Barry, com quem descobrira um grau de parentesco até então ignorado, e a quem por consequência chamava sua prima. O senhor de Maupeou, na esperança de obter a chancelaria, tinha pela favorita todo o fervor de uma amizade nascida na véspera e de um interesse que o haviam feito nomear por el-rei vice-chanceler, e por abreviatura o *vice* (o vício) que era como todos o conheciam.

A Sr^a. Condessa de Béarn, apesar do seu nome e título magníficos, não era mais que uma velha demandista muito semelhante à condessa de Escarbagnas ou à senhora de Pimbèche, que eram os dois bons tipos daquela época.

Ágil, magra, angulosa, sempre desconfiada de tudo, virando continuamente e para todos os lados os seus olhos de gato espantado, tinha a condessa de Béarn conservado os costumes das mulheres do tempo da sua mocidade, e como a moda, apesar dos seus caprichos, consente algumas vezes em ser lógica e arrazoada, acontecia que o trajo das raparigas de 1740 era exactamente um trajo de velhas em 1770.

Amplas rendas, manteletes bordados, enormes coifas, bolsos imensos, indispensável colossal e mantinha de seda lavrada, tal era o costume em que Chon, a irmã querida e confidente fiel da senhora du Barry, havia encontrado a senhora de Béarn, quando em sua casa se apresentou com o nome suposto de Flageot, isto é, na qualidade de filha do seu advogado.

A velha condessa usava-o (entende-se que falamos do traje) tanto por gosto como por economia. Não era destas pessoas que se envergonham da sua pobreza, porque essa pobreza não precedia de culpa sua. Só o que lamentava era não ser rica para deixar uma fortuna a seu filho, que fosse digna do seu nome. O filho era um mancebo provinciano, tímido como uma donzela, e que apreciava muito mais as doçuras da vida material que os favores da fama.

Restava-lhe, contudo, o recurso de chamar suas terras que o seu advogado disputava aos Salúcios; mas, como era mulher de elevado espírito, bem conhecia que se tivesse que pedir dinheiro emprestado sobre elas, não acharia um único usurário, e naquela época havia-os bem ousados em França, que lhe emprestasse coisa alguma sobre semelhante penhor.

É o motivo por que, reduzida aos rendimentos das terras não compreendidas na demanda, a Sr^a. Condessa de Béarn, que possuía uns mil escudos cada ano, fugia da corte, onde, só para se transportar a casa dos senhores juizes e dos senhores advogados, gastaria uns doze francos por dia.

Tinha-se retirado principalmente porque desesperava de fazer sair e dar andamento aos seus autos antes de quatro ou cinco anos. Hoje as demandas ainda são longas, mas enfim, sem viver a idade de um patriarca, alguma esperança se pode ter de as ver concluídas, mas antigamente uma demanda atravessava duas ou três gerações, e, como essas fabulosas plantas d'*As Mil e Uma Noites*, só dava flor ao cabo de duzentos ou trezentos anos.

Ora, a condessa de Béarn não queria devorar o resto do seu património na tentativa de recuperar as dezessete vigésimas partes empenhadas: era, como já o dissemos, o que em todos os tempos se chama uma boa mulher do tempo antigo, isto é, sagaz, prudente, forte e avarenta.

Teria decerto defendido, advogado, executado e dirigido a sua demanda, melhor que qualquer procurador ou advogado, mas chamava-se Béarn, e esse nome punha obstáculos a muita coisa. Resultava que, devorada de arrependimentos e angústias, muito semelhante ao divino Aquiles, que, retirado na sua tenda, sofria mil mortes ao ouvir o som desse clarim para o qual se fingia surdo, a senhora de Béarn passava os dias com os óculos no nariz decifrando antigos pergaminhos, e as noites embuçada no seu roupão de chita da Pérsia, com os cabelos grisalhos soltos, a advogar diante do seu travesseiro a causa dessa sucessão reivindicada pelos Salúcios, causa que ela sempre ganhava a si mesma, com uma eloquência de que ficava tão satisfeita, que em idênticas circunstâncias, desejava-a igual ao seu advogado.

Facilmente se percebe a doce sensação que, em tais circunstâncias, devia ter causado à condessa de Béarn a chegada de Chon com o nome suposto de filha do Sr. Flageot.

O jovem conde estava no seu regimento.

Com facilidade se crê aquilo que se deseja. Também a senhora de Béarn deu logo ouvidos à história que Chon lhe contou.

Havia contudo uma sombra de desconfiança para conceber: a condessa conhecia o Sr. Flageot havia mais de vinte anos, tinha-o visitado duzentas vezes na sua casa da Rua do Petit-Lion-Saint-Sauveur, e nunca percebera o menor indício de criança que viesse pedir doces e pastilhas aos clientes.

Mas quem havia de pensar nessas coisas em tal momento, quem se havia de lembrar se existia ou não criança alguma em casa do advogado? a filha do Sr. Flageot era filha do Sr. Flageot, e nada mais lhe importava.

Demais, esta senhora dizia que era casada, não vinha a Verdun de propósito, ia para Estrasburgo ter com seu marido.

A senhora de Béarn devia talvez ter perguntado à Sr^a. Flageot pela carta que junto dela a devia acreditar; mas se um pai não pode mandar sua filha, a sua própria filha, sem levar uma carta, a quem se poderia incumbir uma missão de confiança, e depois, por que teria esses receios?

A que tendiam semelhantes suspeitas? Qual seria o fim de fazer uma jornada de sessenta léguas para contar uma história dessas?

Se ela fosse rica, se, como a mulher de um banqueiro ou de um recebedor geral, tivesse que trazer consigo equipagens, baixelas e brilhantes, poderia pensar que era uma trama urdida por ladrões. A senhora de Béarn ria-se muito quando por vezes pensava no modo como ficariam despeitados os ladrões que se lembrassem de a querer roubar.

Por isso, apenas Chon saiu no carro ordinário, puxado por um único cavalo, e no qual ela vinha desde a última posta, onde havia deixado a sua carruagem, convencida a Sr^a. Condessa de Béarn que era chegada a ocasião de fazer um sacrifício, meteu-se também por sua vez numa antiga carruagem, e por tal forma apressou os postilhões, que passou em Chaussée uma hora antes da delfina e chegou à barreira de Saint-Denis apenas cinco ou seis horas depois de Chon du Barry.

Como a viajante tinha pouca bagagem e sendo para ela da maior urgência informar-se do seu negócio, fez parar a carruagem na Rua do Petit-Lion, à porta do Sr. Flageot.

Isto não se fez sem que se juntasse um grande número de curiosos (e os parisienses todos o são) em torno desse venerável coche que, pela arquitectura monumental, pelas cortinas de marroquim imprensado e pelas ferragens parecia sair das cocheiras de Henrique IV.

A Rua do Petit-Lion não é larga. A senhora de Béarn e o seu trem ocupavam-na toda majestosamente, e tendo pago aos postilhões, deu-lhes ordem de conduzirem a carruagem para a hospedaria em que ela costumava apeiar-se, isto é, no *Galo Cantante*, que era situada na Rua de Saint-Germain-des-Prés.

Subiu, segurando-se à corda sebenta, a escura escada do Sr. Flageot; havia nela uma frescura que não desagradou à velha, fatigada pela rapidez e ardor do caminho.

O Sr. Flageot, apenas a sua criada Margarida lhe anunciou a visita da Sr^a. Condessa de Béarn, compôs-se, porque o calor excessivo obrigava-o a estar meio despido, pôs na cabeça uma cabeleira que sempre tinha ao seu lado, levantou-se e dirigiu-se para a porta, levando um sorriso nos lábios. Mas nesse sorriso via-se tão claramente uma nuvem de admiração que a condessa julgou-se obrigada a dizer-lhe:

- Então que é isso, meu caro Sr. Flageot? sou eu.

- Sim, sim, bem a vejo, senhora condessa.

Fechando então pudicamente o seu roupão, o advogado conduziu a condessa para uma poltrona de couro, que estava no canto mais claro do gabinete, e afastou-a com prudência da mesa em que estavam os seus papéis, porque sabia que era muito curiosa.

- Agora, minha senhora - disse ele - permitirá que me alegre por uma tão agradável surpresa.

A senhora de Béarn, encostada na poltrona, erguia um pouco os pés para deixar entre o chão e os seus sapatos de cetim lavrado o espaço necessário para a colocação de uma pequena almofada, que Margarida lhe trazia.

Ergueu-se rapidamente.

- Como surpresa? - disse ela entalando o nariz com os óculos que acabava de tirar do estojo para melhor poder ver o Sr. Flageot.

- Sem dúvida, eu julgava que estava nas suas fazendas, minha senhora - respondeu o advogado, usando assim de uma amável lisonja para qualificar as três jeiras de terra de horta da condessa.

- Lá estava efectivamente; mas, como vê, deixei-as ao seu primeiro sinal.

- Ao meu primeiro sinal? - disse o advogado muito admirado.

- À sua primeira palavra, primeiro aviso, primeiro conselho, enfim, ou como melhor lhe agradar.

Os olhos do Sr. Flageot cresceram até ao tamanho dos óculos da condessa.

- Parece-me que não andei mal - continuou esta e que deve estar contente por isso.

- Estou encantado, minha senhora, como sempre; mas permita que lhe diga, que não vejo o que tenho com tudo isto.

- Como! - disse a condessa - o que tem com isto?... tem tudo, ou direi melhor, fez tudo o senhor mesmo.

- Eu?

- Certamente... Ora vamos a saber, temos novidades por cá?

- Oh! sim, minha senhora, muitas; dizem que el-rei está para fazer um golpe de Estado a respeito do parlamento. Mas, esquecia-me oferecer-lhe de tomar alguma coisa.

- Bem me importa a mim com el-rei, ou com os golpes de Estado!

- Então de que se trata, minha senhora?

- Trata-se da minha demanda. Era a respeito da minha demanda que eu lhe perguntava o que havia de novo.

- Oh! quanto a isso - disse o Sr. Flageot abanando tristemente a cabeça - nada temos, nada absolutamente, minha senhora.

- Isto é, nada...

- Nada, mesmo nada.

- Nada, depois que a senhora sua filha me foi falar. Ora, como ela me falou anteontem, compreendo facilmente que depois daquele momento não poderá ter havido muitas novidades mais.

- A minha filha, minha senhora?

- Sim.

- Disse... a minha filha?

- Sem dúvida, a sua filha... a que mandou lá.

- Perdão, minha senhora - disse o Sr. Flageot - mas era impossível que eu lhe mandasse a minha filha.

- Impossível!

- Por uma razão muito simples, é porque não tenho nenhuma.

- Está certo disso? - perguntou a condessa.

- Minha senhora - respondeu o Sr. Flageot - tenho a honra de ser solteiro.

- Ora adeus! - exclamou a condessa.

O Sr. Flageot tornou-se desassossegado; chamou Margarida para trazer os refrescos oferecidos à condessa, e para ficar ali com ele a fim de a vigiarem.

- Infeliz mulher - pensou ele - ter-se-lhe-á voltado o juízo?

- Como! - disse a condessa - o senhor não tem uma filha?

- Não, minha senhora.

- Uma filha casada, em Estrasburgo?

- Não, minha senhora, não, mil vezes não.

- E não encarregou essa filha - continuou a condessa prosseguindo na sua idéia - não encarregou essa filha de me procurar, no seu caminho para Estrasburgo, a fim de me anunciar que a minha demanda ia ser julgada?

- Não.

A condessa deu um salto na poltrona batendo com as mãos sobre os joelhos.

- Beba alguma coisa, senhora condessa - disse o Sr. Flageot - isso há-de fazer-lhe bem.

Fez ao mesmo tempo um sinal a Margarida, que trazia dois copos de cerveja sobre uma bandeja, mas a velha já não tinha sede, porque repeliu a bandeja e os copos com tal força, que Margarida, que parecia ter alguns privilégios na casa, ficou sentida.

- Vamos, vamos - disse a condessa, olhando para o Sr. Flageot por cima dos óculos - expliquemo-nos, senhor, se me faz favor.

- De boa vontade - respondeu Flageot; - fica, Margarida, talvez a senhora condessa queira tomar alguma coisa; vamos à explicação.

- Vamos, se assim o quer, porque hoje está incompreensível, meu caro Sr. Flageot; palavra de honra, dir-se-ia que o calor da estação lhe voltou o juízo.

- Sangue-frio, minha senhora - disse o advogado inclinando-se para trás na poltrona para se afastar da condessa - não se exaspere e conversemos.

- Sim, conversemos. Não tem nenhuma filha, Sr. Flageot?

- Não, minha senhora, o que me causa muita pena porque me parece que lhe seria agradável que eu tivesse alguma; ainda que...

- Ainda que? - repetiu a condessa.

- Ainda que, quanto a mim, preferiria ter um rapaz; os rapazes nestes tempos em que estamos saem melhores e são mais fáceis de acomodar.

A senhora de Béarn ficou um instante pensativa.

- Como! - disse ela - não me mandou recado por uma irmã, uma sobrinha, uma prima qualquer, para que eu viesse imediatamente para Paris?

- Nem mesmo pensei nisso, porque sei quanto é dispendioso viver em Paris.

- Mas a minha demanda?

- Terei a honra de a avisar quando estiver para ser julgada, minha senhora.

- Como? quando estiver para ser julgada!

- Sim.

- Pois não está para o ser?

- Não, que eu saiba, minha senhora.

- Pois o meu processo não está avocado?

- Não.

- Nem se trata disso proximamente?

- Não, minha senhora! Santo Deus, não!

- Então - exclamou a velha erguendo-se - zombaram, escarneceram indignamente de mim.

O Sr. Flageot coçou a cabeleira e murmurou:

- Receio muito que assim seja, minha senhora.

- Sr. Flageot! - exclamou a condessa.

O advogado deu um salto sobre a cadeira e fez um sinal a Margarida, que se apressou a segurar seu amo.

- Sr. Flageot - prosseguiu a condessa - não hei-de tolerar semelhante humilhação, e vou ter com o senhor chefe da polícia para que me procurem a sirigaita que cometeu tal insulto para comigo.

- Oh! - disse o Sr. Flageot - há-de ser difícil!

- Assim que souber quem foi - prosseguiu a condessa levada pela raiva - hei-de intentar logo uma acção!

- Ainda outra demanda! - disse tristemente o advogado.

Estas palavras fizeram cair a demandista de toda a altura do seu furor; a queda foi pesada.

- Ah! - disse ela - eu vinha tão contente, tão feliz!

- Mas o que lhe disse então essa mulher, minha senhora?

- Primeiramente disse-me que vinha da sua parte.

- Horrível intrigante!

- E da sua parte me trazia a notícia da avocação do meu processo; era iminente; todas as diligências que eu fizesse eram poucas, poderia chegar já tarde.

- Ah! - repetiu o Sr. Flageot por sua vez - o negócio está longe de ser avocado, minha senhora.

- Esqueceram-nos, não é verdade?

- Olvidados, enterrados, minha senhora, e a não haver algum milagre, e como bem o sabe os milagres são raros...

- Oh! decerto - murmurou a condessa soltando um suspiro.

O Sr. Flageot respondeu com outro suspiro modulado sobre o da condessa.

- Olhe, Sr. Flageot - continuou a senhora de Béarn - quer que lhe diga uma coisa?

- Fale, minha senhora.

- Sinto que não hei-de sobreviver a isto.

- Oh! quanto a isso, não faria bem.

- Meu Deus! Meu Deus! - disse a pobre condessa - estão exaustas as minhas forças.

- Ânimo, minha senhora, ânimo! - disse Flageot.

- Mas não tem algum conselho a dar-me?

- Oh! sim, tenho um: é de voltar para as suas fazendas, e não dar ouvidos daqui por diante senão aos que levarem um bilhetinho escrito por mim.

- Que hei-de eu fazer, senão voltar para as minhas terras!

- É o mais prudente.

- Mas acredite-me, Sr. Flageot - murmurou ainda a condessa de Béarn - tenho quase a certeza de que não nos tornaremos a ver neste mundo.

- Que infâmia!

- Mas pelo que vejo tenho inimigos bem cruéis?

- É alguma maldade dos Salúcios, era capaz de o jurar.

- Em todo o caso, é muito mesquinha.

- Sim, e de mau gosto - disse o Sr. Flageot.

- Oh! a justiça, a justiça! - exclamou a condessa - meu caro Sr. Flageot, a justiça é a caverna de Caco!

- E por que não existe já a justiça, minha senhora? - disse ele - porque o senhor de Maupeou quis ser chanceler em vez de se deixar ficar presidente.

- Sr. Flageot, aceitarei agora o refresco que me ofereceu.

- Margarida! - chamou o advogado.

Margarida entrou. Tinha já saído quando viu que a conversa tomava um tom pacífico.

Entrou, dizemos nós, trazendo a bandeja e os dois copos; a condessa bebeu lentamente um copo de cerveja depois de ter feito a honra de tocar o copo no do seu advogado; levantou-se, dirigiu-se para a ante-sala tendo feito previamente uma triste mesura, e despedidas mais tristes ainda.

O Sr. Flageot seguiu-a, de cabeleira na mão.

A senhora de Béarn estava no patamar da escada, procurando a corda que servia de corrimão, quando sentiu outra mão encontrar-se com a sua e a cabeça de alguém que lhe batia contra o peito.

Essa mão e essa cabeça pertenciam a um escrevente que subia a quatro e quatro os degraus da escada.

A condessa, resmungando e praguejando, sacudiu as saias e continuou a descer, enquanto o escrevente chegava ao patamar, empurrava a porta e bradava com a voz franca e alegre dos escreventes de todos os tempos:

- Aí tem, Sr. Flageot; é a respeito da questão Béarn!

E dava-lhe um papel.

Subir novamente a escada, empurrar o escrevente, lançar-se sobre o Sr. Flageot, arrancar-lhe o papel, bloquear o advogado no seu gabinete, eis tudo quanto tinha feito a velha condessa, antes que o escrevente acabasse de receber duas bofetadas que Margarida lhe aplicava ou fingia aplicar-lhe em resposta a dois beijos.

- Então! - bradou a velha - que diz este papel, Sr. Flageot?

- Ainda não sei, senhora condessa; mas se mo quiser restituir, talvez que possa dizer-lho.

- É verdade, meu caro Sr. Flageot; leia, leia depressa.

Este olhou para a assinatura do bilhete.

- É do Sr. Guildou, nosso procurador - disse ele.

- Ah! meu Deus!

- Convida-me - continuou o Sr. Flageot com uma estupefacção crescente - convida-me a aprontar-me para advogar na terça-feira, porque foi avocada a nossa demanda.

- Avocada! - bradou a condessa saltando de contente. - Ah! Sr. Flageot, não brinquemos desta vez, porque era capaz de me matar.

- Minha senhora - respondeu o Sr. Flageot admirado com a notícia - se alguém zomba aqui, há-de ser o Sr. Guildou, mas seria a primeira vez na sua vida.

- A carta é dele?
- Assinou-se Guildou, veja!
- É verdade!... Avocada hoje, julgada na terça-feira. Então a tal senhora que foi visitar-me não é uma intrigante?
- Parece-me que não.
- Mas se não era mandada pelo senhor... Tem a certeza que não foi mandada por si?
- Pudera não!
- Por quem seria então mandada?
- Sim, por quem?
- Porque enfim devia ser mandada por alguém.
- Não percebo.
- Não entendo.
- Ah! deixe-me tornar a ler, Sr. Flageot: avocada, julgada, está escrito, julgada perante o Sr. Presidente Maupeou.
- Diacho! está lá isso?
- Sem dúvida.
- É mau!
- Por quê?
- Porque o presidente Maupeou é um amigo íntimo dos Salúcios.
- Sabe isso?
- É o seu maior amigo.
- Bom, estamos então pior que dantes. Sou infeliz.
- E contudo - disse o Sr. Flageot - aqui nada há que dizer, é preciso ir visitá-lo.
- Mas, receber-me-á muito mal?
- É provável.
- Ah! Sr. Flageot, o que me diz?
- A verdade, minha senhora.
- Como! nem só perde o ânimo, mas ainda em cima quer roubar-me aquele que eu tenho.
- Do senhor de Maupeou, nada tem que esperar de bom.
- É tão fraco, o senhor, um Cícero?
- Cícero teria perdido a causa dos Ligarius, se tivesse advogado perante Verres, em vez de falar diante de César - foi a resposta mais modesta que ocorreu ao Sr. Flageot para repelir a honra insigne que a sua cliente acabava de lhe fazer.
- Então dá-me de conselho que o não vá procurar?
- Deus não permita, minha senhora, que eu lhe aconselhe semelhante irregularidade, mas compadeço-me da senhora por estar obrigada a uma tal entrevista.
- Está-me falando, Sr. Flageot, como um soldado que pensa em desertar. Dir-se-ia que receia encarregar-se do negócio.
- Minha senhora - respondeu o advogado - já perdi durante a minha vida algumas causas que tinham mais probabilidade de se vencerem do que esta.

A condessa suspirou e juntou toda a sua energia.

- Hei-de ir até ao fim - disse ela com uma certa dignidade, que contrastava com o carácter cómico do diálogo; - não se dirá que tendo eu o direito por mim, receei a luta. Poderei perder o meu processo, mas hei-de mostrar aos prevaricadores a frente de uma mulher de bem como não há muitas hoje na corte. Dá-me o braço, Sr. Flageot, para me acompanhar a casa do seu vice-chanceler?
- Minha senhora - disse o Sr. Flageot, chamando em seu socorro toda a sua dignidade - minha senhora, nós, os membros oponentes do parlamento de Paris, jurámos não ter relações fora das audiências com os que abandonaram os parlamentos na questão do senhor de Aiguillon. A união faz a força, e como o senhor de Maupeou não andou firme e conseqüente nessa questão, como temos razões de queixa contra ele, ficaremos em nossos respectivos campos até que ele se resolva para um lado ou para outro.

- O meu negócio chega em má ocasião, segundo vejo - suspirou a condessa; - advogados de mal com juizes, juizes de mal com os clientes... Não importa, hei-de perseverar.

- Deus a ajude, minha senhora - disse o advogado levantando ao mesmo tempo o seu roupão sobre o braço esquerdo, como um senador romano o teria feito com a sua toga.

- Eis aqui um bem triste advogado - murmurou consigo mesmo a senhora de Béarn. - Receio muito ser tão feliz com a sua defesa no parlamento, como o era lá na minha casa de campo quando eu mesma defendia a minha causa diante do meu travesseiro.

Depois, em voz alta e com um sorriso no qual tentava disfarçar o seu desassossego, prosseguiu:

- Adeus, Sr. Flageot, estude bem a causa, rogo-lho! Ninguém sabe o que poderá acontecer.

- Oh! minha senhora - disse o Sr. Flageot - não é a defesa que me dá cuidado. Há-de ser um belo discurso, e tanto mais belo que tenciono fazer nele terríveis alusões.

- Alusões a quê, senhor, a quê?

- A corrupção de Jerusalém, minha senhora, que hei-de comparar com as cidades malditas e sobre as quais hei-de chamar o fogo do Céu. Percebe, minha senhora, e ninguém duvidará que Jerusalém é Versalhes.

- Sr. Flageot - bradou a velha - não nos vá comprometer, ou direi melhor, não comprometa a minha causa!

- Ora! minha senhora, a sua causa com o senhor de Maupeou, está perdida; do que se trata agora é de vencer aos olhos do público, e como nos não fazem justiça, façamos nós bulha e escândalo!

- Sr. Flageot...

- Minha senhora, sejamos filósofos... façamos estalada!

- Anda! os diabos te façam estalada a ti! - murmurou a condessa consigo - mau advogado, que só vês em tudo isto um meio de te envolveres nos teus farrapos filosóficos. Vamos ver o senhor de Maupeou; não é filósofo, esse, e talvez seja mais feliz com ele do que contigo!

E a velha condessa separou-se do Sr. Flageot e afastou-se da Rua do Petit-Lion-Saint-Sauveur, depois de haver percorrido em dois dias todos os degraus da escada da esperança e do desapontamento.

IV

O VICE

A condessa tremia como varas verdes ao dirigir-se a casa do senhor de Maupeou.

Contudo, durante o caminho, havia feito uma reflexão própria para se tranqüilizar. Segundo toda a probabilidade, a hora não era própria para o senhor de Maupeou a poder receber, e contentar-se-ia em anunciar ao porteiro uma próxima visita.

Efectivamente, seriam sete horas da tarde, e conquanto fosse ainda dia, o costume de jantar às quatro, como já entre a nobreza se usava, interrompia geralmente todos os negócios desde o jantar até ao dia seguinte.

A senhora de Béarn, que ardentemente desejava falar com o vice-chanceler, consolou-se todavia com a idéia de que não o encontraria. É esta uma das freqüentes contradições do espírito humano, que sempre se hão-de entender sem se poderem explicar.

A condessa apresentou-se portanto, esperando que o porteiro lhe negasse a entrada. Tinha preparado um escudo de seis libras para adoçar o Cérbero e convidá-lo a inscrever o seu nome na lista das audiências solicitadas.

Chegando em frente do palácio, viu o porteiro falar com um correio que parecia estar dando uma ordem. Esperou discretamente, receando que a sua presença incomodasse os dois interlocutores; mas o correio, assim que viu a velha na sua carruagem alugada, retirou-se.

O porteiro aproximou-se então da carruagem e perguntou o nome da senhora.

- Oh! - disse ela - bem sei que provavelmente não terei a honra de ver Sua Excelência.
- Apesar disso, minha senhora - respondeu o porteiro - tem sempre a bondade de me dizer o seu nome.

- Condessa de Béarn - respondeu ela.
- Sua Excelência está em casa - replicou o porteiro.
- Como? - disse a senhora de Béarn no cúmulo da admiração.
- Digo que Sua Excelência está em casa - repetiu este.
- Mas decerto não recebe ninguém a estas horas.
- Há-de receber a senhora condessa - disse o porteiro.

A senhora de Béarn apeou-se sem saber bem se dormia ou velava. O porteiro puxou por uma corda que duas vezes fez soar uma sineta. Apareceu um criado no patamar da escada e o porteiro fez sinal à condessa para que subisse.

- Quer falar com Sua Excelência, minha senhora? - perguntou o criado.
- Isto é, senhor, eu solicito esse favor, mas sem esperança de o obter.
- Queira seguir-me, senhora condessa.
- Dizem tanto mal deste grande magistrado! - pensou a condessa enquanto seguia o criado - e contudo tem uma qualidade óptima, é de receber a gente a toda a hora. Um chanceler!... é singular.

Enquanto caminhava, estremecia com a idéia de ir encontrar um homem tanto mais intratável, tanto mais desagradável quanto lho permitia ser a sua assiduidade ao trabalho. O senhor de Maupeou, coberto com uma grande cabeleira e vestido com a sua casaca de veludo preto, trabalhava num gabinete de portas abertas.

A condessa, ao entrar, lançou em torno de si um olhar rápido, mas viu com surpresa que estava só, e que os espelhos não reflectiam outros rostos a não ser o seu e o do pálido e magro chanceler.

O criado anunciou a senhora condessa de Béarn.

O senhor de Maupeou levantou-se e encostou-se à chaminé que lhe ficava por detrás.

A condessa fez as três medidas do estilo.

O pequeno cumprimento que seguiu as medidas foi um pouco embaraçado. Não tinha esperado alcançar a honra... não julgava que um ministro tão ocupado tivesse ânimo de tirar às suas horas de descanso...

O senhor de Maupeou disse-lhe que o tempo era tão precioso que os súbditos de Sua Majestade como para os seus ministros, e que não obstante, ainda havia distinções a fazer a favor das pessoas que estão com pressa, e que portanto sempre dava o seu melhor resto de tempo àquelas que mereciam as suas atenções.

Novas medidas da senhora de Béarn, depois um silêncio e perturbação, porque era chegado o ponto de acabar com os cumprimentos e começar o seu negócio.

O senhor de Maupeou esperava.

- Senhor - disse a demandista - quis apresentar-me na presença de V. Ex.^a, a fim de lhe expor muito humildemente um negócio muito grave e do qual depende toda a minha fortuna.

O senhor de Maupeou fez um leve sinal com a cabeça, que queria dizer:

- Fale.

- Com efeito, senhor - disse ela - saberá que toda a minha fortuna, ou direi melhor, toda a fortuna do meu filho depende de uma demanda que tenho contra a família dos Salúcios.

O vice-chanceler continuou a prestar atenção.

- Mas, senhor, é-me tão conhecida a sua equidade que, apesar do conhecimento das relações de amizade que existem entre V. Ex.^a e os meus adversários, não hesitei um só momento em vir pedir a V. Ex.^a a mercê de me ouvir.

O senhor de Maupeou não pôde deixar de sorrir-se ao ouvir louvar a sua equidade; fazia-lhe isso lembrar o tempo em que também louvavam o Sr. Dubois a respeito das suas virtudes apostólicas.

- Minha senhora - disse ele - tem razão de observar que sou amigo dos Salúcios, mas tem também razão em acreditar que ao encarregar-me dos selos, como chanceler, pus de parte todas as amizades. Responder-lhe-ei portanto, minha senhora, fora de toda e qualquer preocupação particular, como é do dever do chefe soberano da justiça.

- Oh! meu senhor, Deus o abençoe! - exclamou a velha.

- Examino portanto a sua demanda como um simples jurisconsulto - prosseguiu o chanceler.

- E muito o agradeço a V. Ex.^a, que tão hábil é nestas matérias.

- Parece-me que a sua demanda está para ser julgada proximamente?

- Na semana próxima, senhor.

- Agora diga-me o que deseja.

- Que V. Ex.^a tome conhecimento dos documentos que juntei.

- Já examinei tudo.

- Então! - perguntou a velha toda trémula - qual é a sua opinião?

- A respeito do seu negócio?

- Sim.

- Parece-me que não pode haver a menor dúvida.

- Como, em se ganhar?

- Não, em se perder.

- V. Ex.^a diz que hei-de perder a minha causa?

- Indubitavelmente. Dou-lhe um conselho.

- Qual é? - perguntou a condessa com uma última esperança.

- É que, se depois de julgada e condenada a sua demanda, tem que fazer algum pagamento...

- Então?

- Trate de ter o seu dinheiro pronto.

- Mas, senhor, ficamos perdidos!

- Ah! senhora condessa, bem sabe que a justiça não pode entrar nessas considerações.

- Entretanto, senhor, ao lado da justiça está a piedade.

- É exactamente por essa razão, senhora condessa, que fizeram a justiça cega.

- Contudo, V. Ex.^a não me negará um conselho.

- Fale! em que género o quer?

- Não haverá meio algum de entrar numa combinação, num acordo para ter uma sentença mais suave?

- Não conhece nenhum dos seus juízes? - perguntou o vice-chanceler.

- Nenhum, senhor.

- Isso é mau! Os senhores Salúcios têm relações com mais de três quartas partes do parlamento!

A condessa estremeceu.

- Note bem - continuou o vice-chanceler - que isto afinal nada faz ao caso, porque um juiz não se deixa levar por influências particulares.

Isto era tão verdade como a equidade do chanceler e as famosas virtudes apostólicas de Dubois.

A condessa esteve a ponto de perder os sentidos.

- Mas enfim - prosseguiu o chanceler - estabelecida a integridade, o juiz pensa mais no seu amigo do que num indiferente; é muito justo quando é justo, e como há-de ser justo que perca a sua demanda, poderá acontecer que queiram tornar as conseqüências o mais desagradáveis possível para si.

- Mas o que V. Ex.^a me faz a honra de dizer-me é aterrador!

- Quanto a mim, senhora condessa - prosseguiu o senhor de Maupeou - bem deve pensar que me hei-de abster de tudo; não tenho recomendações que fazer aos juízes, e como não sou eu mesmo quem julgo, posso falar.

- Ah! senhor, eu já desconfiava de uma coisa.

O vice-chanceler olhou sorratamente para a velha demandista.

- É que os senhores Salúcios habitando Paris estão ligados com todos os meus juízes, e portanto os senhores Salúcios têm muita influência.

- Em primeiro lugar a justiça e o direito estão do lado deles.

- Quanto é cruel, senhor, ouvir semelhantes palavras sair da boca de um homem tão recto como V. Ex.^a.

- Digo-lhe que isto tudo é verdade, e contudo dou-lhe a minha palavra que desejava ser-lhe útil.

A condessa estremeceu; parecia-lhe ver alguma coisa obscura, senão nas palavras, pelo menos nas idéias do vice-chanceler, e que se essa obscuridade se dissipasse, veria talvez alguma coisa de favorável.

- Demais - prosseguiu o senhor de Maupeou - o seu nome, que é um dos melhores nomes da França, é já para mim uma recomendação muito eficaz.

- Que contudo não me há-de impedir de perder a minha demanda, senhor.

- Ah! que lhe hei-de eu fazer?

- Oh! senhor - disse a condessa abanando a cabeça - como os negócios se fazem!

- Parece dizer, minha senhora, que no nosso tempo andavam os negócios melhor.

- Sim, senhor, pelo menos assim me parece, e lembra-me com saudades o tempo em que, simples advogado de el-rei no parlamento, pronunciava esses belos discursos, que eu, jovem mulher naquela época, ia aplaudir com entusiasmo. Que fogo! que eloquência! que virtude! Ah! senhor chanceler, naquele tempo não havia intriga nem favor, naquele tempo teria eu ganho o meu processo.

- Havia naquele tempo a senhora de Phalaris que tentava reinar no momento em que o regente fechava os olhos, e a Souris que se metia por toda a parte a fim de ver se achava alguma coisa para roer.

- Oh! senhor, a senhora de Phalaris era tão nobre, e a Souris era tão boa menina!

- Que não havia meio de lhe recusar coisa alguma.

- Ou que elas nada sabiam recusar.

- Ah! senhora condessa - disse o chanceler rindo com um modo que admirou cada vez mais a velha demandista, tanto parecia franco e natural - não me faça falar mal da minha administração por amor da minha mocidade.

- Mas V. Ex.^a não pode todavia impedir que eu chore a minha fortuna perdida, a minha casa arruinada.

- Eis o resultado da mudança dos tempos, condessa; sacrifique ao ídolo do dia, sacrifique.

- Ah! senhor, os ídolos nada querem com os que vêm adorá-los de mãos vazias.

- Como sabe isso?

- Eu?

- Sim; parece-me que ainda não experimentou?

- Oh! senhor, é tão bom, que me fala como uma pessoa de amizade.

- Ora! Somos da mesma idade, condessa.

- Tivesse eu vinte anos, e fosse V. Ex.^a um simples advogado, havia de advogar a minha causa e não haveria Salúcios no mundo que nos vencessem.

- Infelizmente, senhora condessa, já não temos vinte anos - disse o vice-chanceler soltando um suspiro; - é preciso implorar aqueles que os têm, já que a senhora mesma confessa que é essa a idade da influência... Como! Não conhece ninguém na corte?

- Alguns velhos retirados dos negócios públicos, que se envergonhariam da sua antiga conhecida porque está pobre. Olhe, senhor, tenho entrada no Paço, em Versalhes, poderia lá ir se quisesse; mas de que me serviria? Ah! apanhe eu as minhas duzentas mil libras, e verá como sou outra vez procurada. Faça esse milagre, senhor.

O chanceler fingiu não ouvir esta última frase.

- No seu lugar - disse ele - eu esqueceria os velhos, como os velhos a esquecem, e procuraria os moços que tratam de alcançar partidários. Tem conhecimento com as senhoras princesas?

- Naturalmente já se não lembram de mim.

- Também pouca influência têm. Conhece o delfim?

- Não.

- Também está muito ocupado com a sua arquiduquesa, prestes a chegar; não tem tempo para pensar noutras coisas; mas vejamos entre os favoritos.

- Nem já sei como se chamam.

- O senhor de Aiguillon?

- Um peralvilho contra o qual se dizem coisas indignas; que se escondeu num moinho enquanto os outros se batiam... Ora adeus!

- Ora! - disse o chanceler - nunca se deve acreditar senão metade do que se diz. Procuremos ainda.

- Procure, senhor, veja se lhe ocorre alguém.

- Mas por que não? Sim... Não... ora, sim...

- Fale, senhor, fale!

- Por que se não há-de dirigir pessoalmente à condessa?

- À senhora du Barry? - perguntou a velha abrindo o leque.

- Sim; no fundo é boa pessoa.

- Realmente?

- E principalmente muito serviçal.

- Sou de nobreza muito antiga para poder agradar-lhe, senhor.

- Pois julgo que está enganada, condessa; ela está procurando ligar relações com as boas famílias.

- Julga isso? - disse a velha condessa, abalada na sua oposição.

- Conhece-a?

- Oh! meu Deus! não.

- Ah! isso é mau! Essa tem bastante crédito, parece-me?

- Ah! sim, crédito tem ela, mas nunca a vi.

- Nem à sua irmã Chon?

- Não.

- Nem sua irmã Bischi?

- Não.

- Nem seu irmão João?

- Não.

- Nem o seu preto Zamora?

- Como, seu preto?

- Sim, o seu preto é um forte empenho.

- Esse monstrozinho, cujo retrato se vende no Pont-Neuf, e que parece um macaco vestido?

- Esse mesmo.

- Pois eu havia de conhecer um tal mono? - exclamou a condessa ofendida na sua dignidade; - e como havia eu de tê-lo conhecido?

- Ora, o que vejo, condessa, é que pouco lhe importa perder a demanda.

- Como?

- Pois despreza Zamora.

- Mas que pode Zamora fazer nisto tudo?

- O que pode? Pode fazer-lhe ganhar a sua demanda, nada mais.

- Ele! Esse pretinho, fazer-me ganhar a minha demanda! Então como?

- Basta que ele diga à sua ama que lhe agrada que a senhora seja a vencedora. Sabe o que são as influências... Ele faz o que quer da sua ama, e a sua ama faz do rei tudo quanto quer.

- Então é Zamora quem governa a França?
- Zamora é muito influente - disse o senhor de Maupeou abanando a cabeça - e antes queria estar de mal com... com a delfina, por exemplo, do que com ele.

- Jesus! - exclamou a condessa - se estas coisas me não fossem ditas por um homem tão sério como V. Ex.^a...

- Ah! meu Deus! não serei o único que lhe diga isto, é toda a gente. Pergunte aos duques e aos pares se esquecem, quando vão a Marly ou a Luciennes, os confeitos para a boca, ou as pérolas para as orelhas de Zamora? Eu que lhe falo, eu, que sou pouco mais ou menos chanceler de França, pois bem! quer saber o que estava fazendo quando chegou? estava-lhe passando o diploma de governador.

- De governador?

- Sim, o Sr. Zamora está nomeado governador do palácio de Luciennes.

- O mesmo título com que foi recompensado o Sr. Conde de Béarn depois de vinte anos de serviço?

- Exactamente, quando foi nomeado governador do palácio de Blois.

- Que degradação. Santo Deus! - exclamou a condessa; - então a monarquia está perdida?

- Pelo menos está muito doente, condessa; e de um doente que está para morrer, entende, arranca-se-lhe tudo quanto se lhe pode arrancar?

- Sim, sim; mas ainda para isso é preciso ter possibilidade de se aproximar do doente.

- Sabe o que lhe seria preciso para a salvo aproximar-se da senhora du Barry?

- O quê?

- Precisava ser admitida a levar este diploma ao seu preto...

- Eu!

- Era uma bela introdução!

- Julga isso, senhor? - disse a condessa em extremo consternada.

- Tenho essa certeza, mas...

- Mas... - repetiu a senhora de Béarn.

- Mas, veja bem, não conhece pessoa nenhuma da intimidade dela?

- E o senhor?

- Ora! eu...

- Sim.

- Eu, isso seria mais difícil.

- Vamos, decididamente - disse a pobre velha demandista despedaçada por todas estas alternativas - decididamente a fortuna não quer mais nada de mim. V. Ex.^a faz-me a honra de me receber como nunca fui recebida, quando nem sequer esperava vê-lo. Acontece, porém, faltar-me ainda alguma coisa: nem só estou disposta a fazer a corte à senhora du Barry, eu, uma Béarn! para chegar a ela, estou pronta a fazer-me portadora de diplomas para aquele horrível negro, a quem, se o encontrasse na rua, nem mesmo faria a honra de lhe dar um pontapé, e eis que nem junto desse pequeno monstro tenho meios de chegar...

O senhor de Maupeou começava novamente a passar a mão pela fronte e parecia pensar em alguma coisa, quando de repente o criado anunciou:

- O Sr. Visconde João du Barry!

A estas palavras, o chanceler bateu palmas em sinal de estupefacção, e a condessa deixou-se cair meio desfalecida sobre uma poltrona.

- Diga ainda que a fortuna a abandona, minha senhora! - bradou o chanceler. - Ah! condessa, condessa, o Céu, pelo contrário, combate por si.

Depois, voltando-se para o criado sem dar tempo à condessa para sair da sua estupefacção, disse:

- Mande entrar.

O criado retirou-se; porém voltou um instante depois precedendo o nosso conhecido João du Barry, que entrou, de perna tesa e com o braço ao peito.

Após as cortesias do estilo, e quando a condessa, trémula e indecisa, tentava erguer-se para se retirar, e como para obedecer à leve inclinação de cabeça que o chanceler lhe dirigia para dar a entender que estava terminada a audiência, o visconde fez nova cortesia e disse:

- Perdão, senhor, perdoe-me, minha senhora, rogo-lhe que... Se Sua Excelência quiser ouvir-me, tenho apenas duas palavras que lhe dizer.

A condessa de Béarn sentou-se novamente sem se fazer rogar; o seu coração nadava em alegria e palpitava de impaciência.

- Talvez que eu o incomode, senhor? - balbuciou a condessa.

- Nada! De modo nenhum! É só dar duas palavras a Sua Excelência; vou roubar-lhe dez minutos de trabalho precioso, o tempo necessário para fazer uma queixa.

- Uma queixa, diz o senhor? - perguntou o chanceler ao senhor du Barry.

- Fui assassinado! Sim, senhor, assassinado! Bem entende que não posso perdoar essas coisas. Vilipendiem-nos, façam-nos canções, caluniem-nos, paciência, a isso sobrevive-se; mas que não venham assassinar-nos, com os diabos!

- Explique-se, senhor - disse o chanceler fingindo-se assustado.

- Explico-me em duas palavras, mas não quero interromper a audiência desta senhora.

- A Sr^a. Condessa de Béarn - disse o chanceler apresentando a velha ao visconde du Barry.

Du Barry e a condessa recuaram com elegância para se cortejarem com tanta gravidade como na corte o teriam feito.

- Eu ficarei para depois, senhor visconde - disse ela.

- Senhora condessa, não me atrevo a cometer um crime de lesa-delicadeza.

- Fale primeiro, senhor, fale, para mim apenas se trata de dinheiro, para o senhor é um negócio de honra, pela ordem natural o seu negócio é de maior urgência.

- Minha senhora - disse o visconde - aproveitarei o seu delicado oferecimento.

E contou a sua história ao chanceler, que o ouviu com toda a gravidade.

- Carece testemunhas - disse o senhor de Maupeou depois de um momento de silêncio.

- Ah! - exclamou du Barry - nisso reconheço eu o juiz íntegro que só quer deixar-se influenciar pela verdade irrecusável. Não tem dúvida, eu arranjarei testemunhas...

- Senhor - disse a condessa - há já uma testemunha que está pronta.

- Qual é? - perguntaram ao mesmo tempo o visconde e o senhor de Maupeou.

- Eu! - disse a condessa.

- A senhora! - exclamou o chanceler.

- Queira dizer-me, senhor, essa questão não teve lugar em Chaussée?

- Sim, minha senhora.

- Na estação das mudas?

- Sim.

- Pois bem! Eu sou testemunha. Passei duas horas depois no lugar em que o atentado se praticou.

- Realmente, minha senhora? - perguntou o chanceler.

- Ah! minha senhora, enche-me de favores - disse o visconde.

- Por tal sinal - prosseguiu a condessa - que em toda a aldeia se não falava noutra coisa.

- Cuidado! - disse o visconde - cuidado! Se consente em servir-me neste negócio, os Choiseul acharão provavelmente algum meio de a fazer arrepender.

- Ah! - disse o chanceler - e tanto mais fácil lhe seria isso nesta ocasião, porquanto a senhora condessa tem actualmente uma demanda, cujo bom resultado me parece muito duvidoso.

- Senhor, senhor - bradou a velha levando as mãos à frente - caio de abismo em abismo.

- Apoie-se um pouco no senhor visconde, ele lhe prestará um braço sólido.

- Um só - disse du Barry - mas conheço alguém que tem dois bons braços e que lhos oferecerá de boa vontade.

- Ah! senhor visconde - bradou a velha - esse oferecimento é do coração?

- Sim, minha senhora, serviço por serviço, aceito os seus, aceite a senhora os meus. Está dito?

- Aceito, senhor, oh! e com grande prazer.

- Pois bem! Minha senhora, eu vou neste momento visitar minha irmã: digne-se acompanhar-me na minha carruagem...

- Sem um pretexto, sem a prevenir? Oh! senhor, nunca me atreverei...

- Tem um motivo, minha senhora - disse o chanceler entregando à condessa o diploma de Zamora.

- Senhor chanceler - exclamou a condessa - V. Ex.^a é o meu anjo da guarda, e o senhor visconde a flor da nobreza de França.

- Estou às suas ordens, repetiu o visconde mostrando o caminho à condessa, que saiu com a maior rapidez.

- Agradeço em nome de minha irmã - disse João em voz baixa ao senhor de Maupeou; - obrigado, meu primo. Mas não desempenhei bem o meu papel, hem?

- Perfeitamente - disse Maupeou - mas conte também como representei o meu. Em todo o caso, cuidado, a velha é esperta.

Neste momento voltava-se a condessa.

Os dois homens inclinaram-se fazendo uma profunda e cerimoniosa cortesia.

Em baixo achava-se uma carruagem magnífica, cujos criados vestiam librés da casa real. A condessa, inchada de orgulho, subiu para ela. João fez um sinal e a carruagem partiu.

Depois da saída de el-rei de casa da senhora du Barry, depois de uma recepção curta e aborrecida, como el-rei o havia anunciado aos cortesãos, a condessa tinha ficado só com sua irmã Chon e seu irmão, o qual não se havia mostrado logo, para que não fossem *constatar* o estado da sua ferida na realidade bem leve.

O resultado do conselho de família tinha sido que a condessa, em vez de partir para Luciennes, como o dissera a el-rei, tinha partido para Paris. A condessa possuía na Rua de Valois um pequeno palácio que lhe servia a ela e a toda a sua família, que sem descanso corria por montes e vales, quando os negócios ou os divertimentos reclamavam a sua presença em Paris.

A condessa instalou-se em sua casa, pegou num livro e esperou.

Durante esse tempo, o visconde dispôs as suas baterias.

Contudo a favorita não tivera ânimo de atravessar Paris sem de vez em quando pôr a cabeça fora do postigo. Um dos instintos das mulheres bonitas é mostrarem-se, porque conhecem que são boas para serem vistas. A condessa portanto mostrou-se de modo, que a notícia da sua chegada a Paris espalhou-se por tal forma, que das duas horas até às seis recebeu umas vinte visitas. Foi um favor da divina Providência, porque sem essas visitas teria a pobre condessa morrido de aborrecimento; mas graças a essa distração, passou o tempo em conversar e rir.

Eram sete horas e meia da tarde quando o visconde passou com a condessa de Béarn diante da igreja de Santo Eustáquio.

A conversa na carruagem foi sobre as hesitações da condessa em aproveitar-se de uma tal felicidade.

Da parte do visconde, era a afectação de uma certa dignidade de protector e admirações sem-número sobre o feliz acaso, que proporcionava à senhora de Béarn o conhecimento com a senhora du Barry.

Por sua parte, a senhora de Béarn não se cansava em dirigir elogios à civilidade e afabilidade do vice-chanceler.

Apesar dessas mentiras recíprocas, não deixava a carruagem de avançar, e chegaram a casa da condessa às oito horas menos alguns minutos.

- Permita, minha senhora - disse o visconde deixando a velha numa sala de espera - permita que vá prevenir a senhora du Barry da honra que a aguarda.

- Oh! senhor - disse a condessa - não consentirei que a incomode por minha causa.

João aproximou-se de Zamora, que estivera por dentro da janela a espreitar a chegada do visconde, e deu-lhe uma ordem em voz baixa.

- Oh! que engraçado pretinho - exclamou a condessa. - Pertence à senhora sua irmã?

- Sim, minha senhora - disse o visconde - é um dos favoritos.

- Dou-lhe os parabéns.

Quase no mesmo instante abriu-se de par em par a porta da sala de espera, e o criado introduziu a condessa de Béarn na grande sala, em que a senhora du Barry dava as suas audiências.

Enquanto a demandista examinava, suspirando, o luxo desse encantador aposento, João du Barry tinha-se dirigido para o gabinete de sua irmã.

- É ela? - perguntou a condessa.

- Em carne e osso.

- Não desconfia de coisa nenhuma?

- De coisa nenhuma.

- E o vice?

- Andou optimamente. Tudo conspira a nosso favor, minha amiga.

- Então não nos demoremos mais em conversas, para ela não desconfiar.

- Tens razão, porque me parece que é esperta como um grilo. Onde está Chon?

- Bem sabes que está em Versalhes.

- Cuidado em que não apareça.

- Recomendei-lho muito.

- Vamos, princesa, faça a sua entrada.

A senhora du Barry empurrou a porta do seu toucador e entrou.

Todas as cerimónias da etiqueta, próprias daquela época, foram escrupulosamente desempenhadas por estas duas actrizes, preocupadas ambas com o desejo de se agradarem reciprocamente.

A senhora du Barry foi a primeira que tomou a palavra.

- Já agradei a meu irmão, minha senhora - disse ela - por me haver proporcionado a honra da sua visita; resta-me agradecer-lhe a sua lembrança.

- E eu, minha senhora - redargüiu a demandista encantada - não sei as expressões que deverei empregar para lhe patentear toda a minha gratidão pelo delicado acolhimento que me faz.

- Minha senhora - disse por sua vez a condessa fazendo uma mesura respeitosa - cumprio o meu dever para com uma senhora da sua alta jerarquia, e desejaria ser-lhe útil para qualquer coisa.

E feitas as três medidas do estilo, de ambos os lados, a condessa du Barry ofereceu uma poltrona à senhora de Béarn, e puxou outra para si.

V

O DIPLOMA DE ZAMORA

- Minha senhora - disse a favorita à condessa queira falar, estou pronta a escutá-la.

- Permita, minha irmã - disse João que ficara de pé - permita que eu evite que a Sr.^a Condessa de Béarn tenha o carácter de uma solicitadora; a senhora condessa não pensava nisso por forma alguma. O senhor chanceler encarregou-a de uma missão junto de si, e nada mais.

A senhora de Béarn lançou um olhar agradecido sobre João e apresentou à condessa du Barry o diploma que erigia Luciennes em paço real, e conferia a Zamora o título de governador.

- De modo que sou eu sua obrigada, minha senhora - disse a condessa depois de lançar um golpe de vista sobre o diploma - e se eu tivesse a fortuna de achar também uma ocasião de lhe ser útil...

- Oh! minha senhora - exclamou a demandista com uma vivacidade que encantou os dois irmãos; - isso é coisa muito fácil.

- Como, minha senhora? Rogo-lhe que fale.

- Já que faz a honra de me dizer, minha senhora, que o meu nome lhe não é totalmente desconhecido...

- Ora, uma Béarn!

- Deve talvez ter ouvido falar numa demanda, que deixa vagos os bens da minha casa?

- Disputados pelos senhores de Salúcios, creio eu?

- Sim, minha senhora!

- Sim, sim, estou ao facto dessa questão - disse a condessa. - Uma noite destas, falava Sua Majestade nisto a meu primo o senhor de Maupeou.

- Sua Majestade! - exclamou a demandista - Pois Sua Majestade falou na minha demanda?

- Sim, minha senhora.

- E em que termos?

- Ah! Pobre condessa! - exclamou por sua vez a senhora du Barry abanando a cabeça.

- Ah! Demanda perdida, não é verdade? - disse a velha com uma expressão de angústia.

- Para falar a verdade, minha senhora, receio muito que sim.

- Sua Majestade disse-o?

- Sua Majestade, como é muito prudente e delicado, não emitiu a sua opinião, mas parecia olhar para esses bens como pertencentes já à família dos Salúcios.

- Oh! Santo Deus, minha senhora, se Sua Majestade estivesse ao facto do negócio, se soubesse que é por cessão depois de uma obrigação satisfeita... Sim, minha senhora, satisfeita, as duzentas mil libras foram restituídas. Não possuo os recibos, mas tenho as provas morais, e se eu pudesse advogar pessoalmente ante o parlamento, mostraria por dedução tudo quanto afirmo.

- Por dedução? - interrompeu a condessa que nem palavra percebia de tudo quanto a senhora de Béarn lhe dizia, mas que não obstante parecia prestar a mais séria atenção à sua questão.

- Sim, minha senhora, por dedução.

- A prova por dedução é admitida - disse João.

- Ah! julga isso, senhor visconde? - exclamou a velha.

- Julgo, sim - respondeu o visconde com suprema gravidade.

- Nesse caso, mostrarei por dedução que essa obrigação de duzentas mil libras, que com os juros acumulados forma hoje um capital de mais de um milhão, hei-de provar que essa obrigação, datada no ano de 1406, deve ter sido paga por Guy Castão IV, conde de Béarn, no seu leito de morte, em 1417, porque por seu próprio punho se acham escritas no seu testamento as seguintes palavras: “No meu leito de morte, *não devendo nada aos homens*; e pronto a comparecer perante Deus...”

- Então? - disse a condessa.

- Então! bem entende; se ele nada devia aos homens, é porque já tinha pago aos Salúcios. A não ser isso, teria dito: “Devendo duzentas mil libras”, em vez de dizer: “Não devendo nada”.

- Sim, incontestavelmente o haveria dito - interrompeu João.

- Mas não tem outras provas?

- Além da palavra de Castão IV, não, minha senhora; mas era este o que chamavam o *irrepreensível*.

- Mas a obrigação de dívida está em poder dos adversários?

- Está, é verdade - disse a velha - e é exactamente o que complica a demanda.

Deveria ter dito que era exactamente essa obrigação o que esclarecia a questão, mas a senhora de Béarn via as coisas do ponto de vista que lhe era mais favorável.

- Então, minha senhora, é sua convicção que os Salúcios estão pagos? - disse João.

- Sim, senhor visconde - respondeu imediatamente a senhora de Béarn - é essa a minha convicção.

- Mas - redarguiu a condessa para seu irmão, como se acabasse de perceber bem a fundo a questão - quer que lhe diga uma coisa, João, é que esta dedução, como diz a senhora de Béarn, muda terrivelmente o aspecto do negócio?

- Terrivelmente para os meus adversários – prosseguiu a condessa; - os termos do testamento de Castão IV são positivos: “*Não devendo nada mais aos homens*”.

- Nem só é claro, mas até mesmo é lógico – disse João. - Não devia nada mais aos homens, portanto tinha pago o que lhes devia.

- Portanto, tinha pago o que lhes devia - repetiu a senhora du Barry por sua vez.

- Ah! minha senhora - exclamou a velha condessa - permitisse Deus que fosse a senhora o meu juiz!

- Antigamente, num caso destes não se teria recorrido aos tribunais - disse o visconde João; - o juízo de Deus teria decidido a questão. Quanto a mim, estou por tal forma convencido da justiça da sua causa, que lhe juro, se um semelhante costume estivesse ainda em prática, oferecer-me-ia por campeão da senhora condessa.

- Oh! senhor!

- É como lhe digo; entretanto, não faria mais do que fez um dos meus antepassados, du Barry Moore, que teve a honra de unir-se por casamento com a família real de Stuart, quando combateu pela jovem e formosa Edite de Scarborough, obrigando o seu adversário a confessar publicamente que havia mentido com quantos dentes tinha na boca. Mas, infelizmente - prosseguiu o visconde soltando um suspiro de desprezo - já não vivemos nesses tempos gloriosos, e hoje, quando pessoas como nós querem discutir os seus direitos, têm que sujeitar-se a uma chusma de becas, que não percebem uma frase tão clara e explícita como esta: “*Não devendo nada mais aos homens*”.

- Ouça, meu caro irmão, há trezentos anos que essa frase foi escrita - disse a senhora du Barry - e é preciso ver se não há o que no Palácio da Justiça chamam a prescrição.

- Não importa, não importa - disse João - estou convencido que se Sua Majestade ouvisse a senhora condessa fazer a exposição do seu negócio, como acaba de a fazer agora perante nós...

- Oh! havia de o convencer, não é verdade, senhor? tenho essa certeza.

- E eu também.

- Sim, mas como poderei fazer-me ouvir?

- Seria preciso para isso que me fizesse a honra de vir um dia visitar-me a Luciennes, e como Sua Majestade me faz a honra de me ir lá ver muitas vezes...

- Sim, minha querida irmã, tudo isso é muito bom, mas depende do acaso.

- Visconde - disse a condessa com um sorriso encantador bem sabe que confio bastante no acaso, e que não tenho motivo para me queixar dele.

- Todavia o acaso pode fazer que durante oito, quinze ou mesmo vinte dias, a senhora de Béarn se não encontre com el-rei.

- É verdade.

- E entretanto a sua demanda deve julgar-se na segunda, ou terça-feira.

- Terça-feira, senhor.

- Estamos hoje em sexta-feira de tarde.

- Oh! Então, é preciso tirar daí o sentido - disse a senhora du Barry de um modo desesperado.

- O que devemos fazer? - disse o visconde parecendo meditar profundamente. - Diacho!

- E uma audiência em Versalhes? - disse timidamente a senhora de Béarn.

- Oh! não alcançará isso.

- Talvez com a sua protecção, minha senhora?

- Oh! a minha protecção de nada serviria; el-rei odeia tudo quanto é oficial, e neste momento tem um negócio que muito o preocupa.

- A respeito dos parlamentos? - perguntou a Sr^a. Condessa de Béarn.

- Não, a respeito da minha apresentação.

- Ah! - disse a velha demandista.

- Porque, naturalmente sabe, minha senhora, que, apesar da oposição do senhor de Choiseul, apesar das intrigas do senhor de Praslin e apesar dos esforços da senhora de Grammont, Sua Majestade El-Rei decidiu que eu havia de ser apresentada.

- Não, minha senhora - disse a velha demandista - eu não sabia.

- Oh! pois é coisa decidida - disse João.

- E quando há-de verificar-se essa apresentação, minha senhora?

- Proximamente.

- Eis o caso... el-rei quer que seja antes da chegada da senhora delfina para poder levar minha irmã às festas de Compiègne.

- Ah! Entendo. Então está para ser apresentada? – disse timidamente a condessa.

- Sim. A Sr^a. Baronesa de Alogny... conhece a baronesa de Alogny?

- Não, senhor. Ah! Já não conheço pessoa alguma; há vinte anos que me retirei do paço.

- Pois é a Sr^a. Baronesa de Alogny que lhe serve de madrinha. El-rei tem dispensado muitos favores a essa baronesa; seu marido foi feito camarista, o filho entra no corpo de guardas com promessas de entrar na primeira vagatura de tenente; o seu baronato é erecto em condado, os vales sobre o bolsinho de el-rei são-lhe permutados contra acções de crédito, e no dia da apresentação há-de receber vinte mil escudos em moeda sonante. Também ela está com uma pressa que isso se faça!

- Pudera não! - disse a condessa de Béarn sorrindo.

- Ah! mas agora me lembro!... - exclamou João.

- O que é? - perguntou a senhora du Barry.

- Que desgraça! - exclamou saltando sobre a sua poltrona - que desgraça não ter eu encontrado oito dias mais cedo a Sr^a. Condessa de Béarn em casa do nosso primo o vice-chanceler.

- Por quê?

- Porque nessa época não tínhamos ainda tratado coisa alguma com a baronesa de Alogny.

- Meu caro - disse a senhora du Barry - fala como uma esfinge, mas não o entendo.

- Não entende?

- Não.

- Aposto que a senhora condessa entende?

- Perdão, senhor visconde, mas também não percebo.

- Há oito dias não tinha ainda madrinha?

- Não há dúvida.

- Então, minha senhora... talvez eu tome liberdade demasiada?

- Não, senhor, fale.

- A senhora condessa ter-lhe-ia servido, e o que el-rei faz pela senhora baronesa, tê-lo-ia feito pela senhora condessa.

A demandista abriu muito os olhos.

- Ah! - disse ela.

- Ah! se soubesse - prosseguiu João - a boa vontade com que Sua Majestade lhe tem concedido todas estas mercês! Não foi necessário pedir-lhas, ele mesmo tem tido a lembrança de as oferecer. Assim que lhe disseram que a baronesa de Alogny se oferecia para madrinha de Joana, disse: “Ainda bem, estou farto de aturar todas essas desdenhosas que são mais soberbas que eu, pelo que parece... Condessa, apresentar-me-á à senhora baronesa, não é verdade? Tem ela alguma demanda, algum crédito sobre o Estado, alguma dívida à fazenda pública?...”

Os olhos da condessa dilatavam-se cada vez mais.

- “Há só uma coisa que me amofina um pouco” – acrescentou el-rei.

- Ah! Havia então alguma coisa que amofinava Sua Majestade?

- Sim, uma única. “É só uma coisa que me amofina, é que para apresentar a senhora du Barry teria querido um nome histórico”. E dizendo estas palavras, Sua Majestade olhava para o retrato de Carlos I, por Van Dyck.

- Sim, entendo - disse a velha demandista – Sua Majestade fez essa observação por causa daquela aliança dos du Barry Moore com os Stuarts, da qual há pouco me falou.

- Exactamente.

- O facto é - respondeu a senhora de Béarn num tom impossível de explicar - o facto é que nunca ouvi falar dessa família de Alogny.

- Entretanto - disse a condessa - é uma família distinta e nobre.

- Ah! Santo Deus! - exclamou repentinamente o visconde João erguendo-se um pouco da poltrona em que estava sentado.

- Então o que é isso - perguntou a senhora du Barry fazendo os maiores esforços para conter o riso na presença das contorções de seu irmão.

- O senhor picou-se talvez? - perguntou com cuidado a velha demandista.

- Não - disse João deixando-se novamente cair sobre a poltrona; - não! É uma idéia que eu tive.

- Que idéia? - perguntou a condessa rindo; - quase que o ia deitando ao chão!

- Deve ser muito boa! - disse a senhora de Béarn.

- Excelente!

- Diga-a.

- Só tem um inconveniente.

- Qual é?

- É que se não pode executar.

- Diga sempre.

- Mas receio com isso que fique alguém com pena.

- Não importa, fale, visconde, fale.

- Lembrava-me que se participasse à senhora de Alogny essa observação que fazia el-rei olhando para o retrato de Carlos I...

- Oh! Visconde, isso seria muito incivil.

- É verdade.

- Então não pensemos mais nisso.

A velha suspirou.

- É pena - prosseguiu o visconde, como falando consigo mesmo - os negócios caminhavam sós. A senhora condessa, que tem um nome distinto e que é mulher de espírito, oferecia-se para o lugar da baronesa de Alogny. Ganhava a sua demanda, o senhor de Béarn filho era nomeado para um alto lugar, e como a senhora condessa tem feito grandes despesas nas diferentes jornadas em que tem andado por causa da demanda, dar-se-lhe-ia uma indemnização. Ah! uma fortuna assim não se oferece duas vezes na vida de uma pessoa!

- Não - exclamou a Sr^a. Condessa de Béarn, atordoada com esse golpe inesperado.

O facto é que na posição da pobre demandista, todos teriam exclamado como ela, e como ela teriam todos ficado abatidos sobre a poltrona.

- Olhe, meu irmão - disse a condessa com um acento de profunda comiseração - afligi a senhora condessa com as suas palavras. Não era bastante já o haver-lhe eu dito que nada podia pedir a el-rei antes da minha apresentação?

- Oh! Se eu pudesse fazer adiar o julgamento da minha demanda!

- Só a adiariam por oito dias - disse a senhora du Barry.

- Sim, por oito dias - disse a senhora de Béarn; - dentro de oito dias há-de verificar-se a sua apresentação.

- Sim, mas el-rei estará em Compïencha daqui a oito dias, el-rei estará no centro das festas e divertimentos, terá chegado a delfina...

- É verdade, é verdade - disse João - mas...

- O quê?

- Espere; tive uma nova idéia.

- Qual é, senhor, qual é? - perguntou a velha.

- Parece-me, sim... não... sim, sim, sim!

A senhora de Béarn repetia com ansiedade os monossílabos de João.

- Disse sim, senhor visconde? - perguntou ela.

- Parece-me que achei um meio.

- Fale.
- Ouça!
- Estamos ouvindo.
- A sua apresentação, por ora, é ainda um segredo, não é verdade?
- Decerto, só a senhora...
- Oh! Descanse! - exclamou a demandista.
- Portanto ainda é segredo a sua apresentação, e ignora-se que encontrou uma madrinha.
- Sem dúvida; el-rei quer que a notícia se espalhe com estrondo, quando tudo estiver

feito.

- Então tenho o que quero, desta vez.
- Com certeza, senhor visconde? - perguntou a senhora de Béarn.
- Temos tudo - repetiu João.

A velha condessa prestava toda a sua atenção. João chegou a poltrona em que estava sentado para junto dela e de sua irmã.

- A Sr^a. Condessa de Béarn portanto ignora, como todos, que está para ser apresentada, e que achou uma madrinha.

- Decerto, e ainda o ignoraria se não mo houvesse dito.

- É preciso fingir portanto que não esteve connosco, que ignora tudo, e que vai pedir uma audiência a el-rei.

- Mas a senhora condessa é de parecer que ma negará?

- Pede uma audiência a el-rei, oferecendo-se para ser madrinha da condessa, percebe? Deve ignorar se ela tem ou não tem madrinha. Pede portanto uma audiência a el-rei e oferece-se ao mesmo tempo para madrinha de minha irmã. Da parte de uma mulher da sua jerarquia, esse oferecimento sensibiliza el-rei. Sua Majestade recebe-a, agradece-lhe e pergunta o que pode fazer para lhe ser útil. Fala então na sua demanda e mostra as suas deduções. Sua Majestade ouve o que a senhora lhe diz, recomenda o negócio, e ganha essa demanda que julga perdida.

A senhora du Barry fitava na condessa um olhar ardente; esta havia provavelmente adivinhado o laço.

- Oh! Eu, mesquinha criatura - disse ela com vivacidade como quer que Sua Majestade...

- Basta! Parece-me pelo menos ter mostrado boa vontade - disse João.

- Se unicamente se trata de boa vontade... - disse a condessa hesitando.

- A idéia não é má - atalhou a senhora du Barry sorrindo; - mas talvez que mesmo para ganhar a sua demanda repugne à senhora condessa empregar tais embustes?

- Tais embustes! - redargüiu João; - ora adeus! E quem há-de ter conhecimento desses pretendidos embustes?

- A senhora condessa tem razão - disse a velha esperando sair-se bem deste negócio empregando um desvio - eu preferiria prestar-lhe um serviço mais verdadeiro para assim conciliar a sua amizade com mais firmeza.

- Isso seria muita bondade da sua parte - disse a senhora du Barry com um leve tom de ironia, que a senhora de Béarn percebeu perfeitamente.

- Pois bem! - disse o visconde João - ainda tenho um meio.

- Um meio?

- Sim.

- De tornar mais verdadeiro e real esse serviço?

- Ora, visconde, pelo que vejo dá em poeta. Cuidado! O senhor de Beaumarchais não tem decerto uma imaginação mais fértil.

A velha esperava com ansiedade a exposição desse meio anunciado por João.

- Ponhamos de parte a zombaria - disse João. - Vamos a saber uma coisa, minha irmã, tem muita intimidade com a senhora de Alogny, não é verdade?

- Decerto!... bem o sabe.

- Seria ela capaz de se formalizar se a não aceitasse por madrinha?

- Pode ser.

- Está sabido que não lhe deverá ir dizer à queima-roupa que el-rei observou que não era nobre bastante para uma semelhante missão, mas como a mana é mulher de espírito, dir-lhe-á outra qualquer coisa.

- E depois? - perguntou a senhora du Barry.

- Depois, ela cederia à Sr^a. Condessa de Béarn essa ocasião de fazer fortuna e de lhe prestar um serviço.

A velha estremeceu. O ataque desta vez era directo. Não havia possibilidade de dar uma resposta evasiva.

Contudo ela achou uma.

- Eu não quereria por forma alguma fazer uma acção desagradável a essa senhora; entre gente de bem é preciso guardar certas conveniências.

A senhora du Barry fez um movimento de despeito, que tratou logo de disfarçar por causa dos sinais que lhe fazia seu irmão.

- Deve notar, minha senhora, - disse ele - que lhe não proponho coisa alguma. Tem uma demanda, isso acontece a todos; deseja vencê-la, também é natural. Parece estar perdida, e isso desespera-a; apresento-me no meio do seu desespero muito comovido de simpatia por si; interesse-me nesse negócio que me deve ser indiferente; procuro um meio para o tornar a seu favor quando está já quase todo contra. Fiz talvez mal, mas não falemos mais nisso.

E João levantou-se.

- Oh! senhor - exclamou a velha com um aperto de coração que lhe mostrou os du Barry, até àquele momento indiferentes, ligados todos contra a sua demanda; - oh! senhor, pelo contrário, reconheço e admiro a sua bondade!

- Quanto a mim - disse João com uma bem fingida indiferença - tanto me importa que a minha irmã seja apresentada pela senhora de Alogny, como pela senhora de Polastron ou pela senhora de Béarn; deve certamente conhecer isso.

- Sem dúvida, senhor.

- Só, isso confesso-o, o que me tornava furioso era se os favores de el-rei fossem recair em algum mau coração que, seduzido por um sórdido interesse, teria capitulado, na presença do nosso poder, conhecendo a impossibilidade de o derribar.

- Oh! Provavelmente é o que havia de acontecer - disse a senhora du Barry.

- Enquanto que - prosseguiu João - a senhora de Béarn, que não fomos procurar, que apenas conhecemos, e que enfim de tão boa vontade se oferece, parece-me digna por todos os modos de aproveitar as vantagens da posição.

A demandista ia talvez reclamar contra essa boa vontade com que o visconde a honrava, mas a senhora du Barry não lhe deu tempo para isso.

- O facto é - disse ela - que um semelhante procedimento encantaria Sua Majestade, que nada recusaria a essa pessoa.

- Como! El-rei nada recusaria, diz a senhora?

- Digo mais, digo que adivinharia os desejos dessa pessoa, isto é, com os seus próprios ouvidos o ouvirá dizer ao vice-chanceler: “Quero que a senhora de Béarn seja obsequiada, ouviu, senhor de Maupeou?”. Mas, pelo que vejo, acaba a senhora condessa de descobrir nisto alguma dificuldade. Pois bem. Só o que espero - acrescentou o visconde inclinando-se - é que a senhora condessa há-de confessar que fez tudo quanto estava ao meu alcance para lhe mostrar a minha boa vontade.

- Estou-lhe realmente muito obrigada, senhor! - exclamou a velha.

- Oh! mas sem haver de quê - disse o visconde.

- Mas... - atalhou a condessa.

- Minha senhora?

- Mas, a senhora de Alogny não há-de querer ceder os seus direitos - disse a velha.

- Então voltaremos ao que primeiramente se disse, a senhora condessa oferece-se e el-rei saberá agradecer esse favor.

- Mas supondo que a senhora de Alogny cedesse – disse a condessa velha que queria examinar bem o fundo do negócio - não é justo que essa senhora perca agora as vantagens...

- A bondade de el-rei para comigo é infinita, minha senhora - disse a favorita.

- Oh! - exclamou o visconde - que raio que vai cair sobre a cabeça desses Salúcios que tanto odeio!

- E se eu oferecesse à senhora condessa prestar-lhe os meus serviços - disse a velha decidindo-se cada vez mais levada pelo seu interesse e pela comédia que com ela representavam - não consideraria a minha demanda como vencida; porque enfim, dificilmente se vencerá amanhã uma demanda que hoje todos julgam perdida.

- Ah! Se todavia el-rei quisesse... - respondeu o visconde apressando-se em combater esta nova hesitação.

- Pois também eu sou do parecer da Sr^a. Condessa de Béarn - disse a favorita.

- Como? - disse o visconde abrindo muito os olhos.

- Digo que seria honroso para uma senhora com um nome tão distinto deixar seguir a demanda. Ninguém pode pôr obstáculos à vontade de el-rei, nem fazê-lo parar na sua real munificência. E se el-rei não quisesse, principalmente na posição em que se acha com os seus parlamentos, se el-rei não quisesse mudar o curso da justiça, e oferecesse à senhora condessa uma indemnização?

- Honrosa - apressou-se em acrescentar o visconde. - Oh! Sim, minha irmã, sou da sua opinião.

- Ah! - disse tristemente a demandista - como me poderá indemnizar de uma demanda que me leva duzentas mil libras?

- Em primeiro lugar - disse a senhora du Barry - por uma doação real de cem mil libras, por exemplo?

Os dois associados olhavam avidamente para a sua vítima.

- Tenho um filho - disse ela.

- Melhor, é mais um servidor para o Estado, um novo defensor de el-rei.

- Fariam alguma coisa por meu filho, minha senhora, julga isso?

- Respondo eu por isso, minha senhora - disse João - e o que de menos lhe poderá dar, será o lugar de tenente das guardas.

- Tem mais parentes? - perguntou a favorita.

- Um sobrinho.

- Pois bem! há-de inventar-se alguma coisa para seu sobrinho.

- E encarregá-lo-íamos disso, visconde, já que tão bem tem provado ter boa cabeça para inventar – disse a favorita rindo.

- Vejamos, se Sua Majestade fizesse todas estas coisas a seu favor, minha senhora - disse o visconde que, seguindo o preceito de Horácio, procurava já um desfecho - acharia el-rei arrazoado?

- Achá-lo-ia generoso além de toda a expressão, e agradeceria tudo à senhora condessa, bem convencida que seria a ela que eu deveria tanta generosidade.

- Portanto, minha senhora - perguntou a favorita - digna-se tomar a sério a nossa conversa?

- Sim, minha senhora, muito a sério - disse a velha, empalidecendo pela obrigação que acabava de contrair.

- E dá licença que fale de si a Sua Majestade?

- Faça essa honra - respondeu a demandista soltando um suspiro.

- Minha senhora, isso há-de verificar-se, e há-de ser hoje mesmo, esta noite - continuou a favorita levantando-se da cadeira. - E agora, minha senhora, parece-me ter conquistado a sua amizade.

- A da senhora é para mim tão preciosa – prosseguiu a velha - que realmente me parece estar sob o império de um sonho.

- Vejamos, recapitulemos - disse João, que queria dar ao espírito da condessa toda a fixidade de que necessitava para levar a cabo as coisas materiais. - Vejamos, temos em primeiro lugar cem mil libras como indemnização de custas de demandas, jornadas, gratificação de advogados, etc., etc.

- Sim, senhor.

- Um lugar de tenente das guardas para o jovem conde.

- Oh! Seria um magnífico princípio de carreira.

- E alguma coisa para um sobrinho, não é verdade?

- Alguma coisa.

- Há-de inventar-se alguma coisa, eu já o disse; incumba-me de tudo.

- E quando tornarei a ter a honra de a ver, senhora condessa? - perguntou a velha demandista.

- Amanhã pela manhã; a minha carruagem há-de estar à sua porta, minha senhora, para a levar a Luciennes, onde encontrará el-rei. Amanhã às dez horas terei cumprido a minha promessa; Sua Majestade há-de ser avisado e a senhora não terá que esperar.

- Permita que eu a acompanhe - disse João, oferecendo o braço à condessa.

- Não consinto, senhor - disse a velha - não se incomode.

João insistiu.

- Até ao alto da escada, pelo menos.

- Já que absolutamente o quer assim...

E aceitou o braço que o visconde lhe oferecia.

- Zamora! - chamou a condessa.

Zamora apareceu.

- Alumiem a senhora condessa até ao fim da escada, e façam chegar a carruagem de meu irmão.

Zamora saiu como um raio.

- Realmente, é muita honra, minha senhora - disse a velha.

E as duas mulheres fizeram reciprocamente uma última mesura.

Chegados ao alto da escada, o visconde João largou o braço da senhora de Béarn, e voltou para sua irmã, enquanto a demandista descia majestosamente os degraus.

Zamora ia adiante; atrás de Zamora seguiam dois, lacaios levando luzes, depois a senhora de Béarn, a quem um terceiro laiaio levava a cauda, que era curtinha.

Os dois irmãos olhavam pela janela para seguir com a vista até à carruagem essa preciosa madrinha, com tanto cuidado procurada e achada com tanta dificuldade.

No momento em que a senhora de Béarn chegava ao fim da escada, entrava no pátio uma carruagem de posta, da qual se apeou uma jovem senhora.

- Ah! minha ama Chon! - exclamou Zamora abrindo desmarcadamente os grossos beiços - boa tarde, ama Chon!

A senhora de Béarn ficou como espantada; acabava de reconhecer na recém-chegada a pessoa que a havia ido visitar ao campo, a falsa filha do Sr. Flageot.

Du Barry havia precipitadamente aberto a janela, e dela fazia sinais aterradores a sua irmã, que os não via.

- Gilberto está cá? - perguntou Chon aos lacaios sem ver a condessa.

- Não, minha senhora - respondeu um deles - ninguém o viu.

Foi então que erguendo os olhos percebeu os sinais de João.

Seguiu a direcção da mão, dessa mão incessantemente estendida para o lado da senhora de Béarn.

Chon reconheceu-a, soltou um grito, carregou a touca sobre os olhos e sumiu-se no vestíbulo.

A demandista, sem parecer nada ter percebido, entrou para a carruagem e deu a direcção ao cocheiro.

EL-REI ENFASTIA-SE

El-Rei, que segundo o dissera, tinha partido para Marly, deu as suas ordens, pelas três horas da tarde, a fim de o conduzirem a Luciennes.

Devia supor que a senhora du Barry, ao receber o seu bilhete, se apressaria em sair também de Versalhes para ir esperá-lo na encantadora habitação que ela acabava de mandar construir, e que el-rei já por duas ou três vezes havia visitado, sem contudo passar lá noite alguma, debaixo do pretexto, que ele sempre dava, que Luciennes não era um paço real.

Não foi pequena a sua surpresa quando, ao chegar, achou Zamora bem pouco soberbo e bem pouco governador, divertindo-se em arrancar as penas do periquito que diligenciava mordê-lo. Os dois favoritos estavam em rivalidade, como o senhor de Choiseul com a senhora du Barry.

El-rei instalou-se na pequena sala e despediu as pessoas do seu séquito.

Apesar de ser um dos homens mais curiosos do seu reino, não costumava fazer perguntas aos lacaios; mas Zamora nem mesmo era um laiaio, ocupava um lugar qualquer entre o sagüi e o periquito.

El-rei portanto dirigiu perguntas a Zamora.

- A senhora condessa está no jardim?

- Não, meu amo - disse Zamora.

A palavra amo substituíra o título de Majestade, do qual a senhora du Barry, por uma das suas fantasias, sempre despojava el-rei quando estava em Luciennes.

- Então foi ver as carpas?

Havia-se feito, com grande dispêndio, um belo lago na montanha, alimentado pelas águas do aqueduto, e para ele tinham sido transportadas as melhores carpas de Versalhes.

- Não, meu amo - respondeu outra vez Zamora.

- Então onde está ela?

- Em Paris, amo.

- Como, está em Paris!... A condessa não veio a Luciennes?...

- Não, meu amo; a senhora condessa mandou para cá Zamora.

- Para quê?

- Para esperar pela chegada de el-rei.

- Ah! ah! - disse Luís XV - cometeram-te o cuidado de me vires receber. É coisa encantadora a companhia de Zamora! Obrigado, condessa, muito obrigado.

E el-rei ergueu-se um pouco despeitado.

- Oh! Não - disse o preto - el-rei não terá a companhia de Zamora.

- Por quê?

- Porque Zamora vai partir.

- E aonde vais?

- Para Paris.

- Então vou ficar só. Cada vez lhe acho mais graça. Mas o que vais tu fazer a Paris?

- Vou ter com minha ama Barry e dizer-lhe que el-rei está em Luciennes.

- Ah! ah! a condessa encarregou-te de lhe ires dizer isso?

- Sim, amo.

- E não disse o que eu havia de fazer enquanto espero a sua chegada?

- Disse que havia de dormir.

- Também - pensou el-rei - é porque não há-de tardar e quer fazer-me alguma surpresa.

Depois acrescentou em voz alta:

- Parte depressa, e volta com a condessa... Mas é verdade, como vais a Paris?

- Vou no grande cavalo branco, com a gualdrapa vermelha.

- E quanto tempo gasta o grande cavalo branco para ir daqui a Paris?

- Não sei - disse o preto - mas vai depressa, muito depressa; que Zamora gosta de ir depressa.

- Ainda assim é uma fortuna que Zamora goste de ir depressa.

E foi para a janela a fim de ver partir Zamora.

Um lacaios alto pegou nele, colocou-o sobre o cavalo, e com essa feliz ignorância do perigo que pertence particularmente às crianças, partiu o preto agarrado ao gigantesco cavalo, que se pôs a galope.

El-rei, que ficara só, perguntou ao lacaios se havia alguma coisa de novo que ver em Luciennes.

- Há - respondeu o criado - o Sr. Boucher, que está pintando o grande gabinete da senhora condessa.

- Ah! Boucher. Esse bom Boucher está cá? - disse el-rei com uma espécie de satisfação. - E onde está ele?

- No pavilhão, no gabinete; Sua Majestade deseja que eu o conduza junto do Sr. Boucher?

- Não - disse el-rei - não; decididamente antes quero ir ver as carpas. Dá-me uma faca.

- Uma faca, senhor?

- Sim, e um pão grande.

O criado voltou, trazendo num prato de louça do Japão um grande pão redondo com uma faca espetada no centro.

El-rei fez sinal ao criado para o acompanhar, e satisfeito dirigiu-se para o lago.

Era uma tradição de família este costume de dar de comer às carpas. O grande rei não faltava a isso um único dia.

Luís XV sentou-se no banco de musgo de onde se gozava uma vista deliciosa.

Via-se primeiro que tudo o pequeno lago com as suas margens verdes; além a aldeia edificada entre duas colinas, uma das quais, a do oeste, erguia-se a prumo como a rocha musgosa de Virgílio, de modo que as casas cobertas de colmo que suporta, parecem brincos de crianças enfardados numa caixa cheia de feto.

Mais adiante as torres de Saint-Germain, a sua gigantesca escadaria e os imensos maciços de árvores do seu terraço; mais longe ainda o horizonte azul de Sannois e de Corneilles, e enfim, um céu avermelhado e majestoso fechando isto tudo numa redoma de cobre magnífica.

A atmosfera estava carregada, a folhagem das árvores sobressaía em escuro no verde claro dos prados; a água, lisa e imóvel como se fora uma imensa superfície de azeite, apenas se agitava de vez em quando, na ocasião em que algum peixe, de escama prateada, saía das profundidades do lago para vir à superfície agarrar a mosca dos tanques que corre sobre a água com as suas longas pernas.

Então, formavam-se sobre a água uns círculos infinitamente multiplicados que a adamasavam com mil e variados arabescos.

Viam-se também aparecer, de longe em longe, os enormes focinhos dos peixes silenciosos que, certos de não encontrarem nunca a rede nem o anzol, vinham, sossegadamente chupar os trevos que ali cresciam e contemplar com seus grandes olhos vidrosos os insectos dourados e as rãs verdes que saltavam entre os juncos.

Quando el-rei, como homem que sabe perder bem o seu tempo, havia admirado em todas as direcções a vista que se lhe oferecia, depois de haver contado as casas da aldeia e as aldeias de perspectiva, pegou no pão que estava no prato que fizera colocar no chão, a seu lado, e começou a cortá-lo em pedaços.

As carpas ouviram o ferro ranger sobre a côdea, e familiarizadas com esse ruído que para elas era o sinal do jantar, aproximaram-se tanto quanto lhes era possível para se mostrarem a Sua Majestade, a fim de que se dignasse conceder-lhes o pasto quotidiano. Fariam o mesmo com o primeiro lacaios que ali fosse para idêntico fim, mas el-rei persuadia-se de que todos aqueles obséquios eram só para ele.

Atirou um depois de outro os pedaços de pão que, mergulhando primeiro e vindo depois à superfície do lago, eram algum tempo disputados até que, desfeitos em migalhas pela água, eram engolidos num instante.

Era com efeito um espectáculo divertido, ver todas essas côdeas puxadas de um para outro lado pelos peixes, e agitando-se sobre a água até ao momento em que desapareciam para sempre.

No fim de meia hora, Sua Majestade, que tivera a paciência de cortar mais de cem pedaços de pão, recebia a satisfação de não ver mais nem um sobre a água.

Mas também depois el-rei enfasiou-se, e lembrou-se que o Sr. Boucher poderia proporcionar-lhe alguma distracção, certamente menos importante que a das carpas, mas no campo contentam-se todos com o que acham.

Luís XV dirigiu-se portanto para o pavilhão. Boucher já estava prevenido. Pintando, ou antes fingindo que pintava, seguia el-rei com a vista; viu-o encaminhar-se para o pavilhão, e alegre com isso, compôs os bofes da camisa, puxou os punhos e trepou na escada, porque lhe haviam recomendado que fingisse ignorar que el-rei estava em Luciennes. Ouviu o sobrado estalar debaixo dos passos do amo, e começou a pintar um amor papudo, roubando uma rosa a uma pastora vestida de branco com um corpete de cetim azul, e com um chapéu de palha na cabeça. Tremeu-lhe a mão e palpitou-lhe o coração.

Luís XV parou no limiar da porta.

- Ah! Sr. Boucher - disse ele - como cheira a terebintina!

E passou para diante.

O infeliz Boucher, apesar de saber que el-rei era pouco apreciador das artes, esperava outro cumprimento e esteve a ponto de cair da cadeira abaixo.

Desceu e retirou-se com as lágrimas nos olhos, sem raspar a palheta e sem limpar os pincéis, o que nunca deixava de fazer.

Sua Majestade puxou pelo relógio; eram sete horas.

Luís XV voltou ao palácio, brincou com o macaco, fez falar o periquito, e tirou de cima das cómodas, umas depois das outras, todas as curiosidades que lá se achavam.

Entretanto anoiteceu.

Sua Majestade não gostava dos quartos escuros, por isso acendeu-se luz.

Mas também não gostava de estar só.

- Quero a minha carruagem posta, daqui a um quarto de hora - disse el-rei.

Depois, falando consigo mesmo em voz baixa, acrescentou:

- Dou-lhe ainda um quarto de hora, nem mais nem menos.

E Luís XV deitou-se sobre o sofá em frente da chaminé, incumbindo-se a tarefa de esperar a fim de que passassem os quinze minutos, ou novecentos segundos.

À quardringentésima oscilação do pêndulo, que representava um elefante azul com uma sultana cor-de-rosa em cima, já Sua Majestade dormia.

Como se pode facilmente julgar, o criado que vinha dar parte que a carruagem estava pronta, vendo el-rei a dormir, não se atreveu a acordá-lo. Resultou desta atenção pelo augusto sono que, acordando sem ninguém o chamar, viu el-rei em frente de si a senhora du Barry que não dormia, e que olhava para ele com os olhos muito abertos. Zamora, ao pé da porta, esperava qualquer ordem.

- Ah! está aí, condessa - disse el-rei ficando sentado, mas tomando a sua posição vertical.

- Sim, senhor, estou aqui já há bastante tempo - disse a condessa.

- Oh! muito tempo! Quer dizer...

- Ora! há mais de uma hora. Como Vossa Majestade dormia!

- Olhe, condessa, como não estava aqui, morria de aborrecimento; e daí tenho passado mal as noites. Sabe que estava já para me retirar?

- Bem sei, vi a carruagem posta, quando entrei.

El-rei olhou para o relógio.

- Oh! dez horas e meia - disse ele; - dormi perto de três horas!

- E diga agora que se não dorme bem em Luciennes, senhor.

- Sim, não se dorme mal! Mas que diabo vejo eu ali? - bradou el-rei vendo Zamora.

- Vê o governador de Luciennes, senhor...

- Ainda não, ainda não - disse el-rei rindo-se; - pois aquele maroto traz o uniforme antes de estar nomeado? Conta certamente com a minha palavra!

- Senhor, a sua palavra é sagrada e temos o direito de contar com ela; mas Zamora tem mais que a sua palavra, ou direi melhor, tem menos que a sua palavra, tem o diploma.

- Como?

- O vice-chanceler mandou-mo: aqui está. Agora a única formalidade que falta para a sua definitiva instalação é a de prestar juramento; receba-lho pois, senhor, para ele entrar nas suas funções.

- Aproxime-se, senhor governador - disse el-rei.

Zamora aproximou-se. Vinha vestido com um uniforme de gola bordada, trazia dragonas de capitão, calção de seda e espadim. Andava direito e compassadamente com um enorme chapéu armado debaixo do braço.

- Saberá ele jurar? - perguntou el-rei.

- Oh! Sabe decerto; experimente, senhor.

- Avance à ordem - disse el-rei olhando com curiosidade para esse negro boneco.

- Ajoelhe - disse a condessa.

- Preste o juramento - acrescentou Luís XV.

O pretinho pôs uma das mãos sobre o coração e a outra entre as mãos de el-rei e disse:

- Juro fidelidade e homenagem a meu amo e a minha ama; juro defender até à morte o palácio, cuja guarda me é confiada, e de comer até ao último covilhete de doce antes de me render, no caso de ser atacado.

El-rei riu-se tanto da fórmula do juramento como da seriedade com que Zamora o pronunciava.

- Em paga deste juramento - redarguiu el-rei tomando a gravidade conveniente - concedo-lhe, senhor governador, o direito soberano de barão e cutelo sobre todos os que habitam o ar, a terra, o fogo e água do palácio.

- Agradecido, meu amo - disse Zamora erguendo-se.

- E agora - prosseguiu el-rei - vai passear nas cozinhas com a tua linda farda e deixa-nos ficar quietos; vai.

Zamora saiu.

O preto saía por uma porta e Chon entrava por outra.

- Ah! és tu, Chon? Boa noite.

El-rei sentou-a sobre os joelhos e deu-lhe um beijo.

- Vamos, minha linda Chon - continuou ele - tu vais dizer-me a verdade.

- Ah! Senhor, bate a má porta - disse Chon. - Quer que lhe diga a verdade?... Parece-me que seria a primeira vez na minha vida que a dissesse. Se quer saber a verdade, pergunte-a a Joana, que não sabe mentir.

- É isso verdade, condessa?

- Senhor, Chon forma demasiado bom conceito de mim. O exemplo estragou-me, e desde esta noite principalmente estou decidida a mentir como uma verdadeira condessa, se não houver vantagem em dizer a verdade.

- Ah! - disse el-rei - parece-me que Chon quer ocultar-me alguma coisa?

- Não, senhor.

- Algum duquezinho, marquês ou visconde que se terá ido ver.

- Creio que não - redarguiu a condessa.

- Que diz Chon a isto?

- cremos que não, senhor.

- Há-de ser preciso que eu mande saber isso à polícia?

- A polícia do senhor de Sartines ou à minha?

- À do senhor de Sartines.

- Quanto pagará por isso?

- Se me disser coisas curiosas, não farei preço.

- Então dê preferência à minha polícia, e receba as informações que eu lhe der. Hei-de servi-lo... realmente.

- Vender-se-á a si mesma?

- Por que não, se a soma valer o segredo?

- Pois seja assim! Estou pronto para ouvir, mas nada de mentira!

- França, está-me insultando.

- Quero dizer, nada de rodeios.

- Pois então, senhor, apronte a soma, eis as informações.

- Está pronta - disse el-rei, fazendo tinir algumas moedas de ouro que trazia na algibeira.

- Em primeiro lugar direi, que a condessa du Barry foi vista em Paris pelas duas horas da tarde.

- Isso sei eu; e depois?

- Na Rua de Valois.

- Também sei.

- Pelas seis horas foi Zamora lá ter.

- É possível também; mas o que foi a senhora du Barry fazer à Rua de Valois?

- Estava em sua casa.

- Bem sei, mas por que estava ela em sua casa?

- Para esperar pela sua madrinha.

- Sua madrinha! - exclamou el-rei fazendo uma visagem que não pôde disfarçar; - então, vai baptizar-se?

- Sim, senhor, nas fontes de Versalhes.

- Acho que faz mal; o paganismo estava-lhe tão bem!

- Que se lhe há-de fazer, senhor! conhece o provérbio: “Deseja-se aquilo que se não possui.”

- De modo que querem ter uma madrinha?

- E já a temos, senhor.

El-rei estremeceu e encolheu os ombros.

- Gosto muito desse movimento, senhor; prova-me que Vossa Majestade sentiria muito que ficassem vencidas as Grammont, Guémenée, e todas essas delambidas da corte.

- Como?

- Certamente, liga-se com toda essa gente!

- Ligo-me?... Condessa, sabe uma coisa, é que o rei só se liga com reis.

- É verdade, mas todos os reis são amigos do senhor de Choiseul.

- Falemos da madrinha, condessa.

- Prefiro isso, senhor.

- Conseguiu então fabricar uma?

- Não, senhor, achei-a, pronta e muito bem feita, uma condessa de Béarn, família de príncipes que reinaram, nada menos. Essa não há-de desonrar, creio eu, a aliada dos aliados dos Stuarts.

- A condessa de Béarn? - perguntou el-rei admirado; - só conheço uma que vive para as bandas de Verdun.

- É essa mesma; fez a jornada de propósito.

- E dar-lhe-á a mão?

- As mãos ambas.

- E quando?

- Amanhã, às onze horas da manhã, terá a honra de ser recebida em audiência particular por mim; e ao mesmo tempo, se não é indiscreta a pergunta, pedirá a el-rei para fixar o dia, e há-de fixar um que seja o mais próximo possível, não é assim, Sr. França?

El-rei sorriu-se, com um riso forçado.
- Certamente, certamente - disse ele beijando a mão da condessa.
Mas de repente bradou:
- Amanhã às onze horas?
- Sim, à hora do almoço.
- É impossível, minha querida.
- Como, impossível?!
- Não almoço cá; volto ainda esta noite para o meu palácio.
- Que temos de novo? - disse a senhora du Barry sentindo gelar-se-lhe o coração. - Retira-se, senhor?
- É necessário, querida condessa, tenho uma entrevista com Sartines para um trabalho de importância.
- Como quiser, senhor, mas pelo menos há-de cear.
- Oh! isso é outro caso... sim, estou com fome; para cear ficarei.
- Manda pôr a ceia na mesa, Chon - disse a condessa a sua irmã fazendo-lhe ao mesmo tempo um sinal particular, e que certamente tinha relação com algum ajuste anterior.
Chon saiu.
El-rei viu o sinal num espelho, e ainda que o não pudesse entender, adivinhou que se lhe ia armar algum laço.
- Não, não - disse ele; - reflectindo melhor, lembrou-me que nem mesmo posso ficar para a ceia... Devo partir no mesmo instante. Tenho que ir para a assinatura, porque hoje é sábado.
- Pois bem! então vou dar ordem para que mandem chegar a carruagem.
- Sim, minha querida.
- Chon!
Chon apareceu.
- A carruagem de el-rei - disse a condessa.
- Bem - disse Chon sorrindo-se.
E saiu de novo.
Um instante depois ouvia-se Chon, que bradava na ante-sala:
- A carruagem de el-rei!

VII

EL-REI DIVERTE-SE

El-Rei, encantado com o seu golpe de autoridade, que castigava a condessa de o haver feito esperar, ao mesmo tempo que o livrava dos aborrecimentos da apresentação, encaminhou-se para a porta da sala.

Chon entrava.

- Então, viste os meus criados?

- Não, senhor, os criados de Vossa Majestade não estão nas antecâmaras.

El-rei encaminhou-se para a porta.

- Os meus criados! - bradou ele.

Ninguém respondeu: dir-se-ia que nem mesmo no palácio havia eco, pois tudo ficou silencioso.

- Quem diria - exclamou el-rei entrando novamente na sala - que sou neto daquele que disse: "Estiveram para me fazer esperar!"

Dirigiu-se para a janela e abriu-a.

Mas a esplanada estava deserta como as antecâmaras; nem cavalos, nem criados, nem guardas. A noite só se oferecia à alma e aos olhos em toda a sua serenidade e majestade, alumiada por um luar admirável, que mostrava, trémulos como as ondas do oceano, os cumes das árvores dos bosques de Chatou, que formavam milhões de raios luminosos nas águas do Sena, gigantesca

e preguiçosa Serpente, cujas dobras se podiam seguir com a vista desde Bougival até Maisons, isto é, quatro ou cinco léguas de extensão.

Depois, no meio disso tudo, algum rouxinol improvisava um desses cantos maravilhosos, como só no mês de Maio se ouvem, como se as suas notas alegres não pudessem achar uma natureza mais digna delas que os primeiros dias da Primavera que se sente fugir apenas é chegada.

Todas estas harmonias eram infelizmente perdidas para Luís XV, rei pouco pensador, pouco poeta, pouco artista, mas muito material.

- Vejamos, condessa, rogo-lhe que dê as suas ordens. Com os diabos! é preciso que esta brincadeira acabe!

- Senhor - respondeu a condessa com esse engraçado amuo de que sempre tirava tão bom resultado; - não sou eu que mando aqui.

- Em todo o caso também não sou eu - disse Luís XV - porque vê como me obedecem.

- Nem o senhor, nem eu.

- Quem é então? És tu, Chon?

- Eu! - respondeu Chon, que estava sentada do outro lado do quarto numa poltrona, fazendo simetria com a condessa - já me custa bastante obedecer, Deus me livre de querer mandar.

- Mas então quem é que manda aqui?

- É o senhor governador.

- O Sr. Zamora?

- Sim, senhor.

- É justo; toque a campainha.

A condessa, com um gesto encantador, estendeu a mão para o cordão de seda de uma campainha, que se fez ouvir.

Entrou um laçao, a quem naturalmente já haviam ensinado o que devia responder.

- O governador? - perguntou el-rei.

- O governador - respondeu respeitosamente o criado - está velando pelos preciosos dias de Vossa Majestade.

- Aonde está ele?

- Está rondando.

- Rondando! - repetiu el-rei.

- Com quatro oficiais - acrescentou o criado.

- Exactamente como o senhor de Malborough - disse a condessa.

El-rei não pôde reprimir um sorriso.

- Sim, é célebre - disse ele - mas isso não impede que me ponham e façam chegar a carruagem.

- Mas o senhor governador mandou fechar as cavalariças com receio que dessem refúgio a algum malfeitor.

- E os criados, onde estão?

- Nos quartos, senhor.

- Que fazem eles lá?

- Dormem.

- Como! dormem?

- Tiveram ordem para isso.

- Ordem de quem?

- Do governador.

- Mas as portas? - disse el-rei.

- Que portas, senhor?

- As portas do palácio.

- Estão fechadas.

- Muito bem, mas onde estão as chaves?

- Senhor, as chaves levou-as consigo o governador.

- Isto é que se chama um palácio bem guardado - disse el-rei. - Apre! Que boa ordem!
O criado saiu, vendo que el-rei não lhe dirigia mais perguntas.

A condessa, voluptuosamente estendida numa poltrona, divertia-se a morder uma linda rosa junto da qual a sua boca parecia de coral.

- Vamos, senhor - disse ela com esse doce sorriso que lhe era natural - compadeço-me de Vossa Majestade; dê-me o braço, e vamos procurar; Chon, faz favor de alumiar.

Chon foi adiante em ar de guarda avançada, e pronta a dar sinal dos perigos que por acaso se oferecessem.

Ao voltar do primeiro corredor, um cheiro, que teria desafiado o apetite do mais delicado guloso, começou a bafejar as ventas de el-rei.

- Ah! Ah! - disse ele parando - que cheiro é este, querida condessa?

- É da ceia; eu julgava que el-rei me fazia a honra de cear em Luciennes e portanto tinha tomado as minhas medidas para isso.

Luís XV aspirou duas ou três vezes o perfume gastronómico, reflectindo, de si para si, ao haver-lhe o seu estômago dado já sinal de existência, que mesmo fazendo muita bulha precisaria pelo menos de meia hora para acordar os criados, um quarto de hora para se lhe pôr a carruagem, dez minutos para ir a Marly, onde o não esperavam, e que só acharia ceia *para remediar*; aspirou novamente o cheiro sedutor, e conduzindo a condessa parou diante da porta da casa de jantar.

Dois talheres estavam postos numa mesa esplendidamente iluminada e sumptuosamente servida.

- Bravo! a condessa tem um belo cozinheiro! - disse Luís XV.

- Senhor, hoje era exactamente o seu ensaio, e o pobre diabo fez quanto pôde para merecer a aprovação de Vossa Majestade. Agora é capaz de se degolar, como esse infeliz Vatel.

- Realmente! julga isso? - disse Luís XV.

- Havia principalmente uma fritada de ovos de faisões, na qual ele contava...

- Uma fritada de ovos de faisões! Exactamente sou doido por uma fritada de ovos de faisões.

- Veja que infelicidade!

- Pois bem, condessa, não quero causar esse desgosto ao seu cozinheiro - disse el-rei sorrindo - e talvez que enquanto estivermos ceando volte o senhor governador da sua ronda.

- Ah! Senhor, é uma idéia triunfante - disse a condessa, não podendo ocultar a sua satisfação por ter vencido esse primeiro obstáculo. - Venha, senhor, venha.

- Mas quem nos há-de servir? - disse el-rei procurando em vão algum criado.

- Ah! Senhor - disse a condessa du Barry - o café não lhe sabe muito bem quando sou eu mesma que lho deito na chávena?

- E mesmo quando é feito por suas próprias mãos, condessa.

- Pois bem! então venha, senhor.

- Só dois talheres! - disse el-rei. - E Chon, já ceou?

- Senhor, não se atreveram sem ordem expressa de Vossa Majestade...

- Ora adeus! - disse el-rei pegando num prato e num talher de cima do aparador. - Vem, minha linda Chon, senta-te ali, em frente de nós.

- Oh! senhor... - disse Chon.

- Sim, sim, torna-te agora humilde e obediente, hipócrita! Sente-se aqui, condessa, junto de mim... a meu lado. Que encantador perfil que tem!

- É hoje que deu por tal, Sr. França?

- Que quer, condessa, tomei o costume de olhar para si de frente. Decididamente, o seu cozinheiro é o melhor dos cozinheiros!

- Então fiz bem em despedir o outro?

- Muito bem.

- Então, senhor, siga o meu exemplo, bem vê que sempre se ganha em mudar.

- Não a entendo.

- Despedi o meu Choiseul, mande também embora o seu.

- Não falemos de política, condessa; dê-me um copo desse vinho da Madeira.
El-rei aproximou o copo; a condessa pegou numa garrafa de gargalo estreito e serviu el-rei.

A pressão fez fugir o sangue dos dedos para as unhas do formoso escanção.

- Vaze muito devagar, condessa.

- Para não turvar o vinho, senhor?

- Não, é para me dar mais tempo de admirar a sua delicada mão.

-Ah! decididamente, senhor, está Vossa Majestade hoje disposto a fazer descobertas - disse a condessa rindo com muito gosto.

- Também diz a verdade! - redargüiu el-rei que a pouco e pouco voltava ao seu bom humor - e parece-me que estou a ponto de descobrir.

- Um mundo? - perguntou a condessa.

- Não! - disse el-rei; - um mundo é ambição demais, basta-me já ter um reino. Mas quereria uma ilha, um pequeno recanto sobre a terra, uma montanha encantadora, um palácio de que seria Armida uma formosa senhora que eu conheço, e as portas desse palácio seriam guardadas por monstros de todas as qualidades.

- Senhor - disse a condessa apresentando a el-rei uma garrafa de vinho de Champanha nevado, invenção inteiramente nova naquela época - aqui tem juntamente uma água vinda do rio Lete.

- Do rio Lete, querida condessa! Tem bem a certeza disso?

- Sim, senhor; foi o pobre João que a trouxe consigo do Inferno, onde esteve metido quase todo.

- Condessa - disse el-rei levantando o copo - bebo à sua feliz ressurreição, mas peço-lhe que não falemos em política.

- Então já não sei de que hei-de falar, senhor; e se Vossa Majestade quisesse contar-nos uma história, já que tanta habilidade tem para isso...

- Não, mas vou recitar-lhe uns versos.

- Versos?! - exclamou a senhora du Barry.

- Sim, versos... De que se admira?

- Vossa Majestade detesta-os.

- Pudera! sobre cem mil que se fabricam, há noventa mil contra mim.

- E os que Vossa Majestade vai recitar pertencem aos dez mil que lhe não podem fazer perdoar os outros noventa mil?

- Não, condessa, os que vou recitar, são-lhe expressamente dirigidos.

- A mim?

- A si.

- E por quem?

- Pelo senhor de Voltaire.

- Então encarregou ele a Vossa Majestade...

- Não, ele dirigia-os directamente a Vossa Alteza.

- Como? Sem uma carta?

- Pelo contrário, numa carta encantadora.

- Ah! entendo: Vossa Majestade esteve esta manhã com o director da posta.

- Exactamente.

- Leia, senhor, leia os versos do senhor de Voltaire.

Luís XV desdobrou um papelinho e leu:

ô deusa do prazer, das Graças três, rainha
de Paio, nesse templo, em penetrais só teus,
por que vens intentar com traça tão mesquinha
a perda dum herói, dum semideus
d'Ulisses, caro à Grécia,

d'Agamemnon sustento,
o mor sábio do reino
que por seu grão talento
os povos d'alta Pérgama
ao jugo fez curvar?

Subjuga ao teu império os imortais do Empíreo!
Governa os corações em teu doce reinar!
Do deus d'amores mãe, num mágico delírio
as rosas da volúpia, oh! faz desabrochar.

Mas um sorriso aos lábios
te surja, encantadora!
Pedimos nós, humildes
ao ver-te, sedutora,
em rogos, preces cálidas
um só, um teu olhar!
e torna mais pacífico
o irado deus do mar.

Ulisses, vencedor de Pérgamo orgulhosa,
de qual se vingas altiva a deusa cípria irada,
somente é receado agora em paz ditosa,
quando suspira e treme aos pés da sua amada.¹

- Decididamente, senhor - disse ela mais despeitada do que reconhecida pela poética missiva; - decididamente o senhor de Voltaire quer fazer as pazes consigo.

- Oh! Quanto a isso, é trabalho perdido – disse Luís XV; - é um tal enredador que faria muito mal se voltasse para Paris. Que vá ter com o seu amigo, o meu primo Frederico II. Já basta que tenhamos cá o Sr. Rousseau. Mas guarde estes versos, condessa, e medite sobre eles.

A condessa recebeu o papel, dobrou-o num rolo bem delgado, e pô-lo junto do seu prato. El-rei olhava para ela.

- Senhor - disse Chon - beba um pouco deste tocai.

- É das adegas de Sua Majestade o Imperador da Áustria - disse a condessa; - fie-se em mim, senhor.

- Oh! Das adegas do imperador... - respondeu el-rei; - só eu é que o tenho.

- Foi o seu despenseiro que mo mandou, senhor.

- Como! então seduziu-o?

- Não, ordenei-lho.

- Bem respondido, condessa. El-rei não tem juízo.

- Pois sim, mas o Sr. França...

- O Sr. França tem o bom-senso de amar de todo o seu coração.

- Ah! senhor, por que não é simples e verdadeiramente o Sr. França?

- Condessa, nada de política.

- El-rei quer café? - perguntou Chon.

- Certamente.

- E Sua Majestade quer queimá-lo como de costume? - perguntou a condessa.

- Se a castelã não se opuser.

A condessa levantou-se.

- Que faz?

- Vou servir-lho, senhor.

- Vamos - disse el-rei encostando-se na cadeira como um homem que ceou perfeitamente, pondo assim os seus humores em equilíbrio; - vamos, vejo que o que tenho de melhor a fazer, é deixar ir tudo como a condessa quiser ordenar.

¹A tradução da poesia é devida ao obséquio do Ex.^{mo} Sr. Jaime de Séguier.

A condessa trouxe sobre uma pequena salva de prata uma cafeteira contendo dentro o moca; depois pôs diante de el-rei um prato com uma chávena de prata dourada e uma pequena garrafa de cristal da Boémia; depois, junto disso tudo, pôs uma pequena torcida de papel.

El-rei, com a profunda atenção que geralmente dava a essa operação, calculou o seu açúcar, mediu o café, e vazou vagarosamente a aguardente para que o álcool ficasse ao de cima, pegou no pequeno rolo de papel, acendeu-o, e com ele comunicou o fogo ao seu café.

Depois atirou com o papel para a salva onde acabou de arder.

Cinco minutos depois, saboreava o café com toda a voluptuosidade de um gastrónomo consumado.

A condessa deixou-o fazer tudo, mas quando ele bebia a última gota:

- Ah! senhor - exclamou ela - deitou o fogo ao café com os versos do senhor de Voltaire, isso é um mau agouro para os Choiseul.

- Enganei-me - disse el-rei rindo-se - a condessa não é uma fada, é um demónio.

A condessa ergueu-se.

- Senhor - disse ela - quer Vossa Majestade ver se já voltou o governador?

- Ah! Zamora? Ora! para quê?

- Para voltar para Marly, senhor.

- É verdade - respondeu el-rei, fazendo um esforço para se tirar do *bem-estar* em que se achava. - Vamos ver, condessa, vamos ver.

A senhora du Barry fez um sinal a Chon, a qual desapareceu logo.

El-rei começou de novo a sua investigação, mas, força é dizê-lo, com um espírito bem diferente daquele que havia presidido ao princípio.

Os filósofos têm dito que o modo sombrio ou risonho pelo qual o homem encara as diversas coisas do mundo depende quase sempre do estado do seu estômago.

Ora, como os reis têm estômagos de homens, geralmente inferiores aos dos seus súbditos, é verdade, mas comunicando ao resto do corpo o seu mal ou bem-estar, tal e qual como a eles, el-rei parecia tão alegre e bem disposto como é permitido a um rei sê-lo.

Ao cabo de dez passos andados no corredor, um novo perfume veio deliciar o olfacto de el-rei.

Uma porta que dava para um lindo quarto forrado de cetim lavrado acabava de abrir-se, e deixava ver, alumada por uma luz misteriosa, a alcova para a qual, havia mais de duas horas, se dirigiam os passos da feiticeira.

- Então, senhor! - disse ela - parece que Zamora não voltou, que continuamos a estar fechados, e que, a não querermos sair do palácio pela janela...

- Com os lençóis da cama? - perguntou el-rei.

- Senhor - atalhou a condessa com um sorriso encantador - usemos mas não abusemos.

El-rei abriu os braços, rindo-se também, e a condessa deixou cair no chão a rosa, com que toda a noite estivera a brincar e que se desfolhou caindo sobre o tapete.

VIII

VOLTAIRE E ROUSSEAU

Como já dissemos, a câmara de dormir de Luciennes era uma maravilha de construção e adorno.

Situada ao oriente, era tão hermeticamente fechada pelos postigos dourados e pelas cortinas de cetim, que a luz do dia só lá entrava como um cortesão, depois de ter solicitado longo tempo essa honra.

De Verão uns ventiladores invisíveis conservavam-lhe um ar sempre fresco e puro, como o teria produzido um milheiro de leques em contínuo movimento.

Eram dez horas quando el-rei saiu da câmara azul.

Desta vez, a carruagem de el-rei estava posta e pronta no pátio desde as nove horas.

Zamora, de braços cruzados, dava ou fingia que dava ordens.

El-rei espreitou pela janela e viu todos esses preparativos de partida.

- Que quer isso dizer, condessa? - perguntou ele; - nós não almoçamos: dir-se-ia que me quer mandar embora em jejum.

- Deus me livre de tal, senhor - redargüiu a condessa; - mas eu pensava que Vossa Majestade tinha que estar em Marly para falar com o senhor de Sartines.

- Ora! - observou el-rei - parece-me que se poderia muito bem mandar dizer a Sartines para vir aqui ter comigo, e demais é tão perto.

- Vossa Majestade far-me-á a honra de acreditar que não foi o primeiro que teve semelhante idéia.

- E daí - disse el-rei - a manhã é bela de mais para trabalhar, portanto almocemos.

- Entretanto, senhor, tenho alguns papéis para lhe apresentar e que esperam a sua assinatura.

- Para a senhora de Béarn?

- Exactamente, e depois indicar-me o dia.

- Que dia?

- E a hora.

- Que hora?

- O dia e a hora para a minha apresentação.

- Enfim - disse el-rei - tem ganho bem a sua apresentação. Fixe a condessa mesma o dia.

- Senhor, desejo que seja o mais próximo possível.

- Está tudo pronto?

- Sim, senhor.

- Aprendeu já a fazer as três medidas?

- Pudera não! há um ano que me exercito nisso.

- Tem o vestido?

- Faz-se em vinte e quatro horas.

- E a madrinha?

- Daqui a uma hora há-de estar aqui.

- Pois bem, condessa, vamos fazer um contrato.

- Qual é?

- Não me tornar a falar da questão do visconde João com Filipe de Taverney.

- Então sacrificamos o pobre visconde?

- Sim.

- Pois bem, senhor, não falaremos mais nisso... Qual é então o dia?

- Depois de amanhã.

- A hora?

- Dez horas da noite, como de costume.

- Está dito, senhor?

- Está dito.

- Palavra real?

- À fé de gentil-homem.

- Toque, França.

E a senhora du Barry ofereceu a el-rei a mãozinha na qual Luís XV deixou cair a sua.

Nessa manhã Luciennes em peso ressentia-se da alegria do amo, que havia cedido num ponto, sobre o qual desde muito tempo estava resolvido a ceder, mas havia ganho noutro; portanto, tudo era benefício. Daria cem mil libras a João com a condição de as ir perder nos Pirenéus ou no Auvergne, e aos olhos dos Choiseul passaria isso por um exílio. Deu-se ouro para os pobres, as carpas tiveram bolos, e o Sr. Boucher recebeu cumprimentos sobre as suas pinturas.

Apesar de ter perfeitamente ceado na véspera, almoçou Sua Majestade com grande apetite.

Entretanto acabavam de soar onze horas. A condessa, enquanto servia el-rei, olhava para a pêndula que, para o seu desejo, andava muito devagar.

El-rei mesmo havia dito que se viesse a senhora de Béarn, a poderiam introduzir na casa de jantar.

O café serviu-se, provou-se e bebeu-se, mas nada de chegar a senhora de Béarn.

As onze horas e um quarto ouviu-se no pátio o trotar de um cavalo.

A senhora du Barry ergueu-se rapidamente e foi à janela.

Um correio de João du Barry apeava-se de um cavalo coberto de suor e de pó.

A condessa estremeceu; mas como lhe não convinha deixar aperceber os seus cuidados, a fim de manter el-rei nas boas disposições em que estava, foi sentar-se junto dele.

Um instante depois, entrava Chon trazendo na mão uma cartinha.

Não se podia recusar, era mister ler.

- O que é isso, Chon, alguma cartinha de amores? – perguntou el-rei.

- Sim, senhor.

- De quem?

- Do pobre visconde.

- Seriamente?

- Veja.

El-rei conheceu a letra, e como pensou que talvez nessa carta se falasse da aventura de Chaussée, disse, afastando a carta com a mão:

- Está bem, basta a tua palavra.

A condessa estava impaciente.

- A carta é para mim? - perguntou ela.

- Sim, condessa.

- El-rei dá licença?...

- À sua vontade, e entretanto Chon há-de aproximar-se de mim para me contar a fábula do corvo e da raposa.

E dizendo isto agarrou Chon entre os joelhos, e cantava com a voz mais desafinada do seu reino, como dizia João Jacques Rousseau:

Perdi o meu servidor,

Perdi a felicidade

E o valor...

A condessa retirou-se para o vão de uma janela e leu em voz baixa:

“Não esperes pela velha; ela afirma ter queimado um pé ontem à noite, e não sai do quarto. Agradece a Chon, a quem nós devemos isto, pela sua chegada ontem; a bruxa viu-a no pátio, conheceu-a e temos tudo transtornado.

Se aquele maroto de Gilberto, que é causa disto tudo, aparecesse, eu havia de lhe torcer o pescoço, e se o encontrar em alguma parte pode ter a certeza que lho hei-de fazer.

Resumindo tudo, digo-te: vem depressa a Paris, quando não ficamos como dantes. - *João.*”

- O que é? - perguntou el-rei que viu a súbita palidez da condessa.

- Nada, senhor, é apenas um boletim da saúde de meu irmão.

- E está melhor o nosso caro visconde?

- Muito melhor - disse a condessa. - Agradecida, senhor. Lá entra uma carruagem no pátio.

- Há-de ser talvez a nossa condessa?

- Não, senhor, é Sartines.

- Então! - disse el-rei vendo que a condessa se dirigia para a porta.

- Então, senhor, vou deixá-lo só com ele, são horas de me ir vestir.

- E a senhora de Béarn?

- Quando ela chegar, senhor, terei a honra de o mandar dizer a Vossa Majestade - disse a condessa rasgando o bilhete que tinha no bolso do seu penteador.

- Abandona-me, condessa?! - disse el-rei com um suspiro melancólico.

- Senhor, hoje é domingo; as assinaturas!... as assinaturas!...

E veio oferecer a el-rei as suas faces rosadas e frescas, sobre cada uma das quais ele depôs um beijo, e em seguida retirou-se.

- Os diabos levem as assinaturas - disse el-rei - e os que vêm buscá-las! Quem teria inventado os ministros, as pastas e os papéis de Estado?

Apenas el-rei acabava de proferir esta maldição, entrava o ministro, com a pasta e papéis de Estado pela porta oposta àquela que acabava de dar saída à condessa.

El-rei soltou um segundo suspiro ainda mais melancólico que o primeiro.

- Ah! senhor de Sartines - disse ele - como é exacto!

Estas palavras eram ditas com um tal acento, que se não podia saber se era uma censura ou um elogio.

O senhor de Sartines abriu a pasta e aprontava-se a tirar para fora alguns papéis.

Ouviu-se então o rodar de uma carruagem sobre a areia da avenida.

- Espere - disse el-rei.

E correu para a janela.

- Como! - disse ele - é a condessa que sai?

- Ela mesma, senhor - disse o ministro.

- Mas então não espera pela Sr^a. Condessa de Béarn?

- Senhor, estou tentado a crer que se cansou de esperar e que vai buscá-la.

- Entretanto, a tal senhora devia vir hoje mesmo, de manhã.

- Senhor, tenho quase a certeza de que não virá.

- Como, Sartines, sabe isso?

- Senhor, é preciso que eu saiba um pouco de tudo para Vossa Majestade estar contente comigo.

- O que aconteceu? diga, Sartines.

- À velha condessa, senhor?

- Sim.

- O que sempre acontece em todas as coisas, senhor; sobrevieram dificuldades.

- Mas afinal virá ela, essa condessa de Béarn?

- Ontem havia mais certeza do que hoje.

- Infeliz condessa! - disse el-rei, não podendo ocultar um raio de prazer que lhe brilhou nos olhos.

- Ah! senhor, a quádrupla aliança e o pacto de família eram bem pouca coisa comparadas com este negócio da apresentação.

- Infeliz condessa! - repetiu el-rei - nunca poderá conseguir os seus fins.

- Muito o receio, senhor; a não ser que Vossa Majestade se enfade.

- Ela julgava estar tão segura do seu negócio!

- O que para ela não há-de ser pior - disse o senhor de Sartines - é que se não for apresentada antes da chegada da senhora delfina, provavelmente nunca o há-de ser.

- É mais que provável; o senhor de Sartines tem razão. Dizem que a minha nora é muito austera e devota. Infeliz condessa!

- Certamente - atalhou o senhor de Sartines - a senhora du Barry há-de ter grande desgosto em não ser apresentada, mas também isso há-de evitar grandes penas a Vossa Majestade.

- Julga isso, Sartines?

- Certamente, há-de haver de menos os invejosos, os maldizentes, os cançonetistas, os lisonjeiros, as gazetas. Se a senhora du Barry fosse apresentada, senhor, isso havia de custar-nos cem mil francos de polícia extraordinária.

- Realmente! Infeliz condessa! E contudo ela tem isso muito a peito.

- Nesse caso, basta que Vossa Majestade o ordene e os desejos da senhora condessa hão-de cumprir-se.

- Que diz, Sartines? - exclamou el-rei. - Pois, em consciência, posso eu meter-me nestes negócios? Posso eu assinar uma ordem para que sejam amáveis com a senhora du Barry? E é o senhor de Sartines, um homem de espírito, que me aconselha semelhante golpe de Estado para satisfazer uma fantasia da condessa?

- Oh! Não, senhor, de forma alguma. Contentar-me-ei em dizer como Vossa Majestade: pobre condessa!

- Demais - disse el-rei - não é tão desesperada a sua posição. O senhor vê sempre tudo tão negro como o pano do seu fato! Quem nos diz que a senhora de Béarn não mudará de tenção? Quem nos assegura que a senhora delfina há-de chegar tão cedo que possa causar estorvo? Temos ainda quatro dias antes que ela chegue a Compienha, e em quatro dias faz-se muita coisa. Vamos a saber, hoje temos algum trabalho, Sartines?

- Oh! Senhor, apenas três assinaturas.

E o chefe da polícia tirou um papel dos que vinham na pasta.

- Oh! Oh! - disse el-rei - uma ordem de prisão.

- Sim, senhor.

- E contra quem?

- Vossa Majestade pode ver.

- Contra o Sr. Rousseau? Quem é este Rousseau, Sartines, e que fez ele?

- Fez o *Contrato Social*, senhor.

- Ah! Ah! É contra João Jacques? Quer metê-lo na Bastilha?

- Senhor, ele provoca desordens.

- Pois que diabo há-de ele fazer?

- E demais, não o quero meter na Bastilha.

- Então de que serve a ordem?

- Senhor, é para ter a arma pronta.

- Isso não quer dizer que eu estime muito todos os seus filósofos - disse el-rei.

- E Vossa Majestade tem razão para não os estimar - respondeu Sartines.

- Mas isso faria falar; e demais, eu julgava que a sua presença em Paris tinha sido autorizada.

- Tolerada, senhor, mas com a condição de não aparecer.

- E ele aparece?

- A toda a hora.

- Com o seu traje arménio?

- Oh! Não, senhor, mandámos-lhe insinuar que não aparecesse assim.

- E ele obedeceu?

- Sim, mas dizendo que era uma perseguição insuportável.

- E como se veste ele agora?

- Como toda a gente, senhor.

- Então não é grande a provocação.

- Como, senhor! Um homem a quem dizem que não apareça, adivinha aonde ele vai todos os dias?

- A casa da marechala de Luxemburgo, a casa do senhor de Alembert, a casa da senhora de Epinay?

- Ao café da Regência, senhor! Joga lá todas as noites as damas, por teima, porque sempre perde; é preciso muitas vezes mandar vir alguns soldados para vigiarem os ajuntamentos que se formam em torno do café.

- Ora adeus! - exclamou el-rei - os parisienses são ainda mais tolos do que eu pensava. Deixe-os divertir nisso, Sartines; enquanto fizerem isso não hão-de queixar-se da miséria que existe.

- Sim, senhor; mas se qualquer dia se lhe meter na cabeça fazer discursos como fazia em Londres?

- Oh! Então, como seria um delito e delito público, não precisaria de ordem de prisão para isso, Sartines.

O chefe da polícia via que a arresação de Rousseau era uma medida que El-Rei queria pôr à força fora da responsabilidade real, portanto não insistiu.

- Agora, senhor - disse o senhor de Sartines - trata-se de outro filósofo.

- Ainda? - respondeu el-rei com enfado; - pelo que vejo é um nunca acabar?

- Ah! senhor, eles é que nos não deixam sossegados.

- E de qual se trata?

- Do senhor de Voltaire.

- Voltou também para França, esse?

- Não, senhor, e melhor fora que ele estivesse em França, porque ao menos poderíamos vigiá-lo.

- Que fez ele?

- Não foi ele que fez, são os seus partidários: trata-se nada menos que levantar-lhe uma estátua.

- Equêstre?

- Não, senhor, e contudo é um forte revolucionário, asseguro-lho eu.

Luís XV encolheu os ombros.

- Senhor, ainda não vi outro igual depois de Poliorceto - prosseguiu o senhor de Sartines; - tem correspondências por toda a parte; os primeiros do reino de Vossa Majestade fazem-se contrabandistas para introduzirem os seus livros. Mandeí o outro dia apreender oito caixas cheias deles, duas das quais eram dirigidas ao senhor de Choiseul.

- É muito divertido.

- Entretanto, senhor, note que fazem por ele o que se pratica para com os reis, dedicam-lhe estátuas.

- Ninguém dedica estátuas aos reis, Sartines, eles é que as votam a si mesmos. E quem está encarregado dessa bela obra?

- O escultor Pigale. Partiu para Ferney a fim de executar o modelo. E entretanto chovem as subscrições. Há já seis mil escudos, e note, senhor, que só os homens de letras podem subscrever. Todos vêm trazer a competente oferta; é uma procissão. O Sr. Rousseau mesmo foi levar os seus dois luíses.

- Então! que lhe hei-de eu fazer? - disse Luís XV; - como não sou homem de letras, estou isento disso.

- Senhor, eu contava ter a honra de propor a Vossa Majestade acabar com essa demonstração.

- Não faça tal, Sartines; em vez de lhe levantarem uma estátua de bronze, haviam de mandá-la fazer de ouro. Deixe-os fazer a sua vontade. Ainda há-de ficar mais feio de bronze, que de carne e osso.

- Então deseja Vossa Majestade que se não interrompa a marcha deste negócio?

- Desejo... Expliquemos isto bem, Sartines; *desejo*, não é o termo próprio. Eu bem quereria evitar todas estas coisas, mas é impossível. Passou o tempo em que a realza podia dizer ao espírito filosófico, como Deus ao Oceano: "Não passarás daqui". Bradar sem resultado, ferir sem alcançar, seria mostrar fraqueza. Voltemos o rosto, Sartines, e façamos vista grossa.

O senhor de Sartines suspirou.

- Senhor - disse ele - se não castigamos os homens, devemos, pelo menos, destruir-lhes as obras. Eis aqui uma lista de obras que devem ser acusadas quanto antes, porque umas atacam o trono e outras o altar; umas são uma rebelião, outras um sacrilégio!

Luís XV pegou na lista, e leu vagarosamente:

“O contágio sagrado, ou História natural da superstição; Sistema da natureza, ou Leis do mundo físico e moral; Deus e os homens, discurso sobre os milagres de Jesus Cristo; Instruções do religioso de Ragusa ao irmão Perduiclosa, ao partir para a Terra Santa.”

El-rei não tinha lido a quarta parte da lista, e contudo deixou-a cair das mãos: o seu rosto, geralmente sereno, apresentava uma singular expressão de tristeza e desanimação. Ficou alguns instantes imóvel, pensativo, distraído.

- Seria mais fácil levantar o mundo, Sartines – murmurou ele. - Deixo isso para outros mais hábeis e experientes do que eu.

Sartines contemplava-o com essa inteligência que Luís XV tanto gostava de ver nos seus ministros.

- Sossego, não é verdade, senhor, sossego é o que el-rei quer? - disse o chefe da polícia.

- É verdade; nada mais lhes peço, aos seus enciclopédicos, iluminados, poetas, economistas, foliculários que vêm, ninguém sabe de onde, que rosnam, escrevem, grasnam, caluniam, calculam, pregam, gritam. Ponham-lhes coroas, fundem-lhes estátuas, edifiquem-lhes templos; mas pelo amor de Deus, deixem-me em sossego.

Sartines levantou-se, cortejou el-rei e saiu murmurando:

- Felizmente está escrito nas nossas moedas: *Domine, salvum fac regem*.

Então Luís XV que ficara só, pegou numa pena e escreveu ao delfim:

“Pedi-me para apressar a chegada da senhora delfina; estou pronto para fazer-lhe este favor.

Dou ordem para que se não demorem em Noyon; portanto, na quinta-feira de manhã há-de ela estar em Compienha.

Eu também lá estarei às dez horas em ponto, isto é, um quarto de hora antes da sua chegada.”

- Deste modo - disse ele - fico livre da história da apresentação que me dá mais cuidado que o senhor de Voltaire, o Sr. Rousseau e todos os filósofos passados e futuros. Isso então há-de ser questão entre a condessa, o delfim e a delfina. Pois viva Deus! Fiquem os cuidados, os ódios e as vinganças a cargo da gente moça, que tem força para lutar. As crianças precisam aprender a padecer, isso fortifica a mocidade.

Encantado por haver assim vencido a dificuldade, certo de que ninguém poderia atribuir-lhe o ter favorecido ou evitado a apresentação de que se falava em toda a cidade de Paris, el-rei meteu-se na sua carruagem e partiu para Marly, onde a corte o esperava.

IX

MADRINHA E AFILHADA

A infeliz condessa... Conservemos-lhe o epíteto que el-rei lhe havia dado, porque realmente merecia-o bem, principalmente naquele momento; a infeliz condessa, dizemos nós, corria como uma alma danada pela estrada de Paris.

Chon, aterrada pelo penúltimo parágrafo da carta de João, ocultava num gabinete de Luciennes a sua dor e o seu cuidado, maldizendo a idéia fatal que tivera de recolher Gilberto quando o achou no meio da estrada.

Quando tinha chegado à ponte de Antin, que estava sobre o regato que ia acabar no rio e cercava Paris do Sena a Roquette, achou a condessa uma carruagem que a esperava.

Nessa carruagem estava o visconde João na companhia de um procurador com quem parecia argumentar de um modo enérgico.

Apenas viu a condessa, João deixou o procurador, apeou-se e fez sinal ao cocheiro da carruagem de sua irmã para que parasse.

- Depressa, condessa - disse ele - depressa, entra para a minha carruagem e corre à Rua de Saint-Germain-des-Prés.

- Então, a velha caçou connosco? - disse a senhora du Barry mudando de carruagem, enquanto o procurador, avisado por um sinal do visconde, fazia outro tanto.

- Assim o creio, condessa - disse João - assim o creio; paga-nos na mesma moeda que empregámos com ela.

- Mas o que se passou?

- Eis o caso em duas palavras: Eu tinha ficado em Paris, porque sou muito desconfiado e não me engano muitas vezes, como agora vês. As nove horas da noite fui passear em torno da hospedaria do *Galo Cantante*. Nada notei de novo; nem visitas, nem pessoas misteriosas, enfim, ia tudo às mil maravilhas. Pareceu-me, portanto, que podia voltar para casa e dormir sossegado, o que passei logo a executar. Esta manhã, de madrugada, acordo, fui acordar Patrício e dei-lhe ordem para se ir colocar de sentinela num recanto da rua. Às nove horas, nota bem isto, uma hora mais cedo que havia prometido, cheguei na carruagem, mas Patrício nada tinha visto que pudesse causar desconfiança, e subi a escada bem livre de cuidado. Ao entrar a porta, deteve-me uma criada, dizendo-me que a senhora condessa não podia sair de casa todo o dia, nem talvez mesmo antes de oito dias. Confesso que esperava um contratempo qualquer, mas não este.

“- Como não sairá! - bradei eu; - o que tem ela, então?

- Está doente.

- Doente? É impossível! Ontem estava ela de perfeita saúde.

- Sim, senhor, mas a senhora condessa tem o costume de fazer ela mesma o seu chocolate, e esta manhã, fazendo-o ferver, entornou-o sobre um pé e queimou-se. Ouvindo os gritos da senhora condessa, acudi, estava quase desmaiada. Levei-a para a cama, e, neste momento, julgo que está dormindo.

Eu estava tão pálido como as rendas que trazes ao pescoço, minha irmã, e exclamei:

- Isso é mentira!

- Meu caro senhor du Barry - bradou uma voz tão aguda, que parecia penetrar o vigamento da casa - não, não é mentira, padeço horivelmente.

Corri para o lado de onde vinha essa voz, passei por uma porta de vidraça que não queria abrir-se, e vi que a velha condessa estava realmente deitada.

- Ah! minha senhora... - disse eu.

Foram todas as palavras que pude proferir, e com prazer a teria esganado.

- Olhe - disse-me ela mostrando uma rele cafeteira que estava no chão - eis ali o que produziu todo o mal.

Saltei na cafeteira com os pés ambos, e posso jurar-te que não tornará a servir para fazer chocolate.

- Que infelicidade! - continuou a velha com a sua voz aguda - há-de ser a senhora de Alogny quem apresente a senhora sua irmã. Que se lhe há-de fazer, estava determinado que assim fosse! Como dizem os orientais.”

- Ah! Meu Deus! - exclamou a condessa - o mano faz-me desesperar.

- E todavia eu não desespero se te apresentares a ela, e eis aí o motivo por que te mandei chamar.

- E por que motivo não desesperas?

- Ora! porque podes o que eu não posso, porque és uma mulher, e lhe farás tirar diante de ti o apósito, e uma vez assim provada a impostura, podes dizer à senhora de Béarn que seu filho nunca há-de ser mais que um fidalgo pobre, que nunca ela há-de receber sequer um soldo da herança dos Salúcios, e porque enfim representarás as imprecações de Camila com muito mais verossimilhança do que eu representaria os furores de Orestes.

- Estás zombando, creio eu! - exclamou a condessa.

- Digo-te a pura verdade, acredita-me.

- Onde mora ela... a tua Sibila?

- Tu bem sabes, é no *Galo Cantante*, Rua de Saint-Germain-des-Prés, uma grande casa negra, com um enorme galo pintado numa chapa de zinco. Quando o vento sopra contra a chapa o galo canta.

- Vou ter uma cena horrorosa!
- Assim o creio, mas também creio que é mister correr-lhe o risco. Queres que te escolte?
- De modo nenhum, porque desse modo irias deitar tudo a perder.
- Eis o que me disse o nosso procurador, que consultei sobre isto. Ouve-me e fica-o sabendo, que é para o teu governo. Bater numa pessoa em sua casa, é pena de multa e cadeia, bater-lhe fora de casa...

- Isso nada é - disse a condessa a João; - já o sabes melhor que ninguém.

João sorriu-se.

- Ah! - disse ele - as dívidas quando se pagam tarde têm acréscimo de juro, e se eu algum dia encontro aquele maldito rapaz...

- Falemos só da minha madrinha, visconde.

- Nada mais tenho que dizer-te; vai!

E João pôs-se de lado para deixar passar a carruagem.

- Onde esperas por mim?

- Na hospedaria mesmo; aí beberei uma garrafa de vinho de Espanha, e se precisares de auxílio, eu acudirei.

- Para diante, cocheiro! - bradou a condessa.

- Rua Saint-Germain-des-Prés, ao *Galo Cantante* - acrescentou o visconde.

A carruagem partiu impetuosamente pelos Campos Elísios.

Um quarto de hora depois, parava perto da Rua Abbatiale e do mercado de Santa Margarida.

Ali apeou-se a senhora du Barry, porque receou que o rodar da carruagem prevenisse a velha astuta, que sem dúvida estaria à espreita, e poderia esconder-se de modo que evitasse a visita que lhe chegava.

Portanto, a condessa, seguida do laçao, dirigiu-se apressadamente para a Rua Abbatiale, que apenas continha três edifícios, sendo o da hospedaria o que ficava no centro.

Entrou rapidamente pelo pórtico que estava aberto.

Ninguém a viu entrar, mas no princípio da escada encontrou a estalajadeira.

- A senhora de Béarn? - perguntou ela.

- A senhora de Béarn está muito doente, e não pode receber pessoa alguma.

- Doente! Pois venho mesmo de propósito para saber como está - disse a condessa.

E, ligeira como uma ave, em menos de um segundo estava no topo da escada.

- Minha senhora, minha senhora - bradou a estalajadeira - querem arrombar a porta do seu quarto.

- Quem? - perguntou do fundo desse quarto a velha demandista.

- Eu - disse a condessa apresentando-se repentinamente no limiar da porta com uma fisionomia perfeitamente adequada para o caso, porque sorria por civilidade e fazia visagens de dó pela circunstância.

- A senhora condessa aqui! - exclamou a demandista, pálida de susto.

- Sim, querida senhora, e que vem testemunhar-lhe toda a parte que toma na desgraça que acaba de suceder-lhe, e que recebeu a notícia neste mesmo instante. Peço-lhe que me conte de que modo sucedeu isso.

- Minha senhora, não me atrevo a oferecer que se sente nesta indecente casa.

- Eu sei que tem um palácio na Touraine, e desculpo a hospedaria.

A condessa sentou-se. A senhora de Béarn conheceu portanto que ela se instalava.

- Parece padecer muito, minha senhora? - disse a condessa du Barry.

- Horivelmente.

- Na perna direita? Oh! Meu Deus! Mas como pôde queimar-se na perna direita?

- Nada mais simples: segurava a cafeteira, escorregou-me o cabo das mãos, entornou-se a água a ferver que continha e caiu toda sobre o pé.

- É horroroso!

A velha suspirou.

- Oh! Sim - disse ela - horroroso. Mas o que se lhe há-de fazer? As desgraças vêm sempre umas após outras.

- Sabe que el-rei esperava esta manhã por si?

- Aumenta com essa notícia a minha pena, minha senhora.

- E Sua Majestade não gostou, minha senhora, que faltasse à audiência.

- O meu padecimento deve desculpar-me, e depois pedirei humildemente perdão a Sua Majestade.

- Não digo isto para a afligir, minha senhora – disse a condessa du Barry, vendo quanto a velha estava triste; - queria só explicar-lhe quanto Sua Majestade estimava esse passo e de que modo lhe era grato.

- Vê a minha posição, minha senhora?

- Certamente; mas quer que lhe diga uma coisa?

- Diga; estimarei muito ouvi-la.

- É que, segundo toda a probabilidade, esse acidente que lhe sucedeu foi causado por alguma comoção forte que sentiu.

- Oh! Não digo o contrário - respondeu a demandista, fazendo uma mesura só com metade do corpo; fiquei muito comovida com a honra que me fez de me receber com tão bom modo em sua casa.

- Julgo que houve ainda outro motivo.

- Outro motivo? Não que eu o saiba, minha senhora.

- Oh! sabe! Um encontro...

- Como?

- Sim, ao sair de minha casa.

- Não encontrei pessoa alguma, minha senhora. Fui na carruagem do senhor seu mano.

- Antes de entrar para a carruagem.

A demandista pareceu pensar um pouco.

- Enquanto descia os últimos degraus da escada.

A demandista fingiu prestar ainda maior atenção.

- Sim - disse a senhora du Barry, com um sorriso que manifestava impaciência; - entrava alguém no pátio no momento em que saía de casa.

- Infelizmente, minha senhora, não me lembra.

- Uma mulher... Ah! Agora deve lembrar-se?

- Tenho a vista tão curta, minha senhora, que a dois passos de distância nada distingo. Portanto, julgo se eu poderia ver alguém.

“Vamos, esta é forte - disse consigo a condessa. Nada de espertezas, eu ficaria vencida.”

- Pois bem, já que não viu essa senhora – prosseguiu ela - vou dizer-lhe quem era.

- A tal senhora que entrou quando eu saía?

- Exactamente. É a minha cunhada, a senhora du Barry.

- Ah! Sim. Mas como eu ainda a não tinha visto...

- Viu-a já, sim.

- Vi-a?

- Sim, e até lhe falou.

- A essa senhora du Barry?

- Sim, a essa senhora du Barry, com a diferença, porém, que naquele dia chamava-se ela a Sr^a. Flageot.

- Ah! - exclamou a velha demandista, com um azedume que não pôde disfarçar - ah! Essa falsa Sr^a. Flageot, que foi procurar-me e que me obrigou a fazer uma jornada, era a senhora sua cunhada?

- Em pessoa, minha senhora.

- Que era mandada?...

- Por mim.

- Para me mistificar?

- Não, para a servir, e para que viesse servir-me.
A velha franziu as suas espessas sobrancelhas.

- Creio - disse ela - que essa visita não me há-de ser de grande proveito.

- Seria porventura mal recebida pelo senhor de Maupeou, minha senhora?

- Isso é *água benta* da corte.

- Parece-me que tive a honra de lhe oferecer alguma coisa mais sólida que *água benta*.

- Minha senhora, Deus dispõe quando o homem propõe.

- Vamos, minha senhora - disse a condessa - falemos sério.

- Ouço-a.

- Queimou o pé?

- Como vê.

- Gravemente?

- Horivelmente.

- Apesar dessa ferida, que é certamente dolorosa, mas que não pode ser perigosa, não poderia, fazendo um esforço, suportar a condução na carruagem até Luciennes, e ficar de pé um segundo que seja, no meu gabinete, diante de Sua Majestade?

- É impossível, minha senhora, só com a idéia de me levantar sinto-me desfalecer.

- Mas então a queimadura é terrível?

- Terrível, minha senhora.

- E quem a trata, quem lhe dá os remédios?

- Tenho, como todas as donas de casa, excelentes receitas para queimaduras; curo-me com um bálsamo composto por mim.

- Será possível, sem cometer uma indiscrição, ver esse específico?

- Naquele frasco, sobre a mesa.

“Hipócrita! - pensou a condessa - levou a dissimulação até este ponto; decididamente é muito forte, mas vejamos o fim.”

- Minha senhora - disse em voz alta a condessa - eu também tenho um óleo admirável para essas feridas; mas a aplicação depende muito do género da queimadura.

- Como?

- Há a inflamação simples, a empola e a chaga. Não sou médico, mas quem se não tem queimado alguma vez!

- Pois, minha senhora, em mim produziu chaga.

- Oh! Meu Deus! Como há-de sofrer. Quer que lhe aplique o meu óleo?

- De boa vontade, minha senhora. Trouxe-o consigo?

- Não, mas poderei mandá-lo.

- Mil vezes agradecida, minha senhora.

- Só o que preciso é ver o estado do seu mal.

- Oh! Não, minha senhora - disse a velha - não quero oferecer-lhe um semelhante espectáculo.

“Bom - pensou a senhora du Barry - agora a pilhei eu.”

- Oh! - prosseguiu ela - não receio isso, estou familiarizada com a vista das queimaduras.

- Oh! minha senhora, eu não queria tomar essa liberdade.

- Quando se trata de socorrer o nosso próximo, esquecemos todas as etiquetas, minha senhora.

E, de repente, dirigiu a mão para a perna que a condessa de Béarn tinha estendida sobre a poltrona.

A velha soltou um grito horrível, apesar de que a senhora du Barry apenas a tinha tocado.

- Oh! Perfeitamente! - murmurou a condessa du Barry, que estudava as crispações do rosto decomposto da senhora de Béarn.

- Sinto-me morrer - disse a velha. - Ah! Que susto me pregou, minha senhora!

E, com o rosto pálido, os olhos moribundos, deixou-se cair para trás como se estivesse para perder os sentidos.

- Permite, minha senhora? - continuou a favorita.

- Como quiser, minha senhora - disse a velha com uma voz sumida.

A senhora du Barry não perdeu tempo: tirou o primeiro alfinete dos panos que lhe envolviam a perna, depois desenrolou rapidamente a tira.

Com grande surpresa da senhora du Barry, a velha deixou-a fazer a sua vontade.

“Espera que eu chegue ao chumaço para então soltar altos gritos, mas, ainda que eu tivesse de a matar para isso, hei-de ver-lhe a perna” - murmurou a favorita.

E continuou na sua obra.

A senhora de Béarn gemia, mas não se opunha.

O chumaço desatou-se, e aos olhos da senhora du Barry ofereceu-se uma verdadeira chaga. Não era fingimento, e ali acabava a diplomacia da senhora de Béarn.

Lívida e sanguinolenta, a queimadura era uma prova eloqüente do que a demandista afirmara. Podia ser que a senhora de Béarn tivesse visto e reconhecido Chon; mas então elevava-se à altura de Pórcia e de Múcio Cévola.

A senhora du Barry calou-se e admirou.

A velha, tornada a si, gozava plenamente da sua vitória; o seu olhar semimorto não se levantava de sobre a condessa ajoelhada aos seus pés.

A senhora du Barry aplicou-lhe novamente o apósito com a estremada solicitude que é peculiar nas mulheres, cuja mão é tão leve para o tratamento das feridas, colocou-lhe novamente a perna sobre a poltrona e sentando-se junto dela, disse:

- Vamos, minha senhora, é ainda mais forte do que eu pensava, e peço-lhe perdão de não ter, logo ao princípio, atacado a questão como convinha a uma mulher do seu valor. Apresente-me as suas condições.

Os olhos da velha cintilaram, mas foi só um raio que logo se apagou.

- Diga claramente qual é o seu desejo, minha senhora - disse ela - e veremos se posso servi-la.

- Quero - disse a condessa du Barry - quero ser apresentada em Versalhes pela senhora, ainda que isso devesse custar-lhe uma hora dos horríveis padecimentos que esta manhã sofreu.

A senhora de Béarn ouviu sem pestanejar.

- E depois? - disse ela.

- Nada mais, minha senhora; agora responda.

- Eu quereria - disse a senhora de Béarn com uma firmeza que provava muito bem que tratavam com ela de potência em potência - eu quereria garantidas as duzentas mil libras da minha demanda.

- Mas, se ganha a demanda, vem a ser isso quatrocentas mil libras, parece-me.

- Não, porque as duzentas mil libras que me disputam os Salúcios, já as considero como minhas. As outras duzentas mil libras serão como uma boa fortuna para juntar à honra que tive de travar conhecimento consigo.

- Terá essas duzentas mil libras, minha senhora. E depois?

- Tenho um filho que amo com ternura, minha senhora. A espada sempre enobreceu a nossa casa; mas, nascidos para comandar, bem deve compreender que para soldados pouco servem os homens da nossa família. Preciso desde já que se forme uma companhia para meu filho, e que se lhe dê também uma nomeação de coronel para o ano próximo.

- Quem fará as despesas do regimento, minha senhora?

- El-rei. Bem vê que se eu gastar com esse regimento as duzentas mil libras do meu benefício, hei-de ser amanhã tão pobre como sou hoje.

- Se as contas não enganam, faz isto seiscentas mil libras.

- Quatrocentas mil, supondo que o regimento valha duzentas, o que é avaliá-lo em subido preço.

- Bem, será satisfeita nisso.

- Tenho ainda que pedir a el-rei a restituição da minha vinha de Touraine; são quatro boas jeiras que os engenheiros de el-rei me tiraram para o canal, há-de haver onze anos.

- Mas essas foram-lhe pagas.

- Sim, mas pagaram pela avaliação dos louvados, e eu estimo-as exactamente no dobro do que eles as estimaram.

- Bem! ser-lhe-ão pagas segunda vez. Nada mais?

- Perdão. Não estou muito abundante em dinheiro, como deve facilmente julgar. Devo ao Sr. Flageot pouco mais ou menos nove mil libras.

- Nove mil libras!

- Oh! Isto é indispensável. O Sr. Flageot é um homem de bom conselho.

- Sim, eu creio - disse a condessa. - Eu pagarei essas nove mil libras do meu próprio bolsinho. Parece-me que me achou fácil em aceitar as condições que me propôs?

- Oh! minha senhora, é muito condescendente; mas parece-me que também da minha parte lhe provei toda a minha boa vontade.

- Se soubesse quanto eu lamento que se tivesse queimado! - disse a senhora du Barry sorrindo.

- Eu não lamento isso, minha senhora - respondeu a demandista - porque, apesar deste acontecimento, a minha boa vontade, espero-o, há-de dar-me forças para lhe ser útil, como se não tivesse sucedido.

- Façamos um resumo - disse a senhora du Barry.

- Espere!

- Esqueceu alguma coisa?

- Uma explicação.

- Diga.

- Eu não podia esperar ter que aparecer na presença do seu rei. Há muito tempo que Versalhes e seus esplendores deixaram de ser familiares para mim, de modo que não tenho vestido.

- Eu tinha previsto esse caso, minha senhora; ontem, depois da sua partida, começou-se a fazer o seu vestido para o acto da apresentação, e tive o cuidado de o mandar fazer em casa de outra modista, porque a minha tinha muito que trabalhar para mim. Amanhã, ao meio-dia, há-de estar pronto.

- Não tenho brilhantes.

- Os Srs. Boëhmer e Bossange lhe darão amanhã, mediante um bilhetinho meu, um adereço no valor de duzentas mil libras, o qual lhe tornarão a comprar depois de amanhã pelas mesmas duzentas mil libras. E deste modo ficará paga a sua indemnização.

- Muito bem, minha senhora; nada mais tenho que desejar.

- Estou encantada disso.

- Mas a nomeação para meu filho?

- Sua Majestade lha dará pessoalmente.

- Mas a promessa das custas do regimento?

- Virá mencionada na nomeação.

- Perfeitamente. Só falta a questão das vinhas.

- Então, em quanto avalia essas quatro jeiras, minha senhora?

- Em seis mil libras cada uma. Eram umas terras excelentes.

- Vou assinar-lhe uma obrigação de doze mil que, juntas às doze mil que já recebeu, completam exactamente a soma das vinte e quatro mil.

- Aí tem papel e tinta, minha senhora - disse a condessa de Béarn mostrando com a mão os objectos que acabava de mencionar.

- Vou ter a honra de lhos dar - disse a senhora du Barry.

- A mim?

- Sim.

- Para quê?

- Para que se digne escrever a Sua Majestade a cartinha que vou ter a honra de lhe ditar. Gosto de tudo em regra.

- É justo - disse a senhora de Béarn.

- Digne-se escrever, minha senhora.

A velha puxou mais a mesa para si, aprontou o papel, pegou na pena e esperou.

A senhora du Barry ditou:

“Senhor, a felicidade que sinto ao saber que Vossa Majestade aceitou o oferecimento que fiz de ser a madrinha da minha muito querida amiga, a condessa du Barry...”

A velha mostrou um beijo muito estendido e fez espirrar a pena.

- Essa pena não é boa, condessa - disse a favorita - escreva com outra.

- Não é preciso, minha senhora, já vai escrevendo melhor.

- Julga isso?

- Sim, minha senhora.

A senhora du Barry prosseguiu:

“...anima-me a solicitar a Vossa Majestade para que me receba benignamente, quando amanhã me apresentar em Versalhes, como se digna permiti-lo. Ouso crer, senhor, que Vossa Majestade me pode honrar com uma boa recepção, pois que sou descendente de uma casa, em que cada varão tem vertido o seu sangue pelo serviço dos príncipes da vossa augusta raça.”

- Agora assine, se faz favor.

E a condessa assinou com este nome:

Anastácia Eufemia Rodolfa, Condessa de Béarn.

A velha escrevia com mão firme; os caracteres, de meia polegada de altura, deitavam-se sobre o papel, salpicando-o de uma aristocrática quantidade de erros de ortografia.

Assim que acabou de assinar, a velha, segurando com uma das mãos a carta que acabava de escrever, passou com a outra mão a tinta, o papel e a pena à senhora du Barry, que, com uma letra pequena e direita, subscreveu uma obrigação de vinte e uma mil libras, sendo doze mil para indemnização da perda das vinhas, e nove mil para pagar a dívida ao Sr. Flageot.

Depois escreveu um bilhetinho aos Srs. Boëhmer e Bossange, ourives da Coroa, pedindo-lhes que entregassem ao portador o adereço de brilhantes e esmeraldas chamado *Luísia*, o qual havia pertencido à princesa, tia do delfim, que o havia mandado vender para poder dar as suas esmolas.

Acabado isto, madrinha e afilhada trocaram os seus diplomas.

- Agora - disse a senhora du Barry - dê-me uma prova de boa amizade, querida condessa.

- De muito boa vontade, minha senhora.

- Tenho a certeza que, se consentir em se alojar em minha casa, Tronchin a curará em menos de três dias. Venha portanto, e ao mesmo tempo experimentará o óleo que possuo, que é ótimo.

- Entre sempre para a carruagem, minha senhora - disse a velha prudente; - tenho que tratar aqui de uns negócios antes de sair.

- Nega-me este favor?

- Pelo contrário, aceito-o, minha senhora; mas não imediatamente. Está a dar uma hora; conceda-me licença até às três, às cinco em ponto estarei em Luciennes.

- Permite que às três horas venha meu irmão buscá-la na sua carruagem?

- Com muito gosto.

- Agora, daqui até lá, trate de si.

- Nada tem que recear. Sou fidalga, tem a minha palavra, e, ainda que eu soubesse que disso morria, tenha a certeza que estarei consigo amanhã em Versalhes.

- Até à vista, querida madrinha!

- Até à vista, adorada afilhada!

E assim se separaram, a velha sempre deitada com uma perna sobre as almofadas, e a mão sobre os papéis; a senhora du Barry, mais ligeira ainda que na chegada, mas com o coração levemente oprimido por não ter podido ser superior à velha demandista, ela que, a seu bel-prazer, dominava o rei de França.

Ao passar em frente da sala, viu João que, para a sua demora na hospedaria não causar desconfiança, acabava de atacar uma segunda garrafa.

Vendo sua irmã, correu para ela, e disse:

- Então?

- Eis o que a Sua Majestade disse o marechal de Saxe, mostrando-lhe o campo de batalha de Fontenoy: “Senhor, aprendei por este espectáculo quanto uma vitória é cara e dolorosa”.

- Fomos, portanto, vencedores? - perguntou João.

- Ainda repetirei outro dito, mas esse é-nos transmitido da Antiguidade: “Outra vitória como esta, e ficamos arruinados”.

- Temos a madrinha?

- Sim, com a diferença que nos custa perto de um milhão.

- Oh! Oh! - exclamou o visconde João fazendo uma horrível visagem.

- Era pegar ou largar!

- Mas é uma soma espantosa!

- É assim. E não desdenhemos, porque se não nos portássemos bem, podia ainda ser que nada tivéssemos disto, ou que nos custasse o dobro.

- Apre! Que mulher!

- É uma romana.

- É uma grega.

- Grega ou romana, seja o que for, prepara-te para a vires buscar às três horas da tarde, e levar-ma a Luciennes. Não descanso enquanto a não tiver fechada em meu poder.

- Bem, não saio daqui - disse João.

- Eu vou preparar tudo - disse a condessa.

E meteu-se na carruagem, dizendo ao cocheiro:

- Para Luciennes!... Amanhã direi: para Marly acrescentou ela em voz baixa.

- Enfim - disse João seguindo a carruagem com a vista - custamos uma grande soma à França!... O que não deixa de ser lisonjeiro para os du Barry.

X

A QUINTA CONSPIRAÇÃO DO MARECHAL DE RICHELIEU

El-Rei tinha vindo, como de costume, fazer a sua recepção em Marly.

Menos escravo da etiqueta que Luís XIV, que, nas reuniões da corte, procurava ocasiões de experimentar o seu poder, Luís XV indagava em cada grupo as novidades de que era ávido, e examinava a variedade de rostos, distracção para ele superior a todas as outras, principalmente quando esses rostos pareciam contentes.

Na mesma tarde da entrevista, que acabámos de referir, e duas horas depois que a senhora de Béarn, segundo a sua promessa, que desta vez cumpriu, estava instalada no gabinete da senhora du Barry, el-rei jogava na sala azul.

Tinha ao lado esquerdo a duquesa de Ayen, e ao lado direito a princesa de Guémenée.

Sua Majestade parecia muito preocupado, o que lhe originou uma perda de oitocentos luíses; depois, mais disposto para as coisas sérias (Luís XV, como digno descendente de Henrique IV, gostava muito de ganhar), el-rei levantou-se da mesa -do jogo às nove horas e foi falar no vão de uma janela com o senhor de Malesherbes, filho do ex-chanceler, enquanto que o senhor de Maupeou, conversando com o senhor de Choiseul no vão de uma janela fronteira, seguia a conversa com um olhar inquieto.

Entretanto, desde que se levantara el-rei, havia-se formado um círculo junto da chaminé. As senhoras Adelaide, Sofia e Vitória, na volta de um passeio nos jardins, haviam ido sentar-se ali com as suas damas de honor e cavalheiros.

E como em torno de el-rei, que certamente tratava de algum negócio sério, porque todos conheciam a austeridade do senhor de Malesherbes, como em torno de el-rei, dizemos nós, havia

um círculo de oficiais de mar e de terra, de grandes dignitários, de senhores e de presidentes, detidos ali por uma respeitosa atenção, a pequena corte junto da chaminé contentava-se consigo mesma, e preludiava para uma conversa mais animada, por algumas escaramuças que se podiam considerar como negócio unicamente de guardas avançadas.

As principais mulheres que compunham esse grupo eram, além das três filhas de el-rei, as senhoras de Grammont, de Guéménée, de Choiseul, de Mirepoix e de Polastron.

No momento em que principiámos a examinar este grupo, a senhora Adelaide contava uma história de um bispo que não repetiremos, mas que era sofrivelmente escandalosa, principalmente para sair da boca de uma princesa real; mas a época que tentamos descrever não estava, como todos sabem, debaixo da invocação da deusa Vesta.

- Pois bem! - disse a senhora Vitória - esse bispo andou aqui, entre nós, haverá apenas um mês.

- Ainda se estaria exposto a piores encontros em casa de Sua Majestade - disse a senhora de Grammont - se aqui viessem aqueles que nunca vieram, mas que desejam vir.

Toda a gente conheceu logo pelas primeiras palavras da duquesa, e principalmente pelo tom em que eram pronunciadas, de quem ela queria falar e em que terreno ia manobrar a conversa.

- Não é verdade, felizmente, duquesa, que querer e poder são duas coisas diferentes? - disse, metendo-se na conversa, um homenzinho de setenta e quatro anos, que apenas parecia ter cinquenta, tanto a sua estatura era elegante, a voz fresca, as pernas delgadas, olhos vivos, a tez branca e a mão formosa.

- Ah! Aí vem o senhor de Richelieu tomar de assalto a nossa mesquinha conversa como tomou a praça de Mahon - disse a duquesa. - Ainda conserva um pouco os hábitos de granadeiro, meu caro duque.

- Um pouco! Ah! Duquesa, é injusta comigo; diga antes *muito*.

- Então! Não dizia eu a verdade, duque?

- Quando?

- Agora.

- O que dizia?

- Que as portas do palácio não são tão fáceis de arrombar...

- Como as de uma alcova. Sou da sua opinião, duquesa, sempre da sua opinião.

Esta palavra obrigou algumas das senhoras a ocultarem o rosto com os leques, porém foi bem recebida, ainda que os detractores do tempo passado afirmassem que o espírito do duque havia envelhecido.

A duquesa de Grammont corou, apesar do carmim com que pintava o rosto, porque a ela é que particularmente se dirigia o epigrama.

- Minhas senhoras - prosseguiu ela - se o senhor duque quer dizer-nos semelhantes coisas, não continuo a minha história, e asseguro-lhes que perdem muito nisso, a não ser que, a pedido seu, o senhor marechal lhes conte alguma outra.

- Eu - disse o duque - interrompê-la quando provavelmente vai dizer mal de alguma pessoa da minha amizade! Deus me livre de tal, ouço com toda a minha atenção.

Apertou-se a roda em torno da duquesa.

A senhora de Grammont deitou um olhar para o lado da janela, a fim de certificar-se de que el-rei continuava a estar lá. El-rei estava efectivamente; mas, apesar de continuar a conversa com o senhor de Malesherbes, não perdia o grupo de vista, e o seu olhar cruzou-se com o da senhora de Grammont.

A duquesa sentiu-se um pouco intimidada com a expressão que julgara ler nos olhos de el-rei, mas tinha começado e não quis parar em meio caminho.

- Sabem portanto - continuou a senhora de Grammont dirigindo-se principalmente às três princesas - que uma senhora - o nome pouco importa, não é verdade? - desejou ultimamente ver-nos, a nós, as eleitas de Deus, dominando do alto da nossa glória, cujos raios a fazem morrer de inveja.

- Ver-nos, aonde? - perguntou o duque.
- Ora, em Versalhes, Marly, Fontainebleau.
- Bem, bem, bem.

- A pobre criatura nunca tinha visto das nossas grandes reuniões, mais que o jantar de el-rei, em que os papalvos são admitidos por detrás das bandeiras para verem Sua Majestade e seus convivas a comerem, desfilando, já se sabe, debaixo da guarda do meirinho de serviço.

O senhor de Richelieu tomou uma pitada de tabaco, de uma caixa de porcelana de Sèvres.

- Mas para nos ver em Versalhes, Marly ou Fontainebleau, é preciso ser apresentado - disse o duque.

- Exactamente, a senhora de que se trata solicitou a apresentação.

- Aposto que lhe é concedida? - redargüiu o duque - el-rei tem tão bom coração!

- Mas, desgraçadamente, para ser apresentado, não basta a licença de el-rei, é preciso ainda alguém que apresente.

- Sim - disse a senhora de Guémenée - alguma madrinha, por exemplo.

- Sim, mas nem todos têm madrinha - observou a senhora de Mirepoix - por exemplo a formosa borbonesa, que anda em procura de uma e que a não acha.

E pôs-se a cantarolar:

A galante borbonesa
Não lhe vale a gentileza...

- Ah! Marechala, marechala - disse o duque de Richelieu - deixo à senhora duquesa toda a glória do seu conto.

- Vamos, vamos, duquesa - disse a senhora Vitória - fez-nos crescer água na boca, e deixou-nos em meio caminho.

- De modo nenhum; tenho, pelo contrário, empenho em contar a minha história até ao fim. Não tendo madrinha, procurou-se uma. “Procurai e achareis”, diz o Evangelho. Tanto se procurou que afinal se achou; mas que madrinha, Santo Deus! Uma boa mulher de aldeia, lhana e cândida. Tiraram-na do seu pombal, aboboraram-na, acariciaram-na, enfeitaram-na.

- Tudo isso faz estremecer - disse a senhora de Guémenée.

- Mas eis que de repente, quando a provinciana estava bem aboborada, acariciada, enfeitada, cai do alto abaixo da sua escada...

- E?... - perguntou o senhor de Richelieu.

Quebrou uma perna.
Ah! ah! ah! ah! ah!

- disse a duquesa ajuntando um verso adequado para a ocasião aos dois da marechala de Mirepoix.

- De modo que, a respeito de apresentação?... - disse a senhora de Guémenée.

- Nem sombras dela, minha querida.

- O que é a Providência! - exclamou o marechal erguendo as mãos ao céu.

- Perdão - disse a senhora Vitória - mas eu compadeço-me muito da pobre provinciana.

- Pelo contrário, minha senhora - disse a duquesa - deve felicitá-la; de dois males escolheu o menor.

A duquesa parou: acabavam os seus olhos de encontrar um segundo olhar de el-rei.

- Mas de quem acaba de falar, duquesa? - perguntou o marechal, fingindo que diligenciava adivinhar quem era a pessoa de que se tratava.

- Não me disseram o nome.

- Que penal! - disse o marechal.

- Mas eu adivinhei; faça como eu.

- Se as senhoras apresentadas tivessem ânimo e fossem fiéis aos princípios de honra da velha nobreza de França - disse com azedume a senhora de Guémenée - iriam todas inscrever-se em casa da provinciana que teve a sublime idéia de partir uma perna.

- É verdade - disse Richelieu - boa idéia. Mas seria preciso saber como se chama essa fidalga, que nos salva de um perigo tão iminente, porque nada mais temos que temer; não é verdade, cara duquesa?

- Oh! nada mais, respondo eu por tal; está sobre o seu leito, com a perna embrulhada e impossibilitada de dar um único passo.

- Mas - disse a senhora de Guémenée - se essa mulher achar outra madrinha? Ela não descansa.

- Oh! nada há que temer; não é coisa tão fácil achar uma madrinha.

- Pudera! acredito-o - disse o marechal mastigando uma dessas maravilhosas pastilhas às quais, segundo dizem, ele devia a sua eterna mocidade.

Naquele momento, el-rei fez um movimento como para se aproximar.

Calaram-se todos.

Então a voz de el-rei, tão clara e tão conhecida, soou na sala.

- Adeus, minhas senhoras, boa noite, meus senhores.

Levantaram-se todos, e houve um grande movimento na galeria.

El-rei deu alguns passos para a porta, depois voltando-se no momento de sair, disse:

- A propósito, amanhã temos uma apresentação em Versalhes.

Estas palavras caíram como um raio sobre a assembléia.

El-rei olhou para o grupo de senhoras, que empalideciam olhando umas para as outras.

Mas apenas saiu a porta da sala com a numerosa comitiva de oficiais do seu serviço, teve lugar a explosão entre as princesas e as pessoas que ficaram depois da sua partida.

- Uma apresentação! - balbuciou a duquesa de Grammont que se tornara lívida. - O que quis dizer Sua Majestade?

- Ah! Duquesa - disse o marechal com um desses sorrisos que lhe não perdoavam nem os seus melhores amigos - será essa apresentação por acaso a sua?

As princesas mordiam os beiços com despeito.

- Oh! Isso é impossível - repetia em voz baixa a senhora de Grammont.

- Olhe, duquesa - disse o marechal - hoje é coisa facilíma consertar uma perna.

O senhor de Choiseul aproximou-se da sua irmã e apertou-lhe o braço em sinal de aviso; mas a condessa estava muito sentida para poder dar atenção ao que lhe diziam.

- Seria uma indignidade! - exclamou ela.

- Sim, uma indignidade! - repetiu a senhora de Guémenée.

O senhor de Choiseul, vendo que nada tinha que fazer, afastou-se.

- Oh! Minhas senhoras - exclamou a duquesa dirigindo-se às três filhas de el-rei - já não temos recurso senão em vós. Sendo as primeiras senhoras do reino, poderão consentir que fiquemos expostas a encontrar, no único asilo inviolável das senhoras de distinção, uma sociedade que não se dignariam admitir as nossas criadas?

Mas em vez de responderem, as princesas baixaram tristemente a cabeça.

- Minhas senhoras, em nome do Céu! - repetiu a duquesa.

- El-rei é senhor das suas acções - disse a senhora Adelaide suspirando.

- É justo - disse o duque de Richelieu.

- Mas então toda a corte de França está comprometida! - exclamou a duquesa. - Ah! meus senhores, pouco cuidado lhes deve a honra das suas famílias!...

- Minhas senhoras - disse o senhor de Choiseul fazendo um esforço para se rir - como isto vai tomando jeitos de conspiração, não hão-de estranhar que me retire e que leve comigo o senhor de Sartines. Venha, duque prosseguiu o senhor de Choiseul dirigindo-se ao marechal.

- Não! - disse o marechal - eu adoro as conspirações, e portanto fico.

O senhor de Choiseul saiu levando Sartines consigo.

Os poucos homens que ainda estavam na sala, seguiram o exemplo do senhor de Choiseul.

Só ficaram em torno das princesas as senhoras de Grammont, de Guémenée, de Ayen, de Mirepoix, de Polastron, e oito ou dez mais das que haviam abraçado com ardor a questão da apresentação.

De homens havia só o senhor de Richelieu.

As senhoras olhavam para ele com desassossego, como se fosse um troiano no campo dos gregos.

- Eu aqui represento minha filha, a condessa de Egmont; vão - disse ele - vão.

- Minhas senhoras - disse a duquesa de Grammont - há um meio de protestar contra a infâmia que nos querem impor, e, pela minha parte, empregarei esse meio.

- Qual é? - perguntaram todas as mulheres ao mesmo tempo.

- Disseram-nos - redargüiu a senhora de Grammont - que el-rei era senhor das suas acções.

- E eu respondi: “é justo” - disse o duque.

- El-rei é senhor em sua casa, é verdade, mas na nossa, governamos nós; ora, quem pode impedir-me de dizer esta noite ao meu cocheiro: “Para Chanteloup”, em vez de lhe dizer: “Para Versalhes”

- Isso é verdade - disse o senhor de Richelieu; - mas quando tiver protestado, duquesa, que resultado tirará disso?

- Resultará que hão-de reflectir muito melhor – exclamou a senhora de Guémenée - se muitos nos imitarem.

- E por que motivo não imitaremos todas a duquesa? - disse a marechala de Mirepoix.

- Oh! minhas senhoras - disse então a duquesa dirigindo-se novamente às filhas de el-rei - oh! Que belo exemplo que dariam à corte, vós, filhas da França!

- El-rei querer-nos-ia mal? - perguntou a senhora Sofia.

- Não, não! Estejam Vossas Altezas certas disso! – bradou a odienta duquesa. - Não! ele que tem o sentido tão delicado, um tacto tão perfeito, pelo contrário, havia de agradecer-vo-lo. El-rei, acreditem-me, não violenta pessoa alguma.

- Pelo contrário - disse o duque de Richelieu, aludindo pela segunda ou terceira vez a uma invasão que, segundo diziam, a senhora de Grammont tinha feito certa noite na câmara de el-rei - é a ele que violentam, que querem tomar à força.

Naquele momento, e por efeito das palavras do marechal, houve nas fileiras das senhoras um sussurro e um tumulto semelhante aos que há numa companhia de granadeiros, quando rebenta alguma bomba.

Finalmente sossegaram.

- Verdade seja que el-rei nada disse, quando recusámos receber a condessa - disse a senhora Vitória, animada pela efervescência da assembléia; - mas pode acontecer que, numa ocasião tão solene...

- Sim, sim, não há dúvida - insistiu a senhora de Grammont - certamente assim poderia acontecer, se só faltassem Vossas Altezas, mas quando vir que faltamos todas...

- Todas? - bradaram as senhoras.

- Sim, todas - repetiu o velho marechal.

- Então, entra também na conspiração? – perguntou a senhora Adelaide.

- Certamente, e é por esse motivo que pedirei a palavra.

- Fale, duque, fale - disse a senhora de Grammont.

- Procedamos metodicamente - disse o duque; - não basta gritarem: “Todas! todas!” e bradar bem alto “hei-de fazer isto”, e chegada a ocasião fazerem exactamente o contrário; ora, tomando eu parte na conspiração, como acabo de ter a honra de lhes dizer, pouco me importa ser abandonado, como geralmente o era quando conspirava no tempo do falecido rei ou da regência.

- Realmente, duque - disse ironicamente a duquesa de Grammont - dir-se-ia que se esquece onde está, e que no país das Amazonas parece tomar uns certos modos de chefe.

- Minha senhora - disse o duque - rogo-lhe que acredite que terei algum direito a esse título que me contesta; odeia mais a senhora du Barry - bom, lá disse eu o nome, mas ninguém ouviu, não é verdade? - odeia mais a senhora du Barry do que eu, porém eu estou mais comprometido do que a senhora.

- O senhor comprometido, duque? - perguntou a marechala de Mirepoix.

- Sim, comprometido, e horrivelmente mesmo; há oito dias que não vou a Luciennes; há quatro dias que não vou a Versalhes; chega a tanto que ontem mandou a condessa saber a minha casa se eu estava doente, e querem saber o que Rafe respondeu? Que estava tão bom que nem mesmo tinha dormido em casa. Contudo, abandono os meus direitos, não tenho ambição, deixo-lhes o primeiro lugar, e ainda mais, conduzo-as a ele. Puseram tudo em movimento, foram o bota-fogo, revolucionaram as consciências, pertence-lhes o bastão do comando.

- Depois de Suas Altezas - disse a duquesa com respeito.

- Oh! Deixem-nos a parte passiva - disse a senhora Adelaide. - Vamos ver nossa irmã Luísa ao convento de Saint-Denis; ela não nos deixa sair, não chegamos a tempo, e nada há que dizer.

- Nada absolutamente - disse o duque - ou seria preciso ter o espírito muito mal formado.

- Eu - disse a duquesa - vou para Chanteloup ver a minha lavoura.

- Bravo! - exclamou o duque - ora, graças a Deus, isso é o que se chama uma boa razão.

- Eu - disse a princesa de Guéménée - tenho um filho doente, e faço-me enfermeira para o tratar.

- Eu - disse a senhora de Polastron - sinto-me hoje incomodada, e poderia ter uma doença séria se Tronchin me não sangrasse amanhã.

- E eu - disse majestosamente a marechala de Mirepoix - não vou a Versalhes porque não quero ir; é o único motivo que dou, o livre arbítrio!

- Muito bem - disse Richelieu - tudo isso é muito cheio de lógica, mas é preciso jurar.

- Como, é preciso jurar?

- Sim, nas conspirações sempre se faz um juramento. Desde a conspiração de Catilina até à de Cellamare, de que tive a honra de fazer parte, sempre se jurou, e nem por esse motivo tiveram melhor êxito, é verdade, contudo devem-se respeitar os costumes. Juremos! É muito solene, como vão ver.

Estendeu a mão para o centro do grupo das mulheres e disse majestosamente:

- Assim o juro.

Todas as senhoras repetiram o juramento, exceptuando as princesas, que se haviam eclipsado.

- Agora acabou-se - disse o duque; - quando numa conspiração se fez o juramento, não há mais que fazer.

- Oh! Que raiva não há-de sentir, quando se achar sozinha na sala! - exclamou a senhora de Grammont.

- El-rei sempre nos há-de desterrar um pouco - disse Richelieu.

- Ora adeus, duque! - bradou a senhora de Guéménée - que há-de ser da corte, se nos desterrarem? Não estão à espera de Sua Majestade dinamarquesa? O que lhe mostrarão? E a senhora delfina que está para chegar, a quem a mostrarão? E demais, não se pode desterrar uma corte inteira; hão-de escolher.

- Bem sei que sempre escolhem - disse Richelieu - e lá nisso, sempre sou feliz, escolhem-me sempre a mim; já me escolheram quatro vezes, porque, se eu me não engano, é esta a minha quinta conspiração, minhas senhoras.

- Ora! - disse a senhora de Grammont - o que o duque diz não é exacto, a escolhida hei-de ser eu; serei eu a sacrificada.

- Ou o senhor de Choiseul; - acrescentou o marechal - repare bem, duquesa!

- O senhor de Choiseul é como eu, há-de submeter-se à desgraça, mas não sofrerá uma afronta.

- Não será o senhor duque, nem a senhora duquesa, nem o senhor de Choiseul, que hão-de ser desterrados - disse a marechala de Mirepoix; - hei-de ser eu. El-rei não poderá perdoar-me de ser menos amável com a condessa, do que o fui com a marquesa.

- É verdade - disse o duque - a senhora a quem sempre chamavam a favorita, infeliz marechala, será desterrada comigo!

- Seremos desterradas todas - disse a senhora de Guémenée erguendo-se - porque tenho a esperança de que nenhuma de vós revogará a determinação aqui tomada.

- Nem o juramento - disse o duque.

- Oh! - acrescentou a senhora de Grammont - em todo o caso eu tomarei as minhas medidas!

- A senhora? - perguntou o duque.

- Sim; para estar em Versalhes amanhã às dez horas, precisa ela três coisas.

- Quais são?

- Um cabeleireiro, um vestido e uma carruagem.

- Sem dúvida.

- E então?

- E então não estará ela em Versalhes às dez horas; el-rei há-de impacientar-se, retirar-se-á e a apresentação será transferida para as calendas gregas, visto chegar a senhora delfina.

Um viva estrondoso e bravos sem-número foram a resposta a este novo episódio da conjuração; mas aplaudindo sempre em mais altos brados que as outras pessoas o senhor de Richelieu e a senhora de Mirepoix que olhavam significativamente um para o outro.

Os dois velhos cortesãos haviam-se encontrado na inteligência de um igual pensamento.

Às onze horas, todos os conjurados voavam pela estrada de Versalhes e de Saint-Germain, alumiados por um belíssimo luar.

Só, o senhor de Richelieu tinha montado no cavalo do seu estribeiro, e, enquanto a sua carruagem, com os postigos bem fechados, corria ostensivamente pela estrada de Versalhes, ele, por um atalho, seguia a toda a brida em direcção a Paris.

XI

NEM CABELEIREIRO, NEM VESTIDO, NEM CARRUAGEM

Teria sido de mau gosto sair a senhora du Barry do seu aposento de Versalhes para ir à sala das apresentações.

Demais, Versalhes era bem mesquinho em recursos num dia tão solene.

Finalmente, melhor que isso tudo, não era esse o costume. Os eleitos chegavam com um aparato de embaixador, quer saindo dos seus palácios particulares de Versalhes, quer das suas casas de Paris.

A senhora du Barry escolheu este último ponto de partida.

Desde as onze horas da manhã, que havia chegado à sua casa da Rua Valois com a senhora de Béarn, que tinha guardado fechada a sete chaves, quando a não guardava debaixo da sua vista, fazendo-lhe renovar a cada instante todas as drogas que a química e a medicina forneciam para lhe curar a ferida.

Desde a véspera andavam em preparativos João du Barry, Chon e Doreia, e quem os não visse trabalhar, dificilmente teria formado uma idéia da influência do ouro e do poder do génio humano.

Uma procurava o cabeleireiro, outra não largava as costureiras; João, que fora encarregado das carruagens, tomara além disso sobre si o encargo de vigiar também as costureiras e os cabeleireiros. A condessa, arranjando flores, brilhantes e rendas, nadava em adereços de toda

a qualidade, e de hora em hora recebia correios de Versalhes, que lhe diziam estar dada a ordem para ser iluminada a sala da rainha, e que nada estava mudado.

Pelas quatro horas entrou João du Barry, pálido, cansado, mas alegre.

- Então? - perguntou a condessa.

- Tudo há-de estar pronto.

- O cabeleireiro?

- Encontrei Doreia em casa dele e está tudo tratado. Recebeu das minhas mãos um vale de cinqüenta luíses, e há-de aqui jantar às seis horas em ponto.

- O vestido?

- Há-de ser maravilhoso. Chon estava em casa da modista, e vinte e seis costureiras estão empregadas em lhe pregar as pérolas, as fitas e os enfeites. Ter-se-á assim feito pano por pano, esse trabalho prodigioso, que a outros que não fôssemos nós, teria custado oito dias de espera.

- Como, pano por pano? - disse a condessa.

- Sim, minha irmã, o vestido tem treze panos. Em cada pano trabalham duas costureiras, uma do lado esquerdo e outra do lado direito, que vão enfeitando com pérolas e jóias; de modo que só juntam tudo no último instante. É objecto de duas horas mais. As seis horas da tarde teremos cá o vestido.

- Tens a certeza disso, João?

- Levei ontem comigo um engenheiro e estivemos a fazer o cálculo dos pontos. Há dez mil pontos que fazer em cada pano; cinco mil por cada costureira. Como a fazenda é grossa, uma mulher não pode dar mais que um ponto em cada cinco segundos, vêm a ser doze por minuto, setecentos e vinte cada hora, sete mil e duzentos em dez horas. Deixo os dois mil e duzentos para os descansos indispensáveis, pontos falsos, e temos ainda quatro horas de sobejo.

- E a carruagem?

- Oh! Quanto à carruagem, bem sabes que respondi por ela; o verniz e a pintura estão secando num grande armazém que mandei expressamente aquecer numa temperatura de cinqüenta graus. É uma linda carruagem, por minha alma! E ao pé dela são bem insignificantes as que mandaram à delfina. Além dos brasões que formam o fundo dos quatro lados, com o grito de guerra dos du Barry: *sempre avante!* Nas duas almofadas dos lados, mandei pintar, numa, dois pombinhos beijando-se, e na outra um coração atravessado por uma seta. Tudo isto com uma cercadura de arcos, cupidos e setas. Está povo imenso à porta de Francian para a ver; às oito horas em ponto há-de estar aqui.

Neste momento entravam Chon e Doreia. Vinham confirmar tudo quanto João tinha dito.

- Obrigada, meus valentes lugares-tenentes - disse a condessa.

- Minha irmã, tens os olhos pisados - disse o visconde João - vai dormir ao menos uma hora, que há-de fazer-te bem.

- Dormir! Ora, sim! Hei-de dormir esta noite, e muitos não poderão dizer o mesmo.

Enquanto em casa da condessa se faziam estes preparativos, corria pela cidade a notícia da apresentação. Por mais ocioso e indiferente que pareça, o povo de Paris é o mais amador de novidades. Ninguém conheceu melhor as personagens da corte e as suas intrigas que o *papalho* do século dezoito, esse mesmo que não era admitido a festa alguma do interior, que só via os hieroglíficos das carruagens e as misteriosas librés dos lacaios. Não era então raro que um ou outro fidalgo da corte fosse conhecido de Paris inteiro; era simples: nos teatros, nos passeios, a corte representava o papel principal. E o senhor de Richelieu no seu banco da cena italiana, a senhora du Barry na sua carruagem mais deslumbrante que uma rainha, apareciam então diante do público como um actor ou uma actriz queridos da actualidade.

Os rostos que se conhecem causam maior interesse. Paris inteiro conhecia a senhora du Barry, mostrando-se sempre, no teatro, no passeio, nas lojas, como as mulheres ricas moças e formosas. Depois também a conhecia pelas caricaturas, pelos retratos e por Zamora. Portanto, Paris inteiro tratava quase tanto da apresentação como a corte. Nesse dia ainda houve ajuntamento no Palais-Royal, mas, pedimos perdão à filosofia, não era para ver o Sr. Rousseau

jogando o xadrez no café da Regência, era para ver a favorita na sua linda carruagem e com o seu belo vestido, objectos de que tanto se havia falado. A palavra de João du Barry: “Custamos caros à França” era uma grande verdade, e portanto era bem natural que a França, representada por Paris, quisesse gozar de um espectáculo que pagava por tão alto preço.

A senhora du Barry conhecia perfeitamente o seu povo, porque o povo francês foi muito mais seu, que o havia sido de Maria Leckzinska. Sabia que gostava de ser deslumbrado, e como tinha bom carácter, trabalhava para que o espectáculo fosse proporcionado à despesa.

Em vez de se deitar, como lho aconselhara seu irmão, das cinco para as seis horas tomou um banho de leite; depois, finalmente, às seis horas, entregou-se nas mãos das suas aias, enquanto esperava a chegada do cabeleireiro.

Não há erudição a fazer a propósito de uma época tão bem conhecida dos nossos dias, que quase se poderia chamar contemporânea, e que a maior parte dos nossos leitores conhecem tão bem como nós mesmos. Mas não será fora de propósito explicar, principalmente agora, o que um penteado da senhora du Barry devia custar de cuidado, tempo e arte.

Imagine-se um edifício completo. O prelúdio desses castelos com ameias, como a corte do jovem rei Luís XVI edificava sobre a cabeça, como se tudo, nessa época, devesse ser um presságio, como se a moda frívola, eco das paixões sociais que minavam a terra sob os passos de tudo quanto era, ou de tudo quanto parecia ser grande, houvesse decretado que as mulheres da aristocracia tivessem bem pouco tempo mais para gozar dos seus títulos, para deixarem de os estampar na fronte; como se, profecia ainda mais sinistra, mas não menos justa, lhes quisesse anunciar que tendo pouco tempo mais para conservarem as suas cabeças, deviam enfeitá-las até à exageração e elevá-las o mais possível acima das cabeças vulgares.

Para fazer tranças com o seu lindo cabelo, pregá-lo sobre uma almofada de seda, enrolá-lo sobre moldes de barba de baleia, enfeitá-lo com pedrarias, pérolas, flores, empoá-lo com esse branco que dava brilho aos olhos e frescura à tez; para tornar, finalmente, harmoniosas essas cores do rosto, do pó, dos rubis, da madrepérola, dos brilhantes, das flores omnicolores e multiformes, era mister ser não só um grande artista, mas também um homem paciente.

Também, de todas as corporações de ofícios, eram os cabeleireiros os únicos que traziam espadim como os estatuários.

Eis o que explica os cinqüenta luíses dados por João du Barry ao cabeleireiro do paço, no receio que o grande Lubin (o cabeleireiro do paço naquela época chamava-se Lubin) não fosse menos exacto ou hábil do que se esperava.

Esses receios pouco tardaram em se justificar; deram seis horas, não apareceu o cabeleireiro; depois seis horas e meia, um quarto para as sete, e nada de novo. Uma única esperança consolava um pouco os corações palpitantes de toda essa gente, é que um homem de valor e talento como o Sr. Lubin, devia naturalmente fazer-se esperar um pouco.

Mas deram as sete horas. O visconde receava que esfriasse o jantar preparado para o cabeleireiro e que o artista não ficasse satisfeito. Mandou portanto um criado a casa dele dar-lhe a notícia de que a sopa estava sobre a mesa.

O laçao voltou um quarto de hora depois.

Os que em idênticas circunstâncias têm esperado, são os únicos que sabem quantos infernais segundos contém um quarto de hora.

O laçao havia falado com a mulher de Lubin pessoalmente, a qual lhe assegurou que o Sr. Lubin acabava de sair naquele instante e que se não tinha ainda chegado ao palácio, ia decerto no caminho.

- Bom! - disse du Barry - não achou carruagem nenhuma, e vem a pé. Esperemos.

- Demais - disse a condessa - ainda não faz grande falta, pode pentear-me quando eu estiver já meio vestida, porque a apresentação só tem lugar às dez horas em ponto. Temos ainda três horas a nosso favor, e basta uma para ir daqui a Versalhes. Entretanto, Chon, vai atacar-me o colete e vestir-me... Mas onde está Chon? Chon! O meu vestido, o meu vestido!

- O vestido da senhora ainda não chegou - disse Doreia - e a mana da senhora condessa saiu, há-de haver dez minutos, para o ir buscar ela mesma.

- Ah! - disse João du Barry - ouço o rodar de uma carruagem, há-de ser a nossa carruagem que nos trazem.

O visconde enganava-se, era Chon que voltava na sua carruagem, puxada por dois cavalos, que vinham cansados e cobertos de suor.

- O meu vestido! - bradou a condessa, apenas sentiu Chon no corredor - o meu vestido!

- Ainda não veio? - perguntou Chon assustada.

- Não.

- Oh! Então pouco poderá tardar - prosseguiu ela sossegando mais - porque a modista, quando cheguei a casa dela, acabava de partir numa carruagem com duas das suas costureiras para o trazer e provar.

- Com efeito - disse João - ela mora na Rua do Bac, e a carruagem em que vem não anda decerto tão depressa como a nossa.

- Sim, sim, seguramente, - disse Chon, que não podia evitar uma certa inquietação.

- Visconde - disse a senhora du Barry - seria bom que mandasses buscar a carruagem para não termos que esperar desse lado, pelo menos.

- Tens razão, Joana.

E du Barry abriu a porta.

- Vão buscar a carruagem a casa de Francian - disse ele - e com os cavalos novos, a fim de evitar demoras.

O cocheiro e os cavalos partiram.

Começava a deixar de se sentir o ruído do trote dos cavalos na direcção da Rua de Saint-Honoré, quando entrou Zamora trazendo uma carta.

- Uma carta para minha senhora Barry - disse ele.

- Quem a trouxe?

- Um homem.

- Como, um homem! Que homem foi?

- Um homem a cavalo.

- E por que ta entregou?

- Porque Zamora estava na porta.

- Mas lê, condessa, lê, é melhor isso do que fazer perguntas - disse João.

- Dá-ma, visconde.

João entregou-lhe a carta.

- Contanto que essa carta não traga alguma notícia má - murmurou o visconde.

- Não - disse a condessa - há-de ser alguma petição para entregar a Sua Majestade.

- A carta não vem dobrada em forma de requerimento.

- Realmente, visconde, hás-de morrer de susto - disse a condessa sorrindo.

E abriu a carta.

Apenas leu as primeiras linhas, soltou um grito horrível, e caiu como morta sobre uma poltrona.

- Nem cabeleireiro, nem vestido, nem carruagem! - disse ela.

Chon correu para a condessa, João precipitou-se sobre a carta.

Era de uma letra direita e miúda: evidentemente conhecia-se que era letra de mulher. A carta dizia o seguinte:

“Minha senhora, tome cuidado; esta noite há-de faltar-lhe o cabeleireiro, o vestido e a carruagem.

Espero que receberá este aviso a tempo de remediar tudo.

Não lhe digo o meu nome; adivinhe quem sou se quer conhecer uma amiga sincera.”

- Ah! - exclamou du Barry desesperado - eis o último golpe. Com os diabos! Preciso matar alguém. Não há cabeleireiro! Com mil demónios! Hei-de estripar aquele biltre de Lubin. Mas, com efeito, são sete horas e meia e ele não chega. Ah! Maldição!

E João du Barry, que nessa noite não tinha que ser apresentado, desafogou a sua raiva nos cabelos, arrepelando-os horivelmente.

- O pior é faltar o vestido! Santo Deus! O vestido! - exclamou Chon. - Seria fácil achar um cabeleireiro, mas um vestido...

- Qual! Que cabeleireiro se poderá achar? Algum mau aprendiz! Ah! Raios o partam! Mil legiões de diabos o levem.

A condessa não falava, mas soltava suspiros capazes de enternecer os próprios Choiseul, se a tivessem ouvido.

- Vamos, vamos, sossego - disse Chon. - Procuremos um cabeleireiro, voltemos à modista, para saber o que é feito do vestido.

- Nem cabeleireiro! - murmurava a moribunda condessa - nem vestido! Nem carruagem!

- É verdade, nem carruagem! - bradou João; - também essa não chega, e contudo já cá deveria estar. Oh! Isto é uma conspiração, condessa. Não mandará Sartines prender os autores? Maupeou não os mandará enforcar? Não queimarão os cúmplices na Praça da Greve? Quero fazer rodar o cabeleireiro, quebrar os ossos à costureira, e esfolar o segeiro.

Durante este tempo havia a condessa tornado a si, mas era para mais sentir o horror da sua posição.

- Oh! Desta vez estou perdida - murmurou ela; - as pessoas que conseguiram comprar Lubin, são decerto bastante ricas para afastarem os bons cabeleireiros de Paris. Só se acharem algum asno que virá estropear-me o cabelo... E o meu vestido! O meu rico vestido!... E a minha carruagem nova, que os devia fazer ralar de inveja!...

João não respondia coisa alguma, mas chamejavam-lhe os olhos terrivelmente, ia dar consigo de encontro a todos os ângulos do quarto, e cada objecto que lhe punha obstáculo quebrava-o em mil pedaços, e depois, se os pedaços lhe pareciam grandes de mais, reduzia-os a outros mais pequenos ainda.

No meio desta cena de aflição, que do toucador se comunicara até à ante-sala, e da ante-sala até ao pátio, enquanto os lacaios, aturdidos por vinte ordens diversas e contraditórias, saíam, vinham, corriam, encontravam-se, um mancebo vestido com uma casaca verde-gaio, vestia de cetim, calção cor de flor de alecrim e meias de seda, apeava-se de um cabriole, transpunha o limiar da porta da rua, atravessava o pátio saltando no bico dos pés, de pedra em pedra, subia a escada, e vinha bater à porta do toucador da condessa.

João estava descarregando a sua raiva, calcando aos pés um magnífico aparelho de porcelana de Sèvres que deitara ao chão com uma das abas da casaca, enquanto queria evitar a queda de um grande pote do Japão, que havia ameaçado com um soco.

Ouviu-se bater três pancadas na porta, com muita discrição, muita modéstia e brandura.

Seguiu-se um silêncio prolongado. Acharam isto tão extraordinário, que ninguém se atreveu a perguntar quem era.

- Perdão - disse uma voz desconhecida - mas eu desejava falar com a Sr^a. Condessa du Barry.

- Mas, senhor, isso não são modos de entrar na casa alheia - bradava o guarda-portão que viera correndo atrás do desconhecido, para impedir que fosse mais adiante.

- Espere, espere - disse o visconde - não nos pode acontecer nada pior de que tem acontecido. O que quer da condessa?

E João abriu a porta com uma tal força que bastaria para arrombar as portas de Gaza.

O estranho evitou o choque dando um salto para trás e caindo na terceira posição da dança, disse com voz aflautada:

- Meu caro senhor, eu queria oferecer os meus serviços à Sr^a. Condessa du Barry, que, se me não engano, tem que ir ao paço.

- E que serviços são esses, senhor?

- Os da minha profissão.

- Que profissão é a sua?

- Sou cabeleireiro.

E o estranho fez nova cortesia.

- Ah! - exclamou João saltando ao pescoço do mancebo.

- Ah! É cabeleireiro. Entre, meu amigo, entre!
- Venha, meu caro senhor - disse Chon, agarrando-se ao mancebo.
- Um cabeleireiro! - exclamou a senhora du Barry erguendo as mãos ao céu. - Um cabeleireiro! Mas é um anjo. É Lubin quem o manda, senhor?

- Não venho mandado de ninguém. Li num jornal que a senhora condessa devia ser apresentada esta noite, e disse comigo: “E se por acaso a senhora condessa não tivesse cabeleireiro?” Não é provável, mas é possível, e portanto vim.

- Como se chama? - perguntou a condessa um pouco desanimada.

- Leonardo, minha senhora.

- Leonardo! Não é conhecido.

- Ainda não; mas se a senhora condessa aceitar os meus serviços, sê-lo-ei amanhã.

- É porque há cabeleireiros de várias qualidades – resmungou João.

- Se a senhora condessa não se fia em mim, então retiro-me - respondeu ele.

- É porque não temos tempo de experimentar – disse Chon.

- E por que motivo há-de experimentar? – exclamou cheio de entusiasmo o mancebo, examinando a cabeça da condessa. - Bem sei que o penteado da senhora du Barry deve atrair todas as vistas. Também, desde que daqui a estou examinando, inventei um penteado, que há-de produzir um efeito prodigioso, tenho essa certeza.

E o mancebo fez com a mão um gesto cheio de confiança em si mesmo, que começou a decidir a condessa e a fazer voltar a esperança ao coração de Chon e de João.

- Ah! Realmente! - disse a condessa, maravilhada com a afirmativa do mancebo, que tomava várias atitudes, como se fosse o grande Lubin.

- Mas, primeiro que tudo, seria preciso que eu visse o vestido que a senhora condessa leva, para harmonizar os enfeites.

- Oh! o meu vestido! - exclamou a senhora du Barry caindo na triste realidade - o meu rico vestido!

João bateu na fronte.

- Ah! É verdade - disse ele. - Senhor, imagine que nos armaram um laço odioso!... roubaram-no... vestido, costureira, tudo! Chon! Minha rica Chon!

E du Barry, cansado de arrancar os cabelos, começou a chorar.

- Se voltasses a casa dela, Chon? - disse a condessa.

- Para quê - disse Chon - se ela tinha saído para vir cá?

- Ah! - murmurou a condessa deixando-se cair numa poltrona - Oh! De que serve um cabeleireiro, se não tenho vestido!

Neste momento a sineta da porta tocou. O guarda-portão, receando que se introduzisse mais alguém, como acabava de acontecer, tinha fechado todas as portas e corrido todos os fechos.

- Tocam - disse a senhora du Barry.

Chon foi à janela.

- Uma caixa! - bradou ela.

- Uma caixa! - repetiu a condessa. - E é para cá?

- Sim, não... sim... entregaram-na ao guarda-portão.

- Voa, João, voa, em nome do Céu!

João precipitou-se pela escada, deitou ao chão todos os lacaios que encontrou no caminho, e arrancou a caixa das mãos do guarda-portão.

Chon olhava pela vidraça.

O visconde abriu a caixa, meteu a mão dentro, e soltou um grito de alegria.

Continha um admirável vestido de cetim de Macau, com flores recortadas e uma guarnição de rendas de uma riqueza espantosa.

- Um vestido! Um vestido! - bradou Chon batendo as palmas.

- Um vestido! - repetiu a senhora du Barry, quase desfalecendo de alegria, como já estivera para desfalecer de raiva.

- Quem te entregou isto? - perguntou João ao guarda-portão.

- Foi uma mulher, senhor.

- Mas que mulher?

- Não a conheço.

- Onde está ela?

- Senhor, entregou-me esta caixa, e disse-me: “Para a senhora condessa!” Tornou a meter-se no cabriole em que veio, e partiu com toda a velocidade do seu cavalo.

- Bem - disse João - é um vestido, e era isso o principal.

- Mas sobe, João! - bradou Chon - a condessa morre de impaciência.

- Olha - disse João - olha, vê, admira, eis o que nos manda o Céu.

- Mas não me poderá servir, decerto que me não serve, não foi feito para mim. Meu Deus! Meu Deus! Que desgraça! Porque enfim, é muito rico.

Chon pegou rapidamente numa medida.

- O comprimento é o mesmo - disse ela - e a largura também.

- Que rica fazenda! - disse João.

- É fabuloso! - observou Chon.

- É aterrador! - disse a condessa.

- Mas pelo contrário - disse João - isto prova que se tens muitos inimigos, tens também amigos verdadeiros.

- Não pode ser de pessoa amiga - disse Chon; - porque, como poderia ter sabido o que se tramava contra nós? Deve ser de algum duende, algum silfo.

- Seja ele do Diabo! - exclamou a senhora du Barry - pouco me importa, contanto que me ajude a combater os Grammont; e nunca há-de ser tão diabo como esta gente!

- E agora - disse João - agora penso melhor.

- O que pensas?

- Que podes entregar a cabeça a este senhor, com toda a confiança.

- Quem te dá essa certeza?

- Ora! Foi mandado pelo mesmo que te mandou o vestido.

- Eu! - disse Leonardo com uma surpresa lhana.

- Vamos! vamos! - disse João - essa história que nos contou, de ter lido na gazeta, é tudo uma comédia, não é verdade, meu caro senhor?

- O que eu disse é uma pura verdade, senhor visconde.

- Vamos, confesse - disse a condessa.

- Minha senhora, aqui está o jornal na minha algibeira, guardei-o para fazer papelotes.

O cabeleireiro puxou efectivamente por um jornal, que trazia na algibeira, e no qual vinha anunciada a apresentação da condessa.

- Vamos - disse Chon - não há tempo para perder, são já oito horas.

- Oh! Temos muito tempo - disse o cabeleireiro; basta uma hora para o caminho.

- Sim, se tivermos carruagem - disse a condessa.

- Oh! Com os diabos! É verdade - disse João; - e aquele maroto de Francian que não chega.

- Bem nos avisaram - disse a condessa; - nem cabeleireiro, nem vestido, nem carruagem!

- Oh! - disse Chon assustada - pois ele seria capaz também de nos faltar?

- Não - disse João - não, ele aí vem.

- É a carruagem? - disse a condessa.

- Naturalmente ficou à porta. O guarda-portão vai já abrir. Mas o que tem o segeiro?

Com efeito, quase no mesmo instante, Francian, com os olhos espantados, entrava na sala.

- Ah! senhor visconde! - exclamou ele - a carruagem da senhora condessa vinha em caminho para cá, e de repente, ao voltar a Rua Traversière, foi mandada parar por quatro homens, que deitaram a terra o meu oficial, que a conduzia, e metendo os cavalos a galope, desapareceram pela Rua Saint-Nicaise.

- Não o dizia eu?! - exclamou João du Barry sem mesmo se levantar da poltrona em que estava deitado; - não o dizia eu?!

- Mas isto é um atentado! - bradava Chon. – Agora não te deixes aí ficar, João!

- Eu? e para que me hei-de levantar?

- Ora, para ir buscar uma carruagem, aqui não há senão cavalos cansados e carruagens sujas. Joana não pode ir ao paço em semelhantes *carroças*!

- Ora adeus! - disse o visconde - aquele que põe um freio ao furor das ondas, que sustenta as aves do campo, que manda um cabeleireiro como aquele senhor e um vestido como esse, não deixará de nos mandar também uma carruagem.

- Espere - disse Chon - ouço o rodar de uma.

- E mesmo que pára - acrescentou João.

- Sim, mas não entra - disse a condessa.

- Não entra, é verdade - respondeu João.

Depois, dando um salto para a janela e abrindo-a, bradou:

- Corre, com a fortuna! corre depressa, quando não será tarde. Alerta! Alerta! Para conhecermos o nosso benfeitor.

A lacaiada toda correu à porfia, porém já era tarde.

Uma carruagem forrada de cetim branco, e puxada por dois baios magníficos, estava em frente da porta.

Mas nem sinal de cocheiro, nem de criados de tábua, um moço de recados unicamente segurava nos freios dos cavalos.

O moço tinha recebido seis libras do indivíduo que ali trouxera o trem, e que tinha deitado a fugir para o lado do Pátio das Fontes.

Passou-se a examinar as pinturas das portinholas da carruagem; os brasões tinham sido destramente substituídos por uma rosa.

Todas estas ocorrências tinham-se passado em menos de uma hora.

João mandou recolher a carruagem para o pátio, fechou a porta, e levou consigo a chave.

Em seguida subiu e foi ter ao toucador, onde o cabeleireiro se dispunha a dar à condessa as primeiras provas do seu saber.

- Senhor! - exclamou ele, agarrando no braço de Leonardo - se não nos diz o nome do nosso génio protector, se não o designa ao nosso reconhecimento eterno, juro-lhe que...

- Cuidado, senhor visconde! - interrompeu fleumaticamente o mancebo - está-me fazendo a honra de me apertar o braço de maneira tal que vou ficar com a mão dormente, e assim mal poderei tocar a senhora condessa, e já não temos muito tempo, aí estão dando oito horas e meia.

- Deixa-o, João, deixa-o! - gritou a condessa.

João deixou-se cair numa cadeira de braços.

- Que milagre! - disse Chon - Que milagre! a medida do vestido está perfeita... Tem mais uma polegada na frente, é o único defeito, mas dentro em dez minutos estará emendado.

- E a carruagem que tal é?... é decente? – perguntou a condessa.

- É de muito bom gosto... já a examinei por dentro - respondeu João; - o forro é de cetim branco, e está perfumada com essência de rosas.

- Então tudo vai bem! - bradou a senhora du Barry, batendo as palmas com as mãos. - Vamos, Sr. Leonardo, se se desempenhar bem do seu mister, está feita a sua fortuna.

Leonardo não esperou que lho repetissem; apossou-se da cabeça da senhora du Barry, e logo aos primeiros movimentos do pente, mostrou um talento superior.

Rapidez, gosto, precisão maravilhosa, conhecimento da combinação do físico com o moral, tudo patenteou no desempenho de tão importantes funções.

No fim de três quartos de hora, a senhora du Barry saiu das suas mãos muito mais sedutora do que a deusa Afrodite, porque realmente era bela.

Logo que acabou de dar a última demão àquele edifício esplêndido, depois de se ter afirmado da sua solidez, e de ter lavado as mãos e agradecido humildemente a Chon, a qual, no excesso da sua alegria, o servia como se fora um monarca, quis retirar-se.

- Ah! Senhor - disse du Barry - saiba que sou tão teimoso nas minhas amizades, como nos meus ódios. Espero, pois, que se resolverá agora a dizer-me quem é.

- Já o sabe, senhor, sou um mancebo que apenas me estreio e chamo-me Leonardo.

- Que apenas se estreia! Irra! É um mestre examinado, senhor.

- Há-de ser o meu cabeleireiro, Sr. Leonardo - disse a condessa vendo-se num espelhinho de mão - e por cada toucado de cerimónia pagar-lhe-ei cinquenta luíses. Chon, entrega cem luíses ao senhor por este primeiro penteado, dos quais são cinquenta de gratificação.

- Bem dizia eu, que a senhora havia de fazer a minha reputação.

- Mas só me penteará a mim...

- Nesse caso guarde os cem luíses, minha senhora; disse Leonardo - quero a minha liberdade, a ela devo ter tido a honra de penteá-la hoje. A liberdade é para o homem o primeiro dos bens.

- Um cabeleireiro filósofo! - exclamou du Barry, levantando as mãos ao céu; - para onde caminhamos nós? Pois bem! meu caro Sr. Leonardo, não quero ficar de mal consigo, tome os seus cem luíses, e fique com o seu segredo e a sua liberdade. A caminho, condessa, venha meter-se na carruagem.

Estas palavras eram dirigidas à senhora de Béarn, que vinha entrando direita e enfeitada como uma santa num relicário, e que havia sido tirada do seu gabinete no momento em que tinha de servir.

- Vamos - disse João - levem esta senhora ao colo e devagarinho até ao fim da escada. Se ela der um suspiro, mando-os açoitar.

Enquanto João vigiava esta delicada e importante manobra, na qual era coadjuvado por Chon na qualidade de lugar-tenente, a senhora du Barry procurava Leonardo com a vista.

Leonardo tinha desaparecido.

- Mas por onde se foi ele então? - murmurou a senhora du Barry, que ainda não estava em si de todas as surpresas por que tinha sucessivamente passado.

- Por onde se foi? Ou pelo chão abaixo ou pelo tecto, é por onde saem os génios. E agora, condessa, tome sentido no seu toucado, não se torne ele nalguma empada de tordos, o vestido em teia de aranha, e não vamos nós chegar a Versalhes nalguma casca de abóbora puxada por dois ratos!

Foi enunciando este último receio que o visconde João subiu também para a carruagem, onde já se achavam a Sr^a. Condessa de Béarn e a sua feliz afilhada.

XII

A APRESENTAÇÃO

Versalhes, assim como tudo quanto é grande, é e será sempre belo.

Poderá o musgo roer-lhe as pedras derrubadas, poderão os seus deuses de chumbo, de bronze ou de mármore, jazer deslocados em seus tanques sem água, poderão as suas grandes alamedas de árvores recortadas subir esgalhadas até às nuvens, sempre haverá, mesmo nessas ruínas, um espectáculo pomposo e arrebatador para o poeta ou para o ente que meditar, quando, do cimo da grande varanda, olhar para os horizontes eternos, depois de ter visto as grandezas efémeras.

Mas era principalmente no tempo da sua vida e da sua glória que Versalhes era digno de se ver. Quando as ondas de uma população sem armas, reprimidas por uma outra população de brilhantes soldados, vinham dar de encontro às suas grades douradas; quando as carruagens de veludo, de seda e de cetim, enfeitadas de orgulhosos brasões, rodavam estrepitosamente sobre a calçada a todo o galope de fogosos cavalos; quando todas as janelas, iluminadas como as de um

palácio encantado, deixavam ver uma multidão resplandecente de diamantes, de rubis, de safiras, que o gesto de um único homem fazia curvar como o vento curva as espigas de ouro entremeadas de alvas boninas, de purpúreas papoilas e de lírios azulados; então sim, Versalhes era belo, e especialmente quando de todas as suas portas saíam correios para todas as potências, e quando os reis, os príncipes, os senhores, os oficiais e os sábios do mundo civilizado calcavam as suas ricas alcatifas e os seus preciosos mosaicos.

Mas era sobretudo quando se adornava para uma grande cerimónia, quando as sumptuosidades do reposte e as grandes iluminações redobravam a magia de suas riquezas, que Versalhes podia oferecer aos espíritos mais frios uma idéia de todos os prodígios que podem nascer da imaginação e do poder dos homens.

A cerimónia da recepção de um embaixador, e para os simples gentis-homens, a cerimónia da apresentação, eram desta natureza.

Luís XV, criador da etiqueta, que encerrava a cada qual num espaço que não devia transpor, tinha querido que a iniciação aos esplendores da sua vida real incutisse nos eleitos uma tal veneração, que nunca pudessem considerar o palácio do rei senão como um templo, onde lhes era permitido vir adorar o deus coroado num lugar mais ou menos aproximado do altar.

Assim, pois, Versalhes, já degenerado, é verdade, mas ainda resplandecente, tinha aberto todas as suas portas, acendido todas as suas tocheiras, e descoberto todas as suas magnificências para a apresentação da senhora du Barry. A imensidade de curiosos, povo esfaimado e miserável, mas que não se lembrava, coisa célebre! da sua miséria e da sua fome à vista de tanto esplendor, o povo, dizemos, entulhava a praça de armas e a Avenida de Paris. O palácio parecia deitar fogo por todas as janelas, e as girândolas assemelhavam-se de longe a astros revolvendo-se numa nuvem de ouro.

O rei saiu dos seus aposentos às dez horas em ponto. Vinha mais enfeitado do que o costume, isto é, as rendas que trazia eram mais ricas, e só as fivelas das ligas e dos sapatos valiam um milhão.

Sabia pelo senhor de Sartines da conspiração urdida na véspera pelas senhoras invejosas; por isso vinha de parecer carregado, e receando não encontrar senão homens na sala.

Porém, logo se tranqüilizou, quando avistou na sala da rainha, que era especialmente destinada às apresentações, no meio de uma nuvem de pó em que relampejavam diamantes, primeiro, as três filhas, depois a marechala de Mirepoix, que tanta bulha tinha feito na véspera; finalmente, todas as amotinadoras que tinham jurado ficar em casa, e que ali se achavam na primeira fileira.

O Sr. Duque de Richelieu corria como um general de uma à outra, e dizia-lhes:

- Ah! Pérfida, agora a apanhei eu!

Ou então:

- Veja se eu não fazia bem em contar com a sua deserção!

Ou a outra:

- Que lhe dizia eu a respeito de conspirações?

- E então o duque? - respondiam as senhoras.

- Eu, era o representante de minha filha, da condessa de Egmont. Procurem e verão que Septimânia não veio; só ela e as senhoras de Grammont e de Guémenée foram as únicas que sustentaram o que disseram, eis-me pois muito bem arranjado. Amanhã, ou serei exilado pela quinta vez, ou irei pela quarta para a Bastilha. Estou resolvido a nunca mais conspirar.

El-rei apareceu. Houve um prolongado silêncio, durante o qual se ouviram dar as dez horas. Hora solene! Uma corte numerosa cercava Sua Majestade. Estavam junto de el-rei mais de cinquenta pessoas que não tinham jurado não comparecer ao acto da apresentação, e que provavelmente por esse motivo, estavam todas presentes.

O rei notou logo que as senhoras de Grammont, de Guémenée e de Egmont faltavam nessa brilhante e esplêndida assembléia.

Chegou-se para o senhor de Choiseul, que afectava um profundo sossego, e que, a despeito dos seus esforços, apenas conseguia mostrar uma falsa indiferença.

- Não vejo aqui a Sr^a. Duquesa de Grammont – disse Luís XV.

- Senhor - respondeu o senhor de Choiseul – minha irmã está doente e encarregou-me de apresentar a Vossa Majestade os seus humildes cumprimentos.

- Sinto muito! - disse el-rei, e voltou as costas ao senhor de Choiseul.

Voltando-se, achou-se de cara a cara com o príncipe de Guémenée.

- E a Sr^a. Princesa de Guémenée - disse ele – onde está? Não veio consigo, príncipe?

- Não foi possível, senhor, porque está doente; quando fui buscá-la a casa, achei-a de cama.

- Ah! Sinto, sinto! - disse el-rei. -Ah! Aí vem o marechal. Boa noite, duque.

- Senhor... - disse o marechal inclinando-se com a flexibilidade de um mancebo.

- Pois não está doente? - disse el-rei em voz alta bastante para que os senhores de Choiseul e de Guémenée o ouvissem.

- Senhor - respondeu o duque de Richelieu – sempre que se trate de servir Vossa Majestade em objecto que lhe seja agradável, estou de perfeita saúde.

- Mas - disse el-rei olhando em torno de si – a sua filha, a senhora de Egmont, por que motivo não está cá?

O duque, vendo que o escutavam, tomou um ar de profunda tristeza:

- Ah! senhor, a minha filha é bem infeliz em se ver privada da honra que desejava ter de vir depor aos pés de Vossa Majestade as suas respeitosas homenagens; mas hoje, senhor, está doente, bem doente, senhor!...

- Sinto muito! - disse el-rei. - Doente, a senhora de Egmont, a melhor saúde que há em França! Sinto muito, sinto muito!

E el-rei separou-se do senhor de Richelieu como se tinha separado dos senhores de Choiseul e de Guémenée.

Depois completou o seu giro na sala, cumprimentando todos e principalmente a senhora de Mirepoix, que estava incomodada.

- Eis o prémio da traição - disse-lhe o marechal ao ouvido; - amanhã há-de ser paga com honras e mercês, enquanto que nós!... Só de pensar no que nos pode suceder, faz-me estremecer.

E o duque soltou um suspiro.

- Mas parece-me que o senhor duque também atraçou os Choiseul, porque o vejo aqui... Tinha jurado...

- Jurei por minha filha, marechala, pela minha infeliz Septimânia! Agora, ei-la caída da graça por ter sido muito fiel.

- A seu pai! - redarguiu a marechala.

O duque fingiu não ouvir esta resposta, que podia passar por um epigrama.

- Mas - disse ele - não lhe parece, marechala, que el-rei está inquieto?

- Pudera! Tem de quê.

- Como?

- São dez horas e um quarto.

- Ah! é verdade, e a condessa não vem. Quer saber uma coisa, marechala?

- Diga.

- Tenho um receio.

- Qual é?

- Que tenha acontecido alguma desgraça a essa infeliz condessa. A senhora há-de sabê-lo?

- Eu! Por quê?

- Porque na conspiração nadava em mar largo.

- Pois bem, duque - disse a marechala confidencialmente - tenho igual receio.

- A nossa amiga duquesa é uma poderosa antagonista, que fere e foge como os Partos; ora, ela fugiu. Repare como o senhor de Choiseul está inquieto, apesar da vontade que tem de parecer que está sossegado; olhe! Não pode estar quieto e segue el-rei com os olhos. Vamos a saber, tramaram alguma coisa? Diga-mo.

- Nada sei, duque, mas sou da sua opinião.

- O que conseguirão eles com isso?

- Mais uma demora, caro duque, e bem sabe o adágio: “Quem ganha tempo, ganha alguma coisa”. Amanhã pode sobrevir um acontecimento imprevisto que atrase indefinidamente a apresentação. A delfina chega talvez amanhã a Compiègne, em vez de chegar daqui a três ou quatro dias. Talvez queiram ganhar o dia de amanhã.

- Marechala, quer que lhe diga, esse conto-zinho parece-me bem uma realidade. Ela não chega, com todos os demónios!

- E el-rei impaciente-se, repare.

- É a terceira vez que se aproxima da janela. El-rei padece realmente.

- Então logo há-de ser ainda pior.

- Como?

- Olhe! São dez horas e vinte minutos.

- Sim.

- Agora posso dizer-lho.

- Fale.

A marechala olhou em torno de si; depois, em voz baixa, disse:

- Ela não virá.

- Ah! Santo Deus, marechala! Mas isso vai produzir uma cena horrível!

- É quanto basta para se instaurar um processo, duque, um processo criminal... capital... porque há-de haver de tudo... sei-o de boa parte, rapto, violência, lesa-majestade mesmo se for preciso. Os Choiseul jogaram as últimas.

- Mas é uma grande imprudência.

- Que se lhe há-de fazer? A paixão cega-os.

- Eis a vantagem de se não apaixonar, e de ver tudo a sangue-frio como nós, marechala; pelo menos, vê-se tudo claro.

- Olhe, lá se aproxima el-rei outra vez da janela.

Efectivamente, Luís XV, triste, ansioso, irritado, aproximou-se da janela e encostou-se à vidraça fria, pondo a mão sobre o fecho cinzelado dos postigos.

Durante esse tempo, ouvia-se sussurrar, como a folhagem antes da tempestade, as conversas dos cortesãos.

Todas as vistas se dirigiam alternadamente da pêndula para el-rei.

O relógio deu a meia hora. O seu som puro pareceu morder no aço, e a vibração apagou-se fremente na sala imensa.

O senhor de Maupeou chegou-se a el-rei e disse-lhe timidamente:

- Está um tempo lindo, senhor.

- Ótimo, ótimo. Entende alguma coisa disto, senhor de Maupeou?

- De quê, senhor?

- Desta demora. Infeliz condessa!

- Terá adoecido, senhor - disse o chanceler.

- Entendo facilmente que as senhoras de Grammont, de Guéménée, de Egmont estejam doentes; mas a condessa, isso é incompreensível!

- Senhor, uma comoção forte pode fazer adoecer, e a alegria da condessa era tão grande!

- Ah! acabou-se - disse Luís XV abanando a cabeça - acabou-se; agora já não vem!

Apesar de el-rei ter pronunciado estas palavras em voz baixa, era tal o silêncio que havia, que foram ouvidas por quase todas as pessoas presentes.

Mas ainda não teriam podido responder, nem mesmo mentalmente a esse dito de el-rei, quando se ouviu um grande ruído de carruagens.

Todas as fronte oscilaram, todos os olhares se interrogaram mutuamente.

El-rei afastou-se da janela e foi colocar-se no centro da sala para melhor ver a galeria em toda a sua extensão.

- Receio muito que seja alguma má nova que vamos receber - disse a marechala ao ouvido do duque, que dissimulava um sorriso.

Mas de repente o rosto de el-rei tornou-se alegre, os seus olhos brilharam.

- A Sr^a. Condessa du Barry! - bradou o porteiro ao mestre-de-cerimónias. - A Sr^a. Condessa de Béarn!

Estes dois nomes fizeram palpitarem todos os corações com sensações bem opostas. Um grupo de cortesãos invencivelmente levados pela curiosidade, aproximou-se de el-rei.

A senhora de Mirepoix ficou casualmente mais próxima de Luís XV.

- Oh! Como é formosa! - exclamou a marechala de mãos postas como se quisesse estar em adoração.

El-rei voltou-se e sorriu para a marechala.

- Não é uma mulher - disse o duque de Richelieu - é uma fada.

El-rei dirigiu ao velho cortesão o fim do seu sorriso.

Com efeito, nunca a condessa parecera tão formosa, nunca se lhe vira semelhante suavidade de expressão, nunca comoção melhor representada, olhar mais modesto, corpo mais nobre, andar mais elegante, haviam excitado a admiração na sala da rainha, que era, como já dissemos, a sala das apresentações.

Formosa a ponto de encantar, rica sem fausto, penteada divinamente, avançava a condessa, levada pela mão da senhora de Béarn, que apesar dos horribéis padecimentos, não coxeava, não pestanejava, mas cuja cor lhe fugia a pouco e pouco, tanto a vida se retirava do seu rosto, tanto cada fibra estremecia nela dolorosamente ao menor movimento da sua perna ferida.

Todos fixavam a vista nesse grupo estranho.

A velha, decotada como no tempo da sua mocidade, com o penteado da altura de um pé, os grandes olhos encovados e brilhantes como os de uma coruja, o vestuário magnífico e andar de esqueleto, parecia a imagem do tempo passado, dando a mão ao tempo presente.

Essa dignidade seca e fria, guiando essa graça decente e voluptuosa, excitou a admiração e contemplação da maior parte das pessoas presentes.

Pareceu a el-rei, tanto era vivo o contraste, que a senhora de Béarn lhe trazia a sua amante mais moça, mais fresca, mais alegre que nunca a havia visto, e no momento em que, segundo a etiqueta, a condessa dobrava o joelho para beijar a mão a el-rei, Luís XV agarrou-a pelo braço, e fê-la erguer com uma palavra que foi a recompensa de tudo quanto desde quinze dias padecia.

- Aos meus pés, condessa! - disse el-rei; - está zombando!... Eu sou quem deveria, e sobretudo quem quereria estar aos seus.

Depois el-rei abriu os braços, como era uso, mas em lugar de fingir que abraçava, desta vez abraçou realmente, manifestando vivos sinais de alegria.

- Tem uma bem formosa afilhada, minha senhora - disse ele à senhora de Béarn; - mas também em compensação tem ela uma madrinha bem nobre, e que tenho grande prazer em ver novamente no paço.

A velha agradeceu fazendo uma mesura.

- Vá cumprimentar as minhas filhas, condessa - disse el-rei em voz baixa à senhora du Barry - e mostre-lhes que sabe fazer as medidas. Espero que não ficará descontente com as que elas lhe fizerem.

As duas senhoras continuaram a andar no meio de um grande espaço vazio, que em torno delas se formava à medida que avançavam, mas que os olhos cintilantes pareciam encher de chamas ardentes.

As três filhas de el-rei, vendo a senhora du Barry dirigir-se para elas, levantaram-se como se estivessem seguras por molas, e esperaram.

Luís XV velava. Com os olhos fitos nas filhas, recomendava-lhes a mais favorável civilidade.

Suas Altezas, um pouco comovidas, pagaram a mesura à senhora du Barry, a qual se inclinou muito mais do que o ordenava a etiqueta, o que acharam de muito bom gosto, e de tal forma comoveu isto as princesas, que abraçaram a condessa como el-rei o havia feito, e com uma civilidade de que el-rei pareceu ficar encantado.

Desde então começou a apresentação da condessa a ser para ela um triunfo, e os mais vagarosos ou menos hábeis cortesãos tiveram que esperar mais de uma hora antes de poderem dirigir as suas cortesias à rainha da festa.

Esta, sem cólera, sem orgulho, sem recriminação, acolheu todos os cumprimentos e pareceu esquecer todas as traições. Nada havia de falso nessa magnânima benevolência; o seu coração transbordava de alegria e não tinha já lugar para um sentimento de ódio.

O senhor de Richelieu não era em vão o vencedor de Mahon; sabia manobrar. Enquanto os cortesãos vulgares, durante as cortesias, se conservavam em seus lugares e esperavam o resultado da apresentação para incensarem ou denegrirem o ídolo, havia o marechal ido tomar posição por detrás da cadeira em que estava a condessa, e, semelhante ao guia de cavalaria que numa planície vai colocar-se a cem toezas de distância para esperar e servir de ponto a uma fila, no seu ponto de conversão, o duque esperava a senhora du Barry, e devia naturalmente achar-se perto dela. A senhora de Mirepoix, da sua parte, conhecendo a fortuna que sempre acompanhara o duque na guerra, havia imitado esta manobra, e insensivelmente havia aproximado da condessa a cadeira em que estava sentada.

As conversas estabeleceram-se em cada grupo, e a senhora du Barry foi minuciosamente examinada.

A condessa, animada pelo amor de el-rei, pelo gracioso acolhimento das princesas e pelo apoio da sua madrinha, olhava com menos timidez para os homens que cercavam el-rei, e certa da sua posição procurava as suas inimigas entre as mulheres.

Um corpo opaco interrompeu a perspectiva.

- Ah! senhor duque - disse ela - foi preciso vir aqui para o encontrar.

- Por que, minha senhora? - perguntou o duque.

- Sim, porque há-de haver oito dias que não o vejo, nem em Versalhes, nem em Paris, nem mesmo em Luciennes.

- Preparava-me para o prazer de a encontrar aqui esta noite - redargüiu o velho cortesão.

- Previu isto, talvez?

- Tinha a certeza de a ver aqui.

- Ora veja! Realmente, andou muito mal, duque; saber isto e não me ter prevenido, a mim, que sou sua afeioada e que nada sabia.

- Como, minha senhora! Pois não sabia que havia de vir aqui?

- Não. Estava pouco mais ou menos como Esopo, quando um magistrado o deteve na rua e lhe perguntou: "Para onde vais?" - Não sei, respondeu o fabulista. - Ah! sim? Pois vou mandar-te para a cadeia. - Bem vê, portanto, que eu não sabia para onde ia, respondeu Esopo". Eu estava no mesmo caso, duque, podia ter a esperança de vir a Versalhes, mas não tinha bastante certeza para o dizer. Eis o motivo por que me teria feito um serviço indo-me visitar... Mas... Agora irá... Não é assim?

- Minha senhora - disse Richelieu, sem parecer notar a zombaria - não sei por que motivo não tinha a certeza de vir aqui?

- Vou dizer-lho: é porque armaram laços à roda de mim.

E olhou para o rosto do duque, que imperturbavelmente sustentou esse olhar.

- Laços! Ah! Santo Deus! O que me diz, condessa?

- Em primeiro lugar, furtaram-me o meu cabeleireiro.

- Oh! Oh! O seu cabeleireiro.

- É certo.

- Por que mo não mandou dizer? Ter-lhe-ia mandado um; - mas falemos baixo - ter-lhe-ia mandado uma pérola, um tesouro, que a senhora de Egmont descobriu, um artista muito superior a todos os cabeleireiros conhecidos, a todos os cabeleireiros reais, o meu pequeno Leonardo.

- Leonardo! - exclamou a senhora du Barry.

- Sim, um rapaz que penteia Septimânia, e que ela esconde de todos, como Harpagão esconde a sua caixa. Todavia, não tem de que se queixar, condessa, está maravilhosamente bem

penteadada e formosa como um anjo; e, coisa singular, esse enfeite que traz na cabeça parece-se muito com um desenho que a senhora de Egmont pediu ontem a Boucher, e de que tencionava servir-se para si mesma se não tivesse adoecido. Infeliz Septimânia!

A condessa estremeceu e olhou mais atentamente para o duque; mas este permanecia risonho e impenetrável.

- Mas perdão, condessa, interrompi-a... Falava em laços que lhe haviam armado?...

- Sim, depois de me terem furtado o meu cabeleireiro, roubaram-me também o meu vestido, um vestido magnífico.

- Oh! isso é odioso; mas afinal pôde bem dispensar o que lhe roubaram, porque a vejo vestida com uma fazenda milagrosa... É de seda de Macau, não é verdade, com flores recortadas em cima? Pois, se na sua aflição se tivesse dirigido a mim, como para o futuro o deve fazer, ter-lhe-ia enviado o vestido que a minha filha mandou fazer para a sua apresentação, e que era tão semelhante a este que juraria ser o mesmo.

A senhora du Barry pegou nas duas mãos do duque, porque começava a conhecer quem era o feiticeiro que lhe havia acudido a tempo.

- Sabe em que carruagem vim, duque? – perguntou ela.

- Não; provavelmente na sua.

- Duque, haviam-me roubado a minha carruagem, como o meu vestido e o meu cabeleireiro.

- Mas foi um ataque geral? Então em que carruagem veio?

- Diga-me em primeiro lugar como é a carruagem da senhora de Egmont.

- Parece-me que prevendo a cerimónia de hoje, tinha mandado fazer uma carruagem forrada de cetim branco. Mas não tiveram tempo de lhe pintar em cima os seus brasões.

- Sim, e uma rosa pinta-se muito mais depressa que um brasão. Os Richelieu e os de Egmont têm uns brasões muito complicados. O duque é realmente um homem adorável!

E a condessa estendeu-lhe as mãos ambas, que o velho cortesão levou à boca.

De repente, no meio dos beijos com que as cobria, sentiu o duque estremecer as mãos da senhora du Barry.

- O que é? - perguntou Richelieu olhando em torno de si.

- Duque... - disse a condessa com um olhar espantado.

- O que é?

- Quem é aquele homem, que está acolá, ao pé do senhor de Guémenée?

- Com uma farda de oficial prussiano?

- Sim.

- Aquele homem trigueiro, de cabelo preto, de rosto expressivo, condessa? É algum oficial superior que Sua Majestade El-Rei da Prússia manda aqui certamente para assistir à sua apresentação.

- Não zombe, senhor duque; aquele homem já esteve em França há três ou quatro anos; aquele homem que eu não tenho podido encontrar, que por toda a parte procurei, conheço-o.

- Engana-se, condessa; é o conde de Fénix, um estrangeiro aqui chegado ontem ou anteontem.

- Repare, duque, como ele olha para mim!

- Todos olham para si, minha senhora, é tão formosa!

- Lá me corteja ele, olhe, olhe!

- Todos aqueles que ainda não a cortejaram, hão-de cortejá-la, condessa.

Mas a condessa, entregue a uma extraordinária comoção, não ouvia as finezas do duque, e com os olhos fitos no homem que cativara a sua atenção, deixou, como contra vontade, o seu interlocutor para dar alguns passos para o desconhecido.

El-rei, que a não largava de vista, notou esse movimento, e julgou que a condessa reclamava a sua presença, e como já havia cumprido a etiqueta, conservando-se bastante tempo afastado dela, aproximou-se para lhe dar os parabéns.

Mas era muito forte a preocupação que se apoderara da condessa para que o seu espírito pudesse atender a outro objecto.

- Senhor - disse ela - quem é aquele oficial prussiano que está de costas voltadas para o senhor de Guémenée?

- Que está olhando para nós? - perguntou Luís XV.

- Sim - respondeu a condessa.

- Aquele rosto enérgico, aquela bela cabeça, metidos numa gola de ouro?

- Sim, sim, exactamente.

- É um enviado do meu primo da Prússia... algum filósofo assim como ele. Mande-o aqui vir esta noite. Quis que a filosofia prussiana consagrasse o triunfo de Cotilhão III com a presença de um embaixador.

- Mas como se chama ele, senhor?

- Espere, deixe ver se me lembra; ah! é isso, é o conde de Fénix.

- É ele! - murmurou a senhora du Barry - é ele, tenho a certeza disso!

El-rei esperou ainda alguns segundos para dar tempo à senhora du Barry de lhe fazer novas perguntas; mas vendo que ficava calada, disse em voz alta:

- Minhas senhoras, amanhã chega a senhora delfina a Compienha. Sua Alteza Real há-de ser recebida ao meio-dia em ponto: todas as senhoras *apresentadas* devem ir à recepção, menos as que estão doentes, porque a jornada é comprida, e a senhora delfina não quererá certamente agravar-lhes o mal.

El-rei pronunciou estas palavras, olhando severamente para os senhores de Choiseul, de Guémenée e de Richelieu.

Seguiu-se em torno de el-rei um silêncio aterrador.

O sentido das palavras reais tinha sido bem traduzido: era o desvalimento.

- Senhor - disse a condessa du Barry, que ficara ao lado de el-rei - peço perdão para a Sr^a. Condessa de Egmont.

- Por quê?

- Porque é filha do Sr. Duque de Richelieu, e o Sr. Duque de Richelieu é o meu mais fiel amigo.

- Richelieu?

- Tenho a certeza do que digo, senhor.

- Faça o que quiser, condessa - disse el-rei.

E aproximando-se do marechal, que nem um só movimento dos lábios da condessa havia perdido, e que, se não tinha ouvido, pelo menos tinha adivinhado o que ela acabava de dizer, disse-lhe:

- Espero, meu caro duque, que a senhora de Egmont estará restabelecida para amanhã.

- Certamente, senhor, e mesmo para esta noite, se Vossa Majestade o desejar.

E Richelieu cortejou el-rei de modo que conhecesse que era um testemunho de respeito e agradecimento.

El-rei aproximou-se mais da condessa e falou-lhe ao ouvido.

- Senhor - respondeu ela fazendo uma agradável mesura - sou a sua mais humilde e obediente súbdita.

El-rei saudou todos com a mão, e retirou-se.

Apenas havia passado o limiar da porta, os olhos da condessa dirigiram-se mais aterrados que nunca para aquele homem tão singular, que tanto a preocupava.

Este homem, como todos os mais, inclinou-se quando el-rei passou; mas, ainda assim, nesse acto de humildade conservava na sua fronte uma singular expressão de ameaça. Depois, apenas Luís XV havia desaparecido, abrindo caminho entre os grupos, veio parar a dois passos de distância da condessa du Barry.

A condessa, atraída por uma invencível curiosidade, deu um passo, de modo que o desconhecido, inclinando-se, pôde dizer-lhe em voz baixa:

- Lembra-se de mim, minha senhora?

- Sim, senhor, lembro-me perfeitamente, é o profeta da Praça de Luís XV.
Então o desconhecido dirigiu para ela o seu olhar límpido e firme.
- Então, menti eu, minha senhora, quando lhe profetizei que seria rainha de França?
- Não, senhor; a sua profecia está cumprida, ou pelo menos quase cumprida. Diga agora o que deseja.
- O lugar não é próprio, minha senhora, e demais o tempo de lhe fazer o meu pedido ainda não chegou.
- Em qualquer tempo que quiser, achar-me-á pronta sempre para desempenhar a minha promessa.
- Poderei em todo o tempo, em qualquer lugar e a toda a hora chegar-me a si, minha senhora?
- Sim.
- Agradecido.
- Mas quando me quiser procurar, apresentar-se-á como conde de Fénix?
- Não, há-de ser com o nome de José Bálsamo.
- José Bálsamo... - repetiu a condessa, enquanto o homem misterioso desaparecia entre os grupos. — José Bálsamo! Está bom! Não me esquecerei.

XIII

COMPIENHA

No dia seguinte, ergueu-se Compienha embriagada e delirante, ou para melhor dizer, em Compienha ninguém dormiu.

Desde a véspera, a vanguarda da casa do rei havia disposto e arranjado os seus quartéis na cidade, e enquanto os oficiais tomavam conhecimento dos lugares em que estavam, aqueles a quem isso pertencia preparavam a cidade para a grande honra que ia receber.

Arcos de triunfo feitos com louro, jardins artificiais, inscrições latinas, francesas e alemãs, versos e prosa, tudo isso levava tempo a combinar.

Raparigas vestidas de branco, segundo o costume imemorial, homens vestidos de preto, religiosos com os hábitos cinzentos, o clero com as suas mais ricas alfaias, os soldados e oficiais da guarnição com os seus uniformes novos, todos foram colocados em seus postos esperando o sinal da chegada da princesa.

O delfim, que na véspera tinha partido, havia chegado incógnito pelas onze horas da noite com seus irmãos.

De manhã cedo montou a cavalo, sem outra distinção que não fosse a de um simples particular, e, seguido pelo Sr. Conde de Provença e pelo Sr. Conde de Artois, o primeiro de quinze, e o segundo de treze anos de idade, começou a galopar na direcção de Ribecourt, seguindo a estrada pela qual a senhora delfina devia vir.

Não era ao jovem príncipe, deve dizer-se, que tinha ocorrido a idéia de ir assim ao encontro da noiva; era uma lembrança do seu preceptor, o Sr. Lavauguyon, que, chamado na véspera por el-rei, tinha recebido instruções a tal respeito.

O senhor de Lavauguyon tinha pois julgado conveniente, para sustentar sem quebra a honra da monarquia, que o duque de Berry seguisse o exemplo tradicional dos reis seus ascendentes, Henrique IV, Luís XIII, Luís XIV e Luís XV, os quais tinham querido analisar por seus próprios olhos, e sem a ilusão dos adornos, as suas futuras esposas menos preparadas em trajos de jornada a sofrer o exame de um marido.

Montados em cavalos de corridas, andaram três ou quatro léguas em meia hora. O delfim tinha saído sério e seus irmãos risonhos. Às oito e meia já tinham voltado. O delfim vinha sério como tinha ido, o senhor de Provença quase triste, só o Sr. Conde de Artois vinha mais alegre do que pela manhã.

Esta inquietação do Sr. Duque de Berry, a inveja do Sr. Conde de Provença, a alegria do Sr. Conde de Artois, tinham uma única e mesma causa: a formosura da delfina.

O carácter circunspecto, invejoso e desleixado dos três príncipes, lia-se claramente no rosto de cada um deles.

Davam dez horas no relógio da municipalidade de Compienha, quando o vigia viu içar no campanário da aldeia de Claives a bandeira branca que anunciava estar a delfina à vista.

Tocou logo o sino de advertência, e a este sinal respondeu um tiro de artilharia da praça do castelo.

No mesmo instante, e como se unicamente esperasse este aviso, o rei saiu de Compienha numa carruagem a oito cavalos, cercado pelos militares de sua casa em duas fileiras, e seguido pela imensa multidão das carruagens da corte.

Os gendarmes e os dragões abriram caminho a galope por entre as turbas que manifestavam ao mesmo tempo o desejo de ver o rei e o de ir ao encontro da delfina; o esplendor atraía-os a um lado, e o interesse a outro.

Cem carruagens a quatro cavalos cada uma, e que tomavam quase o espaço de uma légua, conduziam quatrocentas senhoras e outros tantos homens pertencentes à mais alta nobreza de França. Estas cem carruagens iam escoltadas por moços de estribeira, lacaios, andarilhos e pajens. Os gentis-homens da casa do rei iam a cavalo e formavam um brilhante exército que resplandecia no meio do pó levantado pelas patas dos cavalos, como uma onda de veludo, de ouro, de plumas e de sedas.

Pararam por alguns minutos em Compienha, e logo saiu tudo da cidade a passo, para ir até ao lugar convencionado, que era uma cruz colocada na estrada, na altura da aldeia de Magny.

Toda a mocidade de França acompanhava o delfim, todos os fidalgos velhos estavam com o rei.

A delfina, que não tinha mudado de carruagem, veio adiantando-se a passos contados até aos limites marcados.

Os dois ranchos encontraram-se finalmente.

Logo se despejaram as carruagens todas. De ambos os lados se apeou o tropel dos cortesãos; duas únicas carruagens ainda estavam ocupadas: uma era a do rei, a outra a da delfina.

Abriu-se a portinhola da carruagem da delfina, e a jovem arquiduquesa saltou ligeiramente para fora.

A princesa caminhou logo para a portinhola da carruagem real.

Luís XV, logo que avistou sua nora, mandou abrir a portinhola da carruagem, e apeou-se apressadamente.

A senhora delfina tinha calculado tão habilmente a distância, que no mesmo instante em que o rei punha o pé no chão, ajoelhou ante ele.

O rei abaixou-se, levantou a princesa e abraçou-a com ternura, mas não sem lhe lançar um olhar, que sem ela querer, lhe fez subir a cor ao rosto.

- Eis o senhor delfim! - disse el-rei mostrando a Maria Antonieta o duque de Berry, que estava por detrás dela, e que ainda não tinha visto, pelo menos oficialmente.

A delfina fez uma mesura graciosa que o delfim retribuiu corando também.

Depois do delfim seguiram-se seus dois irmãos, depois destes as três filhas do rei.

A senhora delfina disse uma palavra obsequiadora a cada um dos dois príncipes, assim como a cada uma das três princesas.

À medida que iam tendo lugar estas apresentações, a senhora du Barry, colocada por detrás das princesas, esperava com a maior ansiedade. Tratar-se-ia dela, ou seria esquecida?

Depois da apresentação da senhora Sofia, última das filhas de el-rei, houve um silêncio de instantes, durante o qual todas as respirações permaneceram arquejantes.

El-rei parecia hesitar, e a delfina parecia esperar algum novo incidente, de que porventura já tinha sido prevenida.

O rei olhou em torno de si, e vendo a condessa a seu alcance, tomou-lhe a mão.

Todos se apartaram imediatamente. El-rei e a delfina ficaram no centro de um círculo.

- A Sr^a. Condessa du Barry - disse ele - a minha melhor amiga.

A delfina empalideceu, porém o mais amável sorriso assomou logo a seus olhos descorados.

- Vossa Majestade é muito feliz - respondeu ela em ter uma amiga tão encantadora, e já não me admira a afeição que ela é capaz de inspirar.

Todos os circunstantes olharam uns para os outros com espanto que chegava à estupefacção. Era evidente que a delfina seguia as instruções que recebera na corte de Áustria, e repetia, provavelmente, as próprias palavras que lhe ditara Maria Teresa.

O senhor de Choiseul, vendo isto, pensou que era necessária a sua presença. Adiantou-se pois para ser também apresentado, mas el-rei fez um sinal com a cabeça, e logo rufaram os tambores, tocaram as trombetas, e troou a artilharia.

El-rei pegou na mão da jovem princesa para a conduzir à sua carruagem. Ela passou por esta forma pela frente do senhor de Choiseul.

É impossível dizer se ela o viu ou não, o que é certo é que nem com a mão nem com a cabeça fez aceno algum que se assemelhasse a uma cortesia.

No momento em que a princesa entrava na carruagem de el-rei, ouviu-se acima de toda esta bulha solene o repique dos sinos da cidade.

A senhora du Barry voltou radiante de alegria para a sua carruagem.

Houve uma demora de uns dez minutos enquanto el-rei subiu para a sua carruagem, e mandou voltar para Compïenhe.

Durante este tempo, todas as vozes, até ali comprimidas pelo respeito ou pela comoção, romperam num burburinho geral.

Du Barry aproximou-se da portinhola da carruagem pertencente à irmã; esta recebeu-o com cara risonha, porque esperava que ele lhe desse os parabéns.

- Sabes, Joana - lhe disse ele apontando para um cavaleiro que estava conversando com alguém que vinha numa das carruagens da comitiva da senhora delfina - sabes quem é aquele mancebo?

- Não - disse a condessa - mas não queres saber o que respondeu a delfina, quando el-rei me apresentou?

- Não é disso que se trata agora. Aquele mancebo é o Sr. Filipe de Taverney.

- O que te deu a estocada?

- Exactamente. E queres saber quem é aquela linda pessoa com quem está conversando?

- Aquele menina tão pálida e tão majestosa?

- Sim, para quem el-rei está agora mesmo olhando, e de quem, provavelmente, está perguntando o nome à senhora delfina.

- Então quem é?

- É a irmã dele.

- Ah! - exclamou a senhora du Barry.

- Olha, Joana! Parece-me, não sei por que, que deves acautelar-te tanto da irmã como eu do irmão.

- Estás doido.

- Não estou doido, sou prudente. Em todo o caso, hei-de vigiar o rapazinho.

- E eu já não perco de vista a rapariguinha.

- Caluda! - disse João - aí vem o nosso amigo, o duque de Richelieu.

E na verdade o duque aproximava-se, abanando a cabeça.

- Que tem, meu caro duque? - perguntou a condessa com o sorriso mais encantador - dir-se-ia que não está satisfeito.

- Condessa - respondeu o duque - não lhe parece que estamos todos muito sérios, ou para melhor dizer muito tristes, por ocasião de um acontecimento tão alegre como este devia ser? Lembra-me termos ido, outrora, ao encontro de uma princesa amável como esta, formosa como esta; era a mãe do senhor delfim, e íamos todos mais alegres. Seria por sermos mais moços?

- Não, meu querido marechal - disse uma voz por detrás do duque - era porque a realeza não estava tão velha.

Todos os que ouviram aquela palavra sentiram uma espécie de arrepio. O duque voltou-se e viu um fidalgo velho de elegante porte, que lhe punha a mão sobre o ombro, acompanhando este gesto com um riso misantrópico.

- Assim Deus me condene! - gritou o duque - é o barão de Taverney; - e virando-se para a condessa continuou: - um dos meus amigos mais antigos, o barão de Taverney Casa Vermelha, para o qual desde já peço toda a sua benevolência.

- É o pai! - disseram ao mesmo tempo João e a condessa ao curvarem-se para cumprimentar.

- A caminho, senhores, a caminho! - bradou neste momento o major da casa real, comandante da escolta.

Os dois fidalgos velhos fizeram uma cortesia à condessa e ao visconde, e dirigiram-se ambos para a mesma carruagem, felizes por se encontrarem depois de tão prolongada ausência.

- Sabes que mais! - disse o visconde - se queres que te fale a verdade, minha rica, não me agrada mais o pai que os filhos.

- Que grande desgraça que é - disse a condessa ter fugido aquele ursinho do Gilberto, porque nos teria dado informações acerca de toda esta família, visto ter ele sido criado com ela.

- Ora adeus! - disse João; - não nos custará muito tornar a achá-lo, agora que não temos outra coisa de que tratar.

O movimento das carruagens pôs termo à conversa.

No dia seguinte, depois de terem pernoitado em Compienha, as duas cortes, que eram o ocaso de um século e a aurora de outro, caminhavam confundidas para Paris, essa voragem devoradora que um dia havia de engoli-las a ambas.

XIV

A PROTECTORA E O PROTEGIDO

Já é tempo de tratarmos de Gilberto, de quem apenas sabemos a fuga por uma exclamação imprudente da Sr^a. Chon, sua protectora.

A admiração do nosso filósofo pela sua protectora tinha esfriado consideravelmente, desde que lhe tinha sabido o nome, na aldeia de Chaussée, por ocasião dos preliminares do duelo entre Filipe de Taverney e o visconde du Barry.

Freqüentes vezes, em Taverney, quando escondido no meio de um bosque, ou por detrás de uma latada, ele espreitava avidamente Andreia passeando com seu pai, freqüentes vezes, dizemos, tinha ele ouvido o barão explicar-se categoricamente acerca da senhora du Barry.

O ódio interesseiro do velho de Taverney, de quem já sabemos os vícios e os princípios, tinha encontrado certa simpatia no coração de Gilberto. Provinha isto de não contradizer à Sr^a. Andreia, por forma alguma, o mal que o barão dizia da senhora du Barry, porque, forçoso é dizê-lo, o nome da senhora du Barry era muito desprezado em França. Finalmente, o que tinha atraído Gilberto completamente ao partido do barão, era ter ouvido, de uma vez, Nicola exclamar: “Ah! se eu fosse a senhora du Barry”

Durante todo o tempo da jornada, Chon esteve muito entretida, e com coisas muito sérias, para poder dar atenção à mudança que no espírito de Gilberto havia produzido o conhecimento dos seus companheiros de viagem. Chegou portanto a Versalhes pensando unicamente no melhor modo de tornar a favor do visconde o resultado da ferida que recebera de Filipe.

Quanto a Gilberto, apenas entrado na capital, se não da França, pelo menos da monarquia francesa, esqueceu todo o mau pensamento para exclusivamente se entregar a uma franca admiração. Em Versalhes, majestosa e fria, com as suas grandes árvores, a maior parte das quais começavam a secar e a morrer de velhas, deu entrada Gilberto com esse sentimento de

religiosa tristeza de que se não pode livrar nenhum espírito bem organizado na presença das grandes obras levantadas pela perseverança humana, ou criadas pelo poder da natureza.

Resultou desta impressão suscitada em Gilberto, contra a qual se erguia em vão o seu orgulho inato, que durante os primeiros instantes, a surpresa e a admiração o haviam tornado dócil e silencioso. Esmagava-o o sentimento da sua miséria e da sua inferioridade. Achava-se bem pobremente vestido para estar ao lado desses senhores enfeitados de ouro e cordões, bem pequeno ao pé dos soldados da guarda, bem pouco seguro, quando, com os seus grosseiros sapatos, teve que pisar os sobrados de mosaico e os mármore polidos das galerias.

Então sentiu que para fazer de si alguma coisa lhe era indispensável o socorro da sua protectora. Aproximou-se dela para que os guardas vissem bem que ele vinha na sua companhia. Mas foi por essa mesma necessidade que tivera de Chon, que, com a reflexão que depois lhe veio ele não lhe pôde perdoar.

Sabemos já que a senhora du Barry habitava em Versalhes um belo quarto, outrora pertencente à senhora Adelaide. O ouro, o mármore, os perfumes, os tapetes, as rendas, embriagaram ao princípio Gilberto, natureza sensual por instinto, espírito filosófico por vontade, e foi só depois de lá estar por muito tempo que, embriagado primeiro pela reflexão de tantas maravilhas que haviam deslumbrado a sua inteligência, percebeu finalmente que estava numa pequena mansarda forrada de sarja, que lhe tinham trazido um caldo, o resto de um assado e um copo com uma pouca de nata, e que o lacaio servindo-o, lhe havia dito num tom de amo:

- Fique aqui!

Retirou-se depois.

2

Entretanto, uma última parte do quadro – verdade seja que era o mais belo - prendia ainda Gilberto. Haviam-no mandado para as águas-furtadas, como já dissemos, mas da janela da mansarda via os jardins matizados, as águas cobertas com essa camada verde que nascia do abandono em que estavam, e além os cumes das árvores, murmurando como as ondas do oceano, as planícies verdes e os horizontes azuis das montanhas vizinhas. A única coisa em que pensou Gilberto naquele momento, foi que, sem ser cortesão nem lacaio, sem recomendação alguma de nascimento e sem baixa de carácter, estava hospedado em Versalhes, no palácio do rei, como se fosse um dos primeiros nobres de França.

Então Gilberto reparava as suas forças, comendo o que lhe haviam trazido, grande festim, se o comparasse com os que costumava ter, mas cuja sobremesa era olhar pela janela da mansarda. Chon chegava, como decerto nos lembramos todos, ao gabinete de sua irmã, dizendo-lhe ao ouvido que estava cumprida a sua incumbência para a senhora de Béarn, e dava-lhe parte em voz alta do sucedido a seu irmão na estalagem de Chaussée, acontecimento que, apesar da bulha que ao princípio causara, vimos perder-se e morrer no abismo em que se deviam perder tantas outras coisas muito mais importantes, tais como a indiferença de el-rei.

Gilberto estava entregue a uma dessas meditações, que lhe eram familiares em presença das coisas que passavam a medida da sua inteligência ou da sua vontade, quando vieram participar-lhe que Chon o convidava a descer. Pegou no seu chapéu, escovou-o, comparou disfarçadamente o seu fato usado com o fato rico do lacaio, e, dizendo consigo mesmo que o fato deste último era uma libré, não deixou por isso de descer corando de vergonha, por se achar tão-pouco em harmonia com os homens por quem passava e com as coisas que via.

Chon descia para o pátio ao mesmo tempo que Gilberto, com a diferença que ela descia pela grande escada e ele por uma espécie de escada de mão. Uma carruagem esperava. Era um faetonte de dois assentos, quase semelhante a essa célebre carruagem histórica em que o grande

² Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

rei, a senhora de Montespan, a senhora de Fontanges e muitas vezes a rainha, passeavam todos juntos.

Chon meteu-se dentro e sentou-se no primeiro banco; levava consigo uma caixa grande e um cão pequeno. Os outros dois lugares eram destinados para Gilberto e para uma espécie de mordomo chamado Grange.

Gilberto deu-se pressa em colocar-se por detrás de Chon para manter-se no seu lugar. O mordomo, sem fazer dificuldades, sem mesmo pensar em tal, sentou-se por sua vez por detrás da caixa e do cão.

Como a Sr^a. Chon, semelhante pelo espírito e pelo coração a tudo quanto habitava Versalhes, se sentia alegre por sair do grande palácio e respirar o ar dos bosques e dos prados, tornou-se comunicativa; apenas saiu da povoação, voltou-se um pouco para Gilberto:

- Então! - disse ela - como acha Versalhes, senhor filósofo?

- Muito belo, minha senhora, mas já o deixamos?

- Sim, desta vez vamos para *nossa* casa.

- Quer dizer para *sua* casa, minha senhora – disse Gilberto no tom de um urso que se humanizava.

- É o que eu queria dizer. Mostrá-lo-ei a minha irmã; faça por lhe agradar, é dela que actualmente dependem os mais nobres senhores da França. A propósito, Sr. Grange, mandará fazer um fato completo a este rapaz.

Gilberto fez-se vermelho.

- Que fato há-de ser, minha senhora? a libré pequena? - perguntou o mordomo.

Gilberto deu um salto sobre o banco como se estivesse sentado sobre brasas.

- A libré! - exclamou ele, deitando sobre o mordomo um olhar feroz.

Chon riu.

- Não, mandará fazer... eu lho direi depois; tenho uma idéia, que quero comunicar a minha irmã. Velará unicamente em que o tal fato esteja pronto ao mesmo tempo que o de Zamora.

- Sim, minha senhora.

- Conhece Zamora? - perguntou Chon a Gilberto, a quem todo este diálogo causava admiração.

- Não, minha senhora - respondeu ele; - não tenho essa honra.

- É um companheirozinho que há-de ter, e que vai ser governador do palácio de Luciennes. Trate de lhe ganhar a amizade, porque afinal Zamora é uma boa criatura, apesar da sua cor.

Gilberto teve desejos de perguntar qual era a cor de Zamora, mas lembrou-se da prática que lhe fizera Chon a propósito de curiosidades, e receando uma segunda admoestação, conteve-se.

- Eu farei a diligência - respondeu ele com um sorriso cheio de dignidade.

Chegaram a Luciennes. O filósofo tinha visto tudo: a entrada com as árvores ultimamente plantadas, os seus sombrios outeiros, o grande aqueduto que parece uma obra dos Romanos, os castanheiros com as suas belas folhas, e finalmente, esse magnífico ponto de vista de planícies e bosques que acompanham as duas margens do Sena na direcção de Maisons.

- É aqui - disse consigo Gilberto - esse palácio que tanto dinheiro custou à França, segundo diz o Sr. Barão de Taverney!

Alguns cães alegres e alguns criados que correram para cumprimentar Chon, interromperam Gilberto no meio das suas reflexões aristocrático-filosóficas.

- Minha irmã chegou? - perguntou Chon.

- Ainda não, minha senhora, mas estão à espera dela.

- Quem?

- O senhor chanceler, o senhor chefe da polícia e o Sr. Duque de Aiguillon.

- Bem! vai depressa abrir o gabinete chinês, e quero ser a primeira a falar com minha irmã; dir-lhe-ás que estou ali, ouviste? Ah! Sílvia - prosseguiu Chon dirigindo-se a uma espécie de

aia que acabava de pegar na caixa e no cãozinho - dá a caixa e Misapouf ao Sr. Grange e leva o meu pequeno filósofo para junto de Zamora.

Sílvia olhou em torno de si, procurando certamente a espécie de animal de que Chon queria falar, e os seus olhos e os da sua *ama*, tendo-se fixado ao mesmo tempo sobre Gilberto, Chon fez sinal que era daquele rapaz que se tratava.

- Venha - disse-lhe Sílvia.

Gilberto, cada vez mais admirado, seguiu a aia, enquanto que Chon, ligeira como um pássaro, desaparecia por uma das portas laterais do palácio.

Se não fosse o tom imperativo com o qual Chon lhe falou, Gilberto teria tomado Sílvia por uma grande fidalga da corte, mas nunca por uma criada. E efectivamente, pelo vestuário, parecia-se muito mais com Andreia do que com a criada Nicola. Sílvia levou Gilberto pela mão, dirigindo-lhe ao mesmo tempo um agradável sorriso, porque as palavras de Chon a respeito de Gilberto indicavam, senão afeição, pelo menos fantasia.

Sílvia era uma bela rapariga, alta, olhos de um azul escuro, tez branca, com leves manchas de sardas, magníficos cabelos de um louro carregado. A boca delicada e fina, os dentes brancos, os braços gordos e bem feitos, produziram em Gilberto uma dessas impressões sensuais, às quais era tão acessível, e que lhe fizeram lembrar, por um doce estremecimento, essa lua-de-mel de que Nicola lhe falara algumas vezes.

As mulheres dão logo por estas coisas; Sílvia conheceu-o e disse-lhe sorrindo-se:

- Como se chama, senhor?

- Gilberto, menina - respondeu o nosso mancebo com uma voz suave.

- Pois bem, Sr. Gilberto, venha travar conhecimento com o Sr. Zamora.

- Com o governador do palácio de Luciennes?

- Com o governador.

Gilberto puxou as mangas da casaca, escovou-se com as mãos, sacudiu-se com o lenço. No fundo da sua alma achava-se bastante intimidado para comparecer perante uma personagem tão importante, mas lembrava-se destas palavras: “Zamora é uma boa criatura”, e estas palavras tranquilizavam-no.

Já era amigo de uma condessa, amigo de um visconde, e ia sê-lo de um governador.

- Ora - pensou ele - também caluniaram a corte, onde é tão fácil ter amigos! Imagino que são boas pessoas e hospitaleiras.

Sílvia abriu a porta de uma linda antecâmara que mais parecia um toucador; as portas eram de tartaruga com embutidos de cobre dourado. Dir-se-ia ser o átrio de Lúculo, com a diferença que no palácio deste romano, eram os embutidos todos de ouro fino.

Ali, numa imensa poltrona, metido entre travesseiros e almofadas, de pernas cruzadas, roendo umas pastilhas de chocolate, achava-se o Sr. Zamora, que nós conhecemos, mas que Gilberto não conhecia ainda.

Também o efeito que nele produziu a aparição do futuro governador de Luciennes, traduziu-se de um modo bem curioso no rosto do filósofo.

- Oh! - exclamou ele contemplando tão estranha criatura, porque era a primeira vez que via um preto. - Oh! oh! o que é isto?

Zamora nem sequer levantou a cabeça e continuou a roer as suas pastilhas, mexendo muito com o branco dos olhos.

- Isto - redargüiu Sílvia - é o Sr. Zamora.

- Este?!... - disse Gilberto, admirado.

- Certamente - respondeu Sílvia, rindo do aspecto que a cena ia tomando.

- O governador! - prosseguiu Gilberto; - pois este mono é o governador do palácio de Luciennes? Ora adeus, menina, está brincando.

Ouvindo isto, Zamora endireitou-se na sua poltrona e mostrou os seus dentes brancos.

- Eu sou governador - disse ele - não sou mono.

Gilberto olhava, ora para Sílvia, ora para Zamora, com um olhar inquieto, e que se tornou furioso, quando viu que a rapariga soltou uma gargalhada, apesar dos esforços que fazia para se conter.

Quanto a Zamora, sério e impassível como um ídolo negro, meteu a sua mão preta no saco de cetim que continha as pastilhas e continuou a roer algumas.

Neste momento abriu-se a porta e entrou o Sr. Grange com um alfaiate.

- Eis aqui - disse ele designando Gilberto - a pessoa para quem é o fato; tome a medida do modo como já lhe expliquei.

Gilberto estendeu maquinalmente os braços e os ombros, enquanto Sílvia e o Sr. Grange conversavam no fundo da casa, do que resultava rir às gargalhadas a rapariga, a cada palavra que lhe dizia o mordomo.

- Ah! Há-de ser lindo - disse Sílvia; - e terá ele o barrete agudo como Esganarelo?

Gilberto não quis mesmo ouvir a resposta, repeliu asperamente o alfaiate, e de modo algum permitiu que lhe acabassem de tomar a medida. Ele não conhecia Esganarelo, mas o nome e mais que tudo as risadas de Sílvia indicavam-lhe que devia ser uma personagem eminentemente ridícula.

- Está bom - disse o mordomo ao alfaiate - não o obrigue à força; sabe quanto basta, não é verdade?

- Certamente - respondeu o alfaiate - e ainda que venha largo não importa, estes fatos quanto mais largos são, melhor ficam.

Depois disto Sílvia, o mordomo e o alfaiate partiram, deixando Gilberto só com o pretinho, que continuava a roer as pastilhas e a mexer o branco dos olhos.

Que de inimigos para o pobre provinciano! Que de receios, que de angústias principalmente para o filósofo que via ou julgava ver a sua dignidade de homem mais claramente comprometida em Luciennes do que o era em Taverney!

Entretanto, quis falar com Zamora; ocorreu-lhe a idéia que seria talvez algum príncipe índio, como os conhecia pelos romances do Sr. Crébillon filho.

Mas o príncipe índio, em vez de lhe responder, foi passear por diante dos espelhos para ver e admirar a sua farda, como faz uma noiva com o seu vestido do casamento; depois, foi escarranchar-se numa cadeira de rodas, a qual impeliu com os pés, dando assim algumas dez voltas em redor da casa com uma velocidade que provava evidentemente o estudo profundo que havia feito de semelhante exercício.

De repente, ouviu-se tocar uma campainha, Zamora largou a sua cadeira, deixando-a no meio da casa, e saiu precipitadamente por uma das portas da sala seguindo a direcção do som.

Esta prontidão em obedecer ao toque de uma campainha acabou de convencer Gilberto que Zamora não era um príncipe índio.

Gilberto teve vontade de sair pela mesma porta por onde saíra Zamora, mas quando chegou ao fim do corredor, que dava para uma sala, viu tantos cordões azuis e vermelhos, e tudo tão vigiado por lacaios tão atrevidos, tão insolentes e tão bulhentos, que se sentiu estremecer, e voltou coberto de suor para a mesma casa em que tinha estado.

Assim se passou uma hora. Zamora não voltava, Sílvia continuava a estar ausente, Gilberto desejava com toda a força da sua alma que lhe aparecesse algum rosto humano, ainda mesmo que fosse o do horrível alfaiate que ia confeccionar a mistificação desconhecida de que ele estava ameaçado.

No fim desta hora, abriu-se a porta por onde ele tinha entrado, e apareceu um laiaio que lhe disse:

- Venha!

Gilberto afligia-se muito por se ver na necessidade de obedecer a um laçao, todavia, como provavelmente se tratava de alguma mudança no seu estado, e como lhe parecia que toda a mudança para ele devia ser vantajosa, apressou-se em seguir o criado.

Chon, livre afinal de toda a negociação, tendo posto sua cunhada ao facto do que se havia passado com a senhora de Béarn, estava almoçando muito sossegadamente, num lindo traje de manhã, sentada próximo de uma janela à altura da qual chegavam as acácias e os castanheiros do jardim.

Comia com muito bom apetite, e Gilberto notou que esse apetite estava justificado com a presença de um guisado de faisão e de uma galantina de trufas.

O filósofo Gilberto, conduzido para junto de Chon, procurou com a vista o lugar do seu talher na mesa: esperava um convite, mas Chon nem sequer o mandou sentar.

Contentou-se em olhar para ele, depois, tendo bebido um copo de vinho cor de topázio, disse:

- Vamos a saber, meu caro médico, como tem estado com Zamora?

- Como tenho estado?! - perguntou Gilberto.

- Certamente; espero que tenha travado amizade!

- Como quer que se trave amizade com uma espécie de animal que não fala, e que quando lhe falam faz caretas e mostra os dentes!

- Assusta-me - respondeu Chon sem interromper o seu almoço e sem que a expressão da sua fisionomia correspondesse por forma alguma às suas palavras; - o senhor é então muito intratável para travar amizade?

- A amizade supõe igualdade, minha senhora.

- Bela máxima! - disse Chon. - Então não se julga igual de Zamora?

- Quero dizer - atalhou Gilberto - que o não considero meu igual.

- Realmente - disse Chon como falando consigo mesma - é muito interessante!

Depois, voltando-se para Gilberto, de quem notara o modo arrogante, acrescentou:

- Diz portanto, caro doutor, que dificilmente dá o seu coração?

- Muito dificilmente, minha senhora.

- Então enganava-me eu quando pensava ser do número das pessoas a quem tem amizade?

- Tenho muita inclinação para si pessoalmente, minha senhora - disse Gilberto com altivez - mas...

- Ah! muito lhe agradeço esse esforço; enche-me de prazer, mas quanto tempo será preciso, meu belo desdenhoso, para obter a sua estima?

- Muito tempo, minha senhora; e há mesmo pessoas, minha senhora, que façam o que fizerem nunca a poderão alcançar.

- Ah! isso agora explica-me o motivo por que, tendo estado dezoito anos em casa do barão de Taverney, saiu dela rapidamente. Os Taverney não haviam conseguido a fortuna de alcançar a sua estima, não é assim?

Gilberto corou.

- Então, que responde? - continuou Chon.

- Que lhe hei-de responder, minha senhora? Deve saber que para se alcançar amizade e confiança é preciso merecê-la.

- Que tal! Parece-me então que a família Taverney não lhe merecia nem amizade nem confiança?

- Toda, não, minha senhora.

- E o que lhe fizeram aqueles que tiveram a infelicidade de lhe desagradar?

- Eu não me queixo, minha senhora - disse Gilberto com altivez.

- Ora vamos - disse Chon - veja que sou também excluída da sua confiança, Sr. Gilberto, e todavia não é porque me falte vontade de a conquistar, o que me falta talvez é saber os meios que se devem empregar.

Gilberto mordeu os lábios.

- Afinal, esses Taverney não lhe faziam tudo quanto desejava - acrescentou Chon com uma curiosidade cuja tendência Gilberto percebeu. - Diga-me em que se empregava em casa deles.

Gilberto perturbou-se, porque realmente nem ele mesmo sabia em que se empregava em Taverney.

- Minha senhora - disse ele - eu era... era homem de confiança.

Estas palavras, pronunciadas com a fleuma filosófica de Gilberto, produziram em Chon uma tal vontade de rir que se recostou na poltrona soltando seguidas e estridentes gargalhadas.

- Duvida? - perguntou Gilberto franzindo as sobrancelhas.

- Deus me livre! Sabe que mais, meu rapaz, é de uma tal ferocidade que se lhe não pode dizer nada. Eu perguntava que pessoas eram esses Taverney; esta pergunta não era para o ofender, mas sim para o servir, vingando-o também.

- Não me vingo, ou exerço eu mesmo as minhas vinganças, minha senhora.

- Muito bem, mas nós mesmos fomos desfeitos pelos Taverney. Como naturalmente também recebeu uma ou mais desfeitas, somos por natureza aliados.

- Está enganada, minha senhora; o meu modo de me vingar não pode ter relação alguma com o seu, porque fala dos Taverney em geral, e eu admito várias diferenças nos diversos sentimentos que tenho por eles.

- E o Sr. Filipe de Taverney, por exemplo, o seu sentimento por ele faz diferença a favor ou contra?

- Nada tenho contra o Sr. Filipe, que nunca me fez bem nem mal; nem lhe tenho amizade nem ódio, e é-me absolutamente indiferente.

- Nesse caso, não quererá depor diante de el-rei ou do senhor de Choiseul, contra o Sr. Filipe de Taverney?

- A que propósito?

- A propósito do seu duelo com meu irmão.

- Se me chamassem para depor, minha senhora, diria o que sei.

- Então o que sabe?

- A verdade.

- Vamos a saber a que chama a verdade, que é uma palavra bem elástica?

- Nunca é elástica para aquele que sabe distinguir o bem do mal, o que é justo do que é injusto.

- Entendo: o bem é o Sr. Filipe de Taverney, o mal é o Sr. Visconde du Barry.

- Sim, minha senhora, pelo menos segundo a minha opinião e a minha consciência, assim é.

- Eis o que apanhei no caminho! - disse Chon com azedume; - eis aí o modo por que me recompensa aquele que me deve a vida!

- Quer dizer, minha senhora, aquele que lhe não deve a morte.

- Vem a ser a mesma coisa.

- Pelo contrário, é muito diverso.

- Como?

- Não lhe devo a vida, impediu que os seus cavalos me tirassem, nada mais; e ainda assim, não foi a senhora, foi o postilhão.

Chon olhou atentamente para o pequeno filósofo que tão pouco arriscava as palavras que proferia.

- Teria esperado - disse ela adoçando a voz e o sorriso - um pouco mais de amabilidade da parte de um companheiro de jornada, que sabia tão bem achar, durante o caminho, o meu braço debaixo de uma almofada, e o meu pé sobre os joelhos.

Chon era tão provocante com essa doçura e essa familiaridade, que Gilberto esqueceu Zamora, o alfaiate e o almoço para o qual lhe parecia que se haviam esquecido de o convidar.

- Ora bem, bem, já estamos mais mansos - disse Chon pegando na barba de Gilberto. - Irá depor contra Filipe de Taverney, não é verdade?

- Oh! Isso não - disse Gilberto - nunca!
- Por que, senhor teimoso?
- Porque o Sr. Visconde João teve a culpa de tudo.
- Em que teve ele culpa, faz favor de dizer?
- Em insultar a delfina, enquanto, pelo contrário, o Sr. Filipe de Taverney...
- Que mais?
- Tinha razão em defendê-la.
- Ah! Pelo que vejo é do partido da delfina?
- Não, sou do partido da justiça.
- É um doido, Gilberto, cale-se, não fale assim neste palácio.
- Nesse caso, dispense-me de responder às suas perguntas.
- Então mudemos de conversa.

Gilberto inclinou-se em sinal de consentimento.

- Vamos a saber, rapazinho - perguntou Chon num tom de voz bastante áspero - o que tenciona aqui fazer? Não se tornar útil para alguma coisa?

- Deverei ser perjuro para me tornar útil?
- Mas onde diacho foi buscar todos esses palavrões?
- No direito que tem todo o homem de se conservar fiel à sua consciência.
- Ora! - disse Chon - quando se serve um amo, esse amo assume a si toda a responsabilidade.

- Não tenho amo - resmungou Gilberto.

- E com os modos que adopta, meu pateta, também não terá *ama*. Agora, repito a minha pergunta, e responda-me categoricamente: o que tenciona aqui fazer?

- Não julgava que fosse necessário ser amável, uma vez que se pudesse ser útil.
- Engana-se; gente útil há muita, e estamos até fartos dela.
- Então retirar-me-ei.
- Retirar-se-á?

- Certamente, não pedi para vir, não é verdade? Portanto, estou livre.

- Livre! - exclamou Chon, que começava a enfadar-se com essa resistência à qual não estava acostumada.

- Oh! Não está tal!

O rosto de Gilberto contraiu-se.

- Vamos, vamos - disse Chon, que pelo franzir das sobrancelhas do seu interlocutor, conheceu que não renunciava facilmente à sua liberdade. - Vamos, façamos as pazes! É um mancebo muito virtuoso, e nisso será muito divertido, quando mais não seja, pelo contraste que fará com tudo quanto nos cerca. O que principalmente lhe recomendo e até peço encarecidamente é que conserve sempre esse amor que tem pela verdade.

- Decerto que o conservarei - disse Gilberto.

- Sim, mas entendemos isto de dois modos diversos. Quero dizer, conserve-o para si, e não vá celebrar o seu culto nos corredores do Trianon ou nas ante-salas de Versalhes.

Gilberto murmurou algumas palavras em voz baixa.

- É escusado fazer observações; não é tão sábio, meu pequeno filósofo, que uma mulher lhe não possa ensinar muita coisa; e para começar, ouça este axioma: calar não é mentir; lembre-se sempre disto.

- Mas se me interrogarem?

- Quem? Está doido, meu amigo? Meu Deus! Quem pensa em si neste mundo, a não ser eu? Ainda não tem escola, segundo me parece, senhor filósofo. A espécie de que faz parte é ainda rara. É preciso andar pela estrada, e bater o mato para achar os seus semelhantes. Viverá junto de mim, e em menos de quatro dias há-de estar transformado num perfeito cortesão.

- Duvido - respondeu imperiosamente Gilberto.

Chon encolheu os ombros.

Gilberto sorriu-se.

- Mas acabemos com isto - atalhou Chon; - demais, não tem necessidade de agradar senão a três pessoas.

- E quem são essas três pessoas?

- El-rei, minha irmã e eu.

- Que deverei fazer para isso?

- Viu Zamora? - perguntou Chon, evitando de responder directamente à pergunta.

- O preto? - perguntou Gilberto mostrando um profundo desprezo.

- Sim, o preto.

- Que posso eu ter de comum com ele?

- Talvez que fosse a sua fortuna, meu amigo. Aquele preto já tem de renda anual duas mil libras pelo bolsinho real. Vai ser nomeado governador do palácio de Luciennes, e aqueles mesmos que riram dos seus grossos lábios e da sua cor hão-de ser os primeiros em lhe vir fazer a corte, e a tratarem-no por senhor e excelência.

- Não hei-de ser eu, minha senhora - disse Gilberto.

- Ora adeus! - disse Chon - eu julgava que um dos primeiros preceitos dos filósofos era que todos os homens são iguais.

- É por esse mesmo motivo que não darei a Zamora o tratamento de excelência.

Chon ficara batida com as suas próprias armas. E por sua vez mordeu os lábios também.

- Então não é ambicioso? - perguntou ela.

- Pelo contrário, sou-o! - bradou Gilberto com os olhos chamejantes.

- E se bem me lembra, a sua ambição era de ser médico?

- Considero como a mais bela de todas, a missão de poder socorrer o meu semelhante.

- Pois bem, o seu sonho há-de realizar-se.

- Como?

- Será médico, e até médico de el-rei.

- Eu! - exclamou Gilberto - eu, que nem mesmo tenho as primeiras noções de medicina!... Zomba de mim, minha senhora.

- Ora! Zamora sabe porventura o que é uma ponte levadiça, o que são besteiras e seteiras, ou contra-escarpas? Não, por certo, nem se lhe importa sabê-lo, o que não impede que seja governador do palácio de Luciennes, com todos os privilégios inerentes ao título.

- Ah! Sim, sim, já percebo - disse Gilberto amargamente - tem só um bobo, mas não basta; el-rei enfastia-se, precisa mais outro.

- Bom - exclamou Chon - lá se enfada ele outra vez. Realmente torna-se feio a um ponto que causa prazer vê-lo. Guarde todas essas fisionomias fantásticas para quando tiver a cabeleira na cabeça e o chapéu agudo sobre ela; então, em vez de parecer feio, há-de ser cómico.

Gilberto franziu pela segunda vez as sobrancelhas.

- Vamos - disse Chon - pode muito bem aceitar o emprego de médico de el-rei, quando o Sr. Duque de Tresmes solicita o título de sagüi de minha irmã.

Gilberto nada respondeu. Chon aplicou-lhe o provérbio: "Quem cala, consente".

- Para prova de que começa a ser bem visto - disse Chon - não comerá com a família.

- Ah! Muito obrigado, minha senhora - respondeu Gilberto.

- Já dei ordens a esse respeito.

- Onde deverei então comer?

- À mesa de Zamora.

- Eu?

- Certamente; o governador e o médico de el-rei podem muito bem comer à mesma mesa. Vá jantar com ele, se quiser.

- Não tenho vontade - respondeu Gilberto asperamente.

- Muito bem - disse Chon com sossego; - não tem agora vontade, mas tê-la-á esta noite.

Gilberto abanou a cabeça.

- Se não for esta noite, há-de ser amanhã ou depois de amanhã. Ah! Há-de amansar, senhor rebelde, e se for renitente, temos o senhor corrector dos pajens, que está às nossas ordens.

Gilberto estremeceu e tornou-se pálido.

- Procure o Sr. Zamora, vá para junto dele – disse Chon com severidade; - não se dará mal com isso, porque a cozinha é boa, e não seja ingrato porque nos obrigará a ensinar-lhe a ser agradecido.

Gilberto abaixou a cabeça.

Assim praticava todas as vezes que em lugar de responder, resolvia obrar.

O laçao que havia conduzido Gilberto esperava que saísse. Conduziu-o para uma pequena casa de jantar contígua àquela de onde saía. Zamora estava à mesa.

Gilberto foi sentar-se junto dele, mas não o puderam obrigar a comer.

Deram três horas; a senhora du Barry partiu para Paris. Chon, que devia ir ter com ela, deu as ordens para que lhe domesticassem o seu urso. Muitos pratos de doces se se portasse bem, muitas ameaças e uma hora de prisão, se continuasse a rebelar-se.

Às quatro horas trouxeram ao quarto de Gilberto o fato completo do *médico feito à pressa*: barrete agudo, cabeleira, casaco preto, toga da mesma cor. Traziam-lhe também os bacalhaus, a varinha e o livro.

O criado portador de todo este vestuário mostrava-lhe os objectos um por um; Gilberto não mostrou tenção alguma de resistir.

O Sr. Grange entrou depois do criado e ensinou a Gilberto de que modo se vestiam as diversas peças de que se compunha o fato: este ouviu com paciência toda a demonstração do Sr. Grange.

- Eu pensava - observou unicamente Gilberto – que os médicos antigamente traziam uma escrivaninha e um rolo de papel.

- Na verdade, tem razão - disse o Sr. Grange; - vá buscar-lhe uma escrivaninha portátil que ele há-de pendurar na cintura.

- E papel e penas - bradou Gilberto. - Quero que seja tudo completo.

O criado saiu para executar a ordem dada. Foi ao mesmo tempo encarregado de dar parte à Sr^a. Chon da extraordinária boa vontade de Gilberto.

A Sr^a. Chon ficou tão encantada, que deu ao mensageiro uma pequena bolsa com oito escudos, para ser atada, conjuntamente com o tinteiro, à cintura desse médico modelo.

- Obrigado - disse Gilberto a quem trouxe tudo. Agora faça favor de me deixar só, para eu me poder vestir à minha vontade.

- Nesse caso vista-se depressa - disse o Sr. Grange - a fim de que a senhora possa vê-lo antes de partir para Paris.

- Estou pronto em meia hora - disse Gilberto – só peço meia hora.

- Ou mesmo três quartos de hora se for preciso, senhor doutor - disse o mordomo fechando cuidadosamente a porta do quarto de Gilberto.

Gilberto, que ficara só, aproximou-se da porta no bico dos pés; escutou para se assegurar de que os passos se afastavam, depois dirigiu-se para a janela que dava sobre uns terraços, os quais ficavam dezoito pés abaixo dela, e eram cobertos com uma areia fina e circundados de árvores, cuja folhagem fazia sombra às sacadas superiores.

Gilberto rasgou a sua toga em três pedaços e acrescentou-os um ao outro, pôs sobre a mesa o chapéu, junto do chapéu a bolsa, e escreveu:

“Minha senhora:

O primeiro de todos os bens é a liberdade. O mais santo dever do homem é conservá-la. A senhora violenta-me, eu liberto-me.

Gilberto.”

Gilberto dobrou a carta, pôs-lhe o sobrescrito para a senhora Chon, prendeu a sua tira de sarja preta às grades da janela, por entre as quais passou como se fosse uma serpente, saltou ao terraço, mesmo arriscando a vida, porque a tira não tinha o preciso comprimento, e daí, ainda que um pouco estonteado com o salto que acabava de dar, correu para as árvores, agarrou-se aos ramos, meteu-se entre a folhagem como um esquilo, chegou ao chão e desapareceu a correr quanto podia na direcção dos bosques de Ville-d’Avray.

Quando passada meia hora o vieram buscar, já estava longe de todo o alcance.

XVI

O ANCIÃO

Gilberto não quis seguir pela estrada receando ser perseguido. De bosque em bosque, havia chegado a uma espécie de mata na qual afinal parou, tendo andado pouco mais ou menos légua e meia em três quartos de hora.

O fugitivo olhou em torno de si, e viu que estava bem só. Essa solidão sossegou-o. Tentou aproximar-se da estrada que, segundo o seu cálculo, devia conduzir a Paris.

Mas tendo visto uns criados com librés cor de laranja, que saíam da aldeia de Roquencourt, conduzindo uns cavalos, assustou-se de tal modo que ficou curado da tentativa de andar pela estrada real, e voltou a esconder-se no bosque.

- É melhor ficar escondido entre estes castanheiros - disse Gilberto consigo mesmo; - se me procurarem por alguma parte, há-de ser na estrada real. Esta noite, de árvore em árvore, de bairro em bairro, irei até Paris. Dizem que Paris é grande, eu sou pequeno, por isso, facilmente me perderão de vista.

A idéia pareceu-lhe tanto melhor porque o tempo estava óptimo, o bosque era sombrio, e o chão coberto de relva. Os raios de um sol áspero e intermitente, que começava a esconder-se por detrás dos outeiros de Marly, haviam secado as ervas e arrancado da terra esses agradáveis perfumes da Primavera que participam ao mesmo tempo da flor e da planta.

Era naquela hora do dia em que o silêncio cai mais suave e profundo do céu que começa a escurecer, naquela hora, em que as flores, fechando-se, ocultam em si o insecto adormecido. As moscas azuis e douradas recolhem ao carvalho oco que lhes dá abrigo, as aves passam mudas por entre a folhagem das árvores, ouvindo-se apenas o seu rápido esvoaçar, e o único canto que ainda soa é o acentuado trinar do melro, e o tímido gorjeio do pintarroxo.

Os bosques eram familiares a Gilberto, que lhes conhecia os rumores e os silêncios; por isso, sem reflectir mais tempo, sem se entregar a receios pueris, deitou-se sobre as urzes do bosque, cobertas em várias partes pelas folhas secas do Inverno.

Ainda mais, em vez de estar em desassossego, sentia Gilberto um imenso prazer. Aspirava a grandes tragos o ar puro e livre; sentia que, desta vez ainda, havia triunfado, como homem estoíco de todos os laços armados às fraquezas humanas. Que lhe importava não ter pão, nem dinheiro, nem asilo? Não tinha ele a sua cara liberdade, não dispunha de si plena e inteiramente?

Estendeu-se aos pés de um gigantesco castanheiro, que lhe fazia uma cama entre os dois braços de raiz musgosa, e, olhando para o céu que lhe sorria, adormeceu.

Acordou-o o cantar das aves; era apenas dia. Erguendo-se sobre os cotovelos magoados pelo contacto do pau das árvores, viu Gilberto o azulado crepúsculo da manhã, enquanto pelas sendas umedecidas pelo orvalho, passavam, de orelha baixa, as lebres velozes, e o gamo curioso corria sobre suas pernas de aço e parava de repente no caminho para contemplar aquele objecto desconhecido, que aconselhava a fugir.

Assim que se levantou, conheceu Gilberto que tinha fome; não tinha querido, como já dissemos, jantar com Zamora na véspera, de modo que depois do seu almoço nas mansardas, em Versalhes, nada mais havia comido. Achando-se debaixo das abóbadas da floresta, ele, o intrépido passeador das grandes florestas da Lorraine e Champanha, julgou que estava ainda nos bosques de Taverny ou nas ruínas de Pierrefitte, sendo acordado pela aurora, depois de ter ali passado a noite, esperando alguma caça para levar a Andreia.

Mas então sempre achava junto de si alguma perdiz, ou algum faisão, e desta vez só via ao seu alcance o seu chapéu, já muito maltratado pela jornada e inteiramente estragado pela umidade da manhã.

Não era portanto um sonho, como o julgou ao acordar. Versalhes e Luciennes eram uma realidade, desde a sua entrada triunfal numa até à sua saída espavorida da outra.

Depois, o que cada vez mais o chamou à realidade, foi uma fome cada vez mais crescente, e por consequência mais aguda.

Então, maquinalmente, procurou em torno de si aquelas frutas silvestres, aquelas raízes tão saborosas com que se sustentam muitos homens do campo.

Mas nem era a estação das frutas, nem havia daquelas raízes que Gilberto procurava; castanheiros, sobreiros e algum mato, foi tudo quanto achou.

- Vamos - disse Gilberto - irei em direitura a Paris. Posso ter ainda que andar umas quatro léguas, é caminho para duas horas. Que importa padecer mais duas horas, quando se tem a certeza de não padecer mais? Em Paris a ninguém falta o pão, e vendo um mancebo honrado e laborioso, o primeiro homem que eu encontrar não recusará trocar um pedaço de pão por um pouco de trabalho.

“Num dia, em Paris, ganha-se o sustento do dia seguinte, que mais preciso eu? Nada, contanto que cada dia que passar me engrandeça, me eleve e aproxime... do fim a que aspiro.”

Gilberto apressou o passo; queria voltar para a estrada real, mas havia perdido todos os meios de se orientar. Em Taverney e em todas as florestas dos arredores conhecia ele o oriente e o ocidente; cada raio de sol, era para ele um indício de hora e caminho. De noite, cada estrela, por mais desconhecida que lhe fosse, com o seu nome de Vénus, Saturno ou Lúcifer, servia-lhe de guia. Mas neste mundo novo, não conhecia mais os homens que as coisas, e era mister achar, no meio de uns e outros, o caminho, apalpando ao acaso.

- Felizmente - disse Gilberto consigo - vi postes em que estão indicadas as estradas.

E avançou até à encruzilhada, onde tinha visto esses postes indicadores.

Havia com efeito três, conduzindo a três diferentes partes, porém nenhuma dizia: Paris.

Gilberto portanto ficou sabendo ainda menos que dantes; andou mais de três horas sem poder sair da floresta.

Corria-lhe o suor pela fronte, e vinte vezes despira a sua véstia para trepar por algum Castanheiro colossal, mas chegado ao cume, só via Versalhes; Versalhes, ora da direita ora da esquerda; Versalhes, para onde parecia que uma fatalidade o impelia sempre.

Meio doido de raiva, não se atrevendo a meter-se na estrada real, na convicção que Luciennes em peso corria atrás dele, Gilberto, conservando-se sempre no centro das florestas, acabou por passar além de Viroflay, depois Chaville e daí Sèvres.

Davam cinco horas e meia no palácio de Meudon, quando ele chegou ao convento de monges, situado entre a manufactura e Bellevue; dali, trepando sobre uma cruz, mesmo com o risco de a quebrar, e de ser açoitado publicamente como Sirven, por decreto do Parlamento, viu o Sena, o burgo e o fumo das suas primeiras casas.

Mas ao lado do Sena, pelo meio do burgo, diante do limiar daquelas casas passava a estrada real de Versalhes, da qual ele tinha tanto interesse em se afastar.

Gilberto, por algum tempo perdeu a fome e a fadiga que o atormentavam. Via-se ao longe, no horizonte, uma grande quantidade de casas envoltas no vapor da manhã; julgou que seria Paris, dirigiu-se para esse lado e só parou quando lhe faltou o fôlego para continuar.

Achava-se no centro do bosque de Meudon, entre Fleury e Plessis-Piquet.

- Vamos, vamos - disse ele olhando em torno de si - nada de vergonha. Hei-de infalivelmente encontrar algum trabalhador, dos que vão para o trabalho, levando um grande pedaço de pão debaixo do braço. Hei-de dizer-lhe: “Os homens são todos irmãos, e devem por isso auxiliar-se reciprocamente. Leva aí mais pão do que precisa, não só para almoçar mas até para todo o dia, enquanto que eu estou morrendo de fome”. E então ele me dará metade do seu pão.

A fome tornou Gilberto ainda mais filósofo e continuava as suas reflexões mentais.

- Com efeito - dizia ele - tudo quanto há sobre a terra, não é comum para todos? Deus, essa fonte eterna de todas as coisas, deu a este ou àquele o ar que fecunda a terra, ou a terra que

fecunda a fruta? Nem só muitos têm usurpado, mas aos olhos de Deus como aos do filósofo, ninguém possui; aquele que tem, é porque Deus lho emprestou.

E nisto não fazia Gilberto mais que resumir com uma inteligência natural, essas idéias vagas e indecisas naquela época, e que os homens sentiam flutuar no espaço e passar-lhes sobranceiros à cabeça, como essas nuvens que impelidas para um único ponto vão-se amontoando, e acabam por formar uma tempestade.

- Alguns - continuava Gilberto, prosseguindo no seu caminho - alguns guardam por meio da força aquilo que a todos pertence. Pois bem, a esses pode-se também arrancar pela força o que eles não têm direito de partilhar. Se meu irmão, que tem muito pão para si, me recusa um pedaço do seu pão, pois bem!... arrancar-lho-ei à força, imitando nisso a lei animal, fonte de todo o bom-senso e de toda a equidade, porque deriva de toda a necessidade natural. A menos, contudo, que meu irmão me não diga: “Esta parte que reclamas é a de minha mulher e de meus filhos”; ou então: “Eu sou mais forte que tu, e portanto, mesmo a teu despeito, este pão há-de ser para mim”.

Gilberto estava nestas disposições de lobo esfaimado, quando chegou ao meio de um claro, cujo centro estava ocupado por um pântano de águas lodacentas, em torno do qual cresciam canas e plantas silvestres.

Sobre o declive coberto de relva que descia até à água, na superfície da qual se moviam em todo o sentido uns insectos com pernas compridas, brilhavam, como uma sementeira de turquesas, numerosas moitas de miosótis.

O fundo deste painel, isto é, o anel da circunferência, era formado por uma fileira de grandes faias, e a profusão de amieiros enchia com os seus ramos copados os intervalos que a natureza tinha posto entre os troncos prateados de seus dominadores.

Seis ruas de arvoredo davam entrada para esta espécie de encruzilhada; duas delas pareciam chegar em altura até ao Sol, que dourava o cimo das árvores longínquas, enquanto que as outras quatro, divergentes como os raios de uma estrela, se entranhavam pela profundidade azulada da floresta.

Esta espécie de sala de verdura parecia mais fresca e mais florescente do que qualquer outro sítio dos bosques.

Gilberto tinha-se metido por uma das ruas mais sombrias.

A primeira coisa que avistou, quando depois de ter corrido com os olhos o horizonte que acabámos de descrever, e lançou um olhar em volta de si, foi, na penumbra de um fosso profundo, o tronco de uma árvore caída sobre o qual estava sentado um homem de cabeleira ruça, com fisionomia agradável e fina, vestido com uma casaca de pano grosso cor de castanha, calção do mesmo, e um colete de acolchoado cinzento riscado; umas meias de algodão, também cinzentas, cobriam-lhe as pernas musculosas e sofrivelmente torneadas; os sapatos com fivelas, cheios de pó ainda em alguns sítios, tinham sido lavados no talão e no bico pelo orvalho da manhã.

Ao pé deste homem estava colocada sobre a árvore caída uma caixa pintada de verde, inteiramente aberta, e recheada de plantas apanhadas recentemente. Segurava entre as pernas uma bengala de azevinho, cujo castão arredondado luzia na sombra, e que acabava em baixo por uma enxada pequena que teria duas polegadas de largura e três de comprimento.

Gilberto, com um único relancear de olhos, percebeu tudo quanto acabamos de expor detalhadamente; mas o que desde logo lhe prendeu o sentido, foi um pedaço de pão, que o velho partia aos bocadinhos para comer, repartindo fraternalmente com os tentilhões e verdelhões, que de longe namoravam a presa tão desejada, saltando-lhe em cima apenas lhes era entregue, e fugindo depois rapidamente para o emaranhado dos bosques onde chilreavam alegremente.

O velho, seguindo-os com o olhar meigo e penetrante ao mesmo tempo, metia de vez em quando a mão num lenço de xadrez de cor, e dele tirava uma cereja que saboreava juntamente com o pão.

- Bem, eis aqui o que eu preciso - disse Gilberto apartando os ramos das árvores, e dando quatro passos em direcção ao solitário, o qual saiu finalmente da sua distracção.

Mas ainda não tinha andado um terço do caminho, quando, ao notar a aparência de doçura e serenidade que o homem tinha, parou e tirou o chapéu.

O velho, vendo que já não estava só, olhou rapidamente para o vestuário e para a caixa. Fechou-a e abotoou-se.

XVII

O BOTÂNICO

Gilberto encheu-se de ânimo e aproximou-se de todo.

Porém abriu a boca e tornou a fechá-la sem ter proferido uma única palavra. Ia-lhe faltando a resolução; parecia-lhe que era pedir esmola, e não reclamar um direito.

O velho reparou neste acanhamento, e pareceu ficar ele mesmo mais desembaraçado.

- Pretende falar-me, meu amigo? - disse ele com modo risonho e pondo o pão sobre uma árvore.

- Sim, senhor - respondeu Gilberto.

- Então o que deseja?

- Noto, senhor, que está atirando com o seu pão aos pássaros, como se não se houvera dito que é Deus quem os sustenta.

- Sustenta-os, não há dúvida, mancebo - respondeu o estranho; - porém a mão dos homens é um dos meios que Ele emprega para esse fim. Se é uma repreensão que quer dar-me, não tem razão, porque nunca é perdido o pão que se deixa cair, quer seja numa rua povoada, quer num bosque deserto. Acolá apanham-no os pobres, aqui levam-no os pássaros.

- Pois bem, senhor - disse Gilberto, singularmente comovido pela voz meiga e persuasiva do velho - conquanto estejamos aqui num bosque, conheço eu um homem que de boamente disputaria aos passarinhos o pão que lhes dá.

- Seria o meu amigo? - exclamou o velho - e por acaso terá fome?

- Muita fome, senhor, juro-o, e se permite...

O velho pegou logo no pão com visível compaixão; porém, reflectindo de repente, lançou a Gilberto um olhar vivo e penetrante.

Gilberto, efectivamente, não tinha tanta aparência de esfaimado, que não fosse lícito reflectir; o seu vestuário era decente, apesar de estar nalguns sítios manchado pelo contacto com a terra. Trazia roupa lavada, porque na véspera, em Versalhes, tirara uma camisa da sua trouxa, mas a camisa estava amarrotada pela umidade, e era bem visível que Gilberto passara a noite no bosque.

E além de tudo isso, tinha demais a mais umas mãos brancas e esguias, sinal de homem desocupado e que não se empregava em trabalhos materiais.

Gilberto não era falto de tacto, entendeu a desconfiança e hesitação do estranho a seu respeito e apressou-se em destruir algumas das conjecturas que logo supôs não serem a seu favor.

- Senhor - disse ele - todo aquele que não tem comido durante doze horas, tem fome, e já lá vão vinte e quatro sem que eu tenha tomado coisa alguma.

A verdade das palavras do mancebo lia-se na comoção da fisionomia, no tremor da voz, e na palidez do rosto.

O velho deixou pois de hesitar, ou para melhor dizer de reccar. Apresentou-lhe ao mesmo tempo o pão e o lenço de que tirava as cerejas.

- Agradeço-lhe, senhor - disse Gilberto repelindo brandamente o lenço - agradeço-lho, não quero senão pão, é quanto basta.

E em seguida partiu o pedaço ao meio, ficando com uma metade e restituindo a outra; depois sentou-se sobre a relva em distância de três passos do velho, que para ele olhava com uma admiração que ia em aumento.

A comida durou pouco tempo. O pão era pouco, e Gilberto tinha muita fome. O velho não o estorvou com palavra alguma; continuou a examiná-lo silenciosamente, e às furtadelas,

prestando, na aparência pelo menos, a maior atenção às plantas e flores da caixa, as quais, levantando-se como para respirarem, mostravam as cabeças odoríferas acima da tampa de folha-de-flandres.

Entretanto, vendo que Gilberto se aproximava do charco, gritou com vivacidade:

- Não beba dessa água, mancebo, porque está infeccionada pela podridão das plantas, que secaram durante o ano passado, e pelos ovos das rãs que lhe estão boiando na superfície. Coma antes umas cerejas, que lhe mitigarão a sede tão bem como a água. Convido-o a aceitá-las, pois vejo perfeitamente que não é um hóspede importuno.

- É verdade, senhor, não é do meu gênio ser importuno, e não há coisa que eu mais receie. Ainda há pouco o mostrei em Versalhes.

- Ah! Vem então de Versalhes? - disse o estranho olhando para Gilberto.

- Sim, senhor - respondeu o mancebo.

- É uma cidade muito rica; é preciso ser muito pobre, ou muito soberbo, para lá morrer de fome.

- Sou ambas as coisas, senhor.

- Teve alguma desavença com seu amo? - perguntou timidamente o estranho, continuando a interrogar Gilberto com o olhar, ao passo que arranjava as plantas na caixa.

- Eu não tenho amo, senhor.

- Meu amigo - disse o estranho pondo o chapéu - eis aí uma resposta demasiadamente ambiciosa.

- E contudo é exacta.

- Não, mancebo, porque não há ninguém que não obedeça a um senhor neste mundo, e só por mal entendida soberba se pode dizer: "Eu não tenho senhor!"

- Como?

- Não há nada mais certo; sim, todos quantos existimos, velhos ou moços, estamos sujeitos à lei de um poder que nos domina. Uns são governados pelos homens, outros pelos princípios, e os senhores mais severos nem sempre são os que ordenam com a voz ou batem com a mão humana.

- Seja assim - disse Gilberto; - então sou eu governado por princípios. Confesso-o. Os princípios são os únicos senhores que um espírito que pensa pode reconhecer sem pejo.

- E quais são os seus princípios, vejamos? Parece-me muito moço, meu amigo, para ter já princípios determinados.

- Eu sei que todos os homens são irmãos, e que todo o homem contrai ao nascer uma soma de obrigações relativas para com seus irmãos. Sei que Deus me deu um valor qualquer, por pequeno que seja, e que visto eu reconhecer o valor dos outros, tenho direito a exigir que os outros reconheçam o meu, se porventura não o exagerar. Tenho pois direito a um quinhão de estima, pela minha qualidade de homem, enquanto não praticar acções injustas ou que me desonrem.

- Ah! Ah! - exclamou o estranho - parece-me que tem estudado?

- Não, senhor, infelizmente; apenas li o *Discurso Sobre a Desigualdade das Condições*, e o *Contrato Social*. Desses dois livros é proveniente todo o meu saber, e talvez sejam a origem de todos os meus sonhos.

A estas palavras do mancebo, um fogo brilhante animou os olhos do estranho. Fez um movimento involuntário que ia dando cabo de uma linda planta que parecia hesitar em se acomodar de encontro aos lados côncavos da caixa.

- E são esses os princípios que professa?

- Não serão talvez os seus - respondeu o mancebo - mas são os de João Jacques Rousseau.

- Mas diga-me - perguntou o estranho mostrando uma desconfiança tão visível que não podia deixar de humilhar o amor-próprio de Gilberto - tem a certeza de os ter entendido bem?

- Parece-me - disse Gilberto - que entendo o francês; especialmente quando a linguagem é pura e poética...

- Bem vê que não há tal - disse o velho sorrindo-se - porque o que eu acabo de perguntar-lhe neste instante, se bem que não é precisamente poético, é pelo menos claro. Desejava que me dissesse se os seus estudos filosóficos o tinham habilitado a compreender o fundo da economia do sistema de...

O desconhecido parou e quase que ia corando.

- De Rousseau - continuou o mancebo. - Oh! Eu não estudei filosofia em nenhum colégio, mas possuo um instinto que me fez descobrir, entre todos os livros que tenho lido, a excelência e utilidade do *Contrato Social*.

- É matéria bem árida para um mancebo, contemplação bem estéril para sonhos na idade de vinte anos, flor amarga e pouco odorífera para uma imaginação que está na sua primavera - disse o velho desconhecido com tristeza.

- A desgraça, senhor, torna o homem velho antes do tempo - disse Gilberto - e enquanto aos sonhos, se não se lhes tem mão, muitas vezes conduzem-nos ao mal.

O desconhecido abriu os olhos que tinha meio fechados por um hábito que lhe era familiar nos momentos de sossego, e que lhe dava certa graça à fisionomia.

- A quem alude? - perguntou ele corando.

- A ninguém, senhor - disse Gilberto.

- E a mim parece-me que sim...

- Asseguro-lhe que a ninguém.

- Parece ter estudado o filósofo de Genebra. Alude acaso à vida dele?

- Não o conheço - respondeu Gilberto com singeleza.

- Não o conhece? - O desconhecido suspirou. - Pois digo-lhe, mancebo, que é um ente bem infeliz.

- Isso é impossível. João Jacques Rousseau infeliz! Seria preciso que já não houvesse justiça, nem na Terra, nem no Céu. Infeliz! Um homem que tem dedicado a sua vida à felicidade dos homens!

- Vamos, vejo que efectivamente não o conhece; passemos agora a falar de si.

- Prefiro antes continuar com o assunto que estamos tratando; que quer, senhor, que lhe diga de mim que nada sou?

- E demais a mais não me conhecendo, receia decerto confiar-se num estranho.

- Oh! Que posso eu, senhor, recear de pessoa alguma neste mundo, e quem poderá tornar-me mais desgraçado ainda do que sou? Lembre-se de que maneira apareci à sua vista: só, pobre e com fome.

- Aonde ia?

- A Paris. O senhor é parisiense?

- Sim... ou para melhor dizer, não.

- Então, em que fica? - perguntou Gilberto sorrindo-se.

- Gosto pouco de mentir, e a cada instante conheço mais quanto é necessário reflectir antes de falar. Sou parisiense, se pela palavra parisiense se pode designar o homem que habita em Paris há muito tempo e que vive como os de Paris; porém não nasci naquela cidade. Por que me faz essa pergunta?

- Era, no meu espírito, o seguimento da nossa conversa. Queria dizer que, já que habita em Paris, deve ter visto o Sr. Rousseau, de quem falávamos há pouco.

- E com efeito, tenho-o visto algumas vezes.

- Todos olham para ele quando passa, não é verdade? Todos o admiram, e o apontam como um benfeitor da humanidade?

- Não; os rapazes perseguem-no, e, instigados pelos pais, apedrejam-no.

- Ah! Deus meu! - exclamou Gilberto, dolorosamente estupefacto; - é ele rico, ao menos?

- Muitas vezes, assim como ao senhor sucedeu esta manhã, pergunta ele a si próprio: onde almoçarei hoje?

- Porém, assim mesmo pobre como é, goza de consideração, é poderoso e respeitado?

- Nunca sabe, à noite, quando adormece, se não acordará no dia seguinte na Bastilha.

- Oh! Que ódio não terá ele aos homens!
- Nem os estima, nem lhes tem ódio; aborrece-os unicamente.
- Não entendo que seja possível deixar de ter ódio a quem nos trata mal! - bradou Gilberto.

- Rousseau sempre foi livre, senhor; Rousseau sempre teve bastante força para servir de esteio a si próprio; e a força e a liberdade tornam os homens pacíficos e bons; a escravidão e a fraqueza é que os obriga a ser malvados.

- Eis aí o motivo por que eu quis conservar-me livre - disse orgulhosamente Gilberto; - era porque adivinhava o que acaba de me explicar.

- Meu amigo - disse o desconhecido - mesmo dentro de uma prisão se pode ser livre; dado o caso de Rousseau ser encerrado amanhã na Bastilha, como não pode deixar de lhe suceder mais dia menos dia, nem por isso deixaria de pensar ou de escrever com tanta liberdade como se estivesse nas montanhas da Suíça. Eu, pelo que me diz respeito, nunca me persuadi de que a liberdade do homem consistisse em fazer tudo quanto quer, mas sim em não ser levado por poder algum humano a fazer aquilo que não tem na vontade.

- Acaso escreveu Rousseau isso que está dizendo?

- Penso que sim - respondeu o desconhecido.

- Mas não no *Contrato Social*?

- Não, foi numa nova publicação que tem por título *Os Sonhos de Um Passeante Solitário*.

- Senhor - disse Gilberto acaloradamente - parece-me que há um ponto em que estamos concordes.

- Qual é?

- É que ambos nós estimamos e admiramos Rousseau.

- Fale por si unicamente, mancebo, está ainda na idade das ilusões.

- É possível avaliar erradamente as coisas, mas não os homens.

- Pois conhecê-lo-á com o tempo, é especialmente na avaliação dos homens que pode haver engano. Rousseau é talvez um pouco mais justo do que os outros homens; porém, acredite-me, tem defeitos e muito grandes.

Gilberto abanou a cabeça com um modo que mostrava estar pouco convencido; mas, apesar de tão incivil demonstração, o desconhecido continuou a tratá-lo com o mesmo agrado.

- Tornemos ao nosso ponto de partida - disse o desconhecido. - Sei que abandonou o seu amo em Versalhes.

- E eu - disse Gilberto algum tanto mais acalmado - eu que já lhe respondi que não tinha amo, poderia ter acrescentado que só de mim dependeu ter um muito ilustre, e que recusei há pouco um lugar que a muitos teria feito inveja.

- Um lugar?

- Sim, era para servir de divertimento a fidalgos ociosos; porém lembrei-me que sendo moço, podendo estudar e procurar a minha vida, não devia perder o tempo precioso da mocidade nem comprometer na minha pessoa a dignidade de homem.

- Muito bem - disse o desconhecido com gravidade - mas para procurar a sua vida já formou algum plano?

- Eu, senhor, ambiciono ser médico.

- É uma carreira bela e nobre, na qual poderá escolher ou a verdadeira ciência, modesta e mártir, ou o charlatanismo descarado, dourado e obeso. Se gosta da verdade, mancebo, seja médico.

- Porém é preciso muito dinheiro para estudar, não é assim, senhor?

- É preciso dinheiro, certamente, mas não tanto como imagina.

- O caso é - replicou Gilberto - que João Jacques Rousseau, que tudo sabe, estudou sem despesa.

- Sem despesa! Oh! mancebo - disse o velho sorrindo-se com tristeza - tem em conta de nada as dádivas mais preciosas que Deus fez aos homens: a candura, a saúde, e o sono; foi quanto custou ao filósofo genebrês o pouco que conseguiu aprender.

- O pouco! - disse Gilberto quase enfadado.

- Sem dúvida; tire inquirições a respeito dele, e verá as respostas.

- Em primeiro lugar, é um grande músico.

- Oh! porque el-rei Luís XV cantou apaixonadamente *Perdi o meu servo*, não há motivo para dizer que o *Adivinho de aldeia* seja uma boa ópera.

- É um grande botânico. E senão veja as cartas dele, de que só tenho podido alcançar algumas páginas desirmanadas; o senhor que apanha plantas nos bosques deve tê-las lido?

- Oh! Há indivíduos que pensam saber botânica, e muitas vezes não passam de...

- Acabe.

- De ervanários... e ainda...

- E o senhor o que é?... Ervanário ou botânico?

- Oh! sou apenas um ervanário muito ignorante, na presença destas maravilhas de Deus a que chamamos plantas e flores.

- Ele sabe latim?

- Muito mal.

- Contudo, li numa gazeta que ele traduzira as obras de um autor antigo, chamado Tácito.

- É porque no seu orgulho - e infelizmente todo o homem tem intervalos de orgulho - porque no seu orgulho quis empreender tudo; mas ele mesmo diz na introdução do primeiro livro, único que traduziu, que não entende bem o latim, e em breve se enfatiou de Tácito, que é um adversário escabroso. Não, não, meu rico, apesar da sua admiração, acredite que não há homem algum que seja universal, e quase sempre se perde em profundidade o que se adquire em superfície. Não há rio, por pequeno que seja, que não se espraie em ocasião de temporal, e então assemelha-se a um lago; mas se quiser, navegá-lo, em breve achará o fundo.

- E na sua opinião, Rousseau é um desses homens superficiais?

- Sim; talvez ele apresente uma superfície um pouco mais extensa que a dos outros homens - disse o desconhecido - e nada mais.

- Muitos homens, creio eu, se julgariam felizes de chegar a semelhante superfície.

- Alude a mim? - perguntou o estranho com um modo que sossegou imediatamente Gilberto.

- Ah! Deus me livre! - exclamou este último - sinto demasiado prazer em conversar consigo, para querer assim causar-lhe algum desgosto.

- E em que pode agradar-lhe a minha conversa, diga? Não creio que me queira adular por um pedaço de pão e algumas cerejas que lhe dei?

- Tem razão. Eu não adularia nem que me dessem o império do mundo; mas, creia-me, é a primeira pessoa que me fala de bom modo, com afabilidade, como se fala a um mancebo e não como se fala com uma criança. Ainda que não estivéssemos de acordo a respeito de Rousseau, há na brandura do seu espírito alguma coisa de elevado que atrai o meu. Quando falo consigo, parece-me que estou numa rica sala, em que as janelas estão fechadas, mas cuja riqueza adivinho apesar da escuridão. Dependeria de si deixar cair na sua conversa um raio de luz, e eu ficaria deslumbrado.

- Mas o senhor também, fala com certos termos que indicam uma educação superior à que confessa ter tido.

- É a primeira vez, senhor, e eu mesmo admiro-me dos termos em que falo; alguns há de que eu apenas conhecia a significação, e de que me sirvo por tê-los ouvido uma vez. Havia-os encontrado nos livros que tenho lido, mas não os tinha entendido.

- Tem lido muito?

- De mais, mas hei-de tornar a ler.

O ancião olhou admirado para Gilberto.

- Sim, li tudo quanto me caiu debaixo das mãos, livros bons e maus tudo devorei, por assim dizer. Oh! se alguém me houvesse guiado nas minhas leituras, para me dizer o que eu devia esquecer e o que me devia ficar na memória!... Mas perdão, senhor, esqueço que se a sua

conversa me é preciosa, não lhe há-de acontecer o mesmo com a minha: está ervorizando, e eu talvez o estorve.

Gilberto fez um movimento como querendo retirar-se, mas com o vivo prazer de querer ser detido. O ancião, cujos olhos pardos estavam fitos nele, parecia ler no fundo do seu coração.

- Não - lhe disse ele - a minha caixa está quase cheia, e já não preciso senão de alguns musgos; disseram-me que havia aqui boas avencas.

- Parece-me ter visto, ainda há pouco num rochedo, a planta que procura.

- Longe daqui?

- Não, apenas cinqüenta passos.

- Mas como sabe que as plantas que viu são avencas?

- Nasci no meio dos bosques, senhor; além disso, a filha daquele em cuja casa fui criado tratava muito de botânica; tinha um ervário, cada planta tinha o nome ao lado, escrito pela própria mão de Andreia. Muitas vezes olhei para essas plantas e para os letreiros, e parece-me ter visto uns musgos, que eu só conhecia com o nome de musgo de tocha, designados com o de avencas.

- E gosta de botânica?

- Ah! senhor, quando eu ouvia Nicola dizer – Nicola era aia da Sr^a. Andreia - quando eu lhe ouvia dizer que sua ama procurava inutilmente alguma planta nos arredores de Taverney, eu pedia a Nicola que visse se sabia o feitio dessa planta. Então, muitas vezes, sem saber que era eu quem tinha feito esse pedido, Andreia desenhava-a com quatro traços de lápis, Nicola pegava no desenho e dava-mo. Depois corria eu pelos campos, prados e bosques até achar essa planta, e logo que a encontrava, arrancava-a cuidadosamente e de noite levava-a para o ervário; de modo que em alguma das seguintes manhãs, quando Andreia passeava, soltava um grito de prazer, dizendo: “Ah! Meu Deus! Como é singular, esta planta, que eu tanto procurei, estava aqui tão perto de mim!”

O ancião olhou para Gilberto com mais atenção; e se este, pensando no que acabava de dizer, não tivesse baixado os olhos, corando, poderia ter visto que essa atenção era acompanhada de um interesse cheio de ternura.

- Pois então! - disse ele - continue a estudar a botânica, mancebo; a botânica o conduzirá à medicina pelo caminho mais curto. Deus nada criou que seja inútil, acredite no que lhe digo, e cada planta terá um dia a sua significação no livro da ciência. Aprenda primeiro a conhecer os simples, e depois aprenderá quais são as suas propriedades.

- Há escolas em Paris, não é verdade?

- E mesmo gratuitas; a escola de cirurgia, por exemplo, é um dos bons actos do reinado actual.

- Poderei lá seguir os estudos?

- Nada há mais fácil, porque presumo que os seus parentes conhecendo as suas disposições, lhe darão uma pensão alimentar.

- Não tenho parentes; mas, com o meu trabalho, poderei sustentar-me.

- Certamente, e já que leu as obras de Rousseau, deve ter visto que todo o homem, seja ele filho de príncipe, deve aprender um ofício qualquer.

- Não li o *Emílio*. Parece-me que é no *Emílio* que se acha essa recomendação, não é verdade?

- Sim.

- Mas ouvi o senhor de Taverney motejar dessa máxima, e dizer que tinha pena de não ter feito do seu filho marceneiro.

- E o senhor de Taverney o que fez dele? – perguntou o desconhecido.

- Um oficial - respondeu Gilberto.

O ancião sorriu.

- Sim, todos eles são assim, os nobres: em vez de ensinarem aos filhos a arte que faz viver, ensinam-lhes a que faz morrer. Também, se vier uma revolução, que em seguida os obrigue

ao exílio, ver-se-ão obrigados a mendigar em terra estranha ou a vender a espada, o que ainda é pior; mas o senhor, como não é filho de nobre, deve saber um ofício, presumo eu?

- Senhor, eu já lhe disse que nada sei; e demais, confesso-o, repugna-me qualquer trabalho que imprima ao corpo movimentos ásperos e brutais.

- Ah! - disse o ancião - é preguiçoso?

- Oh! Não, não sou preguiçoso; porque, em vez de me fazer trabalhar em alguma coisa de força, dê-me livros e um gabinete com pouca luz, e verá se os meus dias e as minhas noites se não gastam no género de trabalho que eu houver escolhido.

O desconhecido olhou para as mãos brancas e delgadas do mancebo.

- É uma predisposição - disse ele - um instinto. Essas repugnâncias chegam algumas vezes a bons resultados, mas precisam ser bem dirigidas. Enfim, - prosseguiu ele - se não esteve em nenhum colégio foi decerto à escola?

Gilberto abanou a cabeça.

- Sabe ler, escrever...

- Minha mãe, antes de morrer, teve tempo de me ensinar a ler, nobre mãe! porque vendo o meu corpo fraco, dizia sempre: “Nunca poderás ser um bom trabalhador, é preciso fazer de ti um padre ou um sábio”. Quando eu mostrava repugnância em ouvir as suas lições, dizia-me ela: “Aprende a ler, Gilberto, e não terás que rachar lenha, não terás que andar com os bois e a charrua, não te farão quebrar pedra”, e eu então aprendia. Desgraçadamente, sabia apenas ler quando minha mãe morreu.

- E quem lhe ensinou a escrever?

- Eu mesmo.

- O senhor?

- Sim, com um pauzinho que eu aguçava e uma pouca de areia que peneirava para ser mais fina. Durante dois anos escrevi como se imprime, copiando de um livro, e ignorando que houvesse outros caracteres além daqueles que eu havia conseguido imitar. Enfim, um dia, há-de haver pouco mais ou menos três anos, Andreia havia partido para o convento; desde alguns dias não havia notícias dela, quando um dia o correio me deu uma carta dela para seu pai. Vi então que existiam outros caracteres diferentes daqueles com que se imprimia. O senhor de Taverney abriu a carta, deitou fora o sobrescrito, apanhei-o cautelosamente, e guardei-o; depois, a primeira vez que o correio voltou, fiz com que ele mo lesse; dizia assim:

“Ao senhor barão de Taverney Casa Vermelha, no seu palácio, por Pierrefitte.”

“Sobre cada uma destas letras pus a que lhe correspondia em caracteres impressos, e vi que exceptuando três, todas as letras do alfabeto estavam contidas nessas duas linhas. Depois imitei as letras escritas pela Sr^a. Andreia. Ao cabo de oito dias havia eu reproduzido esse sobrescrito talvez mais de dez mil vezes e sabia escrever. Escrevo portanto sofrivelmente e antes bem que mal; vê portanto, senhor, que as minhas esperanças não são exageradas, pois que sei ler e escrever, que tenho lido tudo quanto tenho apanhado, e que tenho tentado fazer reflexões sobre tudo quanto tenho lido. Por que não acharei um homem que precise da minha pena, um cego que precise de meus olhos, ou um mudo que precise da minha língua?”

- Esquece que terá então um amo, o senhor que não o quer ter. Um secretário e um leitor são criados de segunda ordem e nada mais.

- É verdade - murmurou Gilberto empalidecendo; - mas não importa, é preciso que eu chegue ao meu fim. Trabalharei nas calçadas de Paris, acarretarei água, se preciso for, mas hei-de alcançar o que desejo ou hei-de morrer no caminho, e neste caso terei alcançado do mesmo modo.

- Ora, vamos! -disse o estranho - parece ter muita vontade e muito ânimo.

- Mas o senhor mesmo - disse Gilberto - que tão bom se mostra para comigo, não exerce profissão nenhuma? Traja como um homem que tem dinheiro.

O ancião sorriu-se com o seu sorriso doce e melancólico.

- Tenho uma profissão - disse ele; - sim, é verdade, porque todo o homem deve ter uma, mas é absolutamente alheia a coisas de dinheiro; senão viria eu aqui ervorizar?

- Ervoriza por ofício?

- Quase.

- Então é pobre?

- Sim.

- Os pobres é que dão, porque a pobreza tornou-os sábios, e um bom conselho vale mais que um Luís de Ouro. Dê-me portanto um conselho.

- Talvez faça mais.

Gilberto sorriu.

- Eu desconfiava disso - bradou ele.

- Quanto julga que será necessário para viver?

- Oh! bem pouco!

- Talvez não conheça Paris?

- Vi ontem a cidade pela primeira vez, das alturas de Luciennes.

- Então ignora que é caro viver na cidade?

- Quanto, pouco mais ou menos?... Estabeleça-me uma proporção.

- De boa vontade. Olhe, por exemplo, o que na província custa um soldo, pode custar-lhe três em Paris.

- Pois bem! - disse Gilberto - supondo que tenha um abrigo qualquer onde possa descansar depois do trabalho, preciso pouco mais ou menos seis soldos para a vida material.

- Bem, meu amigo - exclamou o desconhecido - bem! Assim gosto eu do homem. Venha a Paris comigo e achar-lhe-ei uma profissão independente, com o auxílio da qual viverá.

- Ah! Senhor! - exclamou Gilberto cheio de prazer.

Depois, emendando-se, disse:

- Está sabido que hei-de realmente trabalhar e que não é isso uma esmola que me quer fazer?

- Oh! Não; descanse, meu menino. Não sou rico bastante para dar esmolas, nem tão louco que as desse assim ao acaso.

- Ainda bem - redarguiu Gilberto, a quem este ditomisantrópico punha à vontade, em vez de o desgostar.

- Gosto dessa linguagem. Aceito o seu oferecimento e agradeço-lho.

- Está portanto decidido que vem a Paris comigo?

- Sim, senhor, se dá licença.

- Decerto que dou, pois que ofereci.

- A que estarei obrigado para consigo?

- A nada... senão a trabalhar; e ainda assim, o senhor mesmo regulará o trabalho; terá o direito de ser moço, de ser feliz, de ser livre e mesmo de ser ocioso, quando tiver ganho para essa ociosidade - disse o desconhecido sorrindo como contra vontade. Depois, erguendo os olhos ao céu, acrescentou suspirando: - Ó juventude! Ó vigor! Ó liberdade!

E a estas palavras, uma melancolia de uma poesia inexplicável se manifestou nas suas feições finas e puras. Depois ergueu-se, firmando-se na bengala.

- E agora - disse ele mais alegremente - agora que tem um emprego, vamos encher uma segunda caixa de plantas? Tenho aqui umas folhas de papel pardo sobre as quais classificaremos a primeira colheita. Mas a propósito, tem ainda fome? Conservo um pedaço de pão.

- Guardemo-lo para de tarde, senhor, se lhe aprouver.

- Ao menos, coma as cerejas, porque nos incomodam.

- De bom grado; mas permita que eu leve a sua caixa, andará assim mais à vontade.

- Mas, espere, o seu encontro trouxe-me fortuna; parece-me ver acolá o *vicris hieracioides*, que desde pela manhã procuro inutilmente; e aí, debaixo dos seus pés, ah! não o pise! O *cerastium aquaticum*. Espere, espere! Não arranque! Oh! Meu amigo, ainda está longe de ser botânico; uma destas ervas acha-se ainda muito úmida para ser colhida, e a outra ainda não está formada. Quando às três horas por aqui voltarmos, colheremos então o *vicris hieracioides*, e quanto ao *cerastium* só de hoje a oito dias estará em estado de se apanhar. Demais, quero mostrá-lo, ainda na

terra, a um amigo meu muito instruído, de quem tenciono implorar a protecção em seu favor. Agora leve-me ao sítio de que há pouco me falou, e onde viu avencas tão belas.

Gilberto começou a andar adiante do seu novo conhecido; o velho seguiu logo atrás dele, e em breve se sumiram ambos pela floresta.

XVIII

O SENHOR JACQUES

Gilberto, maravilhado da sua fortuna, a qual nos momentos críticos, lhe deparava sempre um protector, Gilberto, como dissemos, caminhava na frente, voltando-se de quando em quando para o homem singular, que, com tão poucas palavras, o tornara tão brando e dócil.

Assim o foi guiando até às ervas que designara, e que eram na verdade soberbas avencas. E logo que o velho completou a colecção delas, puseram-se a caminho em busca de novas plantas. Gilberto era mais entendido em botânica do que ele próprio se julgava. Nascido entre os bosques, conhecia como amigas da infância as plantas silvestres, posto que só lhes soubesse dar o seu nome vulgar.

Ao passo que ele assim as designava, o seu companheiro indicava-lhe o nome científico, que Gilberto tentava repetir, quando encontrava outra planta da mesma família.

Nas duas ou três primeiras vezes estropiava o nome grego ou latino, o desconhecido então, decompondo-lho, mostrava-lhe a relação que tinha a planta com cada uma das palavras de que o seu nome se compunha, e deste modo aprendia Gilberto não só o nome da planta, como também o sentido da palavra grega ou latina, com que Plínio, Lineu, ou Jussieu a tinham baptizado.

Algumas vezes exclamava ele:

- Que pena não poder ganhar uns seis soldos passando o dia inteiro na sua companhia entregue à botânica! Juro-lhe que não descansaria um momento; nem seriam necessários seis soldos: um pedaço de pão como o que tinha esta manhã, seria suficiente para o meu sustento diário. Bebi há pouco num regato, cujas águas não eram inferiores às de Taverney, e debaixo das árvores, onde esta noite me deitei, dormi melhor do que se estivesse sob os tectos de algum palácio.

A isto sorria o desconhecido.

- Meu caro - lhe dizia este - chegará o Inverno, murcharão as plantas, o regato ficará gelado, e em vez da brisa suave, que brandamente agita as folhas, o vento norte soprará com força por entre as árvores desfolhadas. Então ser-lhe-á necessário um abrigo, fogo e lume, e dos seis soldos diários não lhe sobejaria para ter um quarto, lenha e roupa.

Gilberto suspirava, colhia novas plantas, e fazia novas perguntas.

Assim percorreram durante uma boa parte do dia as florestas de Aulnay, de Plessis-Piquet e de Clamart-sous-Meudon.

Gilberto, segundo o seu costume, tinha tomado com o seu companheiro um tom familiar. O velho, pela sua parte, fazia as perguntas com notável astúcia, Gilberto contudo, desconfiado, circunspecto e receoso, descobria o seu pensamento o menos que podia.

Em Châtillon, o desconhecido comprou pão e leite, de que sem custo obteve do seu companheiro que aceitasse metade; tomaram depois ambos o caminho de Paris, para que Gilberto pudesse aí entrar ainda de dia.

Pulava o coração do mancebo só com a idéia de se achar em breve em Paris, nem ocultou esta sensação, quando, chegando ao alto de Vanves, avistou Saint-Geneviève, os Inválidos, Notre-Dame, e esse imenso mar de casas, cujas ondas vão como impelidas pela maré, bater de encontro aos flancos de Montmartre, Belle-Ville e Ménilmontant.

- Ó Paris, Paris! - dizia ele a meia voz.

- Sim, Paris, um monte de casas, um pego de males - dizia o velho. - De cada uma dessas pedras que daqui vemos, brotaria uma lágrima, ou tingi-la-ia uma nódoa de sangue, se os pesares, que esses muros encobrem, pudessem ver-se exteriormente.

Gilberto conteve o seu entusiasmo. Nem lhe foi difícil, este acabou por si mesmo.

Entraram pela barreira d'Enfer. O bairro era sujo e infecto; viam-se passar os doentes, que em macas eram conduzidos para o hospital; crianças seminuas metidas na lama com os cães, vacas e porcos. Gilberto ia-se tornando carrancudo.

- Acha isto hediondo, não é verdade? - disse-lhe o velho. - Pois em breve nem isto mesmo verá. Uma vaca, um porco, são ao menos uma riqueza, uma criança é uma alegria. O lodo encontrá-lo-á sempre, por toda a parte.

Gilberto, disposto como estava para ver Paris sob uma atmosfera sombria, não achou exagerada a pintura que lhe fazia o seu companheiro.

Este, que tão prolixo se mostrara a princípio nos seus discursos, tinha-se insensivelmente, e ao passo que se aproximava do centro da cidade, tornado silencioso e mudo. Parecia tão preocupado que Gilberto se não atreveu a perguntar-lhe que jardim era o que ele via através da grade, que o fechava, nem que ponte era essa, sobre a qual passavam o Sena. Era o Luxemburgo e o Pont-Neuf.

Como, porém, fossem sempre caminhando e o desconhecido fosse tão pensativo, que mais parecia inquieto, aventurou-se Gilberto a perguntar-lhe:

- Ainda mora muito longe?

- Estamos quase chegando - respondeu o desconhecido, a quem esta pergunta parece que tornou ainda mais melancólico.

Pela Rua do Four costearam o sumptuoso palácio de Soissons, o qual tinha a frente e a entrada principal por esta rua, posto que os jardins grandiosos se estendessem pelas de Crenelle e dos Deux-Écus.

Gilberto passou pela frente de uma igreja, que se lhe figurou ser bonita.

- Belo edifício - disse ele.

- É Saint-Eustache - respondeu o velho.

Depois, levantando a cabeça:

- São oito horas! - exclamou ele - oh! Meu Deus! Meu Deus! Venha depressa, mancebo, venha!

O desconhecido começou a apressar o passo; Gilberto foi-o seguindo.

- A propósito - disse o desconhecido depois de alguns momentos de um silêncio tão profundo que começava a inquietar Gilberto - esqueceu-me dizer-lhe que sou casado.

- Ah! - disse Gilberto.

- É verdade, e que minha mulher, como verdadeira parisiense, vai talvez ralar comigo por entrar em casa tão tarde. E além disso, devo preveni-lo de que é muito desconfiada com as pessoas que não conhece.

- Se quer que me vá embora... - disse Gilberto, a quem estas palavras fizeram cessar repentinamente toda a sua expansão.

- Por modo nenhum, meu amigo; convidei-o a que viesse para minha casa, há-de vir.

- Segui-lo-ei - disse Gilberto.

- À direita, por aqui, somos chegados.

Gilberto levantou os olhos, e à luz incerta do crepúsculo da tarde leu na esquina da praça, por cima de uma loja, as seguintes palavras:

Rua Platrière.

O desconhecido continuou a apressar o passo, porém, quanto mais se aproximava da casa, mais aumentava nele a agitação febril que já lhe notámos. Gilberto, que não queria perdê-lo de vista, tropeçava a cada passo, já com quem passava, já nos fardos dos homens que iam carregados, já nas lanças das carruagens, ou nos varais das carroças.

O seu guia parecia tê-lo esquecido inteiramente, corria a passo apressado, visivelmente preocupado por alguma idéia que o incomodava.

Parou por fim defronte da porta de um corredor, cuja bandeira era de grade.

Via-se na porta um cordel, que saía por um buraco; o velho puxou por ele e abriu a porta. Voltou-se então, e vendo Gilberto indeciso no limiar da porta, disse-lhe:

- Entre depressa.

E fechou depois a porta sobre si. Tendo dado alguns passos em completa escuridão, Gilberto encontrou o primeiro degrau de uma escada íngreme e negra. O velho, conhecedor do sítio, tinha já subido uns poucos de degraus.

Gilberto em breve o alcançou, subiu enquanto o sentiu subir, e parou quando ele também parou.

Achavam-se sobre um capacho gasto pelo uso, e num patamar, onde havia duas portas. O desconhecido puxou por uma argola suspensa num cordão, e uma pequena campainha fez ouvir o seu fraco som no interior da casa. Ouviram-se então dentro os passos arrastados de uma pessoa em chinelos; depois abriu-se a porta e uma mulher, entre os cinqüenta ou cinqüenta e cinco anos, apareceu no limiar.

Duas vozes se confundiram então, uma a do desconhecido, outra a da mulher, que lhes tinha aberto a porta.

Uma delas dizia em tom tímido:

- É já muito tarde, minha boa Teresa?

A outra resmungava:

- Não tem dúvida, fazes com que ceemos a uma bonita hora, Jacques!

- Tudo se vai remediar - respondeu o desconhecido com modo afectuoso, fechando ao mesmo tempo a porta e tomando das mãos de Gilberto a caixa de folha.

- Bravo! De criado! - exclamou a velha - era o que lhe faltava. Com que então já não pode trazer os seus molhos de ervas! O Sr. Jacques de criado! Essa é boa! O Sr. Jacques está um fidalgo!

- Ora vamos lá - respondeu aquele que tão rudemente era interpelado pelo nome de Jacques, colocando com toda a pachorra as plantas sobre o fogão; - vamos lá, mais sossego, Teresa.

- Pois então pague-lhe e mande-o embora; escusamos de espiões.

Gilberto tornou-se pálido como a morte, e correu para a porta; Jacques agarrou-o.

- Este senhor - disse ele - não é um criado, e muito menos um espião, é um hóspede que trago comigo.

A velha deixou pender os braços que até ali tivera cruzados.

- Um hóspede! - exclamou ela - só me faltava ver mais esta!

- Ora vamos lá, Teresa - replicou o desconhecido num tom de voz, em que, se ainda era afectuoso, já transluzia cada vez mais os vislumbres da vontade; - acende uma luz, estou com calor, e temos sede.

A velha resmungou então por entre dentes, ao princípio com muita força, mas diminuindo pouco a pouco.

Pegou então num fuzil, e começou com ele a ferir lume sobre uma caixa, que tinha cheia de isca; em breve saltaram algumas faíscas, que incendiaram a isca.

Enquanto durava este diálogo, bem como durante os murmúrios e o silêncio que se lhe seguiu, Gilberto tinha-se conservado imóvel, mudo, e como que pregado ao chão, a dois passos dessa porta, que ele agora sentia bem ter transposto.

Jacques compreendeu o que ele deveria sofrer, e disse-lhe:

- Aproxime-se, Sr. Gilberto, peço-lho eu.

A velha voltou então o rosto descorado e encarquilhado para ver quem era esse, a quem seu marido falava com aquela política estudada; foi então que Gilberto a contemplou à luz incerta de uma vela delgada, metida num castiçal de cobre.

Aquele rosto enrugado, desigual, e como que embebido de fel em alguns sítios, aqueles olhos tão vivos, ou antes lascivos que pareciam sair das suas órbitas, a afabilidade patente nas

suas feições vulgares, e que o tom e a recepção que a velha lhe fizera desmentiam inteiramente, despertaram desde o primeiro momento em Gilberto a maior antipatia para com ela.

A velha, pela sua parte, estava longe de lhe ter agradado o rosto pálido e delicado, o silêncio circunspecto e o modo seco do mancebo.

- Creio bem que devem sentir calor e estar sequiosos - lhes disse ela. - Na realidade, quem passa o dia à sombra dos arvoredos, deve estar cansado; demais, abaixar-se de quando em quando para colher uma erva, é trabalhar! Pois pelo que vejo, este senhor também apanha ervas provavelmente; é a ocupação daqueles que não têm nenhuma.

- Este senhor - redargüiu Jacques com um tom de voz cada vez mais firme - é um bom e digno mancebo, que todo o dia me honrou com a sua companhia, e que estou certo, a minha boa Teresa vai receber como um amigo.

- Eu contei com dois, e não com três - disse Teresa.

- Sou sóbrio e ele também - disse Jacques.

- Sim, sim, está bom, conheço de sobejo a sua sobriedade, mas juro-lhe que não tenho em casa pão que chegue para satisfazer a sua dúplice parcimónia, e que não sou eu que desço agora três andares para ir comprar mais. Além de que, a estas horas, está a padaria fechada.

- Então serei eu quem descerei para ir buscá-lo - disse Jacques franzindo as sobrancelhas.

- Abre-me a porta, Teresa.

- Porém...

- Mando eu!

- Está bom, está bom! - disse a velha resmungando, mas cedendo contudo ao tom imperioso que a sua contrariedade tinha gradualmente forçado Jacques a tomar.

- Não estou eu sempre pronta para satisfazer os seus caprichos?... Veremos, farei com que chegue para todos. Vamos cear.

- Sente-se aqui junto de mim - disse Jacques a Gilberto, conduzindo-o a uma mesa pequena, colocada no quarto imediato, e na qual estavam marcados os lugares de cada um dos donos da casa por dois guardanapos, que junto dos talheres se achavam enrolados e atados, um com um cordão vermelho, e o outro com um branco.

Este quarto, pequeno e quadrado, era forrado de papel azul desmaiado com flores brancas. Pendiam da parede dois grandes mapas geográficos. Completavam a mobília desta casa seis cadeiras de pau de cerejeira com assentos de palhinha, a mesa de que falámos e um cesto, cheio de meias consertadas.

Gilberto sentou-se, a velha pôs diante dele um prato, um talher usado, e terminou trazendo-lhe um copo de estanho muito bem polido.

- Então, não vais lá abaixo? - perguntou Jacques à mulher.

- Já não é necessário - respondeu ela com um modo irritado que mostrava o rancor que conservava a Jacques pela vitória que sobre ela alcançara; - não é já necessário, achei no armário mais meio pão. Isto faz libra e meia de pão, que se há-de fazer que chegue.

Enquanto dizia estas palavras, tinha posto a sopa na mesa.

Jacques foi servido primeiro, depois Gilberto, e a velha comeu na terrina.

Todos três tinham grande apetite; Gilberto, porém, lembrado da discussão de economia doméstica de que ele tinha sido causa, reprimia o seu quanto podia; não obstante, foi o primeiro que acabou de comer.

A velha lançou sobre aquele prato, que tão depressa se despejara, um olhar irritado.

- Quem veio hoje por cá? - perguntou Jacques a ver se distraía Teresa da idéia fixa, a que estava entregue.

- Ora! Todos os do costume - disse ela. - Tinhas prometido à senhora de Boufflers os quatro cadernos, à senhora de Escars as duas árias e um quarteto com acompanhamento à senhora de Penthièvre. Umas vieram, e outras mandaram os seus criados. Mas qual! O senhor andava a apanhar ervas, e como ninguém pode divertir-se e trabalhar ao mesmo tempo, tiveram aquelas senhoras que passar sem a sua música.

Jacques não respondeu palavra, do que Gilberto, que esperava vê-lo irritar-se muito, se admirou. Como, porém, agora o caso era só com ele, não se importou.

À sopa seguiu-se um pequeno pedaço de carne cozida, servido num prato de louça todo riscado do corte das facas.

Jacques serviu Gilberto com toda a parcimónia, porque era vigiado por Teresa; cortou para si um bocado igual ao que dera a Gilberto, e depois passou o prato a Teresa.

Esta pegou no pão e cortou um pedaço para Gilberto, mas tão pequeno, que subiu a cor ao rosto de Jacques; esperou que Teresa o servisse a ele, e a si própria, e tomando-lhe o pão das mãos, disse a Gilberto:

- Cortará o senhor mesmo o pão que quiser, e peço-lhe que corte segundo a vontade que tiver, porque o pão só se dá por medida a quem o desperdiça.

Pouco depois vieram à mesa feijões verdes temperados com manteiga.

- Vê como estão verdes? - disse Jacques - são das nossas conservas; temo-los comido excelentes.

Dizendo isto, passou o prato a Gilberto.

- Obrigado, senhor - respondeu este; - jantei bem, não tenho agora vontade.

- Esse senhor não é da tua opinião a respeito das minhas conservas - disse Teresa com azedume; - estou certa que gostaria mais que eles fossem frescos, mas isso são iguarias que os nossos teres não comportam.

- Pelo contrário, senhora - replicou Gilberto - acho-os assim muito melhores, e estimaria muito poder prová-los, se não estivesse no costume de não comer mais de uma coisa.

- E não bebe senão água? - disse Jacques, estendendo a garrafa.

- Sempre.

Jacques vazou para si um copo de vinho.

- Ora agora, minha mulher - disse Jacques pondo a garrafa na mesa - peço-te que trates de arranjar uma cama para este mancebo, que deve estar cansado.

Teresa deixou cair o garfo que tinha na mão, e, fitando em seu marido os olhos espantados, exclamou:

- Uma cama! Está doido? Pois traz quem venha cá dormir? Tenciona talvez deitá-lo na sua cama? Na verdade perdeu a cabeça. Então vai agora estabelecer colégio? Nesse caso, procure quem lhe cozinhe e o sirva; bem me bastava ser sua criada, quanto mais sê-la dos outros.

- Teresa - redargüiu Jacques num tom forte e firme - Teresa, peço-te que me atendas, é só por esta noite. Este mancebo nunca veio a Paris, fui eu que o trouxe aqui. Não quero que durma numa estalagem, de modo nenhum o quero, quando mesmo ele devesse dormir na minha cama, como há pouco o disseste.

Depois desta segunda manifestação da sua vontade, o velho esperou o resultado dela.

Teresa, que tinha estado a observá-lo atentamente, e que, enquanto ele falara, lhe estudara os músculos do rosto, viu claramente que não era esta ocasião azada de lutar vantajosamente com ele, e por isso mudou repentinamente de tática.

Nada teria alcançado continuando a fazer oposição a Gilberto, começou pois a combater em seu favor; só esperava ocasião propícia para o atraí-lo.

- Na verdade, este mancebo, visto ter vindo contigo - disse ela - é sinal de que o conheces, e por isso deve ficar em nossa casa. Verás como lhe arranjo uma cama no teu gabinete, junto àqueles maços de papéis.

- Por modo nenhum - atalhou Jacques vivamente; - um gabinete não é lugar onde se durma. Pode pegar fogo nesses papéis.

- Forte desgraça! - disse Teresa a meia voz, e continuou alto: - Então na antecâmara, junto ao tremo.

- Também não.

- Pois então já vejo que, apesar da boa vontade que temos ambos, não há aonde ele fique, a não ser no teu quarto ou no meu...

- Parece-me, Teresa, que te não lembram todas as casas.

- A mim?

- Sim, a ti. Pois não temos nós a *água-furtada*?

- Diz antes o vão do telhado.

- Não é um eirado, é um quarto que posto seja tosco, é sadio, e tem vista para uns jardins lindos, o que é bem raro em Paris.

- E que importa que seja um vão de telhado? – disse Gilberto - juro-lhe que ficarei satisfeitiíssimo.

- Aí não - disse Teresa - é aonde eu estendo a roupa.

- Não importa, Teresa, este mancebo não a tirará de onde ela está. Não é verdade, meu amigo, que terá todo o cuidado em que nada suceda à roupa desta boa dona de casa? Somos pobres, e qualquer perda nos faria grande prejuízo.

- Fique descansado, senhor.

Jacques levantou-se e chegando-se a Teresa, disse-lhe em voz baixa:

- Eu não quero, minha querida amiga, que este mancebo se perca, ouviste? Paris é um sítio perigoso, e aqui ao menos poderemos vigiá-lo.

- Pelo que vejo, estás encarregado da sua educação. Então o teu discípulo há-de pagar-te?

- Não, e asseguro-te que nos não custará nada. De amanhã em diante, é ele mesmo quem provê à sua subsistência. Quanto a domicílio, como quase não precisamos do quarto em que ele fica, podemos fazer-lhe a esmola de lho ceder.

- Os preguiçosos lá se entendem uns com os outros - disse Teresa a meia voz, encolhendo os ombros.

- Senhor - disse Gilberto, mais enfasiado ainda do que o seu companheiro pelo combate, que ele sustentava a pé firme, por causa de uma hospitalidade que tanto o humilhava - nunca incomodei ninguém, e por certo não começarei pelo senhor, que tão bom se mostra para comigo. Permita pois que me vá embora. Vi da banda da ponte por que passámos alguns bancos debaixo das árvores. Asseguro-lhe que dormiria perfeitamente deitado sobre um desses bancos.

- Para o prenderem como vadio.

- Que é realmente - disse Teresa em voz baixa, levantando a mesa.

- Venha, mancebo - disse Jacques - tenho lá em cima, se bem me lembro, um colchão de palha; sempre é melhor do que um banco de pedra, e como lhe bastava um banco...

- É de mais até, senhor, nunca dormi senão sobre palha.

Depois, querendo encobrir esta verdade que lhe escapara, por meio de uma mentira, acrescentou:

- A lã faz-me muito calor.

- A palha na verdade é mais fresca - disse Jacques sorrindo-se; - traga a vela que está sobre a mesa, e siga-me.

Teresa nem sequer olhou para onde estava Jacques. Soltou um suspiro, porque estava vencida.

Gilberto levantou-se com gravidade e seguiu o seu protector.

Quando passavam pela antecâmara, viu uma pequena fonte na parede.

- É cara a água em Paris? - perguntou ele.

- Não, meu amigo, mas ainda que o fosse, o pão e a água são duas coisas que o homem não pode negar a quem lhas pede.

- É que em Taverny a água nada custa, e o luxo do pobre é o asseio.

- Aí tem, meu amigo - disse Jacques indicando-lhe uma bacia de louça - leve.

E continuou a andar adiante do mancebo, admirado de encontrar numa criança daquela idade a firmeza do povo junto aos instintos da aristocracia.

XIX

A AGUA-FURTADA DO SENHOR JACQUES

Se a escada já era estreita e íngreme no fim do corredor, isto no sítio em que Gilberto encontrara o primeiro degrau, mais estreita e íngreme se ia tornando do terceiro andar em diante, onde morava o Sr. Jacques.

Foi pois com custo que este e o seu protegido chegaram a um verdadeiro vão de telhado. Desta vez era Teresa que tinha razão; era um verdadeiro vão de telhado dividido em quatro quartos, três dos quais estavam desabitados.

Verdade é que todos eles, mesmo o destinado a Gilberto, eram inabitáveis.

O telhado, pela inclinação que tinha, formava com o sobrado um perfeito ângulo agudo. No centro do telhado, havia uma fresta com um caixilho velho, e já sem vidros, que dava luz e ar à casa. A claridade entrava frouxamente, o vento, porém, em quantidade, sobretudo no Inverno, quando ele fosse forte.

Por felicidade começava o Verão, e apesar da proximidade da estação calmosa, a luz que Jacques trazia, quase se apagou quando entraram.

O colchão, de que Jacques falara a Gilberto tão lisonjeiramente, aí se achava na verdade, e tanto mais saliente se tornava quanto era o principal móvel daquele quarto.

Por uma e outra parte estavam espalhados maços de papéis velhos impressos, amarelos nas margens, de envolta com um montão de livros, já meio roídos dos ratos.

Em duas cordas colocadas transversalmente, e na primeira das quais Gilberto por pouco se não esganou, soavam, quando movidos pelo vento, sacos de papel contendo feijões secos na casca, ervas aromáticas, roupa, e algum fato velho de mulher.

- Não é lá muito bom - disse Jacques - mas o sono e a escuridão tornam iguais aos mais sumptuosos palácios as choupanas mais miseráveis. Durma, como costuma suceder na sua idade, e não lhe custará amanhã a crer que dormiu no Louvre. Sobretudo, tome cuidado com a luz!

- Sim, senhor - respondeu Gilberto um pouco aturdido com o que acabava de ver e ouvir.

Jacques saiu sorrindo-se para ele; mas voltando outra vez atrás, disse-lhe:

- Falaremos amanhã. Espero que não porá dúvida em trabalhar, não é assim?

- Bem sabe, senhor, que pelo contrário, os meus desejos são de encontrar trabalho.

- Parece-me isso muito bem.

E Jacques encaminhou-se de novo para a porta.

- Trabalho honesto - acrescentou Gilberto.

- Não conheço outro, meu amigo. Adeus, até amanhã.

- Boas noites, senhor, de novo lhe agradeço - disse Gilberto.

Jacques saiu, fechou a porta por fora e Gilberto ficou só no sótão.

A princípio estava admirado, depois espantado de se achar em Paris, e perguntava a si mesmo se seria realmente Paris, essa cidade onde havia quartos como aquele em que se encontrava.

Mas, por fim, pensou que o quarto em que estava lhe era dado como esmola por Jacques, e como tinha visto fazer esmolas em Taverney, não só não estranhou, mas até a sua estranheza foi em breve substituída pela gratidão.

Pegou então na luz, e começou com todas as precauções recomendadas por Jacques a percorrer os cantos do sótão; importando-se tão pouco com o fato de Teresa, que nem sequer tirou um vestido para com ele se cobrir.

Passou junto aos maços de papéis, que eram o que mais que tudo despertava a sua curiosidade.

Como estivessem porém amarrados, não lhes tocou.

Com o pescoço estendido e os olhos arregalados, passou dos maços de papéis a examinar minuciosamente os sacos dos feijões.

Os sacos dos feijões eram feitos de papel branco impresso e muito encorpado, e estavam pregados com alfinetes.

Num movimento repentino que fez, Gilberto tocou com a cabeça na corda e fez cair um dos sacos.

Mais pálido e atônito do que ficaria se tivesse arrombado a fechadura de uma burra, Gilberto apressou-se a apanhar os feijões, que se tinham espalhado pelo chão e a metê-los no saco.

Quando estava entregue a esta operação, olhou casualmente para o papel, e foi também maquinalmente, que leu algumas palavras, que lhe prenderam a atenção. Atirou fora os feijões e sentando-se sobre o colchão, começou a ler o papel. As palavras que aí encontrou estavam de tal modo em harmonia com o seu pensamento, e mormente com o seu carácter, que pareciam não só expressamente escritas para ele, mas por ele mesmo.

Eram as seguintes:

“Demais, nunca me agradaram costureiras, criadas, ou modistas, mas somente as donzelas de uma classe mais elevada. Cada um tem a sua fantasia, esta foi sempre a minha. Neste ponto sou da opinião de Horácio. Não é, todavia, a vaidade do estado e da posição que me atraem, o que me atrai é sim um rosto mais delicado, umas mãos finas, um traje mais gracioso, certo ar de delicadeza e dignidade em toda a sua pessoa, certa escolha de vestuário e no falar, um vestido mais rico, um sapato mais fino, finalmente, os laços, as rendas, o cabelo mais bem penteado. Preferirei sempre uma mulher, em que isto se encontre, ainda que seja menos bela. Concordo em que é ridícula esta preferência, mas nem por isso o meu coração deixa de a dar a meu pesar.”

Gilberto estremeceu, um suor frio lhe inundava o rosto; era impossível expressar melhor os seus pensamentos, definir melhor os seus instintos, analisar melhor os seus gostos. Só encontrava uma diferença; Andreia não era a *mulher menos bela com todas essas qualidades*, Andreia tinha-as todas, e era além disso a mais bela.

Gilberto continuou pois a ler com atenção e avidez o que se seguia.

Às linhas que citámos, seguia-se uma interessante aventura de um mancebo com duas donzelas; era a história de um passeio a cavalo com todos os incidentes, com os sustos e gritos, que tornam as mulheres tanto mais interessantes quando traem a sua fraqueza; seguia-se-lhe a de uma jornada, em que ele levava uma delas na garupa do seu próprio cavalo, e a de uma volta nocturna ainda mais encantadora e deliciosa.

Viu qual era a numeração das páginas, e começou a procurar as que se lhe seguiam.

Não achou as páginas imediatas, encontrou porém sete ou oito sacos, cuja paginação era seguida. Tirou-lhes os alfinetes, vazou os feijões no chão, reuniu as folhas e começou a ler.

Desta vez o assunto era diferente. As novas folhas continham os amores de um mancebo pobre e desconhecido com uma senhora nobre. Essa mulher tinha descido até ele, ou antes era ele que tinha subido até ela, a qual o recebera como se fosse seu igual, e fazendo dele o seu amante, havia-o iniciado em todos os mistérios do coração e nesses sonhos dourados da infância, que têm tão curta duração, e que chegados a outro termo da vida só nos aparecem como esses meteoros brilhantes e fugitivos, que nas noites de Outono vemos deslizar no céu estrelado. O nome do mancebo não era mencionado em nenhuma daquelas folhas. A dama era ali designada com o nome de Warens, nome mui doce e de pronúncia agradável.

Gilberto já pensava na felicidade que ia gozar, passando a noite toda a ler, felicidade que lhe era assegurada pela longa enfiada de sacos de papel, que ele tinha para ir desembulhando a pouco e pouco, quando ouviu crepitar a luz; era o castiçal de cobre que, pela proximidade da chama, tinha o bocal em brasa; o resto da vela de sebo derreteu-se e tornou-se líquida, espalhou-se no sótão o cheiro infecto do morrão, o pavio apagou-se e Gilberto ficou em completa escuridão.

Tudo isto tinha ocorrido tão rapidamente que Gilberto não teve tempo de o remediar. Interrompido no meio da sua leitura, quase que chorou de raiva. Deixou cair as folhas de papel, que tinha na mão, sobre os feijões, que estavam amontoados ao pé da cama, estendeu-se sobre o colchão, e a despeito de todo o seu pesar, adormeceu profundamente.

Dormiu como dorme quem tem dezoito anos, e só acordou ao ruído do ferrugento cadeado, com que Jacques lhe tinha na véspera fechado a porta.

O dia tinha já começado há muito, e Gilberto, abrindo os olhos, viu o seu protector, que entrava no quarto nos bicos dos pés.

A vista de Gilberto dirigiu-se imediatamente para os feijões, que estavam espalhados, mas a de Jacques já tinha tomado a mesma direcção.

Gilberto sentiu subir-lhe o rubor às faces, e sem atinar com o que dizia, murmurou:

- Bons dias, senhor.

- Bons dias, meu amigo - lhe respondeu Jacques – dormiu bem?

- Perfeitamente.

- Será porventura sonâmbulo?

Gilberto ignorava o que era ser sonâmbulo, mas logo viu que a pergunta tinha por fim pedir uma explicação da saída dos feijões para fora dos seus sacos, bem como do estado em que estes se achavam.

- Ah! Senhor - disse Gilberto - bem vejo por que pergunta isso; sim, eu é que sou o autor desta desordem toda, e humildemente me acuso; creio, porém, que a poderei remediar.

- Não há dúvida, mas como se gastou a vela até ao fim?

- Porque estive acordado até muito tarde – respondeu Gilberto no maior enleio.

- E o que esteve a fazer todo esse tempo? – perguntou Jacques desconfiado.

- Estive lendo.

Jacques percorreu então com um olhar ainda mais desconfiado todos os cantos da casa, onde estavam os maços de papéis.

- Interessou-me de tal sorte esta primeira folha – disse Gilberto designando o primeiro saco que ele tinha despregado e lido - na qual casualmente lancei os olhos... Mas o senhor, que é tão instruído, deve saber a que livro ela pertence?

Jacques lançou os olhos maquinalmente sobre ela, e respondeu:

- Não sei.

- Naturalmente é algum romance - disse Gilberto e romance bem lindo.

- Julga pois que é romance?

- Parece-me que sim; fala-se aqui de amor como nos romances; mas neste muito melhor do que em qualquer outro.

- Todavia - replicou Jacques - como vejo no fim da página a palavra *Confissões*, creio...

- O quê?

- Que é talvez uma história.

- Oh! Por certo que não; o homem que assim fala, sem dúvida não fala de si mesmo. Há tanta franqueza nas suas palavras, tanta imparcialidade nos seus juízos...

- Pois eu creio que se engana - atalhou prontamente o velho. - O autor, bem dissemelhante dos outros, quis dar este exemplo de sinceridade ao mundo, mostrando-se o homem tal qual Deus o formara.

- Conhece o autor?

- O autor é João Jacques Rousseau.

- Rousseau! - exclamou o mancebo.

- Sim, aqui estão separadas e perdidas algumas folhas do seu último livro.

- Com que então esse mancebo pobre, desconhecido e obscuro, mendigando quase pelas estradas, que percorria a pé, era Rousseau, o homem que um dia devia compor o *Emílio*, e escrever o *Contrato Social*?

- Era o mesmo, ou para melhor dizer não o é – disse o velho com um tal sentimento de tristeza, que é impossível reproduzi-lo. - Não, não era ele: o autor do *Contrato Social* e do *Emílio*, é o homem descrito do mundo, da vida, da glória e quase de Deus; o outro... O outro Rousseau... O da senhora de Warens, é o mancebo entrado na vida pela mesma porta por onde entra a aurora no mundo; é o mancebo com as suas alegrias e as suas esperanças. Há entre os dois Rousseau um abismo, que impedirá que jamais se encontrem... São trinta anos de desgraças!

E acabando de dizer isto o velho abanou tristemente a cabeça, deixou pender os braços, e ficou entregue a uma meditação profunda.

Gilberto, esse, ficara como deslumbrado.

- É pois verdadeira esta aventura com a menina de Galley e a menina de Graffenried? É pois verdade que ele sentiu pela senhora de Warens o amor que pinta? Não é pois uma mentira a posse dessa mulher, que ele amava, posse que o encheu de tristeza, em vez de o transportar ao Céu, como ele esperava?

- Mancebo - disse o velho - Rousseau nunca mentiu. Lembre-se da sua divisa: *Vitam impendere vero*.

- Já a sabia, mas como não entendo o latim, ignorava o que significasse.

- Quer dizer: “Dar a sua vida pela verdade”.

- É pois possível - continuou Gilberto - que um homem, partindo do ponto de onde partiu Rousseau, conseguisse ser amado por uma senhora bela e nobre?! Oh! Meu Deus! Sabe o senhor que isto é para fazer conceber as mais loucas esperanças aos que, colocados tão baixo, como ele, ousaram elevar demasiado as suas vistas?

- Ama - disse Jacques - e acha a situação de Rousseau análoga à sua?

Gilberto tornou-se vermelho, mas não respondeu nada.

- Mas nem todas as mulheres são como a senhora de Warens - disse ele; - se as há como ela é, também as há soberbas, orgulhosas, inacessíveis, e essas... é loucura amá-las.

- E todavia, meu amigo - redargüiu o velho - mais de uma vez se apresentaram a Rousseau ocasiões idênticas.

- Ah! Sim - exclamou Gilberto - mas era Rousseau. Por certo que se sentisse dentro em meu peito uma só faísca desse fogo, que lhe queimava o coração, e lhe incendiava o génio...

- O que sucederia?

- O quê? Diria que não haveria mulher, por mais alto que o seu nascimento a tivesse colocado, que pudesse contar comigo, enquanto que, como nada sou, como não tenho a certeza de um futuro, quando elevo os olhos acima de mim, fico assombrado. Oh! Quem me dera poder falar com Rousseau!

- Para quê?

- Para lhe perguntar se porventura a senhora de Warens não tivesse descido até ele, ele se teria elevado até ela; para lhe dizer: “Essa posse que o enche de tristeza, se fosse recusada, não a teria conquistado mesmo por...?”

E o mancebo parou.

- Por quê?... - perguntou o velho.

- Por um crime.

Jacques estremeceu.

- Minha mulher já deve ter acordado - disse ele, cortando assim o fio à conversa - desçamos. E demais, previno-o de que o dia de um trabalhador nunca começa tão tarde; venha.

- É verdade - disse Gilberto - desculpe-me; mas há conversas que me encantam, livros que me exaltam, pensamentos que quase me tornam louco.

- Vamos, vamos - disse o velho - já vejo que está enamorado.

Gilberto não respondeu, começou a apanhar os feijões e a metê-los nos sacos de papel, pregando-os com os alfinetes. Jacques ficou parado, vendo o que ele fazia.

- Não tem um quarto sumptuoso, é certo - disse o velho - mas aqui tem o necessário, e se fosse mais madrugador, teria aspirado por esta janela a fragrância das plantas, que não deixam de ter todo o mérito no meio dos cheiros nauseabundos, que infeccionam esta grande cidade. São aí os jardins da Rua Jussienne, e estamos no tempo em que a tília e o ébano se cobrem de flor, e aspirar-lhes o aroma é por certo para um pobre cativo, acumular felicidade para um dia inteiro.

- Eu também gosto disso tudo, mas o hábito de o ver a miúdo, faz com que lhe não preste muita atenção.

- Diga antes, que não há ainda muito tempo que deixou o campo, por isso não tem saudades. Mas como já dormiu, vamos agora ao nosso trabalho.

E mostrando a Gilberto o caminho, Jacques esperou que ele saísse, e fechou depois o cadeado.

Jacques conduziu então o seu companheiro em direitura ao lugar, a que Teresa tinha na véspera dado o nome de gabinete.

Compunham a mobília deste quarto, colecções de borboletas, metidas em redomas de vidro, ervas e minerais postos em caixilhos de madeira preta, uma biblioteca de noqueira cheia de livros, uma mesa estreita e comprida coberta com um pano de lã verde e preta, já gasto pelo uso, e sobre a qual estavam colocados com toda a ordem maços de manuscritos, quatro cadeiras de braços feitas de cerejeira, lavradas e com estofos de crina; isto tudo tão arrumado e limpo, que o homem mais escrupuloso não lhe notaria uma falta de ordem ou de asseio; o seu aspecto, contudo, entristecia a vista e o coração, tão frouxa era a claridade que umas cortinas de cassa deixavam penetrar, tão longe pareciam estar o luxo e a felicidade das cinzas frias que se viam no negro fogão.

Um cravo de madeira clara sustentado em quatro pés direitos e simples, e um relógio pequeno, que estava sobre o fogão, e em cujo mostrador se lia “Dolt ao Arsenal”, eram os únicos objectos, que, um pela vibração das cordas movidas pelo ruído das carruagens que passavam, o outro pelo movimento da pêndula, faziam lembrar que vivia alguém naquela espécie de túmulo.

Gilberto entrou respeitosamente no gabinete que acabamos de descrever; achou a mobília quase sumptuosa, porque era pouco mais ou menos igual à do castelo de Taverney; o que mais o admirou foi o sobrado que era encerado.

- Sente-se - disse Jacques designando-lhe uma mesa, colocada no vão da janela; - vou mostrar-lhe qual é a ocupação que lhe destino.

Gilberto obedeceu prontamente.

- Conhece o que é isto? - perguntou-lhe o velho.

E designou a Gilberto uma folha de papel pautado em distâncias iguais.

- Por certo - respondeu este; - é papel de música.

- Pois bem, quando uma destas folhas está cheia de pontos pretos, quero dizer, quando tenho copiado tanta música quanta ela pode conter, tenho ganho dez soldos; foi este o preço que eu mesmo estabeleci. Parece-lhe que poderá aprender a copiar música?

- Estou convencido que sim.

- Mas não lhe fazem confusão estes borrões pretos sobre estas linhas iguais, unidos aos dois, e aos três?

- É verdade, senhor. À primeira vista não percebo nada; mas aplicando-me, distingo as notas umas das outras; por exemplo, aqui está um *fá*.

- Aonde?

- Aqui, na última linha.

- E que nota é esta no primeiro intervalo?

- Também é um *fá*.

- E esta que está sobre a outra, que ocupa a segunda linha?

- É um *sol*.

- Então, pelo que vejo, sabe música?

- Sei os nomes das notas, mas não lhes conheço o valor.

- E sabe também distinguir as notas brancas das pretas, as colcheias, semicolcheias, fusas?...

- Conheço isso tudo.

- E este sinal?

- Também; é uma pausa.

- E este?

- Um sustenido.

- E este?

- Um bemol.

- Muito bem. Então - disse Jacques com o olhar de desconfiança que lhe era habitual - já vejo que, apesar da ignorância que afecta, fala da música como falou da botânica, de que também se dizia ignorante, e como esteve esta manhã quase falando de amor.

- Oh! Não zombe comigo, senhor - disse Gilberto tornando-se vermelho.

- Pelo contrário, meu filho, eu não zombo, admiro. A música é uma arte, a que só nos entregamos depois dos outros estudos, e como me disse que não tinha recebido educação alguma, que não tinha aprendido nada...

- E é verdade, senhor.

- Não foi todavia por si só que soube que este ponto preto na última linha era um *fa*, creio eu.

- Senhor - disse Gilberto abaixando a cabeça e a voz ao mesmo tempo - na casa em que eu vivia, havia uma... Uma menina, que tocava piano.

- Ah! Já sei - disse Jacques - provavelmente a mesma que estudava botânica.

- Exactamente, senhor, e tocava muito bem.

- Sim?

- É verdade, e eu gosto muito de música.

- Isso contudo não é razão suficiente para se lhe conhecerem as notas.

- Senhor, Rousseau diz que é imperfeito o homem que goza do efeito sem lhe indagar a causa.

- Sim, mas também ele diz que o homem que se quer aperfeiçoar por essa indagação, perde a sua alegria e instinto natural.

- E isso o que importa - disse Gilberto - se encontra no estudo prazeres iguais aos que por ele perde?

Jacques voltou-se admirado e exclamou:

- Bravo! Não só é botânico e músico, como também é lógico.

- Ah! Senhor - disse ele - desgraçadamente, nem botânico, nem músico, nem lógico sou; distingo uma nota ou outra, um ou outro sinal, eis o que sei de música.

- Mas solfeja?

- Nada absolutamente.

- Pois não importa, quer sempre experimentar se pode copiar a música? Aqui tem papel pautado, não o desperdice que custa muito caro. Ou então é melhor isto, aqui tem papel branco, paute-o e faça nele a experiência.

- Farei como me recomenda, senhor; mas permita-me que lhe diga que não vejo nisto um modo de vida que abrace para sempre; pois copiar música, materialmente sem a entender, melhor me fora então fazer-me escrevente.

- Mancebo, mancebo, fala irreflectidamente, tome conta com isso.

- Eu?

- O senhor, sim. Porventura é de noite que o escrevente ou empregado público ganham a sua vida?

- Não, por certo.

- Pois bem! então ouça o que lhe digo: um homem hábil pode em duas ou três horas de noite copiar cinco folhas destas e até seis, quando à força de exercício faz as notas perfeitas de uma penada, tem um traço puro, e contraiu um hábito de ler a música, que lhe dispensa o olhar a miúdo para a que está copiando. Seis páginas valem três francos, pode se viver com esta quantia; espero que não duvidará disto, o senhor, que só lhe bastavam seis soldos. Com duas horas pois de trabalho nocturno, pode um homem seguir o curso de cirurgia, medicina, ou botânica.

- Ah! - exclamou Gilberto - percebo agora e de todo o coração lhe agradeço.

E atirou-se imediatamente à folha de papel, que o velho lhe apresentava.

XX

QUEM ERA O SENHOR JACQUES

Trabalhava Gilberto com todo o ardor, e o papel ia-se cobrindo com os ensaios, que ele atentamente fazia, quando o velho, depois de por algum tempo contemplar a sua obra, se foi por

sua vez sentar na outra mesa, e começou a emendar umas folhas de papel impresso, iguais às que formavam os sacos dos feijões existentes no quarto de Gilberto.

Assim se passaram três horas, e acabavam de soar as nove horas no relógio, quando Teresa entrou precipitadamente no quarto.

Jacques levantou a cabeça.

- Depressa, depressa! - disse ela - vai para a sala quanto antes. Aí temos agora outro príncipe. Oh! Meu Deus! Quando acabará esta procissão de altezas? Se este ao menos se não lembrar de almoçar connosco, como fez o outro dia o duque de Chartres, bom será!

- E que príncipe é? - perguntou Jacques em voz baixa.

- O príncipe de Conti.

Gilberto, ao ouvir este nome, deixou cair sobre o papel um *sol*, a que Bridoisson, se então vivesse, teria chamado antes um borrão do que uma nota...

- Um príncipe, uma alteza! - disse ele em voz baixa.

Jacques saiu, sorrindo-se, atrás de Teresa, que fechou logo a porta.

Gilberto olhou então em roda de si, e vendo que estava só, levantou a cabeça desorientado, e exclamou:

- Mas onde estou eu? Príncipes e altezas em casa do Sr. Jacques! O duque de Chartres, o príncipe de Conti em casa de um copista!

Chegou-se à porta para escutar; o coração batia-lhe com força.

O príncipe e Jacques já tinham feito os primeiros cumprimentos; era o príncipe quem estava falando.

- Queria levá-lo comigo - dizia ele.

- E com que fim, meu príncipe? - perguntou Jacques.

- Para o apresentar à delfina. É uma nova era para a filosofia, meu caro filósofo.

- Agradeço-lhe a boa vontade, senhor, mas actualmente é-me impossível acompanhá-lo.

- Todavia, há-de haver seis anos, não teve dúvida em acompanhar a senhora de Pompadour a Fontainebleau.

- Então tinha de menos seis anos de idade; hoje as minhas doenças não me permitem que me afaste da minha poltrona.

- Diga também a sua misantropia.

- Suponhamos que assim é. Por minha fé, não é por isso; o mundo não é uma coisa tão curiosa que valha a pena incomodar-se alguém por sua causa.

- Pois bem, pactuemos; dispenso-o da ida a Saint-Denis e do grande cerimonial, mas há-de vir comigo à Muette, onde depois de amanhã pernoitará Sua Alteza Real.

- Pois Sua Alteza Real chega depois de amanhã a Saint-Denis?

- Com todo o seu séquito. Ora vamos, duas léguas num instante se andam, e não é coisa que cause grave incómodo. A princesa tem fama de ser exímia na música, foi discípula de Gluck.

Gilberto nada mais ouviu. Quando disseram: “Depois de amanhã a delfina chega com todo o seu séquito a Saint-Denis”, só pensou numa coisa, e foi que, dentro em dois dias, se acharia a duas léguas de Andreia.

Esta idéia ofuscou-lhe a vista, como se os seus olhos tivessem encontrado um espelho ardente.

O mais forte dos dois sentimentos fez calar o outro. O amor fez cessar a curiosidade; por alguns momentos pareceu a Gilberto que não havia no quarto ar bastante para respirar, por isso correu à janela com tenção de a abrir, mas a janela estava fechada por dentro com um cadeado, provavelmente para nunca se ver do quarto fronteiro ao de Jacques o que neste se passava.

Caiu então sobre a cadeira em que estivera sentado.

- Oh! Nunca mais escutarei às portas - disse ele; - não quero penetrar os segredos desse homem, meu protector, desse copista, a quem um príncipe dá o nome de amigo, e quer apresentar à futura rainha de França, à filha de imperadores, àquela a quem a menina Andreia falara quase de joelhos. E contudo, talvez soubesse alguma coisa da menina Andreia, se

continuasse a escutar... Mas não, não, porque deste modo assemelhar-me-ia a um lacaio. La Brie também escutava às portas.

E fazendo um esforço sobre si mesmo retirou-se de junto da fechadura, da qual se tinha aproximado; tremiam-lhe as mãos e as pernas, e parecia-lhe que um véu lhe turvava a vista.

Sentiu então a necessidade de alguma distração forte; a cópia tê-lo-ia ocupado muito pouco, e por isso pegou ao acaso num livro, que estava sobre a mesa de Jacques.

- As *Confissões* - leu ele com surpresa misturada de alegria - as *Confissões*, de que com tanto prazer li algumas páginas.

“Edição ornada com o retrato do autor”, continuou ele a ler.

- Oh! Eu que nunca vi o retrato de Rousseau! – exclamou ele. - Vejamos.

E dizendo isto levantou rapidamente o papel de seda que cobria a estampa, e soltou um grito.

Neste momento abria-se a porta e entrava Jacques.

Gilberto confrontou o rosto de Jacques com o retrato que tinha na mão, e com os braços estendidos e o corpo todo trémulo, deixou cair o livro no chão, exclamando ao mesmo tempo:

- Estou em casa de João Jacques Rousseau!

- Vejamos que tal copiou a música, meu filho – respondeu este sorrindo, mais feliz no fundo do seu coração com aquela ovação imprevista do que o fora com os mil triunfos que obtivera durante a sua vida gloriosa.

E passando por diante de Gilberto, que estava todo trémulo, aproximou-se da mesa e lançou os olhos sobre o papel de música.

- Não tem má cópia - disse ele; - mas deixa margens muito grandes, além disso, não junta com o mesmo traço as notas ligadas. Falta-lhe um sustenido neste compasso, e as linhas com que separa os compassos não estão direitas. As notas brancas deve fazê-las com dois semicírculos. Não importa que não fiquem bem unidas. A nota, inteiramente redonda, é desengraçada e mal lhe fica o traço que se lhe junta. Pois é verdade, meu amigo, está em casa de João Jacques Rousseau.

- Oh! Então, senhor, perdoe-me as loucuras que tenho proferido - disse Gilberto juntando as mãos, e quase que prostrando-se diante dele.

- Foi pois necessário que viesse um príncipe a minha casa para conhecer o perseguido, o desgraçado filósofo de Genebra? Pobre mancebo, ou antes feliz mancebo, que ignora ainda o que é perseguição!

- Oh! Sim, eu sou feliz, bem feliz, mas é porque o vejo, porque o conheço e porque me acho junto de si.

- Obrigado, meu filho, obrigado; mas não basta ser feliz, é necessário também trabalhar. Agora que já fez os seus ensaios, aqui tem este rondo, e faça por copiá-lo em papel de música; é pequeno e pouco difícil, sobretudo faça diligência para que fique obra aseada. Mas como foi que me conheceu?

Gilberto, com o coração cheio de prazer, pegou no volume das *Confissões* e mostrou o retrato a João Jacques.

- Ah! Sim, já percebo, é o meu retrato, queimado em estátua na primeira página do *Emílio*, mas que importa! A chama sempre alumia, quer ela venha do Sol, quer de um auto-de-fé!

- Ah! Senhor, se soubesse que foram sempre os meus sonhos de felicidade o viver consigo! Se soubesse que a isto se limitavam as minhas ambições!...

- Não viverá comigo, meu amigo, porque eu não faço prosélitos. Para o ter como hóspede, bem vê que não sou rico bastante para os receber, e muito menos para os conservar em casa.

Gilberto estremeceu. João Jacques pegou-lhe na mão.

- Todavia - lhe disse ele - não desespere. Desde que o encontrei que o estudo, meu filho, e se em si há alguma coisa de mau, também há alguma coisa de bom; lute com a sua vontade contra os seus instintos; desconfie do orgulho, esse verme roedor da filosofia, e copie música, esperando melhor sorte.

- Oh! Meu Deus, meu Deus! - disse Gilberto – eu enlouqueço com o que me aconteceu!

- E contudo, nada é mais natural e simples do que isto que acaba de lhe suceder; verdade é, que as coisas simples são as que mais comovem os corações profundos e os espíritos inteligentes. Fugia não sei de onde, não lhe perguntei qual era o seu segredo, fugia pelos bosques, onde encontrou um homem que apanhava ervas, o qual tinha um pedaço de pão, e como o senhor não o tinha dividido-o consigo; como não soubesse para onde havia de ir, esse mesmo homem ofereceu-lhe um asilo em sua casa; esse homem devia necessariamente ser alguém, ter um nome qualquer, esse homem chama-se Rousseau, nada mais simples, e diz-lhe:

“O primeiro preceito da filosofia é o seguinte: Homem, provê às tuas precisões.”

- E por conseguinte, meu amigo, quando tiver copiado o rondo, terá o seu sustento de hoje. Copie pois o rondo.

- Oh! Como é bom, senhor!

- Quanto à habitação, tem-na livre de despesas; só lhe recomendo que nada de leituras nocturnas, ou se quer ter luz será à sua custa, aliás teremos que ouvir Teresa ralar. Tem já vontade de comer?

- Oh! Não, senhor - disse Gilberto sufocado.

- Resta-nos da ceia de ontem alguma coisa para almoçarmos hoje; não faça cerimónia! Será a última vez que comerá à minha mesa, salvo o caso de o convidar alguma vez, se ficarmos sempre amigos.

Gilberto começou um gesto que Rousseau interrompeu com um sinal de cabeça.

- Há na Rua Plâtrière uma pequena casa de pasto para os operários, dar-lhe-ão aí de comer por uma bagatela, porque o recomendarei ao dono dela. No entretanto, vamos almoçar.

Gilberto seguiu Rousseau, sem responder. Pela primeira vez na sua vida tinha sido subjugado; verdade é, que o fora por um homem superior aos outros.

Tendo apenas comido alguma coisa, levantou-se da mesa e voltou para o seu trabalho. Ele tinha dito a verdade, o seu estômago ressentido ainda do abalo que sofrera, não suportava nenhum alimento. Durante o dia inteiro não levantou cabeça da obra que estava fazendo, e pelas oito horas da noite, depois de ter inutilizado três folhas, tinha conseguido copiar inteligivelmente e com asseio um rondo de quatro páginas.

- Não quero lisonjeá-lo - lhe disse Rousseau – ainda está mau, mas já está inteligível; isto vale dez soldos, aqui os tem.

Gilberto pegou neles inclinando-se.

- Sr. Gilberto, ainda aí temos pão no armário – disse Teresa, em quem tinham produzido bom efeito a discrição, candura e aplicação do mancebo.

- Obrigado, minha senhora - respondeu ele; - fique certa de que jamais esquecerei a sua bondade para comigo.

- Aqui tem - disse Teresa, apresentando-lhe o pão.

Gilberto ia recusar, mas olhou para João Jacques e viu, naquele sobrolho que se arqueava, por cima daquele olho tão penetrante, naquela boca fina, que se contraía, que a sua recusa feriria o melindre do seu protector.

- Aceito - disse ele.

Depois retirou-se para o seu quarto levando na mão a moeda de prata de seis soldos, e a de cobre de quatro, que João Jacques lhe acabava de dar.

- Finalmente - disse ele entrando no quarto – estou senhor de mim; mas não, ainda não, ainda aqui tenho o pão que por esmola me deram.

E apesar de estar com fome, pôs sobre o parapeito da fresta o pão que lhe tinham dado, e no qual nem sequer tocara.

Depois, lembrando-se de que lhe passaria a fome dormindo, apagou a luz e deitou-se no colchão.

No dia seguinte, Gilberto, que pouco dormira durante a noite, viu nascer o dia. Lembrou-se então do que Rousseau lhe tinha dito a respeito dos jardins sobre os quais dava a fresta do

telhado. Deitou a cabeça fora da fresta e viu com efeito as árvores de um lindo jardim, e por entre elas o palácio a que o jardim pertencia, cuja entrada era pela Rua Jussienne.

A um canto do jardim, cercado de lindos arbustos e flores, estava situada uma pequena casinha de vidraças toda fechada.

Gilberto cuidou a princípio que as vidraças estavam fechadas por causa da hora que era, e que os que ali moravam ainda não estavam levantados, mas reparando depois que os arbustos se tinham entrelaçado nas vidraças e pegado a elas, viu que aquela casa era desabitada, pelo menos no Inverno.

Voltou então a admirar os lindos bosques de tílias, que encobriam a parte principal do edifício.

Duas ou três vezes tinha a fome obrigado Gilberto a lançar os olhos sobre o pedaço de pão, que na véspera lhe tinha dado Teresa, mas sempre senhor de si mesmo, não lhe tocara, posto que mais de uma vez o cobiçasse.

Entretanto deram cinco horas, julgou por isso que já deveria estar aberta a porta da rua, e depois de se ter lavado, escovado e penteado, Gilberto, que graças ao cuidado de João Jacques tinha encontrado no seu quarto com que fazer tudo isto, lavado pois, escovado e penteado, como dizíamos, pegou no pedaço de pão e desceu. Rousseau, que neste dia o não fora acordar, e que talvez por excessiva desconfiança, e para melhor saber quais eram os hábitos do seu hóspede, tinha deixado a porta do seu quarto aberta, vendo-o descer, pôs-se a espreitá-lo.

Viu sair Gilberto com o pão debaixo do braço.

Chegou-se a ele um pobre; viu Gilberto dar-lhe o pão que tinha, e depois entrar num padeiro que acabava de abrir a loja, onde comprou pão.

- Vai naturalmente a alguma casa de pasto – pensou Rousseau - e gasta todos os dez soldos.

Rousseau enganava-se. Gilberto, continuando a andar, comia parte do pão que levava, e chegando a uma fonte, que estava no canto da rua, parou, bebeu água, comeu o resto do pão, tornou a beber, enxugou a boca, lavou as mãos e voltou.

- Na verdade - disse Rousseau - creio que sou mais feliz do que Diógenes, porque encontrei um homem.

E sentindo-o subir a escada, apressou-se a ir-lhe abrir a porta.

Passou o dia todo a trabalhar sem interrupção; Gilberto tinha aplicado toda a sua actividade, penetração e assiduidade obstinada, no enfadonho trabalho de copista. O que não percebia, adivinhava-o; e a sua mão, escrava da sua vontade de ferro, traçava os caracteres sem hesitar, ou errar. Deste modo, quando anoiteceu, tinha copiado sete folhas, e se a cópia não era elegante, era ao menos limpa e sem erros.

Rousseau contemplou esse trabalho como juiz e como filósofo ao mesmo tempo. Como juiz censurou o feitio das notas, achou as linhas que as ligavam muito finas, os sustenidos muito largos, conveio em que Gilberto tinha desde a véspera feito progressos notáveis, e deu-lhe vinte e cinco soldos.

Como filósofo, admirou a força da vontade humana, que pode fazer curvar debaixo do trabalho, durante doze horas seguidas, um mancebo de dezoito anos, de corpo fino e delicado, de temperamento apaixonado, pois Rousseau facilmente conheceu a paixão de fogo que queimava o coração do mancebo; só lhe restava saber se esta paixão era ambição ou amor.

Gilberto olhou para o dinheiro, que acabava de receber: era uma moeda de vinte e quatro soldos, e um soldo. Meteu o soldo na algibeira do colete, provavelmente com os outros, que da véspera lhe sobejaram, e apertando com ardente satisfação na mão direita a moeda de vinte e quatro soldos, disse:

- Senhor, é meu amo; pois foi em sua casa que eu achei trabalho, e mesmo dá-me casa de graça. Creio pois que faria de mim um mau conceito se obrassem sem lhe dar parte das minhas acções.

- Por quê? - disse ele - que vai fazer? Tem por acaso tenção de fazer outra coisa qualquer que não seja trabalhar?

- É verdade, senhor, amanhã, se mo permitir, queria estar livre.

- E para quê? - perguntou Jacques Rousseau – unicamente para vadiar?

- Não, senhor - respondeu Gilberto - queria ir a Saint-Denis.

- A Saint-Denis?

- É verdade; porque chega amanhã a delfina a Saint-Denis.

- Ah! Tem razão, é amanhã que são as festas de Saint-Denis pela recepção da senhora delfina.

- Exactamente - disse Gilberto.

- Julguei que fosse menos frívolo, meu rico - disse-lhe Rousseau - e tinha imaginado que desprezava as pompas do poder absoluto.

- Senhor...

- Ponha os olhos em mim, a quem o senhor algumas vezes toma por modelo. Ontem veio um príncipe a minha casa suplicar-me que fosse à corte, não como o senhor, pobre rapaz, pôr-se nos bicos dos pés para por cima do ombro de algum soldado francês ver passar a carruagem do rei, a quem apresentarão as armas, como fazem ao Santíssimo; mas sim para ir aparecer diante dos príncipes, e ir ver o sorriso das princesas. Pois ainda assim, meu caro, eu, o cidadão obscuro, recusei o convite dos príncipes.

Gilberto manifestou a sua aprovação por um sinal de cabeça.

- E por que recusaria eu? - prosseguiu Rousseau com veemência - foi porque o homem não pode ter duas caras, foi porque a mão que escreveu que a realeza era um abuso, não pode estender-se a um rei para dele mendigar uma graça; foi porque eu, que sei quê estas festas roubam ao povo uma parte do seu bem-estar, de que apenas lhe resta quanto basta para que se não revolte, protesto com a minha ausência contra essas festas.

- Acredite, Sr. Jacques Rousseau - disse Gilberto - que compreendo bem tudo quanto há de sublime na sua filosofia.

- Acredito; todavia como não a põe em prática, permita-me que lhe diga que...

- Senhor - disse Gilberto interrompendo-o - eu não sou filósofo.

- Mas diga-me, ao menos, o que vai fazer a Saint-Denis.

- Sou discreto, senhor.

Estas palavras foram para Rousseau um raio de luz; viu logo que havia algum mistério oculto naquela obstinação pertinaz, e olhou para o mancebo com aquela admiração, que ordinariamente inspira semelhante firmeza de carácter.

- Agora compreendo - disse ele - tem um motivo qualquer; antes seja isso.

- Assim é, senhor, tenho um motivo, e um motivo que nada se parece com a curiosidade que excita qualquer espectáculo.

- Ainda bem, ou talvez dissesse melhor, ainda mal, porque o seu olhar é bastante profundo, mancebo, e debalde busco encontrar nele a candura e tranqüilidade inerentes à juventude.

- Já lhe disse, senhor - replicou Gilberto tristemente - que tenho sido desgraçado, e que os desgraçados não têm mocidade. Deixa-me pois livre o dia de amanhã?

- Certamente.

- Obrigado, senhor.

- E amanhã, enquanto o senhor estiver vendo todas as pompas - disse Rousseau - estarei eu vendo as minhas plantas, e admirando as belezas da natureza.

- Senhor - disse Gilberto - não teria acaso abandonado todas as plantas da terra no dia em que fosse ver a menina de Galley, depois de lhe ter atirado ao colo com um ramo de cerejas?

- Belo mancebo - disse Rousseau - é verdade! É ainda moço, vá a Saint-Denis, meu filho. E quando Gilberto saiu pulando de contente e fechando a porta sobre si, acrescentou:

- Não é ambição, é amor.

A MULHER DO FEITICEIRO

À mesma hora em que Gilberto, depois de um dia tão bem empregado, comia no vão do telhado o seu bocado de pão molhado em água e respirava com toda a força dos pulmões o ar dos jardins que o rodeavam, a essas horas, como íamos dizendo, uma mulher vestida com elegância pouco vulgar, coberta com um comprido véu, depois de ter seguido, galopando num soberbo cavalo árabe, o caminho então deserto de Saint-Denis, mas que em breve no dia seguinte devia apinhar-se de povo, apeava-se em frente do convento das Carmelitas de Saint-Denis, e batia com a mão delicada na grade da roda do convento, enquanto que o cavalo, cujas rédeas tinha passadas por baixo do braço, batia com as ferraduras nas pedras como sinal de impaciência.

Alguns homens que iam passando paravam por curiosidade e rodeavam a desconhecida. Excitou-lhes a curiosidade já o seu traje, já a sua insistência em bater naquela porta.

- Que é que quer, senhora? - perguntou-lhe um deles.

- Bem vê - respondeu ela com um acento italiano - quero entrar.

- Então, por aí não vai bem; essa porta só se abre uma vez por dia aos pobres, e já passou a hora a que isso costuma ter lugar.

- Então onde hei-de bater para falar com a senhora abadessa? - perguntou ela.

- Naquela porta pequena, que está ali no fim do muro, ou então tocando a sineta, que está no portão grande.

Nisto chegou-se a ela outro homem e disse-lhe:

- Mas sabe porventura, minha senhora, que a actual abadessa é Sua Alteza Real a Senhora Luísa de França?

- Já o sabia; muito obrigada.

- Com a fortuna! Que lindo cavalo! - exclamou um dragão da rainha, olhando para aquele em que a desconhecida viera montada. - Talvez não saiba que é tão verdade valer ele quinhentos luíses, se por acaso tem a idade, como é verdade que o meu não vale quinhentos francos.

Estas palavras produziram um grande efeito na multidão.

Neste momento um frade, que em contraposição ao dragão só vira a cavaleira sem se importar com o cavalo, abriu caminho até junto dela, e por meio de um segredo, que conhecia, abriu a porta da roda.

- Entre, minha senhora - disse ele - e leve consigo o seu cavalo.

A desconhecida, ansiosa por escapar às vistas curiosas da multidão, vistas que pareciam tornarem-se-lhe pesadas e assustá-la, apressou-se em seguir o conselho que lhe davam, e desapareceu com o cavalo pela porta que acabava de se abrir. Logo que ela se achou só num pátio espaçoso, atirou com as rédeas para cima do pescoço do cavalo. Este, apenas se achou à vontade, sacudiu os arreios com tal força e bateu tão rijamente com as ferraduras no chão, que a irmã rodeira, que por alguns momentos abandonara a sua casinha junto à porta, veio correndo de dentro do convento.

- O que quer, senhora? - exclamou ela - e como entrou aqui?

- Foi um bom religioso quem me abriu a porta - respondeu ela; - quanto ao que quero, desejava, se fosse possível, falar com a senhora abadessa.

- Ela não recebe ninguém esta noite.

- Todavia, tinham-me dito que era dever das abadessas dos conventos receber as suas irmãs do mundo, que viessem pedir-lhe socorro, qualquer que fosse a hora do dia ou da noite a que se apresentassem...

- É possível, nas circunstâncias ordinárias, mas Sua Alteza, que ainda anteontem chegou, está apenas instalada, e reuniu hoje o capítulo.

- Ah! Senhora - replicou a desconhecida - venho de tão longe! Venho de Roma. Acabo de andar sessenta léguas a cavalo, e vão-me faltando as forças.

- Que quer que lhe faça? A ordem da abadessa é positiva.

- Minha irmã, tenho a revelar à sua abadessa coisas da mais alta importância.

- Pois venha amanhã.

- É impossível... Apenas me demorei um dia em Paris, e assim mesmo durante esse dia... demais, não posso ir ficar a uma hospedaria.

- E por quê?

- Porque não tenho dinheiro.

A irmã rodeira percorreu com um olhar admirado aquela mulher coberta de jóias, possuidora de um cavalo de tanto preço, e que dizia não ter dinheiro para pagar um quarto por uma noite.

- Oh! Não repare nas minhas palavras, e muito menos no meu trajo - disse a desconhecida; - não, eu não falei com exactidão, quando disse que não tinha dinheiro, porque estou certa que em qualquer hospedaria me abonariam a despesa que fizesse. Oh! Não, não é um abrigo que eu aqui busco, é um refúgio.

- Senhora, este convento não é o único que há em Saint-Denis, e cada um deles tem uma abadessa.

- Sim, bem sei, mas não é a qualquer abadessa que poderei dirigir-me, minha irmã.

- Parece-me que se engana na sua insistência; Luísa de França já não trata das coisas deste mundo.

- E que lhe importa isso? Vá sempre anunciar-lhe que preciso falar-lhe.

- Já lhe disse que estava presidindo ao capítulo.

- Pois então espero até acabar.

- Ainda agora ele começou.

- Entrarei na igreja, e irei orando enquanto espero.

- Faz-me perder a paciência, senhora!

- Por quê?

- Porque não pode ficar aqui à espera.

- Não posso ficar aqui esperando?!

- Não.

- Ah! Então estava eu enganada? Então não estou eu na casa do Senhor? - disse a desconhecida com tal energia no olhar e na voz que a rodeira, receando tomar sobre si a responsabilidade de uma resistência maior, replicou:

- Visto que assim o quer, irei fazer a diligência.

- Oh! - acrescentou a desconhecida - explique bem a Sua Alteza, que acabo de chegar de Roma; que, à excepção de duas paragens que fiz, uma em Mayença e outra em Estrasburgo, só deixei de andar o tempo necessário para dormir, e que, principalmente nestes últimos quatro dias, só tomei o descanso preciso para ter força de me sustentar a cavalo, e para dar a este força de poder comigo.

- Dir-lhe-ei isso tudo, minha irmã - disse a rodeira retirando-se.

Poucos momentos depois apareceu uma irmã conversa. A rodeira vinha atrás dela.

- Então? - perguntou a desconhecida para antecipar a resposta, tão impaciente estava ela de saber qual era.

- Minha senhora - respondeu a irmã conversa - Sua Alteza Real manda dizer que esta noite é-lhe absolutamente impossível dar-lhe audiência, mas que nem por isso deixará de encontrar hospitalidade neste convento, visto ter mostrado uma necessidade tão urgente de encontrar um asilo. Pode pois entrar, minha irmã, e se porventura fez uma jornada tão grande, se vem tão fatigada como disse, nada melhor tem a fazer senão meter-se na cama.

- Mas o meu cavalo?

- Fique descansada, minha irmã, que hão-de ter cuidado nele.

- É manso como um cordeiro. Chama-se Djérid, e dá por este nome quando o chamam; é um animal singular.

- Será tratado como o são os do rei.

- Muito agradecida.

- Agora - disse a irmã conversa à rodeira - conduza esta senhora ao seu quarto.

- Ao meu quarto, não, à igreja. Não preciso dormir, preciso orar.

- A capela está aberta, minha irmã - disse a religiosa, designando com o dedo uma pequena porta lateral, que dava para a igreja.

- E poderei depois ver a abadessa? - perguntou a desconhecida.

- Vê-la-á amanhã.

- De manhã?

- Oh! Amanhã de manhã é ainda impossível.

- E por quê?

- Porque amanhã tem também uma grande recepção.

- Oh! E quem pode ela receber que esteja mais apressada, e seja mais desgraçada do que eu?

- A senhora delfina faz-nos a honra de se demorar duas horas neste convento, quando amanhã por aqui passar. É um grande favor para o nosso convento, uma solenidade muito grande para as nossas pobres irmãs, de sorte que bem vê...

- Ah!...

- A senhora abadessa quer que tudo aqui seja digno dos reais hóspedes que recebemos.

- E daqui até lá - disse a desconhecida olhando em torno de si com um estremecimento involuntário - enquanto eu não lhe falar, estarei aqui em segurança?

- Por certo, minha irmã, por certo, se a nossa casa é asilo inviolável até para os criminosos, muito mais será para...

- Os fugitivos - disse a desconhecida; - muito bem. Não pode pois entrar aqui ninguém?

- Sem ordem, ninguém.

- Oh! E se ele alcançasse essa ordem, meu Deus! Meu Deus! E ele então que é tão poderoso que chega às vezes a assustar-me o seu poder!

- Quem é ele?

- Ninguém, ninguém...

- Ah! Coitada! É uma pobre louca - disse a religiosa a meia voz.

- À igreja, à igreja! - prosseguiu a desconhecida como para justificar a opinião, que tinham formado a seu respeito.

- Venha, minha irmã, eu conduzo-a lá.

- É que me perseguem, não vê? Depressa, depressa, vamos para a igreja.

- Não tenha receio - disse a irmã conversa com um sorriso de compaixão - os muros de Saint-Denis são fortes, tome o meu conselho; está muito fatigada, vá antes descansar numa boa cama, em vez de mortificar os joelhos nas lajes da capela.

- Não, não, quero orar a Deus; quero pedir que afaste para longe de mim os que me perseguem - disse a donzela desaparecendo pela porta, que a religiosa lhe indicara, e que fechou quando saiu.

A irmã, curiosa como o são as freiras, foi dar a volta pela porta principal da igreja, e entrando muito devagar, viu junto do altar a desconhecida que, com o rosto no chão, orava e soluçava.

XXII

O POVO PARISIENSE

O capítulo tinha-se efectivamente reunido, conforme as religiosas o haviam dito à desconhecida, a fim de combinar o melhor meio de se fazer uma recepção brilhante à filha dos Césares.

Era com este acto que Sua Alteza Real a Princesa Luísa inaugurava a sua suprema jurisdição em Saint-Denis.

O cofre da fábrica estava bastante desfalcado; a antiga abadessa, resignando os seus poderes, tinha levado consigo a maior parte das rendas, que lhe eram próprias, bem como os

relicários e custódias, que emprestavam aos conventos aquelas abadessas, escolhidas todas das melhores famílias, e que se dedicavam ao serviço do Senhor com as condições as mais mundanas.

Luísa, sabendo que a delfina pararia em Saint-Denis, tinha mandado um expresso a Versalhes, e nessa mesma noite havia chegado um carro cheio de tapeçarias, rendas e alfaías para o convento.

Continha o carro seguramente o valor de seiscentas mil libras. Assim, quando se espalhou a notícia do esplendor real daquela solenidade, aumentou a curiosidade dos parisienses, que, como dizia Mercier, podem fazer rir, quando formam um pequeno grupo, mas que fazem sempre pensar e chorar, quando estão juntos.

Assim desde o romper de alva, em consequência de se ter publicado o itinerário da delfina, viam-se chegar aos grupos de dez, de cem, de mil, os parisienses, saídos dos seus covis.

Os guardas franceses, os suíços, os regimentos de guarnição em Saint-Denis estavam todos em armas e dispostos em alas para conter as ondas movediças daquele mar, que já formava terríveis oscilações em torno dos pórticos da igreja, e subia depois pelos labores das esculturas das portas do convento. Por toda a parte se viam cabeças, as das crianças nas bandeiras das portas, as dos homens e mulheres nas janelas, finalmente milhares de curiosos, chegados tarde, ou preferindo, como Gilberto, a sua liberdade às exigências que impõe um lugar guardado ou conquistado num apertão, milhares de curiosos, como dizíamos, semelhantes às formigas laboriosas, trepavam pelos troncos e espalhavam-se pelos ramos das árvores, que formavam de Saint-Denis a Muette uma alameda, pela qual havia de passar a delfina.

A corte, rica ainda e com numerosos trens, tinha contudo diminuído muito desde Compienha. A não serem os grandes senhores, não era possível seguir el-rei dobrando e mesmo triplicando o número ordinário de cavalos, tantas eram as mudas, que se faziam no caminho. Assim pois os de menos fortuna, uns, tinham ficado em Compienha, e outros tinham voltado a Paris pela posta para deixarem descansar os seus cavalos.

Mas depois de terem descansado um dia em sua casa, amos e criados, tudo se punha de novo a caminho, e corria a Saint-Denis, tanto para ver a concorrência, como para tornarem a ver a delfina, que eles já tinham visto.

Demais, não havia para ver além da corte mil carruagens diferentes? Não havia o parlamento, os conselheiros da fazenda, os negociantes, as mulheres da moda e da ópera? Não havia também os cavalos e carruagens de aluguer e os carroções, que conduziam empilhados a Saint-Denis vinte e cinco parisienses de ambos os sexos, os quais iam pelo caminho abafando a passo vagaroso, e chegavam lá mais tarde do que lhe sucederia se fossem a pé?

Já se pode, pois, fazer facilmente uma idéia da grande multidão que, na manhã do dia em que os jornais e posturas anunciaram que a delfina devia chegar a Saint-Denis, aí afluiu, que se foi aglomerar em frente do convento das carmelitas, e que, quando absolutamente já não cabia naquele lugar privilegiado, se estendeu por todo o caminho por onde deviam passar a delfina e o seu séquito.

Imagine-se agora como no meio dessa multidão, que tornava tontos os próprios parisienses, estaria Gilberto, ele, tão pequeno, só, indeciso, ele que ignorava os lugares, mas era tão orgulhoso, que jamais se abaixaria a fazer pergunta alguma, pois desde que estava em Paris queria passar por um verdadeiro parisiense, ele finalmente que nunca tinha visto mais de cem pessoas reunidas.

No princípio do caminho os concorrentes estavam muito espalhados, em La Chapelle começavam a ser mais juntos, até que por fim em Saint-Denis parecia que brotavam de baixo do chão, e eram tão bastos que pareciam as espigas de trigo de uma vasta sementeira.

Gilberto havia muito tempo que nada via; perdido entre a multidão, ia sem saber para onde ela o levava, e todavia era-lhe necessário orientar-se. Viu alguns rapazes trepados numas árvores, e bem desejava ele fazer outro tanto, mas para isso era-lhe preciso pôr-se em mangas de camisa, e como não quis fazê-lo, foi sempre chegando-se ao tronco de uma delas.

Algumas pessoas, igualmente desorientadas, apesar de caminharem sobre os pés de outros, tiveram a feliz idéia de interrogar os rapazes que tinham subido às árvores, e souberam por um deles que havia ainda um grande espaço vazio entre o convento e os soldados.

Gilberto, animado por esta primeira pergunta, perguntou também se já se avistavam as carruagens.

Ainda se não avistavam, mas via-se já uma nuvem de poeira a um quarto de légua de Saint-Denis. Era o que ele queria saber. As carruagens ainda não tinham chegado, só lhe restava saber agora exactamente por que sítio elas chegariam.

Para atravessar em Paris uma grande multidão, sem entabular conversa com alguém, é necessário ser inglês, surdo ou mudo.

Assim que Gilberto rompeu para trás para se ver livre daquela multidão, deu com uma família completa da classe baixa que estava almoçando, metida numa cova que ali havia.

Estavam reunidos: a filha, menina alta e loura, com olhos azuis e com ar modesto e tímido.

A mãe, mulher gorda, baixa e risonha, com os dentes muito brancos, e a pele ainda bem conservada.

O pai, enterrado num casacão de barregana, que só saía aos domingos de dentro do guarda-roupa, e de onde ele o tinha tirado para aquela solenidade, casacão que lhe dava então mais cuidados do que sua mulher e filha, certo como estava de que elas cuidariam em si.

Uma tia alta, magra, com um modo seco e frenético.

Finalmente, uma criada, que estava sempre a rir-se.

Esta última tinha trazido, num enorme guardanapo, um almoço completo, cujo peso não tinha impedido que ela risse e cantasse todo o caminho, animada pelo exemplo de seu amo, que algumas vezes lhe levava a carga para ela descansar.

Um criado, então, formava parte da família; havia grande analogia entre ele e o cão da casa; batiam-lhe às vezes, mas nunca era excluído.

Gilberto olhou de revés para aquela cena inteiramente nova para ele. Vivendo, desde que nasceu, no castelo de Taverney, conhecia os tipos de senhor e de criado, mas ignorava inteiramente o de homem do povo.

Viu naquela gente, no uso material das necessidades da vida, o emprego de uma filosofia, que sem provir de Sócrates ou Platão, participava alguma coisa da de Bias, *in extenso*.

Tinham trazido consigo o mais que era possível, e tiravam disso o maior proveito que podiam.

O pai trinchava um pedaço de vitela assada, tanto do apreço das pessoas da sua classe. A apetitosa vianda, já devorada por todas as vistas, estava colocada, bela e gorda, numa frigideira de barro vidrado, onde tinha sido depositada na véspera, entre cenouras, cebolas e talhadas de toucinho pela dona da casa, providenciando deste modo para o dia seguinte. A criada levava depois a frigideira ao padeiro, que na fornada do pão tinha dado asilo dentro do forno a vinte pratos semelhantes àquele, destinados a serem todos assados e corados de sociedade, ao calor póstumo do pinho.

Gilberto escolheu um lugar junto a um ermo, onde com o seu lenço de quadrados sacudi o pó às ervas.

Depois desta operação tirou o chapéu, estendeu o lenço no chão, e sentou-se em cima dele.

Não prestou atenção alguma aos seus vizinhos, o que fez com que estes naturalmente dessem por ele.

- Ora eis ali um rapaz poupado - disse a mãe.

A rapariga corou.

A rapariga corava todas as vezes que diante dela se falava em rapazes. Isto fazia extasiar de alegria os autores de seus dias.

- Eis ali um rapaz poupado - tinha pois dito a mãe.

E na verdade, as parisienses da sua classe, a primeira observação que fazem é para notarem sempre algum defeito ou boa qualidade moral do indivíduo.

O pai voltou-se a estas palavras, e disse:

- É um bonito rapaz.

A vermelhidão da rapariga aumentou consideravelmente.

- Parece que está cansado - disse a criada - e contudo, não vi que trouxesse nada consigo.

- É um preguiçoso - disse a tia.

- Ó meu senhor - disse a mãe dirigindo-se a Gilberto com aquela familiaridade em perguntar, que só nos parisienses se encontra: - saberá porventura dizer-me se ainda vêm muito longe as carruagens do rei?

Gilberto voltou-se, e vendo que era a ele que se dirigia a pergunta, levantou-se e fez uma cortesia.

- Que rapaz tão delicado! - disse a mãe.

A rapariga tornou-se como um pimentão.

- Não sei dizer-lho com exactidão, minha senhora - respondeu Gilberto; - ouvi apenas dizer que se via a poeira, que as carruagens levantam na sua passagem, a distância de um quarto de légua, pouco mais ou menos.

- Aproxime-se, senhor - disse o marido - e se é servido...

Gilberto chegou-se. Estava em jejum: o cheiro dos guisados era provocador. Sentiu na algibeira os vinte e seis soldos, e lembrando-se que, com metade daquela quantia, teria um almoço quase tão bom como o que lhe acabavam de oferecer, nada quis aceitar de pessoas que via pela primeira vez.

- Obrigado, senhor, muito obrigado, mas eu já almocei.

- Já vejo - disse a mulher - que é um homem que tudo previne; mas desse lado onde está decerto não poderá ver nada.

- Então também a senhora não verá nada - disse Gilberto sorrindo-se - porque também está onde eu estou.

- Nós cá é outra coisa - disse ela - temos o nosso sobrinho, que é sargento das guardas francesas.

A rapariga tornou-se ainda mais vermelha.

- Formam esta manhã em frente do *Pavão Azul*.

- Se não receasse parecer indiscreto - disse Gilberto - perguntar-lhe-ia onde é o *Pavão Azul*?

- É mesmo em frente do convento das carmelitas - replicou a mãe; - prometeu-nos que nos havia de colocar na retaguarda do seu pelotão; temos lá um banco, e veremos perfeitamente quem se apear das carruagens.

Desta vez fora a Gilberto que subiu a cor ao rosto; não se atrevia a sentar-se à mesa com aquela gente e morria ao mesmo tempo por acompanhá-la.

Contudo a sua filosofia, ou antes aquele orgulho, contra o qual Rousseau tanto lhe recomendara se precavesse, dizia-lhe ao ouvido:

- As mulheres é que precisam dos outros, mas eu, que sou homem, não tenho porventura braços e costas?

- E quem não estiver ali - continuou a mulher, como se tivesse adivinhado o pensamento de Gilberto e quisesse responder-lhe - não vê senão as carruagens sem ninguém dentro, e na verdade, assim em qualquer ocasião se vêem, e não valia a pena vir para isso a Saint-Denis.

- Mas, minha senhora - disse Gilberto - muita gente há-de ter tido a mesma idéia que a senhora teve.

- É verdade, mas nem todos têm um sobrinho para os deixar passar.

- Ah! É verdade - disse Gilberto. E pronunciando aquele *é verdade* o seu rosto exprimiu uma desanimação, que não escapou à perspicácia parisiense.

- Mas - acrescentou o marido que logo adivinhou o que a mulher desejava - este senhor pode muito bem vir connosco se quiser.

- Mas, senhor - disse Gilberto - eu não quero incomodar...

- Ora, pelo contrário - acrescentou a mulher - ajudar-nos-á a chegarmos ao nosso destino. Só tínhamos um homem que nos desse o braço, e agora teremos dois.

Nenhum outro argumento seria tão eficaz para determinar Gilberto a aceitar. A idéia de que podia ser útil, e pagar com isso o favor que lhe ofereciam, punha a salvo a sua consciência e tirava-lhe todo o escrúpulo.

Aceitou pois.

- Veremos a quem ele logo oferece o braço - disse a ladina da tia.

Para Gilberto este socorro vinha realmente do céu.

Na verdade, como poderia ele transpor o insuperável obstáculo que lhe opunha uma barreira de trinta mil pessoas, todas mais recomendáveis do que ele pela sua posição, força, e sobretudo pelo hábito de ir a festas, onde cada um toma o espaço maior que pode?

Seria isto, contudo, para o nosso filósofo, se ele fosse menos teórico e mais prático, um admirável estudo dinâmico da sociedade.

As carruagens a quatro passavam pelo meio da multidão com a velocidade da bala da artilharia, e todos abriam caminho aos cavaleiros de chapéu de plumas, corpete matizado de cores vivas e grosso bastão, alguns dos quais se faziam preceder de dois cães irresistíveis.

As carruagens de dois cavalos tinham que dar uma espécie de senha ao ouvido de um guarda, e iam tomar lugar num espaço contíguo ao convento.

Os cavaleiros que iam a passo, mas que sobressaíam acima da multidão, chegavam muito lentamente ao seu destino depois de milhares de encontros, empuxões, e de terem ouvido um sem-número de exclamações mais ou menos desagradáveis.

Finalmente, o que vai a pé é pisado, empurrado, moído, flutua como uma onda impelida por milhares de outras; sente faltar-lhe o terreno debaixo dos pés, é levantado ao ar pelos que estão junto dele; forceja, qual outro Anteu, para tornar a encontrar essa mãe comum, a que chamam a Terra, procuram um caminho pelo qual possa sair para fora do apertão, acha-o por fim, e vai puxando atrás de si pela família, composta ordinariamente de um rancho de mulheres que o parisiense, o único de todos os povos da Terra, sabe e ousa levar sempre a toda a parte, e fazer respeitar, sem fazer de valentão.

Acima de tudo isto, ou para melhor nos explicarmos, acima de todos estes, caminha o homem da ínfima plebe, com a barba hirsuta, levando na cabeça os fragmentos de um boné, com os braços nus, com as calças seguras por um cordel em guisa de suspensório, incansável, impetuoso, movendo a um tempo os cotovelos, os ombros e os pés, rindo com aquele seu riso acompanhado de rangido de dentes, abrindo um caminho por entre a multidão, que está a pé com a mesma facilidade com que Gulliver atravessava pelo meio das searas de Lilipute.

Gilberto, que não era nem um grande cortesão de carruagens a quatro, nem membro do Parlamento em pequeno trem, nem militar a cavalo, nem parisiense, nem homem da plebe, teria impreterivelmente sido pisado, moído, esmagado no meio daquela multidão. Logo, porém, que se achou associado à família parisiense, sentiu nascerem-lhe novas forças.

Encheu-se de resolução e ofereceu o braço à mãe de família.

- Importuno! - disse a tia.

Puseram-se então todos a caminho. O pai ia entre sua irmã e sua filha; atrás vinha a criada com a trouxa enfiada no braço.

- Meus senhores, dêem-me licença, façam favor - dizia a companheira de Gilberto com o seu ar franco - têm a bondade de me deixar passar...

E todos se iam arredando, deixavam-na passar a ela e a Gilberto, e pelo caminho que eles iam abrindo, seguia o resto do rancho.

A passo vagaroso, conquistavam palmo a palmo as quinhentas toezas de terreno que separavam o lugar onde tinham almoçado do largo do convento, e assim chegaram até às alas dos temíveis guardas franceses, em que aquela santa família tinha concentrado todas as suas esperanças.

A rapariga tinha pouco a pouco voltado à sua cor natural.

Chegados àquele ponto, o chefe da família trepou às costas de Gilberto, e avistou a vinte passos de si o sobrinho de sua mulher, o qual estava distraidamente retorcendo os bigodes.

O nosso parisiense fez com o chapéu sinais tão esquisitos que o sobrinho por fim deu por eles; apareceu onde ele estava e pediu aos camaradas que se chegassem uns para os outros, abrindo desta sorte um pequeno intervalo na ala.

Logo se meteram por aquela abertura Gilberto e a sua companheira, o marido desta com a irmã e a filha, e por fim a criada, que durante a passagem soltou alguns gritos fortes e lançou olhares furibundos, mas a quem seus amos nem sequer se lembraram de perguntar a causa de tais gritos.

Logo que se achou naquele lugar viu Gilberto que tinha finalmente chegado. Agradeceu ao pai de família, este agradeceu-lhe também, a mãe tentou ver se ele ficava, a tia não se opôs para que se retirasse, e separaram-se para naturalmente se não tornarem a encontrar.

No lugar em que Gilberto se achava só estavam os privilegiados; chegou pois facilmente a uma frondosa tília, trepou a uma pedra, encostou-se a um tronco e esperou.

Meia hora, pouco mais ou menos, depois que assim se instalara, ouviu-se o rufo dos tambores, sentiram-se as salvas da artilharia, e o majestoso sino da catedral fez soar pelos ares a primeira badalada.

XXIII

AS CARRUAGENS DO REI

Um ruído confuso enquanto era longínquo, mas mais distinto e forte à proporção que se aproximava, concentrou a atenção toda de Gilberto, a quem um tremor frio percorreu o corpo todo.

Gritavam de toda a parte: *viva el-rei!*

Estava isto então ainda em uso. Os cavalos em tropel, rinchando, cobertos de ouro e púrpura, entravam então na rua: eram os mosqueteiros, os gendarmes e os suíços de cavalaria.

Seguiu-se-lhe uma carruagem imensa e sumptuosa.

Gilberto viu um cordão azul, uma cabeça coberta e majestosa. Viu o brilho fino e penetrante dos olhos do rei, ante os quais todas as cabeças se inclinavam e se descobriam.

Fascinado, imóvel, alucinado, respirando a custo, esqueceu-lhe tirar o chapéu.

Uma forte pancada tirou-o do seu êxtase; era o chapéu que acabava de lhe ser lançado por terra.

Deu um salto, apanhou o chapéu, levantou a cabeça, e deu com o sobrinho do seu amigo parisiense, que olhava para ele com aquele sorriso escarnecedor, que é particular aos militares.

- Então - disse-lhe ele - não se tira o chapéu ao rei?

Gilberto tornou-se pálido, olhou para o chapéu coberto de poeira, e respondeu:

- É verdade; mas é a primeira vez que vejo o rei, senhor, esqueceu-me tirar o chapéu, e também por não saber que...

- Ah! Não sabia? - disse o sargento franzindo as sobrancelhas.

Gilberto teve receio de que o pusessem fora daquele lugar, onde estava tão bem colocado para ver Andreia; o amor que lhe ardia no peito fez nele calar o orgulho.

- Desculpe-me, sou provinciano.

- E veio então educar-se a Paris, meu rapaz, não é assim?

- É verdade, senhor - respondeu Gilberto, devorando a sua raiva.

- Então, como está aprendendo - disse o sargento pegando na mão a Gilberto, que se dispunha a tornar a pôr o chapéu na cabeça - saiba mais que se tira o chapéu à delfina como se tira ao rei, aos príncipes como à delfina; finalmente, cortejam-se todas as carruagens, em que estiverem pintadas flores-de-lis. Conhece as flores-de-lis, ou é necessário que lhas mostre?

- É escusado, bem as conheço.

- Bom é isso - disse o sargento por entre os dentes.

Iam passando as carruagens reais.

Continuava a longa fileira delas; Gilberto olhava com uns olhos tão espantados, que parecia estar fora de si. As carruagens, à medida que iam chegando em frente da porta da abadia paravam, e apeavam-se delas as pessoas que conduziam, operação que fazia com que de cinco em cinco minutos parasse toda a fila de carruagens.

Numa destas paradas Gilberto sentiu como que um ferro em brasa atravessar-lhe o coração. Ficou deslumbrado, os objectos desapareceram-lhe diante dos olhos, e sentiu em todo o corpo um tremor tão grande que teve que se agarrar aos ramos da árvore, a que estava encostado, para não cair.

Era porque em frente dele, cerca de dez passos, numa daquelas carruagens, com flores-de-lis, a que o sargento lhe tinha recomendado tirasse o chapéu, acabava ele de ver a brilhante, a luminosa figura de Andreia, vestida de branco como um anjo, ou antes como um fantasma.

Soltou um pequeno grito, mas depois, fazendo calar todas as comoções que a um tempo sentia, mandou ao seu coração que cessasse de bater, aos seus olhos que se fixassem no Sol.

E tão grande era o poder que o mancebo tinha sobre si mesmo que o conseguiu.

Ao mesmo tempo Andreia, que queria ver por que motivo tinham parado as carruagens, deitou a cabeça fora da portinhola, e relanceando os seus lindos olhos azuis, viu Gilberto e conheceu-o.

Gilberto estava bem certo que, se Andreia o visse, se havia de admirar, voltar-se e falar a seu pai, que ia sentado a seu lado na carruagem.

Não se enganava. Andreia admirou-se, voltou-se, e chamou sobre Gilberto a atenção do barão de Taverney, que, com a grã-cruz, ia majestosamente sentado na carruagem real.

- Gilberto! - exclamou o barão, como acordando sobressaltado - Gilberto aqui! E quem terá então lá cuidado de Mahon?

Gilberto ouviu perfeitamente estas palavras. Tirou o chapéu e cortejou o barão e Andreia com uma veneração estudada.

Foram-lhe necessárias todas as suas forças para fazer aquela cortesia.

- É ele! - continuou o barão - é o maroto em pessoa!

Estava tão longe de encontrar Gilberto em Paris, que não quis acreditar no que lhe disse sua filha, e até lhe custava a crer nos seus próprios olhos.

O rosto de Andreia, que Gilberto observava com uma atenção fixa, só exprimia uma perfeita tranquilidade, depois de ter mostrado alguns sinais de admiração.

O barão inclinou-se fora da portinhola da carruagem, e fez com a cabeça sinal a Gilberto para que este se aproximasse.

Gilberto quis ir, mas o sargento agarrou-o pelo braço e não o deixou passar.

- Bem vê que me chamam - disse Gilberto.

- Aonde?

- Daquela carruagem.

Os olhos do sargento seguiram a direcção que Gilberto lhe indicava com o dedo, e fixaram-se na carruagem de Taverney.

- Dê licença que passe, sargento - disse o barão - quero falar a esse rapaz... é só para lhe dar duas palavras.

- Essa é boa!... quatro até, senhor!... quatro... - disse o sargento; - demais, tem tempo de sobejo; começa agora a ler-se no pórtico um discurso, o que levará uma boa meia hora. Passe, meu rapaz.

- Anda cá, tratante - disse o barão a Gilberto, que fingia andar no seu passo ordinário; - anda cá; diz-me lá por que acaso te venho eu encontrar em Saint-Denis, quando devias estar em Taverney?

Gilberto fez segunda cortesia ao barão e a Andreia, e respondeu:

- Não foi o acaso, senhor, quem aqui me trouxe; foi um acto espontâneo da minha vontade.

- O quê?! Da tua vontade, tratante! Tens tu porventura vontade própria?

- E por que não a terei? Todo o homem livre tem direito para isso.
- Todo o homem livre! Com que tu já pensas que és livre, desgraçado!?
- Certamente, visto que a ninguém fiz cedência da minha liberdade.
- Ora aqui está o que se chama um maroto engraçado! - exclamou o senhor de Taverney, admirado da gravidade com que respondia Gilberto. - Estás pois em Paris! E como vieste, pergunta a minha curiosidade, e com que meios? Explica-me isso.

- A pé - respondeu Gilberto laconicamente.
- A pé! - repetiu Andreia com certa expressão de dó.
- E, pergunto eu, que vens tu fazer a Paris? - replicou o barão.
- Em primeiro lugar tratar da minha educação, depois, da minha fortuna.
- A tua educação?
- Tenho-a certa.
- A tua fortuna?
- Espero adquiri-la.
- E de que vives, então, enquanto a não tens? Mendigas?
- Mendigar! - exclamou Gilberto com o mais arrogante desprezo.
- Então roubas?

- Senhor - disse Gilberto, com um tom de firmeza arrogante e selvagem, que por um momento atraiu sobre o singular mancebo a atenção de Andreia de Taverney - já lhe roubei alguma coisa?

- Então em que empregas as tuas mãos de vadio, o que fazes?
- O mesmo que faz um homem de génio sublime, a quem me quero assemelhar, ainda que não seja senão na minha perseverança - respondeu Gilberto. - Copio música.

Estas palavras fizeram com que Andreia voltasse a cara para aquele lado.

- Ah! Copias música? - disse ela admirada.

- É verdade, menina.

- Então é por que a sabes? - acrescentou ela com o mesmo tom com que diria: "mentes".

- Conheço as notas, e é quanto basta para ser copista - respondeu Gilberto.

- E onde aprendeste tu a conhecer as notas, grande tratante?

- É verdade - disse Andreia sorrindo-se.

- Senhor Barão, amo excessivamente a música, e como a senhora sua filha passava todos os dias uma ou duas horas sentada ao piano, escondia-me para a ouvir tocar.

- Preguiçoso!

- A princípio ficavam-me de cor as músicas que ouvia, mas depois, como elas estavam escritas no seu método, a pouco e pouco e à força de trabalho, aprendi a conhecer a música nele.

- No meu método! - disse Andreia com a maior indignação - atrevia-se a tocar no meu método?

- Não, minha senhora, nunca teria tal atrevimento - disse Gilberto; - mas ele ficava aberto em cima do seu piano, já numa, já noutra parte. Não lhe tocava, apenas lia nele, e os meus olhos não podiam manchar-lhe as páginas.

- Queres tu ver - disse o barão a sua filha - que este patife vai agora dizer-nos que toca piano como Haydn.

- Sabê-lo-ia tocar, provavelmente - disse Gilberto se tivesse tido o atrevimento de pôr os dedos nas teclas do seu piano.

E Andreia lançou, a seu pesar, um segundo olhar sobre aquele rosto, animado por um sentimento, de que nada pode dar uma idéia, a não ser o fanatismo ardente do mártir.

Mas o barão, que não tinha no espírito a mesma tranquilidade e lúcida inteligência da filha, sentiu aumentar a sua cólera, quando pensou que o mancebo tinha razão, e que tinha obrado com a maior desumanidade deixando-o em Taverney só com Mahon.

Ora, dificilmente se perdoa a um inferior o convencer-nos de que fomos injustos para com ele; o barão, portanto, irritando-se cada vez mais, à proporção que a filha se ia compadecendo dele, exclamou:

- Ah! Desavergonhado! Foges, andas vadiando, e quando te pedimos contas do teu comportamento, pões-te a dizer-nos tolices, como as que acabamos de ouvir. Pois deixa estar! Como não quero que por minha culpa as ruas se encham de ladrões e aventureiros...

Andreia fez um movimento para acalmar o pai; ela tinha conhecido que a exageração excluía a superioridade.

Mas o barão afastou a mão protectora de sua filha, e prosseguiu:

- Recomendar-te-ei ao senhor de Sartines, e irás fazer uma jornada até Bicêtre, escória dos filósofos!

Gilberto recuou um passo, meteu o chapéu debaixo do braço e disse-lhe, pálido de cólera:

- Saiba, senhor Barão, que depois que estou em Paris, tenho protectores que fazem esperar na sua antecâmara a esse senhor de Sartines.

- Ah! Sim! - disse o barão - pois bem, se te livras de Bicêtre, não te livrarás de uma surra de chicote. Andreia, Andreia, chama teu irmão, que está aqui perto de nós.

Andreia debruçou-se e disse imperiosamente a Gilberto:

- Vamos, senhor, retire-se!

- Filipe, Filipe! - bradou o velho.

- Retire-se - repetiu Andreia ao mancebo, que ficara mudo e imóvel, como numa contemplação e num êxtase.

Neste momento um cavaleiro, atraído pelas palavras do barão, correu à portinhola da carruagem: era Filipe de Taverney, com o uniforme de capitão. O mancebo vinha alegre e ricamente vestido.

- Ah! Gilberto! - disse ele com afabilidade reconhecendo-o - Gilberto por aqui! Como estás tu, Gilberto?... Que me quer, meu pai?

- Bons dias, senhor Filipe - respondeu o mancebo.

- O que quero! - disse o barão pálido de furor - é que pegues na bainha da tua espada e que castigues com ela este patife.

- Mas que fez ele? - perguntou Filipe olhando alternadamente e com uma admiração, que crescia de momento a momento, para o furor do barão e para a terrível impassibilidade de Gilberto.

- Não te importe o que ele fez! - exclamou o barão; - bate-lhe, Filipe, bate-lhe como se bate num cão.

Taverney voltou-se para sua irmã.

- Que fez ele pois, diz-me, Andreia? Insultar-te-ia?

- Eu? - exclamou Gilberto.

- Não, Filipe, nada - respondeu Andreia - ele nada fez; meu pai alucinou-se, o Sr. Gilberto já não está ao nosso serviço, tem portanto direito de estar aonde bem lhe aprouver. Meu pai não quer entendê-lo assim, e como aqui o veio encontrar, encolerizou-se contra ele.

- E foi isso só? - perguntou Filipe.

- Só, meu irmão, nada mais, e não posso explicar a cólera do senhor de Taverney, sobretudo pelo motivo que é e quando o objecto e a pessoa de que se trata não valem sequer um olhar. Vê tu, Filipe, se as carruagens já continuam a andar.

O barão calou-se domado pela tranqüilidade imperturbável de sua filha.

Gilberto abaixou a cabeça, esmagado por aquele desprezo e sentiu de repente no peito uma sensação que lhe pareceu ódio. Preferiria mil vezes antes um golpe mortal da espada de Filipe, ou uma chicotada que lhe ferisse o rosto.

Por pouco não desmaiou.

Felizmente, tinha naquele momento acabado o discurso, e as carruagens seguiram.

A do barão foi-se afastando a pouco e pouco, seguiram-se-lhe as outras, e Andreia desaparecia como num sonho.

Gilberto ficou só, quase chorando, quase envergonhado de si próprio, incapaz, segundo lhe parecia, de suportar o peso da sua desgraça.

Sentiu então tocarem-lhe no ombro.

Voltou-se e viu Filipe, que tendo-se apeado e dado o cavalo a segurar a um soldado do seu regimento, vinha para ele sorrindo-se.

- Vamos a saber, que te aconteceu, meu pobre Gilberto? Como te achas tu em Paris?

Aquele tom franco e amigável tocou Gilberto.

- Ah! Senhor - disse ele com um suspiro arrancado ao seu estoicismo selvagem - o que fazia eu em Taverney, faça favor de mo dizer? Teria lá morrido de desespero, de ignorância e de fome.

Filipe estremeceu, porque o seu espírito imparcial comovera-se, como tinha sucedido ao de Andreia, com o triste abandono em que tinham deixado o mancebo.

- E cuidas tu que hás-de fazer alguma coisa em Paris, pobre criança, sem dinheiro, sem protecção, sem recurso algum?

- Estou persuadido disso, senhor; o homem que quer trabalhar é raro morrer de fome, numa cidade onde há tantos que nada querem fazer.

Filipe estremeceu com esta resposta. Até ali só tinha visto em Gilberto um criado sem importância.

- Tens tu ao menos que comer? - perguntou ele.

- Ganho o meu pão, Sr. Filipe, e nada mais precisa quem só tem a lançar em rosto, a si próprio, o ter comido aquele que não ganhava.

- Espero que não digas isso pelo que te davam em Taverney, meu filho. Teu pai e tua mãe eram dois bons criados do castelo, e tu próprio, frequentemente te tornavas útil.

- Só fazia o meu dever, senhor.

- Ora escuta-me, Gilberto - prosseguiu o mancebo - bem sabes que sempre te estimei muito; sempre te vi com outros olhos que te viam os mais. Teria eu razão para isso? O tempo o mostrará. O que aos mais parecia brutalidade achava eu delicadeza; o que eles julgavam ser rudeza, chamo-lhe eu dignidade.

- Ah! Senhor - disse Gilberto respirando.

- Já vês, pois, que te quero muito, Gilberto.

- Obrigado, senhor.

- Eu era rapaz como tu, e na minha posição era como tu desgraçado; foi talvez este o motivo por que te compreendi. Um dia, porém, sorriu-me finalmente a fortuna; ora pois bem!... deixa-me que eu te ajude, Gilberto, até que a fortuna por sua vez também te sorria.

- Oh! Obrigado, senhor.

- Ora vamos a saber, que queres tu fazer? Tens bastante altivez para que te sujeites a ir servir.

Gilberto abanou a cabeça com um sorriso de desprezo, e disse:

- Quero estudar.

- Mas para estudar precisas de mestres, e para pagar aos mestres é necessário dinheiro.

- Eu ganho dinheiro, senhor.

- Ganhas! - disse Filipe sorrindo-se - e quanto ganhas tu, vamos a saber?

- Ganho vinte e cinco soldos por dia, e poderei ganhar trinta, e mesmo quarenta.

- Mas é precisamente o que necessitas para comer.

Gilberto sorriu-se.

- Ora vamos a ver, parece que andei mal no modo de te oferecer os meus serviços, porque te envergonhas de os aceitar.

Gilberto não respondeu.

- Os homens estão neste mundo para se ajudarem uns aos outros - prosseguiu Casa Vermelha - não são eles porventura irmãos?

Gilberto levantou a cabeça e fixou o seu olhar inteligente sobre a nobre figura do mancebo.

- Admira-te o meu modo de falar? - disse ele.

- Não, senhor - respondeu Gilberto - é a linguagem da filosofia; só não estou acostumado a ouvi-la nas pessoas da sua classe.

- Tens razão, e contudo esta é a linguagem do nosso século, o delfim também professa estes princípios. Ora vamos, não te faças soberbo comigo - continuou Filipe; - tu me pagarás depois o que agora te emprestar. Quem sabe se virás um dia a ser um Colbert, um Vauban?

- Ou um Tronchin - disse Gilberto.

- Pois sim. Aqui está a minha bolsa, dividamos ao meio.

- Obrigado, senhor - disse o indomável mancebo, tocado, sem o querer dar a conhecer, da admirável grandeza da alma de Filipe; - obrigado; de nada preciso, somente... quero que acredite que lhe fico tão agradecido, mais ainda se é possível, do que se tivesse aceitado o que me ofereceu; creia no que lhe digo.

E dizendo isto, fez uma cortesia a Filipe, que ficara estupefacto, alcançou num momento a multidão, e sumiu-se por entre ela.

O jovem capitão esperou uns poucos de segundos, não querendo acreditar no que viu e ouviu; mas vendo que Gilberto não tornava a aparecer, montou outra vez a cavalo e foi colocar-se no seu posto.

XXIV

A POSSESSA

Todo aquele ruído de carruagens esplêndidas, a bulha dos sinos, que repicavam com força, o rufo alegre dos tambores, toda aquela pompa, reflexo das magnificências do mundo, perdidas de todo para ela, ecoaram na alma de Luísa, e vieram expirar como a onda perdida, junto aos muros da sua cela.

Logo que el-rei se retirou, depois de ter inutilmente tentado chamar sua filha ao mundo, já como pai, já como soberano, isto é, com um sorriso, a que se sucederam súplicas, que mais pareciam ordens; logo que a delfina, que, desde o primeiro relancear de olhos, ficara tocada da verdadeira grandeza de alma de sua tia, havia desaparecido com os seus cortesãos, a abadessa das Carmelitas mandou tirar as armações, levar as flores, e despregar as rendas.

De entre a comunidade, que ainda toda se conservava comovida, só ela não mostrou no rosto alteração alguma, quando as grossas portas do convento, abertas por um momento ao mundo, rodaram pesadamente, e se fecharam com ruído entre o mundo e a solidão.

Então mandou chamar a tesoureira, e perguntou-lhe:

- Os pobres têm recebido as esmolas do costume durante estes dois dias de confusão e desordem?

- Sim, minha senhora.

- Já mandaram embora os soldados depois de lhes darem de comer?

- Todos receberam o pão e vinho, que a senhora lhes mandou dar.

- Portanto, ninguém sofre necessidade nesta casa?

- Ninguém, minha senhora.

Luísa chegou-se à janela e respirou com prazer a brisa embalsamada, que subia do jardim, com a frescura das horas próximas da noite.

A tesoureira esperava respeitosamente que a augusta abadessa lhe desse alguma ordem ou a despedisse.

Luísa, e Deus sabe em que pensava naquele momento a pobre e real reclusa, Luísa desfolhava maquinalmente as rosas que chegavam à sua janela, e os jasmims que cobriam os muros do convento.

De repente ouviu-se uma patada de cavalo, tão rija que abalou as portas das celas, e fez estremecer a abadessa.

- Qual dos senhores da corte ficou em Saint-Denis? - perguntou Luísa.

- Sua Eminência o Cardeal de Rohan, minha senhora - respondeu a tesoureira.

- Estão aqui os seus cavalos?

- Não, minha senhora, estão no capítulo da abadia, onde ficaram esta noite.

- Então que bulha é esta?
- Minha senhora, é um cavalo que faz este barulho, e que pertence à estrangeira.
- Mas que estrangeira? - perguntou Luísa, procurando reunir as idéias para ver se se lembrava.

- Aquela italiana, que veio ontem à noite pedir hospitalidade a Vossa Alteza.
- Ah! É verdade. Onde está ela?
- No seu quarto ou na igreja.
- Que tem ela feito desde ontem?
- Desde ontem que recusa qualquer alimento, excepto pão, e toda a noite esteve rezando na capela.

- Grande pecadora, talvez! - disse a abadessa arqueando as sobranceiras.
- Ignoro-o, minha senhora, não falou a ninguém desde que chegou.
- Que qualidade de mulher é ela?
- É bela, tem uma fisionomia agradável e ativa ao mesmo tempo.
- Onde esteve ela esta manhã durante todo o tempo da cerimónia?
- No seu quarto junto à janela; aí se conservou por detrás das cortinas, lançando sobre cada pessoa que entrava um olhar cheio de ansiedade, como se em cada uma dessas pessoas receasse encontrar um inimigo.

- É alguma mulher desse pobre mundo, em que eu vivi, em que eu reinei. Mande-a entrar. A tesoureira deu um passo para se retirar.
- Espere. Sabe o seu nome? - perguntou a princesa.
- Lorenza Feliciani.
- Não conheço ninguém desse nome - disse Luísa pensando; - não importa, conduza-me essa mulher.

A abadessa sentou-se então na sua cadeira secular; era de madeira de carvalho, tinha sido esculpida no tempo de Henrique II, e já tinha servido às nove antecedentes abadessas do convento das Carmelitas.

Era ela um tribunal temível, ante a qual tinham já tremido não poucas pobres noviças, tomadas entre o temporal e o espiritual.

Alguns momentos depois entrou a tesoureira trazendo consigo a desconhecida de véu comprido, que nós já conhecemos.

Luísa tinha o olhar penetrante da família; e esse olhar fixou ela em Lorenza Feliciani no momento em que esta entrou no quarto; achou porém na estrangeira tal humildade, tal graça e uma beleza tão sublime, encontrou finalmente tanta inocência nos seus grandes olhos negros, umedecidos ainda pelas lágrimas recentes, que as disposições em que estava para com ela, de hostis, que a princípio eram, tornaram-se logo afáveis e fraternais.

- Aproxime-se, senhora, e fale.
A donzela deu um passo toda trémula, e ia pôr um joelho em terra.
A princesa levantou-a.
- A senhora é que se chama Lorenza Feliciani? - perguntou ela.
- Sim, minha senhora.
- E quer confiar-me um segredo?
- Oh! Tenho nisso o maior desejo.
- Por que não recorreu então ao tribunal da consciência? Eu não posso senão consolar, e um padre consola e perdoa.

Luísa pronunciou as últimas palavras com uma certa hesitação.

- Eu só careço de consolação, senhora - respondeu Lorenza; - demais, só a uma mulher ousaria dizer o que vou contar.

- É pois alguma revelação bem fora do comum, a que vai fazer-me?
- Oh! Por certo que é bem extraordinária. Queira ouvir-me, porém, com paciência, pois só à senhora, repito, poderei falar, em primeiro lugar porque é mulher, depois porque é poderosa, e eu quase que necessito o braço de Deus para me defender.

- Defendê-la! Então perseguem-na? Atacam-na?

- Oh! Por certo, minha senhora, é verdade, perseguem-me - exclamou a estrangeira possuída de um terror inexplicável.

- Então, senhora, reflecta bem numa coisa - disse a princesa; - é que esta casa é um convento e não uma fortaleza; que nenhuma das paixões, que agitam os homens, aqui entra, a não ser para se extinguir de todo; que não é esta a casa da justiça, da força e da repressão, mas tão somente a casa de Deus.

- Oh! É isso, é isso mesmo o que eu procuro - disse Lorenza. - Sim, a casa de Deus, porque só na casa de Deus eu poderei estar em sossego.

- Mas se Deus não permite vinganças, como quer, pois, que nos vingemos dos seus inimigos? Dirija-se aos magistrados.

- Minha senhora, os magistrados nada podem contra aquele que eu temo.

- Quem é então ele? - disse a abadessa com um segredo e involuntário terror.

Lorenza chegou-se à princesa com uma misteriosa exaltação.

- Quer saber quem é ele, senhora? - disse ela; - é um desses demónios, que fazem guerra aos homens, e a quem Satanás, seu príncipe, dotou de um poder sobrenatural.

- Que me diz, senhora?-exclamou a princesa olhando para aquela mulher para se certificar que ela não estava louca.

- E eu, eu! Oh! Como sou desgraçada! - disse Lorenza torcendo os seus lindos braços, que pareciam moldados pelos de uma estátua antiga - eu achei-me no caminho desse homem! Eu, eu, estou...

- Acabe!

Lorenza chegou-se mais para a princesa, e disse-lhe em voz baixa, como se ela própria se aterrorizasse do que ia proferir:

- Eu estou possessa!

- Possessa! - exclamou a princesa - vejamos, senhora, diga-me, estará no seu perfeito juízo? Ou será porventura...

- Louca, não é isso que quer dizer? Não, eu não estou louca, mas posso enlouquecer se me abandona.

- Possessa! - repetiu a princesa.

- Ah! É bem verdade.

- Mas permita-me que lhe diga que em tudo a acho semelhante às criaturas mais favorecidas de Deus; parece ser rica, é formosa, fala acertadamente, e não vejo no seu rosto sinal algum dessa terrível e misteriosa doença de que se queixa.

- É na minha vida, senhora, e nos sucessos dessa mesma vida que se encontra o segredo, que eu queria ocultar a mim mesma.

- Explique-se, vejamos o que é. Serei eu a primeira pessoa a quem conta os seus males? E os seus pais, e as suas amigas?

- Meus pais - exclamou a donzela cruzando os braços em sinal de dor - pobres pais, tornarei eu a vê-los?! Amigas - prosseguiu ela com amargura - Ah! Senhora, porventura tenho eu amigas?

- Ora vamos, caminhemos com ordem, minha filha - disse Luísa, tentando dar algum nexo às palavras da desconhecida. - Quem são seus pais, e como foi que os deixou?

- Eu sou romana, senhora, e habitava com eles em Roma. Meu pai é de antiga nobreza, mas é pobre, como sucede a todos os patrícios de Roma. Tenho além dele minha mãe, e um irmão mais velho. Em França, segundo me contaram, quando uma família aristocrata, como é a minha, tem um filho e uma filha, sacrifica o dote da filha para comprar a espada do filho. Na minha pátria sacrifica-se a filha para fazer o filho tomar ordens. Portanto, eu não recebi educação alguma porque era necessário dá-la a meu irmão, que, como sinceramente dizia minha mãe, estudava para ser cardeal.

- E depois?

- Depois resultou, minha senhora, que meus pais se impuseram todos os sacrifícios que podiam fazer para ajudarem meu irmão, e que deliberaram fazerem-me tomar o véu no convento das carmelitas de Subiáco.

- E a senhora o que disse a isso?

- Nada, senhora. Desde a mais tenra idade que me tinham apresentado aquele futuro como uma necessidade. Eu não tinha força, nem vontade. Demais, não me perguntavam qual ela era, ordenavam, e só me restava obedecer.

- Contudo...

- Senhora, nós, as donzelas romanas, só temos desejos e impossibilidade de os satisfazer. Amamos o mundo, como os condenados amam o Paraíso, que não conhecem. Além disso, estava cercada de exemplos, que me teriam condenado se me houvesse lembrado de resistir, mas não pensei em tal. Todas as amigas, que eu tinha conhecido, e que, como eu, tinham irmãos, haviam pago a sua dívida à ilustração da família. Não tinha fundamento para me queixar; nada exigiam de mim, que me fizesse sair do hábito comum. Minha mãe tratou-me um pouco melhor, mas só quando chegou o dia em que a havia de deixar.

“Chegou finalmente o dia em que eu devia começar o meu noviciado; meu pai reuniu quinhentos escudos romanos destinados a pagar o meu dote no convento, e partimos para Subiáco.

De Roma a Subiáco há umas oito ou nove léguas de estrada, mas são tão maus os caminhos da montanha, que cinco horas depois de termos partido só tínhamos caminhado três léguas. Todavia, a jornada, posto que fatigasse, não deixava de me agradar. Sorria-lhe porque era a minha última felicidade, e durante o trânsito ia em voz baixa despedindo-me das árvores, das matas, das pedras, e até das ervas dos prados. Quem sabia se no convento encontraria flores, pedras, matas e árvores!

De repente, enquanto ia entregue a estas doces ilusões, e quando atravessávamos a estrada, tendo de um lado um bosque e do outro uma muralha de rochedos cortados a prumo, parou a carruagem, ouvi minha mãe soltar um grito, e meu pai fez um movimento para agarrar as suas pistolas. Os meus olhos e o meu espírito baixaram do céu à terra; tínhamos sido surpreendidos pelos salteadores.”

- Pobre criança! - disse Luísa, que cada vez se ia interessando mais com aquela narração.

- Pois bem, acreditará acaso no que lhe digo? Não me assustei com isto, porque aqueles homens atacavam-nos para nos tirarem o dinheiro, e esse dinheiro, que nos iam roubar, era o destinado a pagar o meu dote no convento. Se eu não tivesse esse dote, demorava-se a minha entrada no convento até que meu pai arranjasse outro, e eu bem sabia que tempo e que dificuldades tinha havido já para arranjar aqueles quinhentos escudos.

“Mas quando, depois de terem dividido o dinheiro, em vez de nos deixarem continuar o nosso caminho, os bandidos se precipitaram sobre mim, quando vi os esforços de meu pai para me defender, e as lágrimas de minha mãe para os suplicar, compreendi logo que alguma desgraça, que não conhecia, me esperava, e comecei a pedir misericórdia, por aquele sentimento natural, que insensivelmente nos faz implorar socorro, pois eu bem sabia que clamava debalde, e que naquele lugar solitário decerto ninguém me ouviria.

Portanto, sem se importarem com os meus gritos, com as lágrimas de minha mãe, nem com os esforços de meu pai, foram-me atando as mãos atrás das costas, e queimando-me com as suas vistas medonhas, vistas que logo compreendi, tão perspicaz me tornava o terror; tiraram então uns dados da algibeira e começaram a jogar sobre um lenço.

O que mais me aterrou foi não ver sobre o lenço o dinheiro que jogavam.

Estremeci então enquanto os dados passavam de mão em mão, pois logo compreendi que era eu o objecto que eles jogavam.

De repente, levantou-se um deles soltando um rugido de triunfo, e enquanto os outros blasfemavam rangendo os dentes, correu direito a mim, levantou-me nos braços e colou os seus lábios nos meus.

O contacto de um ferro em brasa não me teria feito soltar um grito mais agudo.

- Oh! Mate-me, mate-me, por Deus! - bradei eu.

Minha mãe torcia-se deitada por terra e meu pai tinha perdido os sentidos. Só me restava uma esperança, e era que algum dos bandidos que tinham perdido, me matasse num momento de raiva, com os punhais que apertavam nas suas mãos rugosas.

Esperava aquele golpe, desejava-o, invocava-o até.

De repente apareceu ali um homem a cavalo.

Falou em voz baixa a uma das sentinelas, que o havia deixado chegar até ali, trocando com ela a senha.

Este homem tinha uma estatura regular, uma fisionomia imponente, um olhar resoluto. Continuou tranqüilo e sossegado a caminhar a passo.

Chegando em frente do lugar onde eu estava, parou.

O bandido, que já me levava nos seus braços, voltou-se ao primeiro silvo de um apito, que este homem tinha no cabo do seu chicote.

O bandido largou-me no chão.

- Anda cá - disse-lhe o desconhecido.

E como o bandido parecesse ainda hesitar, o outro formou um ângulo com o braço e pôs dois dedos sobre o peito. O bandido obedeceu prontamente, como se aquele sinal fosse a ordem de um senhor poderoso.

Este inclinou-se então ao ouvido do salteador e disse-lhe em voz baixa só esta palavra:

- *Mac*.

Só disse esta palavra, estou bem certa disso, eu que olhava para ele como se olha para o punhal que nos vai matar, que o escutava como se escuta uma palavra, que vai ser de vida ou de morte.

- *Benac* - respondeu o bandido.

Depois, domado como um leão, e rugindo como ele, veio a mim, desligou-me a corda que me apertava os pulsos, e foi fazer o mesmo a meu pai e a minha mãe.

Então, como já tivessem repartido o dinheiro entre si, cada um veio pôr sobre uma pedra a parte que tinha recebido.

Não faltava nem um só escudo dos quinhentos que meu pai trazia.

Enquanto isto se passava sentia-me eu reviver nos braços de meu pai e de minha mãe.

- Agora, retirem-se!... - disse ele aos bandidos.

Os bandidos obedeceram, e embrenharam-se todos pelo bosque.

- Lorenza Feliciani - disse então o desconhecido, lançando sobre mim um olhar sobrenatural - continua agora o teu caminho, estás livre.

Meu pai e minha mãe agradeceram ao estranho que me conhecia e que nós não conhecíamos. Depois meteram-se novamente na carruagem. Segui-os com custo, porque não sei que poder estranho, irresistível, me atraía para o meu salvador.

Ele tinha ficado imóvel no mesmo lugar, como para continuar a proteger-nos.

Eu olhei para ele enquanto o pude ver, e foi só quando inteiramente o perdi de vista que desapareceu o peso que me oprimia o peito.

Duas horas depois estávamos em Subiáco.”

- Mas quem era esse homem extraordinário? – perguntou a princesa, extremamente comovida pela simplicidade desta história.

- Digne-se ainda ouvir-me, minha senhora – disse Lorenza. - Ah! Não está tudo acabado!

- Continue - disse a Sr^a. Luísa.

Lorenza prosseguiu:

- Duas horas depois deste acontecimento chegámos a Subiáco.

“Em todo o caminho, meu pai, minha mãe e eu tínhamos vindo a falar a respeito desse misterioso salvador, que nos tinha chegado de repente, misterioso e poderoso, como um enviado do Céu.

Meu pai, menos crédulo que eu, julgava ser o chefe de algum desses bandos que, ainda que divididos em fragmentos pelos arredores de Roma, estão sujeitos à mesma autoridade, e são

de vez em quando inspeccionados pelo chefe supremo, o qual, investido de autoridade absoluta, recompensa, castiga e divide.

Mas eu, que não podia lutar com a experiência de meu pai, eu que obedecia ao meu instinto, não cria, não podia crer, que esse homem fosse um bandido.

Também, todas as noites nas minhas orações à Virgem, consagrava uma frase destinada a chamar as bênçãos da Madona sobre o meu salvador desconhecido.

Naquele mesmo dia entrei para o convento. O dote tinha-se achado, nada impedia que lá me recebessem.

Estava mais triste, mas também mais resignada do que nunca. Italiana e supersticiosa, metera-se-me na cabeça a idéia que Deus desejava possuir-me pura, inteira e sem nódoa, e que para isso me havia livrado daqueles bandidos, sem dúvida suscitados pelo Demónio, para enxovalhar a coroa de inocência que só Deus devia tirar-me da cabeça. Fizera-me dirigir uma petição ao soberano pontífice a fim de ser dispensada do noviciado. Escrevi e assinei-a. Era redigida por meu pai nos termos de um desejo tão forte, que Sua Santidade julgou ver nesse pedido a ardente aspiração para a soledade, de uma alma aborrecida do mundo. Concedeu tudo quanto se pedia, e o noviciado de um ano, e para algumas de dois, foi por especial mercê reduzido a um mês para mim.

Deram-me esta nova, que nem me causou prazer nem dor. Dir-se-ia que já estava morta para o mundo, e que operava num cadáver, cuja sombra impassível ainda sobrevivia.

Quinze dias me tiveram fechada, receando que viesse tentar-me o espírito mundano. Na manhã do décimo quinto dia recebi ordem de descer para a capela com as outras irmãs.

As capelas dos conventos na Itália são igrejas públicas. O papa certamente não julgou que era permitido a um padre confiscar Deus, em qualquer parte que ele se manifestasse aos seus adoradores.

Entre no coro e fui para o meu lugar. Entre as cortinas verdes que fechavam, ou antes que fingiam fechar as grades desse coro, havia um espaço grande bastante para deixar ver a nave.

Vi, por esse espaço, que por assim dizer dava para a terra, um homem que estava de pé, no meio da chusma prostrada. Esse homem olhava para mim, ou melhor, devorava-me com os olhos. Senti então o mesmo movimento desagradável que já havia experimentado; esse efeito sobre-humano que por assim dizer me atraía do mesmo modo que já uma vez havia eu visto meu irmão atrair como um imã através de uma folha de papel uma agulha de aço.

Ah! vencida, subjugada, sem poder contra essa atracção, inclinei-me para o lado dele, de mãos postas como para orar a Deus, com os lábios e com o coração ao mesmo tempo, e bradei-lhe:

- Agradecida! Muito agradecida!

As irmãs olharam admiradas para mim: nada haviam compreendido do meu movimento, nem das minhas palavras; seguiram a direcção das minhas mãos, dos meus olhos e da minha voz. Ergueram-se nos seus lugares a fim de olharem para a nave. Eu também olhei a tremer.

O desconhecido já lá não estava.

Interrogaram-me, mas eu não fiz mais que corar, empalidecer e titubear.

Desde esse momento, minha senhora – exclamou Lorenza desesperada - estou em poder do Demónio!”

- Não vejo nada de sobrenatural em tudo isso. Entretanto, minha irmã - respondeu a princesa sorrindo – sossegue e continue.

- Oh! É porque não pode sentir o que eu senti!

- Então o que sentiu?

- Senti-me inteiramente possessa: coração, alma, juízo, o Demónio tudo possuía.

- Minha irmã - disse a senhora Luísa - receio muito que o nome desse demónio seja amor.

- Oh! O amor não me teria feito padecer assim, o amor não me teria oprimido o peito, não me teria despedaçado o corpo como o furacão despedaça a árvore, o amor não me teria dado o pensamento mau que me ocorreu.

- Que mau pensamento foi esse, minha filha?

- Eu deveria ter dito tudo ao meu confessor, não é verdade, minha senhora?

- Certamente.

- Pois bem, o demónio que de mim se havia apoderado disse-me, ao contrário, em voz baixa, que guardasse segredo. Nem uma religiosa, talvez, tenha entrado no claustro sem deixar no mundo que abandonava uma recordação de amor. Muitas, invocando o nome de Deus, traziam o nome de um homem no coração. O confessor estava acostumado a ouvir confidências destas. E eu! tão devota, tão tímida, tão candidamente inocente, eu que antes dessa fatal jornada de Subiáco nunca havia falado com outro homem senão com meu irmão, eu que desde então apenas encontrara duas vezes os meus olhos com os do desconhecido, imaginei, minha senhora, que me atribuiriam com aquele homem uma dessas intrigas amorosas que, antes de tomar o véu, as nossas irmãs haviam tido com seus amantes.

- Mau pensamento, com efeito - disse a senhora Luísa; - mas ainda assim é bem inocente o demónio que só inspira à mulher de que se apoderou, semelhante pensamento. Continue.

- No dia seguinte mandaram-me chamar à grade. Desci, encontrei uma das minhas vizinhas da via Frattina, em Roma; era uma menina que tinha muitas saudades minhas, porque todas as tardes conversávamos e cantávamos juntas.

“Por detrás dela, junto da porta, um homem envolto numa capa esperava-a como se fosse um laço. Esse homem não se voltou para mim, entretanto eu voltei-me para ele; não me falou e contudo eu adivinhei que era ainda o meu protector desconhecido.

A mesma perturbação que eu sentira já apossou-se do meu coração. Senti-me inteiramente dominada pelo seu poder. A não ser as grades que me tinham cativa, eu teria de bom grado fugido para ele. Havia na sombra da sua capa raios de luz tão estranhos que me deslumbravam. Havia no seu silêncio obstinado rumores que eu só ouvia, e que me falavam uma linguagem harmoniosa.

Tratei de estar o mais possível senhora de mim, e perguntei à minha vizinha da via Frattina quem era aquele homem, que a acompanhara.

Ela não o conhecia. Seu marido estava para vir com ela, mas, no momento de partir, voltara a casa acompanhado por aquele homem, e havia-lhe dito:

- Não posso acompanhar-te a Subiáco, mas aqui está este amigo meu que te acompanhará.

Não perguntou mais nada. Era tal o desejo que a minha amiga tinha de ver-me, que se meteu com ele na carruagem, sem querer saber de mais nada.

A minha amiga era uma santa mulher; viu num canto da casa a imagem de uma Virgem, que passava por ser muito milagrosa, não quis sair sem lhe fazer oração, foi portanto ajoelhar diante dela.

Durante este tempo, entrou o homem devagar, aproximou-se de mim a passos lentos, desembuçou-se e mergulhou os seus olhos nos meus, como se fossem dois raios ardentes.

Eu esperava que ele falasse; meu peito elevou-se por assim dizer, subindo, como se fora uma onda, ao encontro da sua palavra; mas contentou-se em elevar as suas mãos acima da minha cabeça, aproximando-as da grade que nos separava. Apoderou-se logo de mim um êxtase inexplicável; ele sorria para mim, e eu também me sorri fechando ao mesmo tempo os olhos, como se um peso enorme nos cerrasse. Durante este tempo, como se o único fim fosse de se assegurar do seu poder sobre mim, desapareceu; à medida que ele se afastava, tornava eu a mim; entretanto ainda eu estava sob o império dessa estranha alucinação quando a minha amiga, tendo acabado a sua oração, se ergueu, despediu-se de mim, deu-me um beijo e saiu.

Quando à noite me despi, achei no seio um bilhete que continha unicamente estas duas linhas:

Em Roma, todo aquele que ama uma religiosa tem pena de morte. Quererá porventura dar a morte àquele a quem deve a vida?

Desde esse dia, minha senhora, senti-me completamente possessa, porque menti a Deus, não lhe confessando que pensava naquele homem tanto ou mais do que n'Ele.”

Lorenza, aterrada com o que acabava de dizer, parou para consultar a fisionomia tão doce e inteligente da princesa.

- Tudo isso não é estado de possessa, como o julga - disse com firmeza a Sr^a. Luísa de França; - é uma infeliz paixão; já o disse e repito-o, as coisas do mundo não devem chegar a este lugar senão com um profundo arrependimento.

- Arrependimento, minha senhora! - exclamou Lorenza. - Como! Pois vê-me em lágrimas, orando, vê-me de joelhos suplicando que me livre do poder infernal daquele homem, e pergunta-me se tenho arrependimento! Oh! Tenho mais que arrependimento, tenho remorsos!

- Entretanto, o que tenho ouvido... - disse a senhora Luísa.

- Espere, ouça até ao fim - disse Lorenza - e então, minha senhora, rogo-lhe que me não julgue com muita severidade.

- Recomendaram-me a indulgência e a doçura, e estou pronta para socorrer todos os padecimentos.

- Oh! Deus a abençoe, que realmente é o anjo consolador que eu tinha vindo procurar.

“Descíamos à capela três dias em cada semana, e a todos os ofícios divinos assistia o desconhecido. Eu quisera resistir, havia dito que estava doente, havia resolvido não descer! Fraqueza humana! Quando a hora chegava, eu descia, mau grado meu, e como se me impelisse uma força superior à minha vontade. Então, se ele ainda não tinha chegado, gozava de alguns instantes de sossego; mas, à medida que ele se aproximava, sentia-o vir. Poderia ter dito: está a cem passos de distância, está no limiar da porta, está na igreja, e tudo isto sem mesmo olhar para ele; depois, apenas ele chegava ao lugar do costume, ainda que os meus olhos estivessem fitos no livro para a mais santa invocação, desviavam-se logo para se fixarem sobre ele.

Então, por mais tempo que o ofício divino durasse, não podia mais ler nem orar. Todo o meu pensamento, toda a minha alma, estavam nos meus olhos, e os meus olhos não se desviavam daquele homem que, eu bem o conhecia, queria roubar-me a Deus.

Ao princípio não havia podido olhar para ele sem receio; depois desejava-o, e afinal ia o meu pensamento ao seu encontro. E muitas vezes, como em sonhos se vê, parecia-me de noite vê-lo passar pela rua, debaixo das minhas janelas.

Não havia este estado escapado às minhas companheiras. A abadessa foi avisada; disse-o a minha mãe. Três dias antes daquele em que eu devia pronunciar os meus votos, vi entrar na minha cela os únicos três parentes que eu tinha no mundo, e eram: meu pai, minha mãe e meu irmão.

Vinham para me abraçarem pela última vez, diziam eles, mas eu bem vi que era outro o fim deles, porque, ficando só comigo, minha mãe interrogou-me. Nesta circunstância é fácil conhecer a influência do Demónio, porque, em lugar de lhe dizer tudo, como deveria ter feito, neguei tudo obstinadamente.

O dia em que devia tomar o véu chegara no meio da estranha luta que eu sustentava comigo mesma, receando e desejando a hora em que toda inteira me ia entregar a Deus, e sentindo bem que se o Demónio tinha alguma tentação suprema a fazer sobre mim, seria decerto nessa hora solene.”

- E depois da carta, que disse ter achado no seio, esse homem nunca mais tornou a escrever-lhe? - perguntou a princesa.

- Nunca, minha senhora.

- Nessa época ainda lhe não tinha falado?

- Só mentalmente.

- Nem escrito?

- Oh! Nunca.

- Continue, minha irmã; ia falar do dia em que tomou o véu.

- Nesse dia, como dizia a Vossa Alteza, devia finalmente ver um termo aos meus tormentos, porque, apesar da singular doçura que nisso havia, era um suplício imenso para uma alma que permanecera cristã a obsessão de um pensamento, de uma forma sempre presente e imprevista, sempre motejadora, pelo modo a propósito com que sempre me aparecia,

exactamente nos instantes de luta contra ela e por sua obstinação em me dominar então invencivelmente. Além disso, havia momentos em que chamava por essa hora santa de todos os meus votos.

Quando pertencer a Deus, dizia eu, Deus saberá defender-me, como me defendeu do ataque dos bandidos.

Esquecia-me dizer que fora por intervenção deste homem que Deus me havia salvado do ataque dos bandidos.

Entretanto, chegou a hora da cerimónia. Eu tinha descido à igreja, pálida, inquieta, porém menos agitada que de costume; meu pai, minha mãe, meu irmão, essa vizinha da via Frattina que tinha vindo visitar-me, todas as pessoas de amizade da minha casa, todos os aldeões da vizinhança tinham vindo, porque se havia espalhado que eu era formosa, e dizem que uma vítima, quando é formosa, agrada mais ao Senhor. Começou o ofício.

Eu pedia mentalmente a Deus que apressasse tudo, porque ele não estava na igreja, e eu sentia, enquanto durasse a sua ausência, que era senhora do meu livre arbítrio. Já se voltava para mim o padre mostrando-me o Cristo, ao qual eu me ia consagrar, já eu estendia os braços para esse único salvador dado ao homem, quando o estremecimento habitual que me anunciava a aproximação do desconhecido começou a agitar meus membros; quando o choque forte, que acabava de me comprimir o peito, me indicou ter ele transposto o limiar da igreja, quando enfim a atracção irresistível levou meus olhos ao lado oposto ao altar, a despeito de todos os esforços que fizesses para serem fiéis a Deus.

O meu perseguidor estava de pé, junto do púlpito, e olhando para mim mais que nunca.

Desde esse momento pertencia-lhe; já não sabia de ofícios, de cerimónias, nem de orações.

Julgo que me fizeram as perguntas do costume, mas eu não respondi. Lembro-me que me puxaram pelo braço, e que vacilei como um objecto inanimado que removem do seu lugar. Mostraram-me umas tesouras sobre as quais reflectia um terrível raio de sol: esta luz viva nem sequer me fez pestanejar. Um instante depois senti o ferro frio sobre o meu pescoço, rangeu o aço entre o cabelo.

Neste momento pareceu-me que as forças todas me faltavam, que a minha alma me fugia do corpo para ele, e caí sobre a laje, não, coisa estranha, como pessoa que perde os sentidos, mas sim como pessoa presa do sono. Senti um prolongado murmúrio, depois tornei-me surda, muda e insensível. A cerimónia foi interrompida com espantoso tumulto.”

A Sr^a. Princesa Luísa juntou as mãos em sinal de piedade.

- Não é verdade - disse Lorenza - que é este um terrível acontecimento e no qual facilmente se reconhece a intervenção do inimigo de Deus e dos homens?

- Tome cuidado - disse a princesa com um acento de terna compaixão; - tome cuidado, pobre mulher, parece-me que se inclina muito a atribuir ao maravilhoso o que não passa de ser uma fraqueza bem natural. Quando viu esse homem, perdeu os sentidos, nada mais; continue, minha irmã.

- Oh! Minha senhora, não me diga isso – bradou Lorenza - ou pelo menos ouça tudo para poder ajuizar. Nada de maravilhoso! - prosseguiu ela - mas então teria eu tornado a mim, dez minutos, um quarto de hora ou quando muito uma hora depois; teria falado com as minhas irmãs, teria adquirido ânimo e fé entre elas?

- Certamente - disse a senhora Luísa. - Mas diga, não foi assim que sucedeu?

- Minha senhora - disse Lorenza - quando tornei a mim era noite. Um movimento rápido e trémulo já me cansava desde alguns minutos. Ergui a cabeça julgando estar debaixo da abóbada da capela ou das cortinas da minha cela. Vi rochedos, árvores e nuvens, e no meio disso tudo sentia uma respiração morna que me bafejava o rosto. Julguei que alguma irmã estava tratando de mim, quis agradecer-lhe... Minha senhora, eu tinha a cabeça encostada ao peito de um homem, e esse homem era o meu perseguidor. Olhei para mim mesma, e apalpei-me para me certificar se vivia ou pelo menos se estava acordada. Soltei um grito. Estava vestida de branco, ornava-me a

cabeça uma grinalda de rosas brancas, como se fora uma noiva, ou antes como se fora uma finada.

A princesa soltou um grito; Lorenza ocultou o rosto entre as mãos.

- No dia seguinte - prosseguiu Lorenza soluçando - no dia seguinte quis saber quanto tempo tinha decorrido, estávamos em quarta-feira. Portanto, estivera três dias sem sentidos, mas ignoro completamente o que se passou durante esses três dias.

XXV

O CONDE DE FÉNIX

Durante muito tempo um silêncio profundo deixou as duas mulheres entregues, uma às suas dolorosas meditações, outra à sua admiração, fácil de compreender.

Por fim a senhora Luísa foi a primeira a romper o silêncio.

- E não fez coisa nenhuma para facilitar esse rapto? - perguntou ela.

- Não, minha senhora.

- E ignora de que modo saiu do convento?

- Ignoro.

- Todavia, um convento costuma estar bem fechado, bem guardado, as janelas têm grades de ferro, os muros são de uma altura espantosa, e há sempre uma rodeira, que não larga as chaves. Isto é assim por toda a parte e principalmente na Itália, onde são mais severas as regras.

- O que lhe poderei responder, minha senhora? Eu mesma tento recordar-me de alguma coisa, porém nada me lembra.

- Mas disse-lhe que tinha feito mal em a raptar?

- Certamente.

- E o que respondeu ele para se desculpar?

- Disse que me amava.

- E a senhora o que lhe disse?

- Que me assustava.

- Então não o amava?

- Oh! Não! Não!

- Tinha certeza disso?

- Ah! Minha senhora, era um sentimento estranho o que eu experimentava por aquele homem. Quando ele está presente, não sou já a mesma; sou o que ele quer que eu seja, faço o que ele ordena que eu faça, minha alma não tem já poder, meu espírito não tem vontade; basta um olhar dele para me fascinar e subjugar. Ora parece impelir-me até ao fundo do coração pensamentos que não são meus, ora parece arrancar-me idéias tão ocultas em mim até então, que nem mesmo as havia adivinhado. Oh! Veja, minha senhora, se não há magia em tudo isto.

- Se não é sobrenatural, é pelo menos singular – disse a princesa. - Mas, depois de raptada, como viveu com esse homem?

- Mostrava-me uma grande ternura, uma amizade muito sincera.

- Era talvez um homem corrompido?

- Creio que não, pelo contrário, no seu modo de falar há alguma coisa de apóstolo.

- Vamos, ama-o? Confesse tudo.

- Não, não, minha senhora - disse a italiana com uma dolorosa vontade - não o amo.

- Então deveria ter fugido, recorrer às autoridades, pedir para ser levada aos seus parentes.

- Ele vigiava-me de tal modo, minha senhora, que eu não podia fugir.

- Por que não escreveu?

- Em todas as casas onde parávamos, na estrada, pareciam conhecê-lo, parecia que lhe pertenciam, todos lhe obedeciam tão humildemente como criados. Várias vezes pedi papel, pena

e tinta, mas aqueles a quem eu me dirigia estavam decerto prevenidos por ele, porque nunca me respondiam.

- Mas de que modo caminhava na estrada?

- Em carruagem de posta, ao princípio; em Milão, porém, passámos por uma espécie de casa ambulante, na qual continuámos a nossa jornada.

- Mas enfim, algumas vezes a havia de deixar só?...

- Sim, e então chegava-se a mim e dizia-me: “Durma”. E eu adormecia e só acordava quando ele voltava.

A senhora Luísa abanou a cabeça em sinal de incredulidade e continuou:

- Não tinha grande e enérgica vontade de fugir, porque se assim fosse, tê-lo-ia conseguido.

- Ah! Parece-me contudo, que se a senhora... Mas também, talvez eu estivesse fascinada!

- Pelas suas palavras de amor, e pelas suas carícias?...

- Raras vezes me falava de amor, minha senhora, e a não ser um beijo na fronte à noite, e outro pela manhã, não me recordo que me fizesse outras carícias.

- É singular, realmente singular! - murmurou a princesa.

E depois continuou:

- Vamos, repita ainda uma vez: não o ama?

- Repito-o, minha senhora.

- Diga-me outra vez que não está ligada a ele por nenhum laço terrestre?

- Assim o afirmo.

- Que se a reclamar, não poderá fazer valer direito algum?

- Nenhum.

- Mas, enfim - continuou a princesa - como veio aqui? Fale, porque ainda não percebo bem.

- Minha senhora, aproveitei a ocasião de uma tempestade, que nos acometeu a pequena distância de uma cidade que chamam, segundo creio, Nanci. Tinha deixado o seu lugar junto de mim, para entrar no outro repartimento da carruagem, a fim de ir conversar com o velho que lá habita, quando montei no cavalo que lhe pertencia e fugi.

- E por que preferiu vir a França em lugar de voltar para a Itália?

- Pensei que não podia voltar a Roma, porque decerto julgariam que eu era cúmplice desse homem, e os meus parentes não me teriam recebido.

“Resolvi, portanto, fugir para Paris e viver escondida, ou então ir a qualquer outra cidade onde pudesse ocultar-me a todos os olhos e principalmente aos seus.

Quando cheguei a Paris, falavam todos da sua reclusão entre as carmelitas, minha senhora; louvavam todos a sua piedade, a sua solicitude para com os desgraçados, a sua compaixão para com os aflitos. Foi isto para mim um raio de luz, minha senhora, ocorreu-me a idéia e a convicção de que só a senhora seria generosa bastante para me acolher, bastante poderosa para me defender.”

- Socorre-se ao meu poder, minha filha; então é ele bem poderoso?

- Oh! Sim.

- Mas quem é ele? Vejamos; por delicadeza tenho até agora tardado em lho perguntar; entretanto, se devo defendê-la, preciso saber contra quem.

- Oh! Minha senhora, eis um ponto em que não posso esclarecê-la. Ignoro completamente quem ele é; tudo quanto sei é que um rei não inspira mais respeito, um Deus mais adoração, do que lhe dedicam as pessoas a quem ele se digna revelar.

- Mas o seu nome? Como se chama ele?

- Minha senhora, tenho-o ouvido chamar com muitos nomes e todos diferentes. Entretanto, só dois me ficaram na memória. Um é o que lhe dá aquele ancião de quem já lhe falei, e que foi nosso companheiro de viagem, desde Milão até à hora em que o deixei; outro é o que a si mesmo se dá.

- Qual era o nome que lhe dava o ancião?

-Acharat... Não lhe parece que é um nome anticristão, diga, minha senhora?

- E o que ele dá a si mesmo?

- José Bálsamo.

- E ele?

- Ele!... Conhece todos, adivinha tudo; é contemporâneo de todos os tempos; viveu em todas as idades; fala... Oh! Meu Deus! Perdoe-lhe semelhantes blasfêmias! Fala de Alexandre, de César, de Carlos Magno, como tendo-os conhecido, e entretanto, parece-me que há já muito tempo que esses homens todos morreram; mas fala também de Pilatos, de Caifás, de Nosso Senhor Jesus Cristo, enfim, como se tivesse assistido ao seu martírio.

- É algum charlatão - disse a princesa.

- Minha senhora, talvez eu não saiba perfeitamente o que em França quer dizer a palavra que acaba de pronunciar, mas o que sei é que este é um homem perigoso, terrível, ante o qual tudo se inclina, dobra e cai; que julgam indefeso e que está armado; que julgam só e que faz surgir homens debaixo da terra; e isto sem força, sem violência, com uma palavra, um gesto... sorrindo.

- Está bom - disse a princesa - quem quer que seja esse homem, descanse, minha filha, eu a protegerei contra ele.

- Por si, não é verdade, minha senhora?

- Sim, por mim terá protecção enquanto não renunciar a ela. Mas não continuará a crer, nem tentará fazer-me crer, a mim, nas visões sobrenaturais que o seu espírito doente criou. As paredes de Saint-Denis, em todo o caso, serão uma fortificação segura contra o poder infernal; e mesmo, acredite-me, contra um poder muito mais temível, contra o poder humano. Agora, minha senhora, que tenciona fazer?

- Com estas jóias, que me pertencem, minha senhora, tenciono pagar o meu dote num convento... Neste, se for possível.

E Lorenza pôs sobre a mesa algumas ricas pulseiras, anéis de grande valor, um brilhante magnífico e um belíssimo par de brincos. Ao todo poderia isso valer vinte mil escudos.

- Estas jóias pertencem-lhe? - perguntou a princesa.

- Pertencem-me, minha senhora, deu-mas ele, e eu entrego-as a Deus. Só desejo uma coisa.

- Qual é?

- É que, se ele o vier reclamar, se lhe restitua o seu cavalo Djérid, que foi o instrumento por meio do qual me libertei.

- Mas a senhora, de modo nenhum quer voltar para ele, não é assim?

- Eu não lhe pertenço.

- É verdade, já o disse. Assim, minha senhora, persiste em querer entrar no convento de Saint-Denis e prosseguir nas práticas da religião interrompidas em Subiáco, pelo estranho acontecimento que acaba de me narrar?

- É esse o meu desejo mais ardente, minha senhora, e de joelhos solicito esse favor.

- Pois descanse, minha filha, de hoje em diante viverá entre nós, e quando nos tiver mostrado de que modo está empenhada em alcançar esse favor, quando por seu exemplar procedimento, como espero, o tiver merecido, nesse dia pertencerá ao Senhor, e respondo que ninguém a levará de Saint-Denis, enquanto sobre si velar a abadessa.

Lorenza deitou-se aos pés da sua protectora, agradecendo-lhe do modo mais verdadeiro e sincero.

Mas de repente ergueu-se sobre um joelho, escutou, empalideceu e tremeu.

- Oh! Meu Deus, meu Deus! - disse ela.

- O que é? - perguntou a senhora Luísa.

- O meu corpo estremece todo, não vê? Ele aproxima-se, aproxima-se!

- Quem?

- Ele! Ele que jurou perder-me.

- Esse homem?

- Sim, o homem. Não vê como me tremem as mãos?

- É verdade!
- Oh! - exclamou ela com o coração oprimido – ele aí vem... Está próximo!
- Está enganada.
- Não, não, minha senhora. Olhe, atraindo-me contra minha vontade, venha, segure-me, segure-me!

A senhora Luísa agarrou a estrangeira pelo braço.

- Mas sossegue, minha filha - disse ela; - ainda que seja ele, está aqui em segurança.
- Ele aproxima-se! Aproxima-se! Asseguro-lho! – bradou Lorenza aterrada, desanimada, com os braços estendidos para a porta do quarto e o olhar fixo.

- Loucura! Loucura! - disse a princesa. - Pois assim se entra em casa da Sr^a. Luísa de França!... Seria para isso preciso que esse homem trouxesse uma ordem de el-rei.

- Oh! Minha senhora, como ele entrou não sei eu – exclamou Lorenza deixando-se cair para trás - mas o que sei, do que tenho a certeza, é que apenas dista daqui dez passos... É que ele aí está!...

De repente abriu-se a porta; a princesa recuou espantada de tão singular coincidência.

Apareceu uma irmã.

- Quem é - perguntou a princesa - e o que quer?

- Está ali fora um senhor - respondeu a irmã – que deseja falar com Vossa Alteza Real.

- Como se chama?

- O Sr. Conde de Fénix.

- É ele? - perguntou a princesa a Lorenza – conhece este nome?

- O nome não conheço eu; mas é ele, minha senhora, é ele.

- O que quer ele? - perguntou a princesa à religiosa.

- Vem encarregado por Sua Majestade El-Rei da Prússia de uma missão junto do rei de França, e desejava, diz ele, falar um instante com Vossa Alteza Real.

A senhora Luísa pensou alguns instantes; depois voltando-se para Lorenza, disse-lhe:

- Entre para aquele gabinete.

Lorenza obedeceu.

- Agora, minha irmã - prosseguiu a princesa – mande entrar o conde.

A irmã inclinou-se e saiu.

A princesa foi ver se a porta do gabinete estava bem fechada, e voltou para se sentar na sua cadeira, esperando, não sem uma certa comoção, o acontecimento que ia ter lugar.

A irmã logo tornou a aparecer.

Caminhava atrás dela esse homem, que no dia da apresentação, vimos fazer-se anunciar no palácio de el-rei com o nome de conde de Fénix.

Vinha vestido com o mesmo traje, que era um uniforme prussiano: trazia a cabeleira militar e a gola preta; os seus grandes olhos expressivos abaixaram-se na presença da senhora Luísa, mas só para sinal do respeito que um homem, por mais alta que seja a sua categoria, deve a uma filha de França.

Mas, erguendo-os logo, como receando mostrar muita humildade, disse:

- Minha senhora, agradeço a Vossa Alteza Real o favor que se digna fazer-me. Entretanto, eu já contava com isso, sabendo de que modo Vossa Alteza socorre tudo quanto é desgraçado.

- Efectivamente, senhor, faço a diligência - disse a princesa com dignidade, e porque depois de uma conversa de dez minutos contava ela lançar por terra quem, com tanta impudência, vinha reclamar a protecção de outrem, depois de ter abusado das suas próprias forças.

O conde inclinou-se sem haver compreendido aparentemente o duplo sentido das palavras da princesa.

- O que posso eu pois fazer por seu respeito, senhor? - prosseguiu a senhora Luísa no mesmo tom de ironia.

- Tudo, minha senhora.

- Fale.

- Vossa Alteza, que eu não teria vindo, sem graves motivos, importunar no retiro que escolheu, se me não engano, deu asilo a uma pessoa que me interessa por todos os modos.

- Como se chama essa pessoa, senhor?

- Lorenza Feliciani.

- E o que lhe é essa pessoa? É sua aliada, parenta ou irmã?

- É minha mulher.

- Sua mulher? - disse a princesa levantando a voz de modo que pudesse ser ouvida no gabinete; - Lorenza Feliciani é a condessa de Fénix?

- Sim, minha senhora, Lorenza Feliciani é a condessa de Fénix - respondeu o conde com o maior sossego.

- Não há condessa de Fénix alguma aqui entre as carmelitas, senhor - respondeu secamente a princesa.

Mas o conde de Fénix não se considerou vencido e prosseguiu:

- Talvez, minha senhora, não esteja ainda Vossa Alteza bem persuadida de que Lorenza Feliciani e a condessa de Fénix são uma e a mesma pessoa?

- Não, eu confesso-o - disse a princesa; - adivinhou, senhor; a minha convicção não é completamente perfeita nesse ponto.

- Queira Vossa Alteza dar ordem para que Lorenza Feliciani seja conduzida à sua presença, e espero então dissipar essa dúvida. Peço perdão a Vossa Alteza de insistir tanto, mas é uma mulher a quem tenho realmente amizade, e ela mesma está com saudades de mim, tem pena da nossa separação.

- Julga isso?

- Sim, minha senhora, creio-o, ainda que bem pouco valho.

- Oh! - pensou a princesa - Lorenza havia falado verdade, este homem é efectivamente um homem muito perigoso.

O conde permanecia calado e sossegado com a mais estrita civilidade da corte.

- Tentemos mentir - continuou a pensar a senhora Luísa. - Senhor - disse ela - não posso entregar-lhe uma mulher que não existe aqui. Compreendo a insistência com que a procura, se realmente lhe tem amor, como diz; mas se quer ter alguma probabilidade de a encontrar, procure-a noutra parte, é o conselho que lhe dou.

O conde, ao entrar, havia lançado em torno de si um rápido olhar para todos os objectos que o cercavam, e os seus olhos haviam parado um instante, mas esse mesmo tinha sido suficiente, sobre a mesa colocada num ângulo da casa, mesa sobre a qual Lorenza havia deixado as suas jóias, e que tinha oferecido para ser admitida nas Carmelitas. O conde de Fénix havia-as conhecido.

- Se Vossa Alteza Real procurasse reunir todas as suas idéias - insistiu o conde - e rogo que se digne fazê-lo, lembrar-se-ia então que Lorenza Feliciani estava ainda há pouco nesta casa, e que pôs sobre aquela mesa as jóias, que lá estão, e que depois de Vossa Alteza lhe ter feito a honra de conversar com ela, se retirou.

O conde de Fénix reparou no olhar furtivo que a princesa dirigiu para o lado do gabinete.

- Retirou-se para aquele gabinete - juntou ele com a maior impassibilidade.

A princesa corou, e o conde prosseguiu:

- De modo que só espero licença de Vossa Alteza para lhe dar ordem de aparecer, o que ela fará imediatamente, afirmo-o.

A princesa lembrou-se que Lorenza fechara a porta por dentro, e que por conseqüência nada a podia obrigar a sair, senão um impulso da sua própria vontade.

- Mas - disse ela, não procurando disfarçar o seu despeito por ter mentido inutilmente diante desse homem a quem se não podia ocultar coisa nenhuma; - se ela entrar, o que fará?

- Nada, minha senhora; apenas dirá a Vossa Alteza que, sendo minha esposa, deseja seguir-me.

Estas palavras tranqüilizaram a princesa porque se lembrava dos últimos protestos de Lorenza.

- Sua esposa! - disse ela - tem a certeza do que diz?

E nas suas palavras se conhecia a indignação.

- Dir-se-ia, realmente, que Vossa Alteza não me dá crédito - disse o conde. - Entretanto, não me parece coisa muito incrível que o conde de Fénix casasse com Lorenza Feliciani, e tendo casado reclame a sua esposa.

- Como sua esposa! - exclamou a senhora Luísa com impaciência; - ousa dizer que Lorenza Feliciani é sua esposa?

- Sim, minha senhora - respondeu o conde com a mais perfeita naturalidade; - ousou dizê-lo e até afirmá-lo, porque é verdade.

- Casado; o senhor é casado?

- Sim, minha senhora.

- Com Lorenza?

- Com Lorenza.

- Legitimamente?

- Sim, minha senhora, e se insiste numa denegação que me ofende...

- Então, o que fará?

- Mostrar-lhe-ei a certidão do meu casamento, que está em regra e assinada pelo padre que nos uniu.

A princesa estremeceu.

O conde abriu então uma carteira, e tirou dela um papel.

- Eis a prova da verdade do que afirmo, minha senhora, e do direito que tenho para reclamar essa mulher; a assinatura faz fé... Vossa Alteza quer ler a certidão, e examinar a assinatura?

- Uma assinatura! - murmurou a princesa com uma dúvida mais humilhante do que havia sido sua cólera; - mas essa assinatura...

- Essa assinatura é do cura de Saint-Jean de Estrasburgo, muito conhecido do Sr. Príncipe Luís, Cardeal de Rohan, e se aqui estivesse Sua Eminência...

- Exactamente o senhor cardeal está cá - exclamou a princesa fixando no conde os seus olhos chamejantes. - Sua Eminência não partiu de Saint-Denis, está neste momento com os cônegos da catedral, portanto essa verificação é muito fácil.

- É uma fortuna para mim, minha senhora - respondeu o conde metendo fleumaticamente a certidão na carteira; - com essa verificação espero que hão-de dissipar-se todas essas injustas suspeitas que Vossa Alteza concebeu contra mim.

- Revolta-me tanta impudência, na realidade - disse a princesa tocando apressadamente uma campainha. Minha irmã! Minha irmã!

Apareceu a religiosa que pouco antes havia introduzido o conde de Fénix.

- Mandé montar a cavalo um dos meus correios - disse a princesa - e que leve este bilhete ao Sr. Cardeal de Rohan que hão-de achar no capítulo da catedral; que venha aqui sem demora, eu espero-o.

E dizendo isto escrevia a princesa um bilhete que entregou à religiosa.

Depois acrescentou em voz baixa:

- Mandé postar no corredor dois archeiros e que não deixem sair pessoa nenhuma daqui sem minha licença; e vá depressa!

O conde havia seguido as diferentes fases da firme resolução em que via a Sr^a. Luísa, de lutar com ele até ao fim, e enquanto a princesa escrevia, decidido certamente a disputar-lhe a vitória, havia-se aproximado do gabinete, e ali, com o olhar fito na porta, as mãos estendidas e agitadas por um movimento mais metódico que nervoso, havia pronunciado algumas palavras em voz baixa.

A princesa, voltando-se repentinamente, viu-o nessa atitude.

- Que está fazendo, senhor? - perguntou ela.

- Minha senhora - disse o conde - esconjuro Lorenza Feliciani para que venha aqui pessoalmente confirmar por suas palavras e livre vontade, que não sou nem um impostor, nem um falsário, e isso sem prejuízo de todas as outras provas que Vossa Alteza exigir.

- Senhor!

- Lorenza Feliciani - bradou o conde dominando tudo, mesmo a vontade da princesa; - Lorenza Feliciani, saia desse gabinete e venha aqui!

Mas a porta ficou fechada.

- Venha, quero-a eu! - repetiu o conde.

Então rangeu a chave na fechadura, e a princesa, com um susto indizível, viu entrar a romana, cujos olhos estavam fitos no conde, sem expressão alguma de cólera nem de ódio.

- Que faz, minha filha? Que faz? - bradou a senhora Luísa - e por que volta para este homem de quem fugiu? Estava aqui segura, já lho havia dito.

- Em minha casa também está segura, minha senhora - respondeu o conde.

Depois, voltando-se para a mulher, perguntou com a maior serenidade:

- Não é verdade, Lorenza - disse ele - que está segura em minha casa?

- Sim - respondeu ela.

A princesa, no cúmulo da admiração, deixou-se cair, de mãos postas, sobre uma poltrona.

- Agora, Lorenza - disse o conde com uma voz doce, mas em que se conhecia, contudo, o tom de comando - acusam-me de a ter violentado. Diga, violentei-a em qualquer coisa que fosse?

- Nunca - respondeu a rapariga com uma voz bem clara, mas sem fazer movimento algum.

- Então - disse a princesa - o que significa toda essa história de rapto que me contou?

Lorenza não respondeu; olhava para o conde como se a vida e a palavra, que é a sua expressão, devessem partir dele.

- Sua Alteza deseja certamente saber como saiu do convento, Lorenza. Conte-lhe tudo quanto se passou desde o momento em que perdeu os sentidos, no coro da igreja, até àquele em que acordou numa carruagem de posta.

Lorenza ficou silenciosa.

- Conte o caso com todas as suas circunstâncias - prosseguiu o conde de Fénix - sem omitir coisa alguma. Quero-o eu.

Lorenza Feliciani não pôde reprimir um forte estremecimento.

- De nada me lembro - disse ela.

- Procure, e há-de lembrar-se.

- Ah! Sim, sim - disse Lorenza, sempre no mesmo tom monótono - agora me lembra.

- Fale!

- Quando perdi os sentidos, no momento em que a tesoura me tocava nos cabelos, levaram-me para a minha cela e deitaram-me sobre a cama. Minha mãe ficou até à noite a meu lado, e como eu continuava a ficar sem sentidos, mandou-se chamar o cirurgião da aldeia, que me tomou o pulso, passou um espelho por diante dos lábios, e, conhecendo que as minhas artérias não pulsavam e que minha boca não respirava, declarou formalmente que eu estava morta.

- Mas como sabe isso tudo!? - perguntou a princesa admirada.

- Sua Alteza deseja saber como lhe constou isso tudo - repetiu o conde.

- Coisa estranha! - disse Lorenza - eu via e ouvia; mas não podia abrir os olhos, nem falar, nem mover-me; estava como em letargia.

- Efectivamente - disse a princesa - Tronchin já me tem falado de alguns casos de pessoas caídas em letargo, e que haviam sido enterradas vivas.

- Continue, Lorenza - disse o conde.

- Minha mãe estava desesperada, e não queria acreditar que eu estivesse morta; declarou que ainda passaria junto de mim a noite e o dia seguinte.

“Fez o que disse, mas as trinta horas durante as quais velou sobre mim, passaram-se sem que eu fizesse movimento nenhum, sem que desse um ai, sem que soltasse nem sequer um suspiro.

Três vezes viera o padre e de cada uma delas dissera a minha mãe que, querer deter o meu corpo sobre a terra, equivalia a revoltar-se contra Deus, que já lá tinha a minha alma; porque não duvidava, tendo eu morrido com todas as condições da salvação, e no momento em que ia pronunciar as palavras que selavam a minha eterna aliança com o Senhor, não duvidava, dizia ele, que a minha alma tivesse subido directamente para o Céu.

Minha mãe tanto insistiu que se lhe concedeu velar ainda durante a noite toda da segunda para terça-feira.

Neste dia, de manhã, continuava eu no mesmo estado de insensibilidade.

Minha mãe, convencida, retirou-se. As religiosas bradavam: sacrilégio! Os círios estavam acesos na capela onde, conforme o costume, eu devia ficar exposta uma noite e um dia.

Depois de ter saído minha mãe, entraram no meu quarto as amortalhadoras; como eu não tinha ainda professado, vestiram-me de branco, cingiram-me a fronte com uma coroa de rosas brancas, puseram-me os braços em cruz sobre o peito, depois pediram:

- O esquife!

Trouxeram o esquife ao meu quarto, percorreu-me o corpo um estremecimento profundo, porque, repito-o, apesar de ter os olhos fechados, via tudo como se estivessem perfeitamente abertos.

Pegaram em mim e puseram-me dentro do esquife.

Depois, com o rosto descoberto, como é costume entre nós as italianas, levaram-me para a capela, colocaram-me no meio do coro, com luzes em torno de mim e água benta aos pés.

Durante todo o dia os aldeões de Subiáco entraram na capela, oraram por mim e lançaram água benta sobre o meu corpo. Chegou a noite. Cessaram as visitas, fecharam por dentro as portas da capela, menos a porta pequena, e só a irmã enfermeira ficou junto de mim.

Entretanto, um pensamento terrível me agitava o sono; no dia seguinte devia ter lugar o meu enterro, e eu sentia que ia ser enterrada viva, se não viesse em meu auxílio algum poder desconhecido.

Ouvia dar sucessivamente todas as horas: ouvi as nove, as dez e depois as onze.

Cada som ecoava no meu peito, porque ouvia, coisa horrível, dobrar o sino dos finados, pela minha própria morte.

Os esforços que fiz para vencer esse sono gelado, para romper esses laços de ferro que me ligavam ao fundo do esquife, só Deus o sabe; mas viu-o, porque se compadeceu de mim.

Deu meia-noite.

À primeira badalada, pareceu-me que meu corpo era sacudido por um movimento convulsivo, semelhante ao que eu costumava experimentar quando Acharat se aproximava de mim; depois senti uma comoção no peito, e em seguida vi-o aparecer à porta da capela.”

- Foi terror o que nessa ocasião experimentou? – perguntou o conde de Fénix.

- Não, não, foi felicidade, alegria, êxtase, porque compreendi que ele vinha arrebatá-me a essa morte desesperada que eu tanto temia. Caminhou lentamente para o meu esquife, olhou alguns instantes para mim com um sorriso cheio de tristeza, e depois disse-me:

“- Erga-se e caminhe...”

As fitas que me ligavam deitada quebraram-se logo, porque a essa voz poderosa, levantei-me e pus um pé fora do esquife.

- E sente-se feliz por tornar à vida? - me perguntou ele.

- Sim! - respondi eu.

- Pois bem! Então, siga-me.

A enfermeira, acostumada ao fúnebre ofício que junto de mim desempenhava, depois de o haver exercido junto de tantas outras irmãs falecidas, adormecera profundamente na sua

cadeira. Passei por pé dela sem a acordar, e segui aquele, que, pela segunda vez, me livrara da morte.

3

Chegámos ao pátio. Tornei a ver o céu todo bordado de estrelas que já não esperava ver. Senti esse ar fresco da noite, que os finados já não sentem, mas que os vivos prezam.

- Agora - perguntou-me ele - antes de sair do convento, escolha entre Deus e mim. Quer ser religiosa ou quer seguir-me?

- Quero segui-lo - respondi eu.

- Então, venha - disse ele pela segunda vez.

Segui-o, mas quando chegámos à porta da roda achámo-la fechada.

- Onde estão as chaves? - perguntou-me ele.

- Na algibeira da irmã rodeira.

- E onde tem ela a algibeira?

- Sobre uma cadeira, ao pé da cama.

- Entre no quarto dela sem fazer bulha, pegue nas chaves, escolha a da porta, e traga-ma.

Obedeci. A porta da sua cela não estava fechada por dentro, entrei, fui direita à cadeira, procurei na algibeira e achei as chaves; escolhi então entre elas a da porta e trouxe-a.

Cinco minutos depois, abria-se a porta e nós estávamos na rua.

Então travámos do braço e corremos para a extremidade da aldeia de Subiáco. A cem passos da última casa, esperava-nos uma carruagem, subimos para ela e partimos imediatamente.”

- E não lhe fizeram nem ameaça, nem violência alguma? Seguiu este homem por sua livre vontade?

Lorenza não respondeu.

- Sua Alteza Real pergunta, Lorenza, se usei de ameaça ou violência para obrigá-la a seguir-me.

- Não.

- E por que o seguiu?

- Diga por que me seguiu?

- Porque o amava - disse Lorenza.

O conde de Fénix voltou-se para a princesa com um sorriso de triunfo.

XXVI

SUA EMINÊNCIA O CARDEAL DE ROHAN

O que se passava sob a vista da princesa era por tal forma extraordinário, que chegava a perguntar a si mesma se o homem que tinha na sua presença não era realmente um feiticeiro, dispondo a seu bel-prazer dos corações e dos espíritos.

Mas o conde de Fénix não quis ficar só nisso.

- Ainda não é tudo, minha senhora - disse ele - e Vossa Alteza apenas ouviu da boca de Lorenza uma parte da nossa história; poderia portanto nutrir ainda alguma dúvida, se não ouvisse da sua própria boca o resto.

Então, voltando-se para Lorenza, disse-lhe:

- Está lembrada, querida Lorenza - disse ele - da continuação da nossa jornada, quando visitámos Milão, o lago Maior, o Oberland, o Righi e o Reno, que é o Tibre do Norte?

- Sim - disse a italiana com o mesmo acento monótono - sim, Lorenza viu isso tudo.

³ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

- Arrastada por este homem, não é verdade, minha filha? Cedendo a uma força irresistível que a senhora mesma não podia compreender? - perguntou a princesa.

- Para que julga assim, minha senhora, quando, longe disso, tudo quanto Vossa Alteza acaba de ouvir, prova o contrário? E demais, se precisa de prova ainda mais palpável, testemunho mais material, aqui está uma carta de Lorenza. Tive necessidade de a deixar, contra minha vontade, em Mayença; pois teve tantas saudades de mim, que, na minha ausência, escreveu-me esta carta que Vossa Alteza pode ler.

O conde tirou uma carta da algibeira e entregou-a à princesa.

A princesa leu:

“Volta, Acharat; falta-me tudo quando estás longe de mim. Meu Deus, quando te pertencerei eu para a eternidade? - *Lorenza*.”

A princesa ergueu-se enraivecida, e aproximou-se de Lorenza com a carta na mão.

Esta deixou-a aproximar-se sem a ver e sem a ouvir; parecia só ver e ouvir o conde.

- Entendo - disse apressadamente o conde, que parecia decidido a fazer até ao fim de intérprete da estrangeira; - Vossa Alteza duvida e quer saber se esta carta é dela; pois bem, Vossa Alteza pode certificar-se disso. Lorenza, quem escreveu esta carta? Responda.

Pegou na carta, entregou-a à sua esposa, e esta levou-a logo ao coração.

- Foi Lorenza - respondeu ela.

- E Lorenza sabe o que essa carta diz?

- Certamente.

- Pois então, diga à senhora princesa o que contém a carta, para Sua Alteza não dizer que a engano, quando lhe afirmo que me tem amor. Diga-lho, quero-o eu.

Lorenza pareceu fazer um esforço; mas sem desdobrar o papel, sem o levar aos olhos, leu:

“Volta, Acharat, falta-me tudo quando estás longe de mim. Meu Deus, quando te pertencerei eu para a eternidade? - *Lorenza*.”

- Custa a crer - disse a princesa - e não a acredito, porque há em tudo isto alguma coisa de inexplicável e sobrenatural.

- Foi esta carta - prosseguiu o conde de Fénix como se não tivesse ouvido a senhora Luísa - foi esta carta o que me resolveu a apressar a nossa união. Eu amava Lorenza tanto quanto ela me amava a mim. A nossa posição era falsa. Demais, na vida aventureira que levo, podia acontecer-me alguma desgraça; podia morrer, e se eu morresse, queria que todos os meus bens pertencessem a Lorenza; e apenas chegámos a Estrasburgo logo casámos.

- Casou?

- Sim, minha senhora.

- É impossível.

- Por que, minha senhora? - disse o conde sorrindo; - o que haveria de impossível em ter o conde de Fénix desposado Lorenza Feliciani?

- Mas disse-me ela mesma que não era sua mulher.

O conde, sem responder à princesa, voltou-se para Lorenza:

- Está lembrada em que dia nos casámos? - perguntou-lhe ele.

- Sim - respondeu Lorenza - foi no dia três de Maio.

- Onde?

- Em Estrasburgo.

- Em que igreja?

- Na catedral, na capela de Saint-Jean.

- Não se opôs, nem resistiu a semelhante união?

- Não; era muito feliz.

- É porque, veja, Lorenza - prosseguiu o conde a senhora princesa julga que a violentaram. Disseram-lhe que me odiava.

E dizendo isto o conde pegou na mão de Lorenza.

O corpo da estrangeira estremeceu todo de prazer.

- Eu - disse ela - odiá-lo! Oh! Não; amo-o, porque é bom, generoso e poderoso!
- E desde que somos casados, Lorenza, diga, abusei alguma vez dos meus direitos de esposo?

- Não; respeitou-me como se fosse sua filha, sou sua amiga pura e sem mancha.

O conde voltou-se para a princesa, como para lhe dizer:

- Ouviu?

Aterrada com o que ouvia, a senhora Luísa tinha recuado até junto de um crucifixo de marfim pregado num quadro de veludo preto, que estava dependurado na parede.

- É isto tudo o que Vossa Alteza deseja saber? - disse o conde largando a mão de Lorenza.

- Senhor, senhor - bradou a princesa - não se aproxime de mim, nem ela.

Neste momento, ouviu-se a bulha de uma carruagem que parava à porta da abadia.

- Ah! - exclamou a princesa - chega o cardeal, saberemos finalmente o que há a fazer.

O conde de Fénix inclinou-se, disse algumas palavras a Lorenza e esperou com o sossego próprio de um homem que tem o poder de dirigir os acontecimentos.

Um instante depois abriu-se a porta e anunciaram:

- Sua Eminência o Sr. Cardeal de Rohan!

A princesa, mais tranqüilizada com a presença do cardeal, foi novamente tomar o seu lugar na poltrona, dizendo:

- Que entre.

O cardeal entrou. Mas apenas cortejara a princesa, vendo Bálsamo, disse-lhe admirado:

- Ah! É o senhor.

- Conhece este senhor? - perguntou a princesa cada vez mais admirada.

- Sim- disse o cardeal.

- Então - exclamou a Sr^a. Princesa Luísa - vai dizer-nos quem é?

- Nada há mais fácil - disse o cardeal; - este senhor é um feiticeiro.

- Feiticeiro! - murmurou a princesa.

- Perdão, minha senhora - disse o conde - Sua Eminência vai explicar-se imediatamente para satisfação de todos, assim o espero.

- Este senhor terá porventura feito também alguma profecia a Sua Alteza Real, pois vejo-a a tal ponto perturbada? - perguntou o senhor de Rohan.

- A certidão de casamento! Dê-ma imediatamente! - exclamou a princesa.

O conde olhou admirado, porque não sabia o que semelhante exclamação significava.

- Ei-la aqui - disse o conde apresentando-a ao cardeal.

- O que é? - perguntou este.

- Senhor - disse a princesa - trata-se de saber se esta assinatura é verdadeira e se este acto é válido.

O cardeal leu o papel que a princesa lhe apresentava.

- Isto é uma certidão de casamento, perfeitamente em forma, e a assinatura é do Sr. Remy, cura da capela de Saint-Jean; mas que importa isso a Vossa Alteza?

- Oh! Importa, senhor, e muito; portanto a assinatura...

- É verdadeira, mas ninguém me diz que não tenha sido extorquida.

- Extorquida, não é verdade?

- É possível - exclamou o cardeal.

- E o consentimento de Lorenza também, não é verdade? - disse o conde com uma ironia que se dirigia directamente à princesa.

- Mas por que meios, vejamos, senhor cardeal, por que meios poderá ter sido extorquida esta assinatura? Sabe alguma coisa a este respeito?

- Pelos meios que este senhor tem ao seu alcance, por meios mágicos.

- Mágico! É o senhor quem assim fala, cardeal?

- Este senhor é feiticeiro, disse-o e não me desdigo.

- Vossa Eminência está gracejando?

- Não, e a prova é que, na presença de Vossa Alteza, quero ter uma séria explicação com o senhor...

- Eu estava para a pedir a Vossa Eminência – disse o conde.

- Muito bem! Mas não esqueça que sou eu quem interrogo - disse o cardeal com altivez.

- E eu - disse o conde - não esqueça que responderei a todas as suas perguntas, mesmo na presença de Sua Alteza. Creio, porém, que lhe não convirá...

O cardeal sorriu-se.

- Senhor - disse ele - o papel de feiticeiro é difícil de representar neste tempo. Eu já o vi trabalhar; foi feliz, mas nem todos, fique avisado, terão a paciência e principalmente a generosidade da senhora delfina.

- Da senhora delfina! - exclamou a princesa.

- Sim, minha senhora - disse o conde - tive a honra de ser apresentado a Sua Alteza Real.

- E de que modo agradeceu tamanha honra, senhor?

- Ah! - redargüiu o conde - menos bem do que teria querido, porque não tenho ódio pessoal contra os homens, e muito menos contra as mulheres.

- Mas o que fez este senhor à minha augusta sobrinha? - perguntou a senhora Luísa.

- Minha senhora - disse o conde - tive a desgraça de lhe dizer a verdade, que ela me pedia.

- Sim, a verdade, uma verdade que lhe fez perder os sentidos.

- É porventura culpa minha - redargüiu o conde com essa voz poderosa que tanto efeito produzia em certas ocasiões - é culpa minha, se essa verdade era tão terrível que devesse produzir semelhante efeito? Porventura procurei a princesa, ou pedi para lhe ser apresentado? Não, e antes, pelo contrário, evitava-a, levaram-me à sua presença quase à força, e fazendo-me perguntas ordenou-me que lhe respondesse.

- Mas que verdade tão terrível era essa que lhe disse, senhor? - perguntou a princesa.

- Essa verdade, minha senhora - respondeu o conde - foi o véu do futuro que eu rasguei.

- Do futuro?

- Sim, minha senhora, desse futuro que tão ameaçador pareceu a Vossa Alteza Real, que tentou evitá-lo refugiando-se num claustro, para o combater aos pés do altar com orações e lágrimas.

- Senhor!

- Será culpa minha, minha senhora, se esse futuro que, como santa, pressentiu, me foi revelado a mim como profeta, e se a senhora delfina, aterrada com esse futuro, que pessoalmente a ameaça, perdeu os sentidos quando lhe foi revelado?

- Ouve-o? - disse o cardeal.

- Ah! - disse a princesa.

- Porque o seu reinado está condenado - exclamou o conde - como o reinado mais fatal e mais desgraçado de toda a monarquia.

- Senhor! - bradou a princesa.

- Quanto a Vossa Alteza, minha senhora – prosseguiu o conde de Fénix - talvez as suas orações obtivessem a graça de Deus; mas nada verá disto tudo, porque estará nos braços do Senhor, quando estas coisas sucederem. Ore, minha senhora, ore!

A princesa, dominada por essa voz profética que tão bem respondia aos terrores da sua alma, caiu de joelhos aos pés do crucifixo, e começou efectivamente a orar com fervor.

Então o conde, voltando-se para o cardeal e precedendo-o no vão de uma janela, disse-lhe:

- Agora nós, senhor cardeal, o que quer de mim?

O cardeal aproximou-se do conde.

As personagens estavam assim dispostas: A princesa, ajoelhada, orava com fervor; Lorenza, imóvel, muda, os olhos abertos e fixos como se nada vissem, estava de pé no meio da casa. Os dois homens estavam no vão da janela, o conde apoiado à aldrava, o cardeal meio escondido pela cortina.

- O que quer de mim? - repetiu o conde. - Diga.

- Quero saber quem é.

- Já o sabe.

- Eu?

- Certamente. Não disse já que eu era um feiticeiro?

- Muito bem. Mas em Taverney chamavam-lhe José Bálsamo; aqui chamam-lhe o conde de Fénix.

- Pois bem! O que prova isso? Que mudei de nome, nada mais.

- Sim; mas não sabe que tais mudanças num homem como o senhor, dariam muito que cismar ao senhor de Sartines?

O conde sorriu.

- Oh! senhor, que guerra tão ridícula para um Rohan! Como Vossa Eminência argumenta com palavras! *Verba et voces*, diz o latim. Não há então acusação pior para me fazerem?

- Parece-me que está zombando comigo - disse o cardeal.

- Não é de agora; é este o meu carácter.

- Então vou ter uma satisfação.

- Qual é?

- A de o ver humilhado.

- Como quiser, senhor.

- Tenho a certeza que será um meio de fazer a corte à senhora delfina.

- O que não seria inútil nos termos em que está com ela - disse Bálsamo fleumáticamente.

- E se por acaso eu o fizesse prender, senhor horóscopo, o que diria?

- Diria que fazia muito mal, senhor cardeal.

- Realmente! - disse a Eminência com um profundo desprezo; - quem diria isso?

- O senhor.

- Nesse caso vou dar imediatamente as ordens; saberemos então quem é esse barão José Bálsamo, conde de Fénix, ramo ilustre de uma árvore genealógica que não vi ainda em campo nenhum heráldico da Europa.

- Senhor - disse Bálsamo - por que não perguntou quem eu era ao seu amigo o senhor de Breteuil?

- O senhor de Breteuil não é meu amigo.

- Quer dizer que já o não é; mas foi um dos seus melhores amigos, porque lhe escreveu certa carta...

- Que carta? - perguntou o cardeal aproximando-se.

- Mais perto, senhor cardeal, mais perto; eu não queria falar em voz alta, receio comprometê-lo.

O cardeal aproximou-se mais.

- De que carta quer falar? - disse ele.

- Oh! Bem o sabe.

- Diga sempre.

- Pois bem! De uma carta que escreveu de Viena para Paris a fim de fazer malograr o casamento da delfina.

O prelado deixou aperceber um movimento de terror.

- Essa carta?... - balbuciou ele.

- Sei-a de cor.

- Então foi uma traição do senhor de Breteuil?

- Por quê?

- Porque quando o casamento se decidiu, tornei a pedir-lha.

- E ele disse-lhe?...

- Que a tinha queimado.

- É porque não se atreveu a dizer-lhe que a tinha perdido.

- Perdido!?

- Sim... Ora, uma carta perdida, bem sabe... Pode haver quem a ache...

- De modo que a carta, que escrevi ao senhor de Breteuil?...

- Sim.

- Que ele disse haver queimado?...

- Sim.

- E que tinha perdido?...

- Achei-a eu. Oh! Foi um simples acaso, foi ao atravessar o pátio de mármore de Versalhes.

- E não a mandou entregar ao senhor de Breteuil?

- Deus me livre!

- Por quê?

- Por que, na minha qualidade de feiticeiro, eu sabia que Vossa Eminência, a quem quero tanto bem, me queria a mim um mal de morte, então deve compreender?... Um homem desarmado, que sabe que ao atravessar um pinhal vai ser atacado, e que acha no chão uma pistola carregada...

- Então?

- Então, esse homem seria um imbecil se não se apoderasse dessa pistola.

O cardeal teve uma tontura e encostou-se ao parapeito da janela para não cair.

Mas depois de um instante de hesitação, cujas variações o conde lhe lia no rosto, disse:

- Pois seja! Ninguém dirá que um príncipe da minha casa terá curvado a cabeça diante das ameaças de um charlatão. Essa carta, quer tenha sido perdida e achada pelo senhor, quer deva ser mostrada à senhora delfina, quer mesmo causa da minha perda como homem político, sustentarei o meu papel de súbdito leal, de embaixador fiel. Direi a verdade, isto é, que achava essa aliança prejudicial aos interesses do meu país, e o país me defenderá ou se compadecerá de mim.

- E se houver alguém - disse o conde - que afirme que o embaixador moço, belo, amável, não duvidando de coisa alguma, visto o seu nome de Rohan e o seu título de príncipe, não dizia isso por julgar a aliança austríaca prejudicial aos interesses da França, mas sim porque graciosamente recebido ao princípio pela arquiduquesa Maria Antonieta, esse orgulhoso embaixador tivera a vaidade de ver nessa afabilidade mais alguma coisa... do que afabilidade; o que responderá o súbdito fiel, o embaixador leal?

- Há-de negar, senhor, porque desse sentimento a que alude não existe prova alguma.

- Ah! senhor, está enganado; existe a frieza da senhora delfina para consigo.

O cardeal hesitou.

- Olhe, meu príncipe - disse o conde - em vez de ficarmos mal um com o outro, como teria já acontecido se eu não tivesse mais prudência que o senhor, é melhor ficarmos amigos.

- Amigos?

- Por que não? Os amigos é que servem.

- Já lhe pedi algum serviço?

- Fez mal em não pedir, porque há dois dias que está em Paris...

- Eu?

- Sim, o senhor. Ora! Quer ocultar-me isso a mim que sou feiticeiro? Deixou a princesa em Soissons, veio pela posta de Paris, passando por Villers-Cotterets e Dammartin, isto é, pelo caminho mais curto, e veio pedir aos seus amigos de Paris serviços que lhe recusaram. Depois dessa recusa, tornou a partir pela posta para Compienha, e vinha desesperado.

O cardeal parecia atterrado.

- E que qualidade de serviços podia eu esperar - perguntou ele - se me tivesse dirigido ao senhor?

- Os serviços que se pedem a um homem que sabe fazer ouro.

- E que me importa a mim que faça ouro?

- Ora! Quando se tem de pagar quinhentos mil francos no prazo de quarenta e oito horas... Creio que não me engano, são quinhentos mil francos, não é verdade, senhor cardeal?

- Sim, é isso.

- Pergunta de que serve ter um amigo que sabe fazer ouro? Serve isso para achar em casa dele os quinhentos mil francos que se não acharam em parte alguma.

- Onde? - perguntou o cardeal.

- Na Rua de Saint-Claude, no Marais.

- Como conhecerei a casa?

- Por uma cabeça de grifo em bronze que serve de argola.

- Quando poderei lá ir?

- Depois de amanhã, senhor, pelas seis horas da tarde, se lhe aprouver, e depois...

- Depois?...

- Quantas mais vezes for do seu agrado. Mas olhe, acaba a tempo a nossa conversa, a princesa acabou de orar.

O cardeal estava vencido; não tentou mais tempo resistir, e aproximando-se da princesa, disse-lhe:

- Minha senhora, vejo-me obrigado a confessar que o Sr. Conde de Fénix tem muita razão, que a certidão que me mostrou é legal, e enfim, que as explicações que me deu são o mais satisfatórias possível.

O conde inclinou-se.

- O que ordena Vossa Alteza Real? - perguntou ele.

- Uma última palavra a essa senhora.

O conde inclinou-se segunda vez em sinal de consentimento.

- É por sua própria e inteira vontade, que quer sair do convento de Saint-Denis, em que me tinha vindo pedir refúgio?

- Sua Alteza - atalhou precipitadamente Bálsamo - pergunta se é por sua própria e inteira vontade, que quer sair do convento de Saint-Denis, em que lhe tinha vindo pedir asilo? Responda, Lorenza.

- Sim - respondeu ela - é por minha própria e inteira vontade.

- E isso, para seguir seu marido, o conde de Fénix?

- E para me seguir? - repetiu o conde.

- Oh! sim - disse Lorenza.

- Nesse caso - disse a princesa - já não os detenho, nem a um nem a outro, porque seria fazer violência aos sentimentos. Mas se em tudo isto há coisa que saia da ordem natural, recaia o castigo do Senhor sobre aquele, que em seu proveito ou interesse terá alterado a harmonia da natureza... Vá, Sr. Conde de Fénix, vá, Lorenza Feliciani, já os não detenho... mas leve as suas jóias.

- Pertencem aos pobres, minha senhora - disse o conde de Fénix; - e distribuídas por suas mãos, será essa esmola duas vezes agradável a Deus. Só peço o meu cavalo Djérid.

- Pode pedi-lo em saindo, senhor. Vá!

O conde inclinou-se diante da princesa, e oferecendo o braço a Lorenza, que aceitou, saíram juntos sem dizerem palavra.

- Ah! Senhor cardeal! - disse a princesa abanando tristemente a cabeça - há coisas fatais e incompreensíveis no ar que respiramos.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

